

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Deborah Vieira Pinto Aguiar

**Filhas, mães e avós: literatura feminina e memória da ditadura militar do Brasil e Chile**

Juiz de Fora

2020

Deborah Vieira Pinto Aguiar

**Filhas, mães e avós: literatura feminina e memória da ditadura militar do Brasil e Chile**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura, identidade e outras manifestações culturais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Carolina Alves Magaldi (Orientadora)

Juiz de Fora

2020

## Ficha catalográfica

Aguiar, Deborah Vieira Pinto.

Filhas, mães e avós: : literatura feminina e memória da ditadura militar do Brasil e Chile / Deborah Vieira Pinto Aguiar. -- 2021.  
302 p. : il.

Orientadora: Carolina Alves Magaldi

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2021.

1. Ditadura militar. 2. Escrita feminina. 3. Crítica feminista. 4. Literatura e história. 5. Memória. I. Magaldi, Carolina Alves, orient. II. Título.

**Deborah Vieira Pinto Aguiar**

**Filhas, mães e avós: literatura feminina e memória da ditadura militar do Brasil e Chile**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura, identidade e outras manifestações culturais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora doutora Carolina Alves Magaldi - Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Professora doutora Prisca Rita Agustoni de Almeida Pereira  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Professora doutora Aline Coelho da Silva  
Universidade Federal de Pelotas



*Aos livros, que acolhem as dores, as apatias e os amores.*

## AGRADECIMENTOS

É completamente enganosa a ideia de que a caminhada acadêmica é, em essência, solitária. Ninguém se faz só. Somos feitos nos encontros, desencontros e enraizamos e ramificamos nas permanências. Por esse motivo tenho tantos nomes para citar aqui e, com toda a certeza, falharei ao omitir alguns.

Agradeço a Jesus, que se fez carne, que morreu para restaurar nosso relacionamento com o Pai, mas que também conviveu com os pequeninos e falou do seu Reino de amor e justiça. Que atentando-se aos oprimidos, permitiu que mulheres se assentassem junto dele, frequentando espaços de ensino dos quais até então elas eram privadas, como Maria irmã de Marta; que fez com que elas fossem ouvidas e atendidas, como a mulher estrangeira sírio-fenícia; curadas e devolvidas à sua dignidade humana, como a mulher hemorrágica; e que fez com que fosse o mais importante testemunho fosse dado pela voz de mulheres, quando permitiu que as primeiras a saberem de sua ressurreição fossem Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago – mesmo em uma sociedade em que o testemunho de mulheres não valia nada. É esse Jesus que me ensinou a acreditar em um mundo que não é hierárquico, onde todas podem ser acolhidas e que devem poder falar e ser ouvidas.

Agradeço aos meus pais, Terezinha e Aduino, e irmão Filipe, que me apoiaram e permitiram que eu estudasse e pudesse me desenvolver tanto. Minha mãe, que abriu mão da minha presença em um de seus momentos mais difíceis. À minha avó, que todos os dias rezava por mim, e todos os dias perguntava “O que você está fazendo lá mesmo?”, confiando que era algo bom e justo. À Rosania, e minha família estendida. À Maria Elena, minha família cubana, que sempre me incentivou e acreditou em mim. Dona Madalena e pr. Ivan, que desde pequena me incentivaram à literatura, sustentaram em oração e a quem eu sempre prestava amorosos relatórios semestrais bilíngues de minhas andanças, descobertas e leituras.

Aos amigos, meus pilares do cotidiano, que nunca duvidaram de mim, ou duvidaram bem pouco, ou não me falaram que duvidaram. Edson, por ter acreditado tanto em mim, que me enviou uma caixa com todos os materiais que estariam na prova do processo seletivo. Karen e Arthur, por abrirem a porta de sua casa para mim. Paloma, Ellen e Jessica G., que me inspiram, incentivam e suportam. Ingrid, Luiza e Gabriel M., que estão comigo desde a graduação. Não posso deixar de mencionar Rafael B., Melissa, Rafael F. Sielen, Phablo, Fabiane, Patrícia, Jessica P., Filipe, Marta, Ester, Verônica e Gladir. E à Aliança Bíblica Universitária do Brasil e, em especial, pessoas que, por algum motivo, conheci através dela: Victor, Carol, Thiago,

Sarah, Mykon, Gabriel B., Darli, Rafaela, Vanessa, Heitor, Kariny, Diogo, Gabriel C., Rebeca, Luciana, Bruno, Juliana, Marcela, Naum, Gabriela M., Gabriela F., Leonel, Carol B. e Ruth – nada disso seria possível sem vocês!

I also want to thank my Hald group, teachers, Laget and friends that I met in Norway, who taught me to look lovingly at other cultures. Lauren, Anna, Marcos, Kristine, Linn, Henriette O., Camille, Maholy, Yamuna, Blandine, Manoina, David M., David V., Tianshu, Rebecca, Mitia, Janina, Silje, Jia, Tobias, Lars, Stephen, Sarah, Gabriel, Mary, Happiness, Daniel, Daiana, Siri, Øystein, Harald and Åshild: thanks for sharing with me that amazing place that we call as home. Lars Olav, Monika, Møyfrid, Thomas, Henriette E., Daniel, Kjetil, Ole, Sindre and Sebastian: thanks for sharing with me your city and your language. Bjørn-Inge and Rebecca W.: thanks for teaching me with your lifes. And Sondre, thanks for your ineffable friendship. You all gave me sharper eyes and a kinder heart to understand other cultures and people.

Agradeço também minha orientadora Carolina, por ter aceitado o desafio de me guiar e de acolher um texto que estava começando a se cansar, injetando nele ânimo e carinho. E aos meus amigos que conheci no mestrado, em especial Luana, Thomas e Elis.

Por fim, agradeço a todas as instituições de ensino públicas, que me formaram e me formam, principalmente na ciência de que devemos lutar pela sua valorização enquanto transformadoras da sociedade. À FAPERGS, que me concedeu bolsa de iniciação científica em 2013, à CNPQ, pela bolsa de iniciação científica em 2016 (quando surgiu a semente do que seria essa dissertação hoje), e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa oferecida durante o curso do mestrado.

Sem mais, agradeço às autoras, Ana Maria Machado, Mónica Echeverría e Carmen Castillo, que me inspiraram através de suas palavras.

*Dobrei o mapa para que Brasil e Chile  
fizessem fronteira.*

## RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar sob uma metodologia exploratória, qualitativa e bibliográfica as obras: *Tropical sol da liberdade* (2005), da brasileira Ana Maria Machado, e *Santiago – Paris: el vuelo de la memoria* (2002), das chilenas Mónica Echeverría e Carmen Castillo. As duas obras, escritas a partir da experiência de mulheres na ditadura militar do Brasil e do Chile, são analisadas a luz da crítica feminista no que tange as escolhas narrativas, temáticas e figuras utilizadas para tratar delas próprias e de outras mulheres que as autoras representam. Para isso, elas são situadas dentro da tradição de escrita de mulheres, partindo de discussões da teoria crítica estadunidense e europeia, como Virginia Woolf (1990, 2013, 2019), Simone de Beauvoir (2016), Hélène Cixous (1976), Elaine Showalter (1994, 1997) e Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979), para as particularidades latino-americanas, com base, principalmente, em Adelaida Martinez (2001), Beatriz Sarlo (2016) e Cynthia Andersen Sarti (2004). Ainda sobre as escolhas narrativas, a obra brasileira é analisada quanto metaficção historiográfica, enquanto a chilena é vista a partir de teorias sobre a escrita de si; sem deixar de apontar o que os gêneros de escrita não são estáticos, como eles se articulam com outros gêneros criando uma forma híbrida para falar de si mesmas. Outrossim, é apresentada uma breve contextualização histórica dos dois países, com o objetivo de se direcionar a leituras das duas obras como uma outra possibilidade de conhecer um determinado período da história, principalmente no que tange às representações femininas. Para isso, a teoria utilizada será acerca de aproximações da literatura e história, partindo da nova história e caminhando em direção às representações da memória, partindo da nova história, com Guy Bourdè e Hervé Martin (2013), Bronislaw Geremek (2006), Theodore S. Hamerow (2013) e Pierre Nora (2019); e caminhando por conceitos como geometral e tramas de Paul Veyne (1998) e memória individual e coletiva de Maurice Halbwachs (1990). A partir desse ponto foi possível tratar de meta-história, através de Hayden White (1995); metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon (1999); memória em espaços de memória em Paul Ricœur (2007) e Andreas Huyssen (2000). As aproximações nesses campos no contexto latino-americano da ditadura militar se darão a partir de conceitos de Márcio Seligmann-Silva (2003, 2008) e Eurídice Figueiredo.

**Palavras-chave:** Ditadura militar. Escrita feminina. Crítica feminista. Literatura e história. Memória.

## RESUMEN

Este trabajo se propone a analizar bajo una metodología exploratoria, cualitativa y bibliográfica las obras: *Tropical sol da liberdade* (2005), de la brasileña Ana Maria Machado, y *Santiago – Paris: el vuelo de la memoria* (2002), de las chilenas Mónica Echeverría y Carmen Castillo. Las dos obras, escritas a partir de la experiencia de mujeres en la dictadura militar de Brasil y Chile, son analizadas bajo la crítica feminista referentes a las opciones de narrativas, temáticas y figuras utilizadas para tratar de las propias y también de otras mujeres que las autoras representan. Para eso, ellas son situadas dentro de la tradición de escrita de mujeres, partiendo de discusiones de la teoría crítica estadounidense y europea, como Virginia Woolf (1990, 2013, 2019), Simone de Beauvoir (2016), Hélène Cixous (1976), Elaine Showalter (1994, 1997) y Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979), para las particularidades latinoamericanas, con base, principalmente, en Adelaida Martínez (2001), Beatriz Sarlo (2016) y Cynthia Andersen Sarti (2004). Aún sobre las opciones narrativas, la obra brasileña es analizada cuanto a metaficción historiográfica, mientras la chilena es vista a partir de teorías sobre la escrita de sí; sin dejar de apuntar lo que los géneros de escrita no son estáticos, como ellos se articulan con otros géneros creando una forma híbrida para hablar de sí mismas. Además, es presentada una breve contextualización histórica de los dos países, con el objetivo de direccionar las lecturas de las dos obras como otra posibilidad de conocer un determinado período de la historia, principalmente referente a las representaciones femeninas. Para eso, la teoría utilizada será acerca de aproximaciones de la literatura e historia, partiendo de la nueva historia y caminando en dirección a las representaciones de la memoria, partiendo de la nueva historia, con Guy Bourdieu y Hervé Martin (2013), Bronislaw Geremek (2006), Theodore S. Hamerow (2013) y Pierre Nora (2019); y caminando por conceptos como geometral y tramas de Paul Veyne (1998) y memoria individual y colectiva de Maurice Halbwachs (1990). A partir de ese punto fue posible tratar de meta-historia, a través de Hayden White (1995); metaficción historiográfica, de Linda Hutcheon (1999); memoria en espacios de memoria en Paul Ricœur (2007) y Andreas Huyssen (2000). Las aproximaciones en esos campos en el contexto latinoamericano de la dictadura militar se darán a partir de conceptos de Márcio Seligmann-Silva (2003, 2008) y Eurídice Figueiredo.

**Palabras clave:** Dictadura militar. Escrita femenina. Crítica feminista. Literatura e historia. Memoria.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>O FEMININO NA ESCRITA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>As obras e seus gêneros na representação da memória .....</b>	<b>16</b>
2.1.1	Apresentação das autoras e obras.....	17
2.1.2	Metaficção historiográfica em Tropical sol da liberdade.....	20
2.1.3	A escrita de si em Santiago-Paris: el vuelo de la memoria .....	30
2.1.4	As classificações na terceira margem do rio .....	41
<b>2.2</b>	<b>A representação da memória de mulheres: por que elas escrevem? .....</b>	<b>47</b>
<b>3</b>	<b>A HISTÓRIA E A MEMÓRIA .....</b>	<b>66</b>
<b>3.1</b>	<b>Breve contexto.....</b>	<b>66</b>
<b>3.2</b>	<b>Literatura, (nova) história e ditadura militar.....</b>	<b>68</b>
<b>3.3</b>	<b>Memória individual, coletiva e a história .....</b>	<b>80</b>
<b>4</b>	<b>ROMPENDO O SILÊNCIO .....</b>	<b>98</b>
<b>4.1</b>	<b>A tradição da escrita de mulheres na América Latina .....</b>	<b>101</b>
<b>4.2</b>	<b>A escrita de mulheres na América Latina.....</b>	<b>104</b>
<b>4.3</b>	<b>A representação das mulheres nas obras .....</b>	<b>126</b>
<b>4.4</b>	<b>As mulheres para além das protagonistas.....</b>	<b>138</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>155</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>162</b>
	<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>169</b>
	<b>APÊNDICE 2 .....</b>	<b>198</b>
	<b>APÊNDICE 3 .....</b>	<b>231</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação coloca em diálogo a literatura, a crítica feminista e a história, apresentando um estudo comparativo de duas obras literárias, *Tropical sol da liberdade* (2005), da brasileira Ana Maria Machado, e *Santiago - París: el vuelo de la memoria* (2002), das chilenas Mónica Echeverría e Carmen Castillo. O desenvolvimento se dá por meio de uma metodologia exploratória, qualitativa e bibliográfica. Ambas as obras tratam do período de ditadura militar em seus respectivos países, sendo o período brasileiro compreendido entre primeiro de abril de 1964 e 15 de março de 1985; e a ditadura chilena de 11 de setembro de 1973 e 11 de março de 1990.

O livro *Tropical sol da liberdade* (2005) é uma metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1999), no qual Ana Maria Machado apresenta um olhar dos episódios recorrentes da ditadura civil-militar no Brasil e de suas vivências através da personagem Lena. Essa personagem apresenta-se como alguém que narra à margem dos fatos, alguém que não se sente protagonista, mas que precisa contar sua versão, já que é compelida para dentro das tramas de resistência à ditadura. Além disso, Lena aborda sua vivência e reflexões sobre o Brasil e os expatriados durante o exílio através das inserções de trechos de uma peça de teatro que escreve, na qual se coloca como Vera.

Já a obra *Santiago - París: el vuelo de la memoria* (2002) foi lançada em 2002 e é composta por uma autobiografia de Mónica Echeverría, que dialogam com textos-cartas de sua filha, Carmen Castillo, que aparecem ao fim de cada capítulo. A história dessa família é entrelaçada com a história política do Chile, desde os dias de seus avós, até o processo de redemocratização do país, ocorrido a partir de 1990. Nesse relato, Mónica Echeverría narra seu envolvimento, direto e indireto, contra os movimentos golpistas no Chile e a ditadura militar de Pinochet. Sua escrita é intercalada com cartas de sua filha, Carmen Castillo, que as envia da França, país onde escolheu viver após uma saída traumática do Chile e onde reside até hoje.

A partir dessas curtas apresentações já é possível traçar alguns pontos em comum entre as obras. Primeiro, passando pela experiência comum de golpe militar sentido por muitos países da América Latina no final do século XX. Outro ponto em comum é o fato de serem mulheres escrevendo sobre esse período, e narrando de um ponto que foi entendido como uma narrativa a partir da margem, no sentido de serem pessoas que – ainda que próximas – não estavam no que são considerados centros de ação. Não são mulheres que foram consideradas atrizes principais nos eventos que foram acolhidos pela linha do tempo da história. E, ainda, por serem



mulheres, também é visível que há bastante foco em falar de outras mulheres, o que é relevante para ter um maior escopo de representações femininas a partir da óptica de mulheres.

Assim, nesse contexto, um exemplo de produção bibliográfica que estuda o modo como diferentes países lidam ou lidaram com as questões pós-desastres é a de Márcio Seligmann-Silva (2003, 2008), que discute o tratamento desse tipo de situação em Ruanda, Armênia, África do Sul, Alemanha, Chile, Argentina e Brasil. O que cabe apontar aqui acerca dos estudos desse autor é que ele fala na capacidade que a elaboração literária desses tem para ajudar aqueles que sofreram. O estudioso também afirma que é utópico pensar a arte e a literatura como dispositivos testemunhais ideais para os sobreviventes dessas mazelas, mas não ignora que esse ainda é o meio que melhor acolhe as narrativas que são muitas vezes truncadas e de difícil digestão pela história – mesmo porque a história não é capaz de absorver todas as memórias individuais de um determinado evento.

Por esse motivo, a arte e a literatura não devem ser menosprezadas quando se busca entender um período histórico, pois ignorar é silenciar a voz de parcelas da população que pouco ou nada tiveram de capital econômico, social e cultural – dos conceitos de Pierre Bourdieu (GRENFELL, 2018, p. 276-295) – para se fazerem ouvidas. Esses capitais, que muitas minorias sociais carecem, referem-se aos valores simbólicos que as pessoas e grupos podem possuir para negociar seu posicionamento na sociedade e influenciar na escrita da história como ela majoritariamente é narrada. Dessa forma, é visível que por vezes as atuações das mulheres são ignoradas e tratadas como menores e irrelevantes. Uma das formas de se fazer isso foi restringindo o lugar da mulher ao privado, e declarando que o privado é de menor importância, a fim de que mesmo o que a mulher fizesse nesse espaço fosse considerado como nada. E quando se trata do período da ditadura militar na América Latina, por vezes a mulher é colocada como passiva e apenas como vítima, dedicando pouca luz sobre seus feitos, e até chegando a haver declarações de que houve um perfil único – o masculino – na atuação contra as ditaduras.

Por conseguinte, como já destacado que as obras estudadas aqui foram escolhidas porque quem escreveu sobre o que viveu naquele período histórico são mulheres, são essenciais estudos que não desconsiderem a vivência política feminina e a experiência de escrita feminina. Em outras palavras, é necessário embasamento em teorias que levam em consideração como o gênero de quem escreve afeta a forma que se dá a escrita, desde a escolha narrativa, aos temas, figuras de linguagem e elementos utilizados. Afinal o posicionamento sociocultural da mulher na história define como as mulheres são vistas e como elas se veem, como afirma Elaine Showalter (SHOWALTER, 1994, p. 47-51).

Dessa maneira, no segundo capítulo desta dissertação é apresentado uma análise sobre como se dá o feminino na escrita e nos romances estudados. Inicialmente, há uma apresentação das autoras, para aí então dispor de uma análise de como são construídas as narrativas e quais são as formas escolhidas por elas – sendo que nesse tópico já aparecem algumas questões relacionadas aos estudos de gêneros nessas escolhas narrativas. Assim, há discussões acerca da obra brasileira quanto metaficção historiográfica, e da obra chilena quanto escrita de si, para aí então partir para um estudo que dê conta das misturas de escolhas narrativas que são feitas nessas obras, o que foi chamado aqui de as classificações na terceira margem do rio. Isso porque entende-se a dificuldade que há em classificar as obras em um ou outro gênero, quando o que acontece é uma escrita bem mais complexa. Além disso, as classificações por vezes acabam por reduzir, simplificar e limitar os trabalhos literários. Nesse ponto, percebe-se que não só há um gênero de escrita na terceira margem do rio, ou seja, em um campo híbrido, como até mesmo a cultura de onde se escreve, visto que todas as autoras aqui estudadas passaram pelo exílio e foram afetadas pela interculturalidade.

Ademais, esse capítulo se encerra com um questionamento: por que essas mulheres escrevem? É claro que não se tem a presunção de adentrar na intenção das autoras, mas de relacionar as marcas deixadas na escrita à luz da crítica feminista sobre tópicos que são motivações comuns da escrita das mulheres ao longo do último século – principalmente sobre a questão da maternidade e da relação entre mãe e filha. Esses dois eixos temáticos mencionados acabam por definir qual seria a forma escolhida de narrativa escolhida por cada autora, e é por isso que esse tópico é discutido junto aos gêneros narrativos. Por exemplo, de forma breve, a obra chilena é como é, capítulos de autobiografia da mãe, Mónica Echeverría, que se encerram com cartas da filha, Carmen Castillo, porque havia a motivação da mãe em se aproximar da filha que jamais voltara a viver no Chile desde que precisou sair em exílio para não morrer ou ser presa e torturada. Enquanto sobre a obra brasileira, de Ana Maria Machado, a própria autora afirma em outra obra (MACHADO, 1996) que havia a vontade de tratar de sua história em relação à mãe, e na obra estudada aqui há trechos em que fala sobre trocar os nomes das pessoas-personagens devido a uma dificuldade em lidar com pessoas próximas que poderiam se incomodar por falar de determinado assunto.

Posteriormente, no terceiro capítulo, há uma abordagem das obras acerca de aproximações com a nova história sobre escrita da história e representação da memória. Essa teoria do campo da história favorece esta pesquisa principalmente no que tange à i) possibilidade de se olhar outros textos – que não os historiográficos – como fonte de

conhecimento acerca de um momento histórico; ii) valorização do ponto de vista dos menos favorecidos socialmente – já que aqui se trata da narrativa de mulheres; iii) consciência acerca da carga ideológica e identidade (neste caso feminina) carregada por quem narra; e iv) consciência do fator de seleção, ordenação e edição daquele que edita as memórias. Além dessas questões, esse capítulo também trata da escrita narrativa de períodos de exceção como um ato de testemunhar, que é uma ação que, a partir de uma memória individual, afeta como é construída a memória coletiva de um grupo ou sociedade acerca de um evento ou período de tempo.

Para isso, também é apresentado um breve recorte do contexto histórico de cada um dos países, Brasil e Chile. Esse recorte apresenta uma visão geral dos períodos que antecederam os golpes de Estado e a situação mais recente de cada país: os principais marcos históricos de cada governo ditatorial; as transições dos regimes ditatoriais para os regimes democráticos; e, no momento democrático, como se deu o tratamento desse período nefasto na história dos dois países. Ademais, esse capítulo também incluirá uma leitura das violências contemporâneas dos dois países como fruto de medidas e estruturas dos períodos ditatoriais.

Em seguida, o quarto capítulo retoma – à luz do entendimento das escolhas narrativas e da representação das memórias – o rompimento do silêncio: o silêncio acerca das questões ditatoriais e de catástrofes vividas (principalmente no Brasil, onde menos se fala desse período) e do silenciamento de gênero. Esse capítulo é feito situando as escritoras na tradição de escrita das mulheres – em especial na América Latina. Através dessa perspectiva, continua-se abordando as noções da crítica feminista ao se pensar no recorte de gênero, e como isso se constrói historicamente. A partir disso é possível pensar como a escrita de memória das autoras representa as personagens femininas em suas obras e como se dá a atuação dessas mulheres para além das protagonistas.

O quinto capítulo traz as considerações finais de um modo mais pessoal da pesquisadora, narrando a trajetória do percurso de escrita desta dissertação e trazendo uma breve apresentação do trabalho TW (que está nos apêndices). Esse trabalho, que se tornou um livro, foi executado no primeiro semestre de 2018, no qual é tecido pela pesquisadora um livro de colagem com as duas obras aqui estudadas, de modo a colocar os dois livros em diálogo, pois ao longo desta dissertação poderá ser visto o quanto as obras se comunicam. Além disso, há inserções de relatos de violência sofrida por mulheres no período de repressão militar latino-americana que não estão em obras publicadas ou nos relatórios de comissão da verdade.

Finalmente, consta também nos apêndices um diário de leitura para cada livro, organizado por tema e no esquema de chave de leitura. Ou seja, o tema é apresentado (por exemplo, “maternidade”) e em seguida vê-se as páginas em que o assunto é abordado na obra. Esses diários de leitura podem ser úteis para consulta em futuras análises e explorações das duas obras.

## 2 O FEMININO NA ESCRITA

*y mi cabeza, de súbito, parece querer salirse  
ahora por mi útero como si los cuerpos poéticos  
forcejearan por irrumpir en la realidad*

— Alejandra Pizarnik

As duas obras escolhidas, *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado (2005) e *Santiago-Paris: el vuelo de la memoria*, de Mónica Echeverría e Carmen Castillo (2002), foram colocadas lado a lado para serem discutidas nessa dissertação não apenas por representarem um momento histórico e político similar dos dois países envolvidos – a saber, a ditadura militar no Brasil e Chile – mas por serem textos de autoria feminina. E é a partir desse ponto crucial que se iniciam as análises e investigações.

Assim, esse capítulo pretende apresentar as obras e expor suas respectivas contextualizações, tanto em relação às autoras, quanto em relação aos cenários sociopolíticos sobre os quais elas escreveram. Além disso, também será disposta uma discussão dos gêneros textuais mais marcantes em cada uma das obras, passando pela metaficção historiográfica na obra brasileira e a autobiografia e escrita de si na obra chilena. Em decorrência desse tópico, também se delinea um argumento sobre o hibridismo dos gêneros nas obras, afinal compreende-se que não é possível delimitar em cada uma a marca pura de um gênero literário específico. Nesse sentido, defende-se que os textos se encontram em um espaço mestiço, onde tipos diferentes de escrita se encontram. Por fim, o capítulo será concluído com uma discussão sobre outro ponto em comum entre as duas obras, uma motivação central que é fundamental para a escolha dos gêneros e das formas de escrita: o tratamento da relação entre mãe e filha.

### 2.1 As obras e seus gêneros na representação da memória

Uma questão relevante que este trabalho pretende olhar mais de perto são os gêneros narrativos nas obras em estudo. Enquanto a autora brasileira mescla realidade e ficção em narrativas e texto dramático, formando uma teia de metaficção historiográfica, as escritoras chilenas mesclam autobiografia com um formato de escrita que se aproxima do gênero epistolar. Para isso, será apresentada uma análise das obras em relação aos gêneros que podem ser vistos de forma mais predominante em cada um dos livros. Essa seção se encerrará com uma discussão

acerca do que é denominado gênero mestiço, ou híbrido, que é aquele gerado a partir das misturas de elementos de diferentes formas narrativas presentes nas obras.

### 2.1.1 Apresentação das autoras e obras

Um dos livros propostos para análise, *Tropical sol da liberdade* (2005), foi escrito pela brasileira Ana Maria Machado, cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras, com mais de 100 títulos publicados. A autora é filha do senador Mário de Sousa Martins, cassado em 1969, e irmã de Franklin Martins, líder estudantil e posteriormente guerrilheiro, militante do grupo MR-8 e da Dissidência Universitária da Guanabara, na qual era conhecido pelo codinome de Valdir. Franklin Martins foi um dos líderes do sequestro do embaixador americano, Charles Elbrick, narrado na obra.

Durante a década de 1960, a autora se envolveu com o movimento de professores quando era parte do corpo docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o movimento estudantil, movimentos clandestinos, além de ter auxiliado pessoas cuja liberdade estava em risco a se esconderem. Ana Maria Machado ficou presa por dois dias e, ao ser liberada, seus advogados chegaram à conclusão de que ela estava solta para servir de isca, de modo que através dela os policiais pudessem chegar a outras pessoas com quem ela tinha contato. Essa é a explicação dada por ela sobre o seu exílio (MACHADO, 1996; 2014).

O livro de Machado analisado nessa pesquisa foi publicado em 1988 e possui claras referências a momentos históricos e à sua vida pessoal. A personagem Helena Maria de Andrade, de apelido Lena, é uma jornalista que viveu os anos de chumbo, conheceu a rotina de censura da mídia e teve que partir para o exílio pelos mesmos motivos da autora. De volta à casa de Amália, sua mãe, ela se recupera de uma doença caracterizada por confusão verbal e desmaios que começaram após o regresso do exílio. A justificativa inicial de Helena para estar na casa da mãe é o dedo do pé quebrado, mas ao longo do livro percebe-se que a questão em torno da doença é muito mais grave. Nesse tempo ela rememora o conturbado período ditatorial, o envolvimento próprio, de familiares, amigos e conhecidos na resistência e recorda seu exílio enquanto organiza e escreve suas memórias em forma de uma peça, na qual Lena é representada pela personagem Vera.

Quanto ao outro livro, o interesse em trazer uma obra de outro país latino-americano que tenha sofrido semelhante experiência está em gerar um diálogo que venha a auxiliar nas reflexões sobre as personagens, autoras e fazer literário, tendo em vista que, mesmo sendo de

nacionalidades diferentes, são mulheres latinas que partilharam períodos históricos similares. Assim, *Santiago - París: el vuelo de la memoria* (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002) é a outra obra abordada, por ser escrita por duas mulheres: as chilenas, mãe e filha, Mónica Echeverría e Carmen Castillo. As autoras sentiram a necessidade de regressar ao passado, permitindo um voo da memória, e registrando suas jornadas de forma conjunta.

As duas sempre acompanharam o desenrolar da história política do Chile de perto, uma vez que essa estava profundamente entrelaçada à família delas. O avô de Mónica Echeverría foi Eliodoro Yáñez, um dos fundadores do jornal *La Nación* e deputado chileno pelo Partido Liberal. Com o início do período ditatorial de Carlos Ibáñez (1926-1931) ele sofreu perseguição política e foi obrigado a partir para o exílio, tendo Mónica Echeverría ido com a família para a Europa ainda na infância (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 32).

Semelhantemente à personagem Lena, de Ana Maria Machado, o envolvimento político de Mónica Echeverría começou porque ela fora levada involuntariamente para dentro dessa trama. Fernando Castillo, seu marido, assumiu o posto de prefeito de La Reina pela primeira vez de 1964 a 1968, o que colocou o casal de frente a situações de injustiça, obrigando-os a atuar de forma prática e incisiva. Outro fator que empurrou Mónica Echeverría para as questões políticas foi o crescimento do movimento estudantil. A autora afirma que essas foram “duas causas em que Fernando me arrasta e em que não sou protagonista, mas que me permitiram me politizar e virar as costas para sempre aos interesses da direita” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 97, tradução nossa)<sup>1</sup>.

Após uma época de grande instabilidade política, Salvador Allende assumiu o cargo de presidente, tendo sido eleito de forma democrática. Carmen Castillo (filha de Mónica Echeverría) foi casada com Andrés Pascal, sobrinho de Allende, com quem teve uma filha, Camila. Castillo também fez parte do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR - Movimiento de Izquierda Revolucionaria)<sup>2</sup>. Durante certo tempo ela trabalhou na gestão de Salvador Allende em *La Moneda*, sede da Presidência da República no Chile, e com Beatriz Allende, a Tati, como era chamada a militante e filha do presidente, a quem Carmen Castillo atribuiu seu engajamento político (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 115).

Após o golpe militar contra o governo de Salvador Allende, em 11 de setembro de 1973, que resultou na morte do presidente, Carmen Castillo passou a viver na clandestinidade com

---

<sup>1</sup> Texto original: Dos causas en las que me arrastra Fernando y en las cuales yo no soy protagonista, pero que me permiten politizarme y darle vuelta la espalda para siempre a los intereses de la derecha.

<sup>2</sup> Ver: CHILE, Mir de. **SITIO WEB OFICIAL DEL MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA**. 2020. Disponível em: <http://mir-chile.cl>. Acesso em: 23 jan. 2020.

seu então parceiro, Miguel Enríquez, líder e fundador do MIR, juntamente de sua filha e da filha de Enríquez, Javiera. Nesse mesmo período, Mónica Echeverría intensificou sua participação em apoio aos movimentos de resistência. Ela não se ligou formalmente a nenhum desses movimentos que havia na época ou a partidos políticos, tendo até o fim de sua vida se considerado como uma rebelde e anarquista. Apesar de não ter tido ligação formal com organizações de caráter mais partidário, como foi o MIR, Echeverría ajudou muitas pessoas a se esconderem e a fugirem do país, criando redes colaborativas e articulando ajuda financeira. Mais tarde ela compôs o grupo Mulheres pela Vida (*Mujeres por la Vida*). No início do período ditatorial chileno, seu esposo, Fernando Castillo, era reitor da Pontificia Universidad Católica, e passou a sofrer perseguições políticas. Devido a isso, em setembro de 1974, o casal, e os dois filhos menores, partiram para o exílio na Inglaterra.

Em outubro de 1974, a casa onde viviam clandestinamente Miguel Enríquez e Carmen Castillo, grávida de seis meses, foi cercada e atacada por militares da Diretoria de Inteligência Nacional (DINA), semelhante ao que foi o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) no Brasil. Miguel Enríquez resistiu por cerca de duas horas sozinho, até que foi morto com uma rajada de metralhadora, enquanto Carmen Castillo estava ferida ao seu lado. Na ocasião, ela foi detida e depois expulsa do país. Na Inglaterra Carmen Castillo conseguiu recuperar a saúde e dar à luz ao bebê, que pouco tempo depois veio a falecer. Carmen Castillo também narra esse evento na obra *Un día de octubre en Santiago* (CASTILLO, 2011 [1980]).

Carmen Castillo não retornou a viver no Chile. Já seus pais, Mónica Echeverría e Fernando Castillo, voltaram ao país em 1978, com os filhos menores, Fernando José Castillo Echeverría e Consuelo Castillo Echeverría<sup>3</sup>. A partir daí a participação de Mónica Echeverría no enfrentamento ao regime de Pinochet se dá de forma mais artística, através da gestão do Centro Cultural Mapocho<sup>4</sup>, inaugurado em 1981, e com o grupo de oposição *Movimiento Unitario Mujeres por la Vida*<sup>5</sup>, que foi fundado em 1983 e formado por mulheres de distintas filiações e posições sociais com o objetivo comum de enfrentar a ditadura.

---

<sup>3</sup> O casal possuía também outro filho, Javier Castillo Echeverría. Ele chegou a militar na resistência, mas faleceu em um acidente de carro.

<sup>4</sup> O Centro Cultural Mapocho reunia artistas consagrados e marginais, políticos e ex-presos políticos. Oferecendo um espaço de confluência de ideias, exposições, shows e oficinas e acabava funcionando como um centro de resistência. Disponível em: <https://radio.uchile.cl/2014/06/11/libro-registra-la-historia-del-centro-cultural-mapocho/>. Acesso em 1 de jun. de 2019.

<sup>5</sup> O evento que as mobilizou foi o assassinato de Sebastián Acevedo, pai de um preso político, por agentes da ditadura chilena. Disponível em: <http://archivomuseodelamemoria.cl/index.php/68341;isaar>. Acesso em jun. de 2019.



Após a morte de Miguel Enríquez, a ida para Inglaterra e a morte do filho, Carmen Castillo se muda para a França e passa por momentos conturbados em que plana entre a depressão, chegando a tentar suicídio, e a busca pelo engajamento na militância. Movida por esse desejo, ela viajou para vários países dando palestras sobre o que viveu, mas isso acabou por machucá-la ainda mais. Por conta dessas questões, alguns anos após o incidente, Carmen Castillo começou a silenciar-se. É visível que a participação de Carmen Castillo é menor que a da mãe na obra, e ela constantemente admite que ainda sente dificuldade em abordar esse período da sua vida e recordar-se do Chile.

### 2.1.2 Metaficção historiográfica em *Tropical sol da liberdade*

É possível afirmar que o livro *Tropical sol da liberdade* (2005) pode ser entendido como uma metaficção historiográfica. Essa forma literária problematiza a escrita e a memória frente a eventos traumáticos, buscando novas óticas sobre momentos históricos. Isso acontece justamente por muitas vezes os autores questionarem as versões oficiais da história, conforme aponta Hutcheon (1999, p. 120-162):

Ao mesmo tempo que explora, ela questiona o embasamento do conhecimento histórico no passado em si. É por isso que a venho chamando de metaficção historiográfica. Muitas vezes ela pode encenar a natureza problemática da relação entre a redação da história e a narrativização e, portanto, entre a redação da história e a ficcionalização, levantando assim, sobre o status cognitivo do conhecimento histórico, as mesmas questões enfrentadas pelos atuais filósofos da história. (HUTCHEON, 1999, p. 126)

Para Linda Hutcheon (1999), o argumento por trás das aproximações de história e literatura feitas pelos críticos tem a intenção de focar mais nas suas semelhanças do que nas diferenças. Nesse sentido, tanto o texto literário como o histórico possuem sua força centrada na verossimilhança. E mais do que pensar um desses textos, historiográfico ou literário, como uma verdade absoluta, o objetivo é então reconhecer que ambos são “constructos linguísticos, altamente convencionalizados em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa”, que é a partir de onde ela desenvolve a ideia de metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1999, p. 141-142).

Na metaficção historiográfica, de acordo com Hutcheon (1999), é importante que haja uma oposição entre ficção e fato, ainda que de forma problemática. Para a autora “esses romances instalam, e depois indefinem, a linha de separação entre a ficção e a história” (HUTCHEON, 1999, p. 150), afinal, só assim é possível que uma metaficção historiográfica seja um gênero escrito com uma “intensa autoconsciência em relação à maneira como isso é realizado” (p. 150). Apesar de o personagem Honório estar se referindo à obra que ele sugere que a personagem Lena escreva, nas palavras dele, essa tensão proposta por ele pode também problematizar a obra *Tropical sol da liberdade* (2005) em si, e isso apresenta da seguinte forma:

O que eu estou dizendo é que alguém tem que contar essa trajetória. E você pode fazer isso bem. Se não quiser apresentar como testemunho, ou depoimento, muito bem, não apresente. Mas não vai se livrar de nada. Vai dar no mesmo. Todos vão ficar achando que qualquer semelhança *não é* mera coincidência. Você diz que é ficção e vai ficar todo mundo querendo descobrir a quem se referem os fatos, quem é o equivalente real de cada personagem. No fim, ainda vão te acusar de autobiográfica, confessional, sei lá, esses pecados de romancista. (MACHADO, 2005, p. 39, grifo da autora)

Ou seja, quem escreve é totalmente consciente da forma como escreve e da manipulação a que submete os fatos: de quais nomes troca e de quais eventos mistura. É uma articulação textual que Machado faz ao contrapor ficção e história, embasando na realidade, mas deixando claro para o leitor de que ele está lendo algo de teor fictício – o que para Hutcheon é uma característica da metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1999, p. 142). Além disso, Hutcheon estabelece que o que é acolhido pela metaficção historiográfica e por essa era pós-moderna e as discussões de teoria da história atuais é o câmbio da ideia de “verdade”, para “verdades”, no plural. Desse modo, o leitor sabe que o que está acolhendo não é uma verdade absoluta, mas uma verdade parcial, um ângulo pessoal de quem narra.

Nesse seguimento, a ideia de uma escrita testemunhal coloca a personagem Lena em conflito, pois era sabido por ela que havia gente contando sua versão da história do período da ditadura exagerando os fatos e sua participação nos eventos. É esse tom de autorreflexão e questionamento sobre como se conhece o passado que Linda Hutcheon diz guiar a metaficção historiográfica:

Minha profissão é ser jornalista, não é escrever depoimentos pessoais. E não acredito nisso. Acho mais honesto **assumir logo que essa história de depoimento pessoal é uma ficção**, uma parte do gênero romanesco, se é que isso existe em literatura, assim, com esse nome. Quer dizer, **uma maneira inventada de contar as coisas, fazendo de conta que elas aconteceram assim, mas não aconteceram**. E você sabe disso melhor do que ninguém... (MACHADO, 2005, p. 38, grifo nosso)

Desse modo, a personagem Lena sugere que é assim são construídas as narrativas da história e dos eventos como são conhecidos: com alguém contando as coisas de uma forma inventada, fazendo de conta que elas aconteceram de uma forma que não aconteceram. Também é possível relacionar essa fala de Lena com a ideia de que não é possível de fato acessar um evento histórico ou da memória através da escrita, mas nesse momento Lena fala mesmo é da sua desconfiança para a veracidade das narrativas. Ou seja, nesse sentido não há dúvida de que essa obra não é um romance histórico porque é na metaficção historiográfica que há essa autorreflexão causada pelo questionamento do que é ou não é verdade quando se pensa em “verdades” consideradas históricas e, que, portanto, até certo tempo seriam inquestionáveis.

Nesse sentido, Hutcheon também discute o fato de que os conceitos de verdade e falsidade não são os termos corretos para se discutir ficção – e aqui, portanto é tratada nessa pesquisa a obra *Tropical sol da liberdade* dentro do campo da ficção. Dessa forma a obra é acolhida pela pós-modernidade, porque, para esse contexto, uma obra não precisa passar por um tribunal que irá decidir se ela é algo verdadeiro ou falso, mas Hutcheon aponta para a aceitação da contradição na discussão de metaficção historiográfica. Nessa perspectiva, tanto a ideia de originalidade artística, que é a vasão que Lena quer buscar no que ela chama de vertigem da palavra, quanto a ideia de historicidade, que ela quer ao buscar documentos e se fundamentar historicamente, entram em um embate (HUTCHEON, 1999, p. 146-147).

Ainda sobre essa questão, a teórica enfatiza que “a preocupação do século XVIII em relação às mentiras e à falsidade passa a ser uma preocupação pós-moderna em relação à multiplicidade e à dispersão da(s) verdade(s), verdade(s) referente(s) à especificidade do local e da cultura” (HUTCHEON, 1999, p. 145). Assim, também é possível notar esse questionamento no trecho de uma carta não enviada de Lena para seu irmão Marcelo em que ela comenta sobre as fotos e memórias que ela guarda para no futuro compartilhar com o filho de Marcelo:

Guardo em cada detalhe – e **um dia vou contar a verdade para todo mundo** – a imagem da sexta-feira 13. O rádio ligado, o homem falando, a gente ouvindo em silêncio. [...] Tua exclamação:

—Filhos-da-puta! Mas esses sacanas vão ver, eu tiro o pessoal de lá. Não sei como, mas tiro!

Tirou. Sabe Deus como. E a que preço. Sabemos todos. Mas como a história anda muito mal contada, vou também guardando para a História o que houve mesmo. Um dia a gente conta. (MACHADO, 2005, p. 206-207, grifo nosso)

No trecho destacado Lena coloca a si mesma acima da versão oficial da história que tem sido contada. Ela também diz “um dia vou contar a verdade para todo mundo” com um tom de

ameaça. Sobre isso, Hutcheon (1999) considera que esses empreendimentos e questionamentos são frutos da pós-modernidade, ou seja, a pós-modernidade sendo essa era paradoxal que permite interpretações contraditórias e que podem subverter as normas predominantes. Ou seja, a pós-modernidade tece-se como um momento em que a ideia de absoluto não tem tanta força, ao mesmo tempo em que – contraditoriamente – através da metaficção historiográfica a autora possa encontrar potência para questionar conhecimentos históricos (HUTCHEON, 1999, p. 142).

Eurídice Figueiredo (2017) discute em seu livro sobre o trecho em que a mãe de Lena, ao encontrar as páginas do drama que a filha está escrevendo sobre o exílio e de ler às escondidas, reflete sobre uma parte em que reconhece uma história e percebe que a filha troca os nomes reais dos personagens (MACHADO, 2005, p. 237-239). Sobre isso, Figueiredo aponta que essa “é uma observação ingênua, de alguém de fora da literatura, que não entende como se passa do referencial para o ficcional, ou ainda, como o autor de carne e osso se transforma em papel” (FIGUEIREDO, 2017, p. 81).

Contudo, o que Figueiredo não considera é que isso não é colocado na obra para mostrar a ingenuidade da mãe, mas para escancarar a discussão sobre como as histórias são contadas, sobre como as histórias podem ser alteradas e mudadas de acordo com a vontade de quem conta, pois, de acordo com Linda Hutcheon (1999), a metaficção historiográfica não nega que o passado tenha existido, mas provoca a ideia de como se conhece o passado (p. 158). Outra questão que vale pontuar na leitura de Figueiredo (2017) é que ela parece não questionar a ideia de “passar-se para o papel”, como se fosse possível que alguém se transferisse para o papel no sentido de imprimir algo real e inquestionável, de modo que a única mudança fosse a troca de nomes.

Ainda sobre esse tópico, há um trecho em que os pensamentos da personagem Lena sobre uma das motivações de se escolher uma determinada forma de escrita (que fugisse da escrita jornalística) e suas reflexões sobre a sugestão de seu amigo Honório – ainda se referindo ao drama que pretendia escrever – são reveladas através da voz de quem narra:

não era exatamente dar o testemunho, como ele sugerira. Era a volúpia vertiginosa da palavra que a atraía. **Podia contar isto ou aquilo, não tinha a menor importância.** Mas cada vez mais sabia que, da mesma forma que aqueles antigos habitantes tinham talhado a pedra para construir nas casas e muros um livro urbano que os evocava tantos séculos mais tarde, **também ela queria esculpir e cinzelar a pedra bruta da linguagem de todo dia, comum, compartilhada com o viver de seus semelhantes [...]. Sobretudo para si mesma, morada que fosse um território seu, sem invasões, sem promiscuidade, sem editor cortando frase ou acrescentando entretítulos**

**gaiatos como no jornal.** Um lugar onde o simples pisar na terra renovasse suas forças, feito o Anteu do mito grego. Ou o touro em sua *querência* lá na arena, lá onde toureiro nenhum consegue matá-lo. Do jeito de um animal selvagem, que delimita um trecho do terreno, mija em volta, e aí daquele que não perceber o cheiro e se aventurar a entrar. (MACHADO, 2005, p. 49-50, grifo nosso)

Assim, a obra apresenta a estética escolhida para a escrita também como uma resposta à repressão e à censura vivida por Lena por tanto tempo no seu trabalho no jornal e na convivência com outros jornalistas. Faz sentido, portanto, considerar que de fato a literatura possa ser o local que dá melhor acolhida aos relatos de tempos de exceção, como afirmou Márcio Seligmann-Silva (2003), pois é também o local que oferece liberdade.

Apesar de uma narrativa que dê o testemunho de um modo que seja mais reconhecido pela história ser importante socialmente, é a literatura que se apresenta como um solo sagrado que vai acolher a mulher que passou pelo trauma de ter a palavra tolhida e controlada nos anos de chumbo. Um território protegido, que ninguém possa invadir, questionar ou invalidar – tratamento comumente recebido pelos testemunhos das comissões da verdade, gerando ao sujeito que testemunha um outro golpe. E fazendo isso em forma de metaficção historiográfica, como afirma Hutcheon, quem escreve pode “desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico” (HUTCHEON, 1999, p. 145).

Ademais, uma relação extratexto pode ser o fato de que a autora escreve e publica durante o processo de redemocratização do Brasil. A Lei da Anistia foi assinada em 1979 e o livro foi lançado em 1988, mesmo ano da Constituição Federal e da lei que garantia o fim da censura, a liberdade de expressão intelectual e de imprensa e o fim da tortura. Assim, não é de se admirar que Machado ou a personagem Lena, ao escreverem, procurem uma forma literária que permita essa liberdade de trocar os nomes das pessoas e misturar os personagens, pois é uma situação cobrada pelo contexto. Sendo isso feito como um zelo pela proteção própria e dos envolvidos. Aqui nota-se uma diferença em relação ao que acontece com as chilenas, que lançaram o livro 12 anos após o fim da ditadura, e até mesmo com mais de uma Comissão da Verdade instaurada no país antes do lançamento, o que pode justificar que elas se sentissem mais seguras em se exporem, tanto através de autobiografia, como através das cartas<sup>6</sup>.

Apesar disso, a questão da anistia também aponta para uma contradição. Ao discutir sobre um possível (ou talvez se trate de mais de um) autor que estivesse exagerando os fatos, Honório

---

<sup>6</sup> Destaca-se que o livro *Santiago-París: el vuelo de la memoria* (2002) não está sendo considerado como uma metaficção historiográfica. Os gêneros desse livro serão abordados mais à frente.

tenta justificar que a pessoa estivesse tentando poupar outros indivíduos com um argumento similar ao que foi apresentado aqui no parágrafo anterior para que Ana Maria Machado trocasse nomes e misturasse as histórias:

—Você está sendo muito rigorosa. Muitas vezes o cara que escreve já está tão queimado que é melhor assumir logo uma coisa que os outros fizeram, porque ele já está fodido mesmo, não adianta prejudicar os companheiros contando a verdade. É também uma questão de segurança. Ou você ia querer que o cara ficasse entregando os outros em nome da fidelidade aos fatos?

—Mais de dez anos depois? Com anistia e tudo pelo caminho? Pra cima de mim com essa conversa, Honório? Nem vem que não tem... Esse papo pode colar com quem não sabe de nada. Mas a gente sabe que o buraco é mais embaixo. Se não puder contar a verdade, não conta. Tudo bem. Mas não conta também a mentira fingindo que é verdade, depoimento pseudofactual para alimentar os historiadores do futuro... (MACHADO, 2005, p. 38-39)

Esse trecho aponta para uma contradição na qual não só Lena poderia cair, mas a própria autora, Ana Maria Machado: por que esconder os nomes e mudar os fatos mesmo depois de anos e com a anistia em vigor? Por que a história é contada dessa forma? Mas Lena aponta para a vontade de levar as coisas em outra direção:

—É mais honesto reconhecer logo que não vai contar a verdade e partir para uma narrativa de ficção, misturar personagens, fundir situações, inventar coisas novas, cortar o que não interessa. E aí já é outro caso. É muito capim para minha égua, como dizia minha avó. Precisava ser artista, deixar a palavra emprenhar mesmo o tal depoimento, virar uma coisa mais fértil do que um testemunho de fatos, tentar um testemunho em outra esfera, sei lá... (MACHADO, 2005, p. 39)

Em outro trecho Lena ainda amplia essa discussão sobre o espaço do ficcional e factual:

E sentia também que ficção não tinha nada a ver com isso, podia ser uma coisa inventada ou acontecida, não estava aí a diferença, apesar do parentesco etimológico com a palavra fingimento. Onde estaria? Talvez na gana de botar para fora alguma coisa, de traduzir com palavras o olho do furacão íntimo de quem escreve, de permitir que a linguagem fosse mais importante que os fatos do enredo. (MACHADO, 2005, p. 41)

Nesse momento da narrativa, Lena sugere se abrigar na ficção justamente para fugir do que seria o ambiente da fauna do jornal, onde um editor poderia mudar os fatos, os valores, os títulos, cortar e incluir o que quisesse. Desse modo, Lena pode se colocar no centro da narrativa. Se no jornal ela deve obedecer a uma hierarquia imposta e responder ao editor-chefe ou ao diretor do jornal, em seu texto ficcional ela obedeceria somente a si mesma: “Sobretudo, para si mesma, morada que fosse um território seu, sem invasões, sem promiscuidade, sem editor

cortando frase ou acrescentando entretítulos gaiatos como no jornal. [...] Um dique contra a invasão, delimitando um território seu, de liberdade pessoal” (MACHADO, 2005, p. 49-50).

O questionamento, então, muda de “o que é ficção e o que não é?” para “quem detém o direito de dar sua verdade?” e “quem tem direito de alterar os fatos?”, afinal, ela compreende que quem tem esses direitos, tem poder não só dentro da redação, mas o poder político. Além disso, a ficção pós-moderna de metaficção historiográfica reconhece seu caráter ideológico, e reconhece a relação entre o estético e político. Nisso, há muito espaço para os grupos que não são o centro social do momento histórico em questão, como as mulheres. Nessa lógica, Hutcheon pontua que “as interrogações dos ex-cêntricos formam seus próprios discursos” (HUTCHEON, 1999, p. 253). Ou seja, através dessas reflexões da personagem Lena é possível perceber como a autora (personagem ou autora da obra) pensa sua própria narrativa e como ela seria dada, questionando não só o que é falso e verdadeiro, mas subvertendo o lugar central de quem narra.

Ademais, as escolhas da autora de *Tropical sol da liberdade* também são uma maneira de se resguardar, já que ela afirma que abre feridas, não apenas ligadas à questão ditatorial, mas em relação a pessoas próximas que a magoaram, e nisso reside o medo das reações, já que um texto assim, de acordo com Paul Ricœur (2007) funciona como um documento que fica aberto para qualquer um que saiba ler, não sendo possível selecionar quem pode ou não acessá-lo. Esse texto “não tem, portanto, um destinatário designado, diferentemente do testemunho oral”, que permite que se escolha exatamente para quem se confia algo (RICŒUR, 2007, p. 177). Outro ponto é que “o testemunho acrescenta traços específicos ligados à estrutura de troca entre aquele que o dá e aquele que o recebe” (RICŒUR, 2007, p. 179), porque, afinal, o testemunho é social. A personagem Lena não ignora isso, ela também quer a liberdade para buscar a melhor maneira de escrever: “Precisava ser artista, deixar a palavra emprenhar mesmo o tal depoimento, virar uma coisa mais fértil do que um testemunho de fatos, tentar um testemunho em outra esfera, sei lá...” (MACHADO, 2005, p. 39), e através das escolhas estéticas de sua narrativa ela se aproxima mais da metaficção historiográfica.

Hutcheon afirma que os contadores de histórias de fato podem silenciar pessoas e acontecimentos, mas que isso também aponta para o fato de que historiadores podem ter agido da mesma forma, e pergunta: “nas tradicionais histórias do século XVIII, onde estão as mulheres?” (HUTCHEON, 1999, p. 143). É nesse vão que Helena, ao selecionar o que iria incluir em sua narrativa e o que iria ficar de fora, relembra a morte de frei Tito e decide não incluir essa história na narrativa que iria escrever, decisão revelada pela voz de quem narra: “E

também ela preferia falar de mulheres.” apontando para a decisão de falar de uma jovem exilada na Alemanha que se atirou debaixo do trem, em processo semelhante ao que passou o clérigo por não suportar as memórias da tortura e as imagens do torturador (MACHADO, 2005, p. 138). Apesar de essa máxima ser mais um referente à Lena – sobre o que ela faria em seu texto –, e não possa categoricamente ser aplicada também à autora Ana Maria Machado já que em alguns pontos específicos ela inclui histórias masculinas, como a própria menção ao sofrimento de frei Tito, a opção por focar na história das mulheres também é bem visível. Essas escolhas também se alinham à afirmação de Linda Hutcheon de como a metaficção historiográfica se guia quando entra também no campo da crítica feminista: abrindo um espaço de contestação da noção de um “sujeito masculino transcendental como fonte exclusiva de sentido” (HUTCHEON, 1999, p. 220). Nas narrativas de Ana Maria Machado e Lena isso é feito na medida em que a sua descrição dos tempos da ditadura é dada a partir das perspectivas e das experiências femininas.

Nesse tópico, a ideia de Hutcheon (1999) ao pensar o sujeito nessa literatura pós-moderna não é de destruí-lo, mas de situá-lo, ou seja, considerando os recortes sociais de gênero, raça, classe social etc. Assim, situar esse sujeito em um “contexto histórico e social é começar a forçar uma redefinição, não apenas do sujeito, mas também da história” (HUTCHEON, 1999, p. 204). Ou seja, as escolhas em uma metaficção historiográfica não são arbitrárias: ao optar por focar na história das mulheres, tal como Ana Maria Machado faz ao focar na perspectiva da história de Lena e Amália e dar espaço para essa narrativa fora do centro masculino, as escritoras mudam o centro da estrutura social do momento histórico e enfocam eixo feminino. Através de quem narra, Hutcheon afirma que:

o sujeito masculino e a história são descentralizados simultaneamente, junto com a própria narrativa. Apesar da presença de um narrador único, insistente e controlador – um escritor que sabe estar relatando e criando a história pública e privada – o centro (masculino) desse romance está constantemente deslocado e disperso. A busca da unidade (narrativa, histórica e subjetiva) é constantemente frustrada. (HUTCHEON, 1999, p. 207)

Dessa forma, toda a perspectiva muda. O privado, como bem mencionou Hutcheon, acaba tendo um espaço bem maior na narrativa, é a partir dali que tudo acontece e tudo é decidido – até mesmo as ações masculinas, como a de Marcelo, que ao ouvir o rádio em casa, na companhia da irmã, decide tirar alguém da prisão. O masculino aparece sim, na história, mas como pontua Hutcheon, acaba tomando um caráter mais disperso, e não central e determinante. O parceiro



de Lena, por exemplo, nunca está presente, a ligação por telefone é sempre desconstruída, e o próprio Marcelo é narrado na perspectiva da mãe e da irmã.

É no processo de reconhecimento da própria perspectiva que, na discussão de Lena e Honório, em resposta à sugestão dele sobre ela construir a narrativa de seu ponto de vista, Lena pergunta “— Contar a história da periferia?” (MACHADO, 2005, p. 39), algo que ele não compreende bem e rebate que não tem nada a ver com periferia social, de questão geográfica e social, algo que ele considera chavões da sociologia, e a situa: “Garotinha classe média, universitária, Zona Sul do Rio.” (MACHADO, 2005, p. 39). Em seguida, a personagem de Lena é mais uma vez situada por ela mesma:

o tempo toda minha periferia, em que eu estava sempre gravitando em torno. Eu tinha a impressão de que estava na periferia de tudo o que acontecia de mais arriscado. Eu corria os mesmos perigos de quem estava no centro. Talvez até mais. Porque eu não tinha nenhum esquema de proteção. Mas ao mesmo tempo... (MACHADO, 2005, p. 39)

E depois disso Honório segue atribuindo importância a essa perspectiva porque ele acredita que representa muita gente, acrescentando que há muitos registros de quem estava no centro da narrativa histórica de tudo. Assim, mais uma vez ele reforça a posição ocupada por Lena.

No que toca a questão do sujeito na metaficção historiográfica, de acordo com Linda Hutcheon (1999), é através do que o próprio sujeito dá que se constrói a interpretação sobre ele na literatura – e não através dos papéis pré-estabelecidos socialmente, ou através de senso comum, porque quem narra a história pode estar justamente discutindo esses papéis ao apresentá-los de uma determinada maneira. Por exemplo, os papéis de gênero como são apresentados na obra não necessariamente podem ser vistos como um retrato da época, mas como poderiam ter sido. E como se trata de uma narrativa tardia, é possível considerar, ainda, que haja reflexões sobre questões de gênero que aconteceram no tempo da escrita, mas não necessariamente no tempo da narrativa. E assim a autora reloca a problemática em torno do sujeito para dentro da linguagem (HUTCHEON, 1999, p. 215).

Além disso, para Hutcheon “os protagonistas da metaficção historiográfica podem ser tudo, menos tipos propriamente ditos: são os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional”. Desse modo, há uma quebra nos “tipos” que culturalmente se esperam, e a única forma em que eles são utilizados é para serem atacados com tom de ironia, ou seja, rompendo com as noções de universalidade da cultura (HUTCHEON, 1999, p. 151).

Assim, apesar de Lena ser retratada como alguém de classe média e da zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, uma pessoa privilegiada em vários sentidos, ainda assim seu amigo Honório começa essa sentença marcando que ela é uma “garotinha”. Mesmo adulta e independente, Honório a vê de modo infantilizado, o que, ainda que não tenha sido feito de forma intencional por Honório, aponta para um lado não privilegiado de Lena.

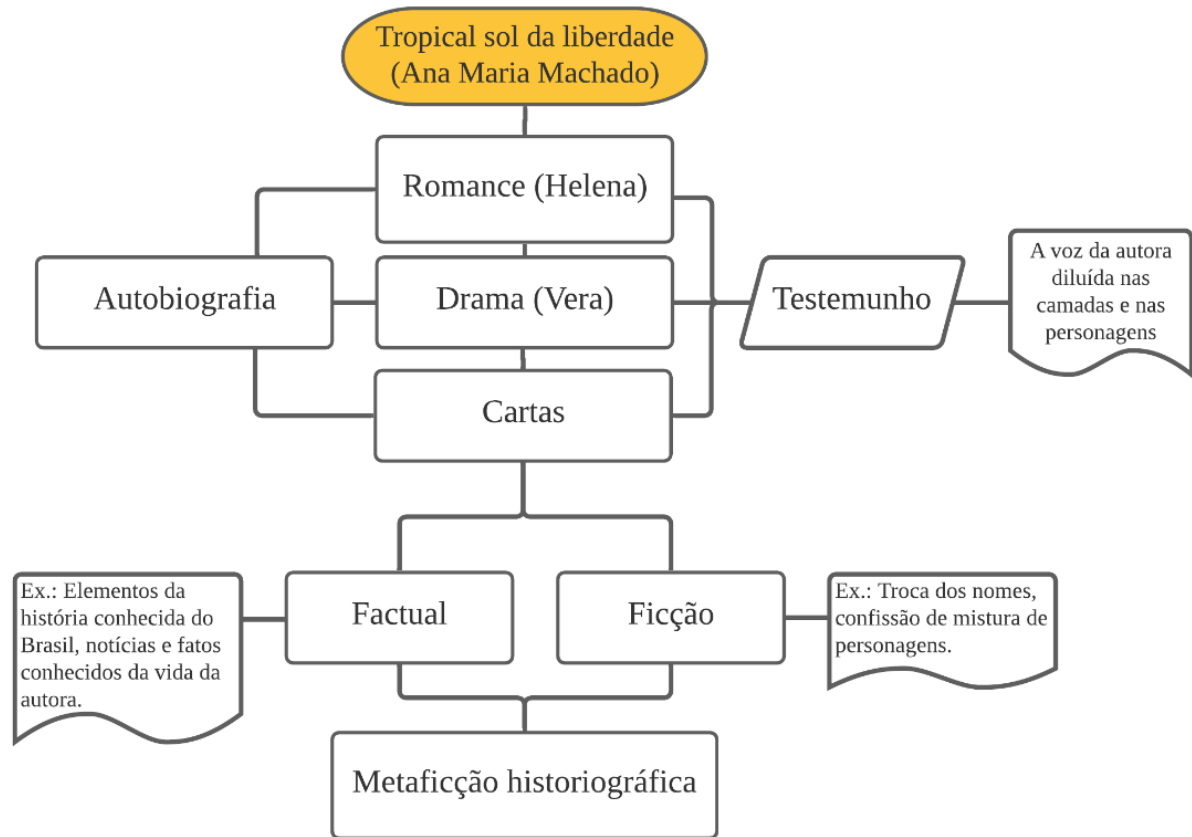
Essa questão mostra a necessidade que ela tinha de contar sua própria história, para que assim ela se definisse em sua narrativa, pois a subjetividade é uma propriedade fundamental da linguagem e, como afirma Hutcheon, é só dentro e por meio da linguagem que as pessoas podem se constituir como sujeitos, porque só a linguagem estabelece o conceito do ego na realidade (HUTCHEON, 1999, p. 224). No ato de escrever Lena quer definir seu sujeito, em vez de permitir que o outro, um outro masculino, o defina. E dessa maneira, a universalidade cultural se rompe, pois a mulher que deveria ficar em silêncio e invisível se rebela, tem voz e escreve.

Já a ironia mencionada por Hutcheon (1999) é usada pela voz de quem narra para tratar o chefe na redação do jornal, que aparece como um personagem tipificado:

Na fauna do jornal tinha o Barros, por exemplo. Mas Lena sabia que nunca ia poder botar esse personagem num livro ou num palco, para a peça de teatro em que, às vezes, ela pensava. Ia ser inverossímil, um clichê, chavão puro. Ninguém ia acreditar que ele pudesse existir, tão estereotipado era, parecia uma caricatura. Só se interessava por samba, futebol e mulher. De verdade. O resto era disfarce para enganar bobos. (MACHADO, 2005, p. 45)

A tipificação do personagem é tão repulsiva para quem narra a história, que a leva a acreditar que possa ser algo que comprometesse a obra a ponto de ela se tornar inverossímil, clichê, chavão puro. Para a personagem, de acordo com a voz narradora, isso comprometeria a leitura, pois ninguém iria acreditar. Essa preocupação mostra esse ponto de contradição da possibilidade de que um fato verdadeiro possa ser desacreditado pelo leitor quando há uma tipificação.

Organograma 1: Uma cartografia de Tropical sol da liberdade



Fonte: elaborado pela autora

Essa forma de narração permite que sejam investigados em todos esses discursos como o sujeito da história é o sujeito na história, sujeito à história e como ele também é a própria história. É mais do que desmontar o sujeito para ver como funciona por dentro, mas entender como ele é através do que ele conta de si – como Ana Maria Machado faz através de Lena e Lena faz através da sua personagem Vera –, entender como essas personagens da história, funcionam na história – quando é possível perceber qual personagem corresponde a quem na vida real (ainda que esse não seja o foco da investigação). Para Adelaida Martinez (2001) esta é uma marca da escrita feminina na América Latina: a voz autoral se dispersa na narrativa. Dessa forma, através da metaficção historiográfica, compreende-se como todos esses personagens ficam sujeitos à história, às suas convenções, ou em que medida eles contestam a própria história.

### 2.1.3 A escrita de si em Santiago-Paris: el vuelo de la memoria

O comportamento de misturar a verdade em meio à ficção (ou vice-versa) na escrita mostra-se de forma bem diferente na obra das duas chilenas. Além de não apresentarem essa reflexão sobre o que é verdade ou não, declarações de contrapontos à história oficial ou algo do tipo, elas parecem entrar em consonância com o que já é conhecido e entranharem suas vivências nessa história universal – ainda que sob uma perspectiva pessoal e familiar. Elas citam locais, datas, nomes e sobrenomes, o que dá entender que elas não tivessem encontrado tantos percalços para a exposição de pessoas como Ana Maria Machado, como já mencionado anteriormente.

*Santiago-París: el vuelo de la memoria* (2002) não é formado por de camadas narrativas como nota-se em *Tropical sol da liberdade* (2005), no qual temos a perspectiva de quem narra, a perspectiva de Lena e a perspectiva da personagem de Lena, Vera. A obra das chilenas apresenta uma composição de formas diferentes de escritas de si, mesclando o relato autobiográfico de Mónica Echeverría com as cartas da filha, Carmen Castillo.

Em primeiro lugar, cabe situar a parte que cabe à mãe, Mónica Echeverría, dentro do que se compreende por autobiografia. É possível entender que sua escrita seja uma autobiografia, nos termos do pacto autobiográfico de Philippe Lejeune (2004; 2014)<sup>7</sup>, visto que há uma relação onomástica entre autora (nome que vai na capa do livro), a narradora e a pessoa de quem se fala – ou seja, uma relação em que essas três sejam a mesma pessoa. Isso pode ser percebido na citação: “Nesse país, ilha de terremotos, inundações e vulcões, abro os olhos pela primeira vez em 2 de setembro de 1920, **eu, Mónica María Angélica Echeverría Yáñez**, como me chamaram.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 13, tradução nossa, grifo nosso)<sup>8</sup>. Além disso, necessita-se verificar se a intenção do autor seja de que o leitor leia o livro como autobiográfico, como algo autêntico, o que acontece.

Para localizar Mónica Echeverría na tradição de escrita de mulheres, Sara Beatriz Guardia (2013) aponta que o gênero autobiográfico na escrita feminina da América Latina começa em 1915, com *Boudoir Diary*, da brasileira Flora de Oliveira Lima<sup>9</sup>, e quando vai falar das mulheres

<sup>7</sup> A discussão em torno da complexidade de se definir uma autobiografia já é algo conhecido da crítica literária, bem como as correções que Philippe Lejeune fez na própria teoria acerca desse tópico, mas como a parte biográfica que cabe à Mónica Echeverría atende bem às primeiras definições de Lejeune e não apresentam muitas complicações, entende-se que a discussão apresentada aqui é suficiente.

<sup>8</sup> Texto original: “En este país, isla de terremotos, inundaciones y volcanes, abro los ojos por primera vez un 2 de setiembre de 1920, yo, Mónica María Angélica Echeverría Yáñez, como me llamaron.”

<sup>9</sup> Já Eurídice Figueiredo (2013, p. 83) afirma que nenhuma brasileira escreveu autobiografia em tom confessional. Provavelmente, diferente de Guardia, ela considera a obra de Flora de Oliveira Lima como diário, e não como autobiografia, por não ter distanciamento do tempo vivido para o escrito, o que de acordo com Lejeune (2004, 2014) é uma série de relatos datados.

que a seguiram nessa empreitada, uma das mencionadas é a chilena María Flora Yáñez, mãe de Mónica Echeverría, com a obra *Visiones de la infancia*, publicada em 1947 (GUARDIA, 2013, p. 22). Mónica Echeverría fala do surgimento desse livro ao descrever o tipo de ambiente que sua mãe cultivava: uma casa onde regularmente reuniam-se escritores, escritoras, críticos literários e artistas em geral, todos de afinidades políticas progressistas, com quem era possível conversar sobre os males da ditadura citando nomes e falar de mortos e desaparecidos – algo que durou até que boa parte deles havia morrido ou estava exilado (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 205-206).

Eurídice Figueiredo pontua que para muitas mulheres nascidas nos anos 1920, justamente a data do nascimento de Mónica Echeverría, narrar sua história é voltar ao passado para entender sua identidade e ao mesmo tempo questionar e confrontar os fatos vividos. Nisso, Figueiredo (2013) pontua alguns tópicos pelos quais essa escrita passa e busca confrontar para, de certo modo, se ver livre de suas sequelas:

Escrever é relembrar a educação alienante, fazer uma viagem no tempo para resgatar os destroços de um “eu” estilhaçado, usar a memória para recuperar um saber ancestral; escrever é se rebelar e dizer “não” a todas as pressões/repressões/opressões sofridas. E, ao cabo desse processo de desnudamento interior, a mulher que escreve acaba descobrindo uma identidade própria – ainda frágil, talvez, mas decidida a lutar em favor de sua realização. (FIGUEIREDO, 2013, p. 83)

O que a autora afirma pode ser visto na escrita de Mónica Echeverría, como a questão da educação alienante:

Se supõe que as meninas terminem o período educacional aos dezoito anos sabendo ler e escrever corretamente, e um ou dois idiomas estrangeiros, com preferência ao francês e depois ao inglês. Ademais, devem ter uma sólida instrução religiosa e saber tocar piano e bordar. Os exames ou certificações do Estado, como são chamados, são opcionais e poucas alunas se submetem a eles. Eu, por imitar aos meus irmãos homens e pertencer ao seu círculo, decido submeter-me às suas regras. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 39, 40, tradução nossa)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Texto original: Se supone que las niñas terminan su instrucción a los dieciocho años sabiendo leer y escribir correctamente y uno o dos idiomas extranjeros, con preferencia el francés y después el inglés. Deben además tener una sólida instrucción religiosa y saber tocar piano y bordar. Los exámenes ante el Estado o válidos, como se les denominan, son opcionales y pocas alumnas se someten a ellos. Yo, por imitar a mis hermanos hombres y pertenecer a su círculo, decido someterme a sus reglas.

Ou seja, Mónica Echeverría, quando vê seu passado com os olhos de um outro momento histórico, o momento em que escreve, percebe que as normas sociais às quais as mulheres eram submetidas não eram adequadas. A autora prossegue apontando para o fato de que seguir as normas dos homens, as mesmas normas aos quais eram submetidos os seus irmãos, a situava em uma posição diferente das outras mulheres. Isso também pode ser visto no trecho em que descreve o que aconteceu quando percebeu que seus seios estavam crescendo e foi conversar com Nati, sua babá, que reagiu dizendo: “Pobre menina minha, agora vai saber o que significa ser mulher!”<sup>11</sup>. Em seguida Nati a leva para sua mãe, que lhe explica sobre a menstruação e a proíbe de brincadeiras de criança. A reação da jovem Mónica Echeverría foi gritar: “Não quero ser mulher, não quero menstruar, nem me casar, nem ter filhos!”<sup>12</sup> (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 41, 42, tradução nossa). Nesse trecho, Mónica Echeverría descreve o seu passado opondo-se às pressões sociais que sofria na época, pois se ser mulher é não poder brincar e se divertir mais e ter que seguir a uma cartilha com regras pré-determinadas para ela unicamente devido ao seu sexo, ela se nega a encarnar esse papel, pois ser mulher lhe parece uma péssima ideia.

Outro exemplo de marcas de protesto ao revisitar o passado pode ser visto no seguinte trecho:

Como teria gostado de ser homem! Leio Júlio Verne e Salgari com avidez. Esses heróis são todos masculinos, se até David Copperfield ou Oliver Twist são homens, por mais que a Nati tente me convencer que as leituras apropriadas para mim sejam os livros da condessa de Ségur, os livros da Bibliothèque Rose acabam esquecidos na estante. Ademais, desde pequena que não gosto de bonecas e odeio bordados. Meu grande desejo é ser pirata e explorar o mar em busca de tesouros e aventuras.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 43, tradução nossa)<sup>13</sup>

Mónica Echeverría não tem repulsa por ser mulher, o que ela repele é esse padrão socialmente imposto às mulheres que não permite buscar tesouros e aventuras e que até diz a ela quais livros são ou não são apropriados para sua leitura. Vale destacar que a autora narra no tempo presente: ela lê Júlio Verne e Salgari, seu desejo é ser pirata e explorar o mar, como se ela estivesse revivendo o fato para poder expressar sua recusa e desgosto diante daquilo que ela

---

<sup>11</sup> Texto original: ¡Pobre niña mía, ahora vas a saber lo que significa ser mujer!

<sup>12</sup> Texto original: ¡No quiero ser mujer, no quiero menstruar, ni casarme, ni tener hijos!

<sup>13</sup> Texto original: ¡Como me habría gustado ser hombre! Leo con avidez a Julio Verne, a Salgari. Esos héroes son todos masculinos, si hasta David Copperfield u Oliverio Twist son hombres y, por más que Nati trata de convencerme que la contesse de Ségur es la lectura apropiada, los libros de la Bibliothèque Rose yacen olvidados en los estantes. Por lo demás, desde pequeña he aborrecido las muñecas y a los bordados los odio. Mi gran anhelo es ser pirata y surcar el mar en busca de tesoros y aventuras.

recorda. Essa questão de gênero discutida na obra também pode ser notada através do título que as autoras dão para o capítulo 3: “Ser mulher, um desafio” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 67, tradução nossa).<sup>14</sup>

Figueiredo (2013) foca seu trabalho em falar da repressão materna na escrita autobiográfica. Dentro disso, boa parte do que a autora trata são questões referentes a problemas de sexualidade além do fato de as mães não conversarem com as filhas sobre questões físicas e biológicas por ser algo que se apresenta como um tabu. Na obra estudada Echeverría registra que sua mãe, María Flora Yáñez fala com ela sobre a menstruação e mudanças em seu corpo, ainda que em seu registro não soe como uma boa experiência. E embora Mónica Echeverría não registre algum diálogo acerca de relações sexuais, ela afirma que muita coisa foi descoberta naturalmente durante a adolescência, e que seu pai não parecia ter muito pudor em tratar de questões relacionadas à sexualidade na frente de Echeverría e seu irmão, mesmo sendo crianças. Outro ponto a notar é que a autora não registra nada traumatizante de sua primeira noite com Fernando Castillo quando perde a virgindade, que ela fez questão que acontecesse antes do casamento (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 60).

Ainda no tópico da sexualidade, cabe ressaltar que Figueiredo (2013) também fala sobre a linguagem proibida para a mulher ou sobre mulheres quando se trata do corpo feminino e cita o exemplo de Simone de Beauvoir que teve um artigo censurado porque não poderia usar a palavra “vagina” para descrever um estupro em que soldados enfiaram uma garrafa na vagina de uma mulher, tendo que trocar a palavra por “ventre”. De fato, não há nenhum trecho que detalhasse o corpo feminino por Mónica Echeverría. A única parte do corpo feminino que ela aborda são os seios, ao falar de si menina com os seios despontando, que acaba passando ao largo de outras questões mais íntimas e corpóreas.

Já a parte que cabe à Carmen Castillo pode ser entendida como cartas e são distinguidas do que é escrito por sua mãe através do uso de itálico<sup>15</sup>. Não são dadas informações se eram cartas físicas reais, com datas, saudações e despedidas, mas ainda assim podem ser entendidas como cartas no sentido de serem escritas de si dirigidas para outra pessoa. Logo no prólogo se dá a primeira inserção de Carmen Castillo, que é justamente o trecho que ela não direciona a escrita ao receptor, mas ao leitor em geral, e sabe-se disso pois ela trata a mãe pelo nome e na terceira pessoa: “*Mónica, minha mãe, conseguirá que o sol se mova de um continente a outro.*”

---

<sup>14</sup> Texto original: Ser mujer, un desafío.

<sup>15</sup> Essa troca acaba funcionando como um espelho. As partes do texto de Castillo que em uma escrita regular seriam feitas em itálico, como o nome de um livro, são feitas sem itálico.

(CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 10, tradução nossa, grifo da autora)<sup>16</sup>. Nesse caso, em específico, Castillo alterna entre o uso da segunda e terceira pessoa, como se pode ver a seguir: “*Entretanto, insistes, Mónica.*” e ao fim do prólogo: “*Minha mãe sempre ganha.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 10, tradução nossa, grifo da autora)<sup>17</sup>. Apesar disso, no restante da obra impera o tratamento à mãe, Mónica Echeverría, em segunda pessoa.

Ainda no prólogo, Carmen Castillo afirma que não é de seu desejo participar dessa empreitada da mãe, mas, como sua mãe sempre vence, ela cede. Ademais, ela deixa clara a instrução de que Echeverría quer que o seu texto ressoe com o texto dela, e que seja algo construído junto em harmonia, como uma manta indiana (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 10). Desse modo, os textos que Carmen Castillo direciona à sua mãe são sempre reativos ao que a mãe escreve, dialogando com os momentos da vida da mãe, da família ou seus espaços de memória – como as casas da família. A primeira inserção de Castillo – no interior da obra, não no prólogo – vai da página 34 a 37 e representa bem como se dá essa interação das vozes.

Em outros momentos, Carmen Castillo também direciona perguntas a Mónica Echeverría – que não são respondidas – como percebe-se no fragmento: “*E então, face a face, contra as convenções, interesses e preconceitos de nossa casta, finalmente nos encontramos do mesmo lado. Por quê? Como?*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 66, tradução nossa, grifo da autora)<sup>18</sup>. O fato de Mónica Echeverría não responder marca bem a diferença textual usada por uma autora e pela outra em suas respectivas partes. E ainda, mostra um movimento de Castillo em tentar guiar o rumo do diálogo entre os textos e que é negado pela mãe – ao menos de forma explícita, pois as inserções de Castillo sempre aparecem ao fim dos capítulos, e no capítulo seguinte Echeverría parece começar de outro ponto, seguindo um ritmo cronométrico de seu próprio tempo e história do país, e não o ritmo das digressões e discussões familiares proposto pela filha através de perguntas, questionamentos ou acusações.

Echeverría passa as primeiras 23 páginas contextualizando o leitor sobre seu nascimento e sobre quem é sua família, desde seus avós, e incluindo o exílio que a família sofre na ditadura de Ibáñez. Consequentemente, a reação da filha, Carmen Castillo, vai no sentido de falar da própria infância, ao que ela reluta dizendo diversas vezes não querer retornar a esse espaço de memória, mas logo faz o trajeto: “*Voltar à Quinta, o lugar da minha infância, agora que metade da minha vida já se foi dispersa em terras estrangeiras? Você, minha mãe, se rebela: ‘Carmen,*

<sup>16</sup> Texto original: *Mónica, mi madre, conseguirá que el sol se mueva de un continente al otro.*

<sup>17</sup> Texto original: “*Sin embargo insistes, Mónica.*” e “*Mi madre siempre gana.*”

<sup>18</sup> Texto original: *Y despues, cara a cara, contra las convenciones, los intereses y los prejuicios de nuestra casta, finalmente nos encontramos en el mismo bando. ¿Por qué, cómo?*



é possível que alguém se negue a voltar aos lugares da infância?” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 34, tradução nossa, grifo da autora)<sup>19</sup>.

Na segunda inserção, que vai da página 61 a 66, ela reage à memória de sua mãe sobre sua avó: “*A avó não está morta. Não me lembro de sua morte.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 61, tradução nossa, grifo da autora)<sup>20</sup>. Na terceira inserção, que vai da página 90 a 92, ela reage ao que a mãe conta de seu pai, sobre como o conheceu e o relacionamento deles, e assim por diante. No total são 12 inserções em forma de cartas escritas por Castillo, uma para cada capítulo, sempre ao final de cada um deles. Sua participação é sempre mais curta do que a de Mónica Echeverría – que se apresenta como espinha dorsal do livro. A média de páginas de Carmen Castillo é de 5,3 páginas por capítulo, sendo a inserção mais curta de 2 páginas, e mais longa de 10 páginas. Apenas a primeira inserção indica que Carmen Castillo escrevesse ainda no Chile, talvez datada do momento em que a mãe a convoca para a escrita durante uma de suas visitas: “*Penso nos sofrimentos esculpido e me parece que aqui, em Santiago, as coisas se inscrevem em mim de outra maneira.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 37, tradução nossa, grifo da autora)<sup>21</sup>.

Sobre os efeitos da escrita, Michel Foucault (1992 [1969])<sup>22</sup>, defende que o texto, mesmo quando destinado a outra pessoa, também funciona como um exercício pessoal, possuindo assim um duplo sentido, uma dupla direção. Isso acontece porque a carta enviada age tanto sobre aquele que envia, ainda durante o ato da escrita, como para aquele que recebe, no ato da leitura e releitura do texto. O autor ainda compara o exercício de escrever conselhos, exortações e admoestações aos outros ao treino militar em tempos de paz. De modo que o ato da escrita funciona como um treino para si mesmo, no sentido de pensar sobre os determinados conselhos que escreve no tempo presente, para quando, no futuro, o próprio autor daqueles conselhos estar treinado sobre aquilo e precisar lidar aquelas coisas das quais escreveu em seu tempo de paz passado (FOUCAULT, 1992 [1969]).

Esse exercício de escrever algo para o outro, que também serve para si, pode ser visto no ato de Castillo decidir escrever notas das coisas vividas, que ela diz serem íntimas, de modo que essas notas, em um primeiro momento, se assemelham bastante às primitivas

---

<sup>19</sup> Texto original: *¿Volver a La Quinta, el lugar de mi infancia, ahora que una mitad de mi vida se ha ido, desperdigada en tierras extranjeras? Tú mi madre, te rebelas: “Carmen, ¿puede uno negarse a volver a los lugares de la infancia?”*

<sup>20</sup> Texto original: *La Abuela no está muerta. No recuerdo su muerte.*

<sup>21</sup> Texto original: *Pienso en los sufrimientos tallados y me parece que aquí, en Santiago, las cosas se inscriben en mí de otra manera.*

<sup>22</sup> O artigo de Foucault parte do exercício dos gregos chamado de *hypomnemata* e outras correspondências feitas pelos gregos encontradas em documentos do século I e II.

*hypomnematas* feitas pelos gregos. Carmen Castillo diz: “*E eu inventava para mim uma ‘missão’ para atar esses sofrimentos, essas derrotas, mas também essas vitórias que você narrava às nossas pobres existências, aqui, na França. Coloquei-me, então, a escrever. Todos os dias eu escrevia notas íntimas no caderno chinês.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 237, tradução nossa, grifo da autora)<sup>23</sup>.

Outro ponto levantado por Foucault a partir dos escritos de Sêneca e Lucílio é que a correspondência funciona como um reativador, tendo em vista que ao escrever, ou ler, sobre morte e luto, a pessoa revive aquilo. Mas ela o faz a partir de um princípio de distanciamento, que acaba por persuadir tanto o leitor, quanto o escritor, de que “a morte não é uma desgraça (nem a alheia nem a própria)” (FOUCAULT, 1992 [1969], p. 149). Pois quem passou por isso, sobreviveu e escreve, e quem lê, pode, assim como aquele que escreveu, sobreviver também.

Nesse sentido, pode-se perceber que o ato de rememoração de Carmen Castillo para a mãe passa pelo caminho de se organizar mentalmente em forma de escrita, e mesmo escrevendo sobre dores de seu passado, é permitido a ela, através desse exercício, se consolar no fato de que é algo passado a que ela sobreviveu:

O golpe de estado se desenrola. Invasões em massa, a caçadas aos homens, prisioneiros amontoados no Estádio Nacional, estupor, tortura e novamente silêncio. Não podíamos prever essa violência, embora soubéssemos que Kissinger, a CIA, o Departamento de Estado dos EUA, a direita, o dinheiro, os militares, todos preparados para atacar, para ceifar a vida, a liberdade, a esperança. Poderíamos ter dito que esperávamos. Mas a verdade é que não sabíamos nada desse ódio que vinha dos Estados Unidos e que iria colidir contra nós. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 153, tradução nossa, grifo da autora)<sup>24</sup>

No trecho acima citado é possível ver o duplo caminho que o consolo percorre através da escrita dessa correspondência. Sobre o sentimento de culpa que paira em muitos sobre não ter agido antes, sobre não ter previsto, ou impedido o que aconteceria, Carmen Castillo se antecede dizendo que não era possível saber, não era possível ter feito nada diferente do que fizeram.

<sup>23</sup> Texto original: *Y yo me inventaba una ‘misión’ para enlazar esos sufrimientos, esas derrotas, pero también esas victorias que me contabas a nuestras pobres existencias, aquí, en Francia. Me puse, entonces, a escribir. Cada día notas íntimas en el cuaderno chino.*

<sup>24</sup> Texto original: *El golpe de Estado se despliega. Redadas masivas, cacerías de hombres, prisioneros amontonados en el Estadio Nacional, estupor, tortura y otra vez silencio. Esa violencia no la podíamos adivinar, si bien sabíamos que Kissinger, la CIA, el Departamento de Estado americano, la derecha, el dinero, los militares, todos se preparaban a golpear, a cortar de tajo la vida, la libertad, la esperanza. Hubiéramos podido decir que lo esperábamos. Pero la verdad es que no conocíamos nada de ese odio que venía de los Estados Unidos a estrellarse contra nosotros.*

Como participante daquele momento, essas palavras servem para as duas, para a mãe e filha – e ainda para terceiros que viessem a ler essas palavras, pois a *consolatio* que deve auxiliar e corrigir um, é a *praemeditatio* para outro. Como afirmou Foucault (1992 [1969]): “a escrita que ajuda o destinatário, arma o escritor – e eventualmente os terceiros que a leiam” (p. 149).

Tal processo também acontece com sua mãe, Echeverría, que mesmo quando recebeu palavras duras da filha, saberia que de algum modo aquilo estava superado. Ademais, considerando ainda que Castillo escrevia com a certeza de que seriam cartas abertas, esse mesmo movimento serve para os demais leitores saberem que é possível passar pelos horrores de uma ditadura, lutar contra ela e sobreviver. As cartas servem, ainda, como conselho para os leitores sobre o que significa uma ditadura, sobre a quais tipos de horrores as pessoas são submetidas, para que eles, enquanto é tempo de paz, se preparem para fazer oposição às ameaças de autoritarismo e se consolem no entendimento de que não dá para prevenir tudo.

Esse tipo de escrita de si também funciona para aquele que escreve no sentido de se conhecer durante o processo de escrita. Ou, de acordo com o que Foucault (1992 [1969]) traz à tona: manter o pensamento e a reflexão escritos funciona não só no sentido de se dar a conhecer a outrem, mas de conversar consigo mesmo como se fosse um outro. Ou seja, tornar-se a si mesmo um objeto de diálogo consigo e, no que viria a acontecer depois com o uso do texto como correspondência, tornar-se a si próprio um objeto de diálogo com o outro (FOUCAULT, 1992 [1969], p. 134).

Foucault explica esse tópico indicando essa ação como parte de um exercício de meditação, no qual há reflexão, assimilação e preparo para enfrentar o real. Isso pode ser percebido no seguinte trecho de Carmen Echeverría: “*No sábado, dia 5 de outubro de 1974, golpearam minha memória. Sei que já não sou a mesma. Sou outra? Finalmente eu? Qual? Ao longo dessas páginas, às vezes encontrei, toquei, e arranquei algumas dessas memórias movediças.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 295, tradução nossa, grifo da autora)<sup>25</sup>. No trecho, Castillo questiona não só a destinatária sobre quem é ela depois do que aconteceu no sábado que ela menciona, mas também a si mesma. O filósofo ainda discorre sobre o ciclo da meditação e aponta para o fato de que isso não necessariamente ocorre de forma linear, mas circular (FOUCAULT, 1992 [1969], p. 134, 135). Nessa lógica, entende-se que essas perguntas não tivessem vindo para Castillo apenas quando ela escreveu, mas que já estivessem nela em

---

<sup>25</sup> Texto original: *El sábado 5 de octubre de 1974, golpearon mi memoria. Sé que ya no soy la misma. ¿Otra? ¿Por fin yo? ¿Cuál otra? A lo largo de estas páginas, a veces encontré, rocé, arranqué algunas de estas memorias movedizas.*

um processo anterior de reflexão, e que o ato da escrita e posterior leitura permitiriam, portanto, que Castillo fosse relançada à meditação, formando assim um ciclo.

Esse ato de repetição da meditação também pode ser notado no seguinte trecho: “*No fondo, siempre falo do mesmo. A mesma história sempre: conquista, massacre, resistência. E repito, de livro em livro, frases inacabadas, suspendidas, palabras que voltam como un refrão*”. (CASTILLO, ECHEVERRÍA, 2002, p. 172, tradução nossa, grifo da autora)<sup>26</sup>. Por mais que os outros livros possam não ser entendidos como uma correspondência, ainda fazem parte do campo de estudo da escrita si que é abordada por Foucault em seu texto. O trecho, portanto, sinaliza o quão anteriores são as reflexões em relação ao momento da escrita e seu movimento cíclico, ao ponto de elas serem retomadas e reescritas inúmeras vezes.

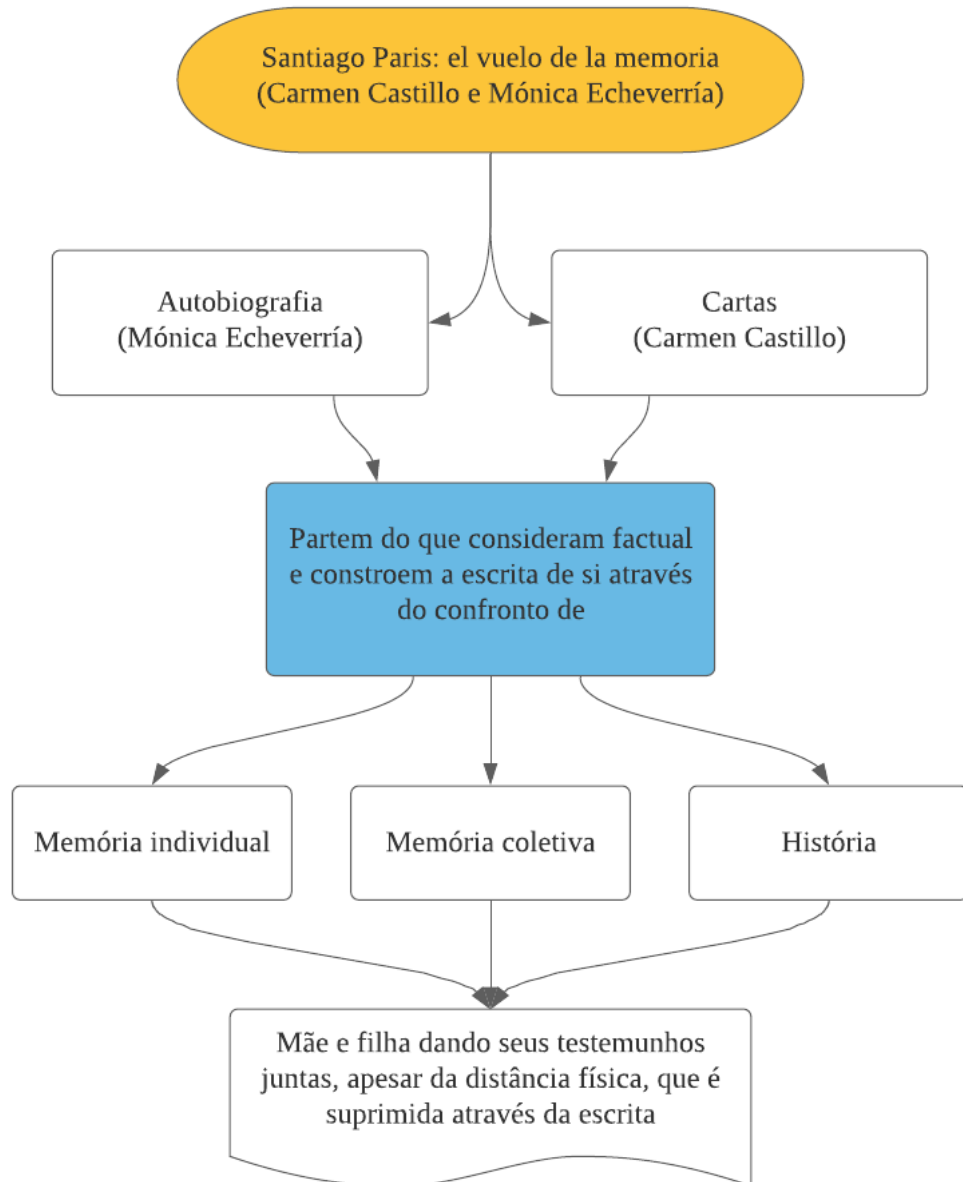
Outro aspecto levantado pelo filósofo é como a correspondência torna presente a pessoa que escreve para a pessoa que lê. Para Foucault (1992 [1969]), essa presença chega a ser quase física:

ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física. (p. 150-151)

E é por isso que o próprio movimento de escreverem esse livro dessa forma polifônica, com Carmen Castillo tendo acesso aos textos da mãe, escrevendo como uma reação a esses textos, e enviando suas escritas direcionadas a ela, foi considerado por elas como o movimento do próprio corpo, uma viagem Santiago – Paris.

---

<sup>26</sup> *En el fondo, siempre hablo de lo mismo. La misma historia siempre: conquista, masacre, resistencia. Y repito, de libro en libro, frases inacabadas, suspendidas, palabras que vuelven como un estribillo.*

Organograma 2: Uma cartografia de Santiago-Paris: el vuelo de la memoria<sup>27</sup>

Fonte: elaborado pela autora

Desse modo, pode-se perceber como a escrita de si é expressa nas duas obras, ainda que de formas diferentes, de modo a retornar a um tempo passado e refletir sobre o que foi vivido, travando um diálogo consigo mesmo, em um primeiro plano, para posteriormente haver um diálogo entre as autoras, e depois com os demais autores.

<sup>27</sup> A articulação entre memória individual, coletiva e história serão desenvolvidas no próximo capítulo.

#### 2.1.4 As classificações na terceira margem do rio

Não é possível pensar a obra *Santiago – Paris: el vuelo de la memoria* (CASTILLO, ECHEVERRÍA, 2002) como um monstro de Frankenstein, entendendo-a apenas como um conjunto de textos distintos e de pessoas diferentes costurados à força. A obra não se compõe de uma simples união de cartas a um conjunto de páginas de autobiografia. Do mesmo modo, não é possível ver a obra de Ana Maria Machado como um mero amontoado de páginas de ideias historiográficas somadas a ideias ficcionais, ou ainda, a textos narrativos, epistolares e dramáticos (que serão abordados em outro momento). É preciso pensá-las como uma unidade, pensar a composição que formam e o que esses encontros geram.

Esse tipo de união que gera um gênero híbrido é tratado por Jeanne Marie Gagnebin ao abordar as obras de Marcel Proust. Gagnebin (2006) afirma que um ponto caro para a literatura contemporânea é a junção de gêneros literários, como ensaio, romance, autobiografia e ficção. Segundo a autora, é nessa junção e no processo inventivo de criar uma unidade nova que reside a possibilidade de se criar uma obra em que a parte estética e as lembranças se apoiam mutuamente (GAGNEBIN, 2006, p. 148).

Esse gênero híbrido, para Biagio D'Angelo (2009), é um fenômeno literário da escrita latino-americana, pois a construção da consciência das singularidades próprias e embates com os ideais colonizadores e da colônia criaram um terreno fértil para a síntese de diferentes gêneros. Ademais, o autor considera que na modernidade os gêneros se rebelam contra a história da literatura, que tende a categorizar os modelos, períodos e tudo mais, como formas impenetráveis, e passam então a se comportar de forma mais orgânica, fluida. E dessa maneira, geradas e geradoras da dinamicidade, novas realidades podem ser observadas (D'ANGELO, 2009, p. 179).

É por isso que há tantas revisões dos conceitos, como é o caso do pacto autobiográfico proposto por Philippe Lejeune (2004, 2014). Afinal, nunca é o bastante e sempre há brechas na hora de definir o que é uma autobiografia, mesmo porque muitos costumam a compreender que não só os gêneros textuais dos tempos atuais são mais fluidos e se assemelham a um organismo vivo, conforme mencionado por D'Angelo, como também a crítica literária hoje tende a não globalizar e universalizar os conceitos, estando mais atenta às multiplicidades. Este fenômeno pode se ver presente na crítica literária, nas discussões da escrita da história, e em outros conceitos do campo social, como o próprio feminismo, que possui inúmeros recortes e transversalidades.

Nesse sentido, D'Angelo (2009) pontua que esse entendimento da multiplicidade, do não-homogêneo, faz com que o espaço da fronteira (seja em relação a países – o que D'Angelo afirma que também é algo que influencia o gênero literário – ou fronteiras na delimitação de conceitos literários, como tratado aqui anteriormente) entre em crise. E, que de acordo com o autor, trata-se de uma demarcação constante. De um fio invisível que desvela mitos e ficções, heróis e deformações históricas (D'ANGELO, 2009, p. 180).

Tal crise nas fronteiras dos gêneros e na construção de personagens pode ser vista nas duas obras aqui estudadas. Não há idealização de personagens como mitos heroicos, pelo contrário: ainda que pintados com um papel importante historicamente, como Marcelo, o irmão de Lena em *Tropical sol da liberdade* (MACHADO, 2005), ou Miguel Enríquez líder fundador do MIR e companheiro de Carmen Castillo, os personagens assumem uma faceta bem mais humana e vulnerável. De Marcelo é narrada toda a crise do processo de amadurecimento, de onde ele buscava inspirações, e de como poderia cumprir o que ele acredita ser seu chamado; de Miguel Enríquez é narrada a vulnerabilidade de querer perto de si, ainda que sob risco iminente, a parceira amada e grávida da criança desejada.

Ainda sobre as fronteiras, D'Angelo demonstra como a literatura rompe as linhas limitadoras dos espaços nacionais. O autor enfoca a questão interna da própria América Latina (D'ANGELO, 2009, p. 181), mas como entender essa questão sendo limitada às próprias fronteiras da América Latina quando o fenômeno de contextualidade, interdependência e relações culturais mencionadas por ele, não se restringem a esse continente, mas são ainda afetadas pelo exílio, visto que todas as autoras estudadas aqui passaram por isso? Ana Maria Machado viveu o exílio na França (assim como sua personagem Lena) e na Inglaterra, onde ainda lhe foi possível o contato com diversos exilados e exiladas de outros países latino-americanos que compartilhavam de sua experiência. Assim também aconteceu com Mónica Echeverría e Carmen Castillo, que passaram pela Inglaterra, França, Cuba e, no caso de Mónica Echeverría, também pela Venezuela.

Desse modo, a múltipla contaminação descreve e impõe uma maleabilidade, porosidade e falta de rigidez na escrita das autoras e dos gêneros escolhidos por elas. D'Angelo (2009) acredita que a contaminação influencia a personalidade do autor e suas escolhas “utilizando certos materiais e escolhendo lugares específicos do imaginário” (p. 182). Sob esse prima, o autor modifica, renova e cria gêneros novos, mesmo que de forma não propositada. E por fim, altera também as relações interliterárias e interdisciplinares. Para D'Angelo “os gêneros se ‘comportam’ da mesma maneira. As condições que eles apresentam poderiam chamar-se de

‘mestiças’” (D’ANGELO, 2009, p. 182). Mestiçagem e hibridismo vivem tangencialmente nos gêneros literários e com isso é possível perceber que chega a ser anacrônico querer falar de gêneros puros, ou até mesmo querer dar conta da totalidade de suas obras apenas tratando cada um dos gêneros literários utilizados pelas autoras sem considerá-los juntos como um gênero mestiço.

Sob esse prisma, quando D’Angelo (2009) diz que:

os pontos de contato entre fronteiras dos gêneros respeitam a natureza própria do hibridismo, isto é, não uma total integração e reabsorção dos elementos em jogo, mas uma coexistência no cruzamento, uma predileção mais pelo deslocamento de signos simbólicos do que de uniformidade (p. 182)

o que ele expõe é a quebra de contrato com um estudo da literatura que se dá de forma linear, optando por um caminho que considera que esses estudos devam seguir de maneira mais aberta, se entrecruzando. Afinal, foi possível tratar os elementos dos diferentes gêneros textuais de cada autora em suas teorias, a questão não é dizer que isso não deve ser feito, mas que o que não se deve fazer é ignorar esse espaço da obra como um todo propiciador de encontros. Para o autor ainda é possível concluir que essa não estatização dos gêneros evita a automatização do literário e propõe renovações a partir de dentro da própria literatura, em outras palavras “a hibridez dos gêneros não é monstruosidade”, não é o Frankenstein, “mas um novo organismo que vibra” (D’ANGELO, 2009, p. 183).

Desse modo, gera-se um novo organismo que não aceita imposições e que considera a significação também nas condições da produção, nos encontros, desencontros e seus vãos. É a contramão do caminho da imposição. Esse movimento, pois, aponta para uma estratégia de problematização do próprio processo de escrita, além de uma descentralização e uma quebra da rigidez, que vão ao encontro com as ideias de se tratar a história através de uma nova perspectiva, a metaficção historiográfica, na obra de Machado e na conjunção dos textos de mãe e filha, na obra de Castillo e Echeverría:

o gênero literário é, desde o começo, impuro, misturado, plurilíngue, mestiço, errático e gerador de culturas constantemente movediças. Para resistir à função nomenclativa ou taxonômica, o gênero deve se distanciar e criar, desde o começo, uma alternativa à norma; dessa maneira, o gênero é errático. (D’ANGELO, 2009, p. 186)

É importante salientar ainda que, para D’Angelo (2009, p. 187), todo hibridismo nasce de um momento de crise, e isso faz todo sentido quando nas obras aqui estudadas. Enquanto Ana



Maria Machado e/ou sua personagem Lena tiveram que encontrar formas de escrever que as permitissem se rebelar contra o período de censura que caracterizava o trabalho na mídia, Mónica Echeverría também busca seus meios para romper o silêncio e as proibições que viveu na pele. De semelhante modo, sua filha, Carmen Castillo, também teve suas crises ao lidar tanto com os cerceamentos e censuras do momento político de repressão chileno, como também com a censura que encontra dentro da própria militância no MIR, que via o relato pessoal que envolvesse o amor, como uma forma de desmoralizar o partido, a revolução e o homem amado por ela. Assim, não há forma ideal de retratar um momento traumático e tão cheio de restrições como o período ditatorial do Brasil e do Chile, mas a literatura viabiliza, através da sua falta de rigidez, o acolhimento, tanto dos relatos, quanto da diversidade da criatividade humana frente as adversidades.

Acerca dessa mestiçagem nas obras das autoras aqui estudadas, vale ressaltar que não se trata apenas da junção dos gêneros em uma obra, mas dos melindres perpetrados dentro delas mesmas. A voz narrativa criada por Ana Maria Machado no romance de metaficção historiográfica *Tropical sol da liberdade* (2005) por vezes navega por páginas como se estivesse a compor um ensaio comentando ora a situação política do país, como momentos históricos de caminhadas e protestos, ora a vida das personagens e suas decisões. Em alguns trechos a autobiografia de Mónica Echeverría também se assemelha a ensaios, ao passo que em outros se parece com um livro de história bem demarcado, mais rígido, e dividido em períodos, com datas, nomes e sobrenomes de políticos, presidentes e generais.

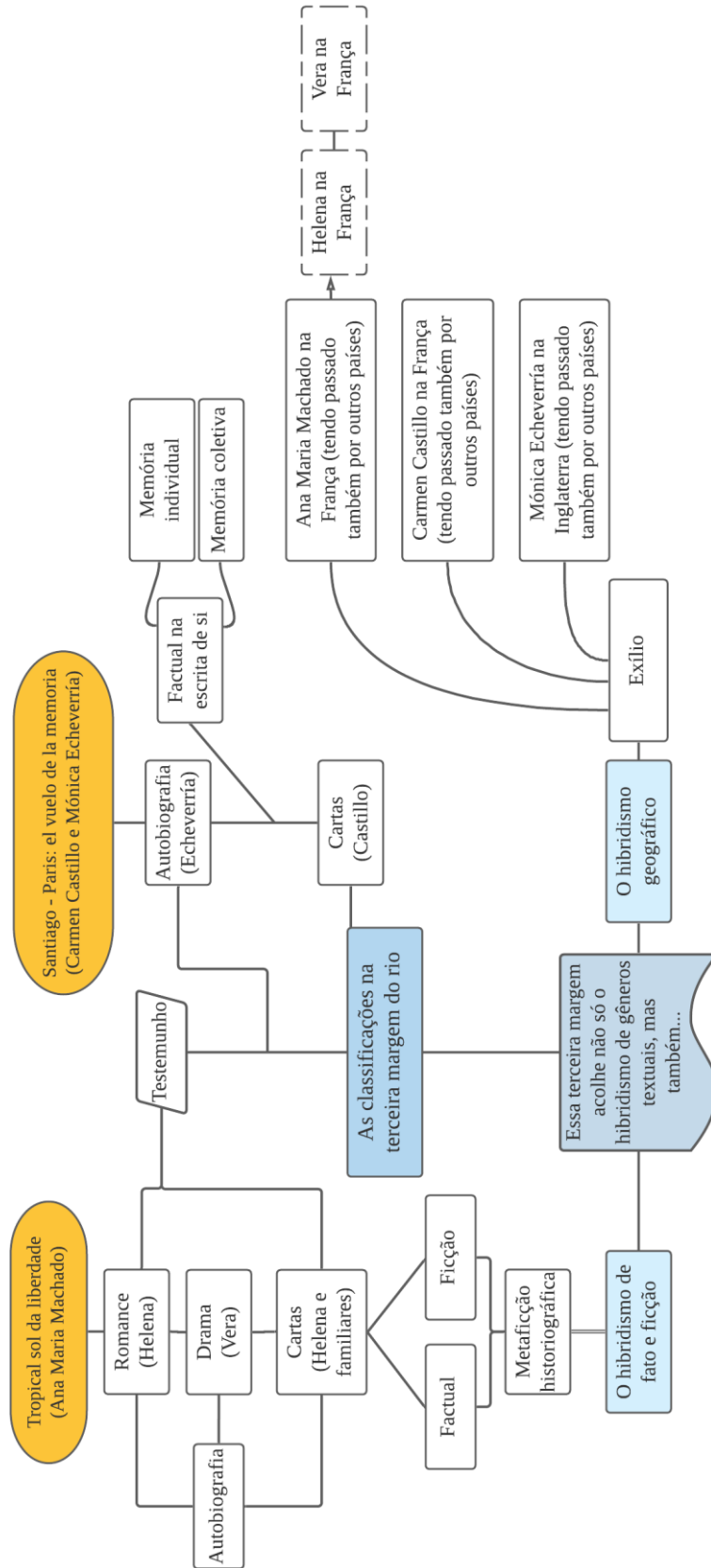
Michel Serres (1993) em sua filosofia mestiça compara essa condição à de um homem que nada, pois nesse movimento ele não é mais só um bípede, mas é também um peixe. Ao contrário da metáfora do monstro de Frankenstein utilizada no início dessa seção, em que partes de corpos diferentes são unidos à força em uma criatura, no ser híbrido ou mestiço, como descreve Serres (1993), há um novo nascimento. E esse ser que nasce já não é refém de um só domínio, mas consegue circular bem em vários meios. É por isso que a metáfora do anfíbio, ou do ambidestro, explica bem o motivo de ser tão complexo classificar esses textos mestiços de forma tão incisiva, porque quando eles alcançam esse patamar de hibridismo, ora eles se adequam bem em uma classificação, ora se adequam bem em outra:

você o crê duplo, ambidestro, dicionário, e ei-lo triplo ou mestiço, habitando as duas margens e vagando pelo meio, ali para onde convergem os dois sentidos, mais o sentido do rio que corre e o sentido do vento, mais as inclinações inquietas produzidas pelas braçadas, e as numerosas intenções que provocam decisões; nesse rio dentro do rio, rachadura no meio do corpo,

forma-se uma bússola, ou rotunda, de onde divergem vinte sentidos ou cem mil. Você o acreditara triplo? (SERRES, 1993, p. 13)

O filósofo aponta, portanto, para a possibilidade de ser/existir nesse e como esse outro caminho em que não se escolhe esta ou aquela posição, mas abraça as possibilidades todas no nado, no movimento. No nado, tanto o sentido das braçadas, como do vento ou da correnteza coexistem. De semelhante modo estão e são as autoras e suas obras: indo pelo rumo da terceira margem do rio, como no conto de Guimarães Rosa.

Organograma 3: Uma cartografia das duas obras em seus hibridismos



Fonte: elaborado pela autora.

Essa análise, portanto, aponta para como a memória, para ser manifesta através de palavras, busca acolhida em diferentes formas estéticas e, dessa forma, textuais. Foi possível ver essa mestiçagem estética através da obra de Ana Maria Machado (2005), que abarcava metaficção historiográfica em seu romance e drama; e, de semelhante modo, em Santiago – Paris (2002), das chilenas Mónica Echeverría e Carmen Castillo, com a mistura de autobiografia e cartas. Finalmente, o hibridismo, por ser como é, está longe de ser acolhida de maneira simplista e encaixada em um gênero estático, antes ela se pretende a ser acolhida por olhares comparatistas, ainda que de forma polêmica, com suas complicações e paradoxos. É a partir dessas crises e desses encontros que os autores aqui apresentados acreditam que podem surgir novas possibilidades no rompimento das linhas invisíveis (e muitas vezes imaginárias) impostas, seja pela sociedade, no sentido político, como no social, no sentido do patriarcado, e cabe também dizer: autoimpostas, como uma reação às violências de gênero que as mulheres enfrentam e com as quais precisam lidar em sua escrita.

## **2.2 A representação da memória de mulheres: por que elas escrevem?**

O primeiro aspecto que será abordado é o sentido de motivação para a escrita dessas obras, algo que apresenta muitas facetas e que, por isso, muitas vezes parecem se contrapor. Porém, o que essas aparentes contradições revelam é a complexidade de composição das autoras, das personagens e das narrativas. Uma das motivações para a escrita é tecer a memória através da relação mãe e filha. Tal vínculo é, para Elaine Showalter (1997), bastante presente na segunda fase da escrita feminina. A estudiosa aponta os laços entre mãe e filha como um dos elementos que une as mulheres, em uma chamada subcultura feminina (1997, p. 15).

Avançando a descrição das questões que influenciam a escrita feminina, Showalter (1997) afirma que “um fator que se repete com frequência notável nos antecedentes dessas mulheres é a identificação e a dependência do pai; e perda ou alienação da mãe”<sup>28</sup> (1997, p. 61, tradução nossa). Além disso, a autora menciona que essas tensões entre mãe e filha são, muitas vezes, os reflexos, ou representações, de crises morais ou psicológicas frente à tomada de decisões e do que é ser uma mulher, ou o que faz uma mulher.

---

<sup>28</sup> Texto original: A factor that recurs with remarkable frequency in the backgrounds of these women is identification with, and dependence upon, the father; and either loss of, or alienation from, the mother.

Assim, olhando para as obras analisadas, tem-se no livro de Ana Maria Machado, um capítulo de sua autobiografia cuja epígrafe é de Montaigne “Eu mesmo sou a matéria de meu livro.” Ainda nesse capítulo, a autora afirma:

Sempre soube que um dia teria que escrever sobre a relação entre mãe e filha, mas morria de medo de ferir minha mãe ao falar em minhas dores de filha. Nessa tarde, ficou claro que era inadiável. Levei seis anos até conseguir pingar o ponto final. E não tinha a menor ideia de para onde estava indo, como iria acabar. (MACHADO, 1996, p. 68)

A obra começa com a personagem principal, Helena Maria de Andrade, ou Lena, como é tratada na maior parte do livro, recolhida à casa da mãe para recuperar-se de um dedo quebrado do pé, embora o que de mais grave a personagem apresentasse fossem os episódios de confusão mental e desorientação. Assim, a história tem em seu ponto inicial esse desejo do diálogo entre mãe e filha, ainda que de forma conturbada: “Tinha todos os lugares do mundo para fazer isso. Nem ela mesma sabia por que escolheu a casa. Talvez quisesse colo de mãe. Mas seria surpreendente admitir isso. Não sabia pedir e a mãe não sabia dar.” (MACHADO, 2005, p. 18).

Além disso, outra questão pertinente a ressaltar sobre essa obra e que também é discutida por Showalter (1997) é a relação da filha com o pai, num sentido de predileção, em detrimento da mãe – que ou está ausente, doente ou com quem se tem muitos conflitos. Como já mencionado, há muitos conflitos entre Lena e Amália, e um deles é marcado pelo ressentimento de Amália em relação à filha por ela ter ficado – em seu ponto de vista – ao lado do pai durante o divórcio deles:

Custava a se abrir, a dar sua opinião. E, quando falava, muitas vezes parecia que queria implicar, provocar mesmo. Como aquilo de achar que o pai tinha sido até muito digno ao sair de casa para viver com outra mulher com quem já se encontrava abertamente, num desrespeito escandaloso:

—Mas mamãe, ele está até sendo honesto em assumir, não mentir. E tem o direito de ser feliz.

E ela, não tinha? E a humilhação pública de ser trocada por outra? E os anos todos de sua vida em que não teve uma carreira, ficou só cuidando dele e da filharada, vivendo para o homem com quem se casara, [...] Vida profissional, casamento, nova família, nada disso se abre outra vez para uma mulher de sessenta anos como se oferece a um homem da mesma idade. [...] E ainda ter que ouvir que ele era honesto e tinha o direito de ser feliz, **punhaladas em formas de palavras, vindas da boca de sua própria filha. Era demais...** (MACHADO, 2005, p. 153-154, grifo nosso)

Nesse trecho, o conflito entre mãe e filha apresenta-se através da falta de apoio diante de uma questão que a colocava em posição mais vulnerável devido ao seu gênero e à quebra de

expectativa em relação ao resultado de se cumprir o papel da mulher que é socialmente imposto. Papel bem conhecido por Amália, de esposa, mãe e dona de casa, e cumprido por ela com louvor, mas que não gerou os frutos que a sociedade prometia às mulheres que o cumprissem. O ponto de conflito reside no posicionamento assumido pela filha que, tão mulher quanto ela, parecia não entender o sofrimento da mãe. Apesar disso, a mãe sabe que a filha raramente se encontra com o pai e se conforta no fato de que é ela a quem Lena recorre quando necessário, era com ela que Lena estava naquele momento e era ela quem recebia o afeto da filha, mesmo sendo desajeitado. Amália prossegue o trecho dizendo que a filha era difícil de ser compreendida e, retornando à metáfora da casa, cheia de cômodos complexos, mas ainda assim bem fundada e sólida. Destaca-se nesse trecho que o espaço da casa, tantas vezes destinado às mulheres, é usado como símbolo de sua personalidade e fortaleza.

Machado pode encontrar no gênero de metaficção historiográfica a possibilidade de contar sem contar. Qualquer leitor reconhece os indícios que relacionam a personagem Lena à autora, mas quando ela muda os nomes e embaralha os fatos, ela se isenta – em certa medida – de um conflito com a mãe, cuja preocupação é expressa na autobiografia de 1996, *Esta força estranha*, e também na obra aqui analisada:

E, principalmente, nesse momento, diante da questão de escrever sobre a mãe, o que sentia é que não poderia fazer isso porque ela não iria compreender, ia se sentir de algum modo ferida ou magoada por ser mostrada em público, mesmo disfarçada, em uma imagem que não correspondesse à sua própria auto-idealização. Mais uma vez Lena se debatia de encontro à vidraça que separa a memória e a fantasia, a ficção e a realidade. Voltava ao ponto já discutido com Honório; comprovava que evitar o depoimento, o testemunho e a confissão não implicava se ausentar da cena. Pelo contrário, acaba forçando uma presença mais intensa, mais exacerbada até, obrigando a condensar traços dispersos de maneira simbólica. (MACHADO, 2005, p. 170)

E assim é trabalhada a motivação da escrita através do laço entre mãe e filha, sob o véu da proteção da ficção, na vidraça espelhada que separa a memória da ficção. Um pássaro só se debate no vidro quando não o percebe ali, quando o percebe como um reflexo de árvores ou de céu e segue em direção a ele. Nesse sentido, é possível ver a obra cogitada pela personagem possuindo um reflexo de sua memória, de realidade, ao passo que a fantasia e a ficção são as condensações de determinados traços e simbolismos.

Quando se eleva essa ideia para a obra de Ana Maria Machado em geral, e não apenas para a obra que a personagem Lena pretende escrever, essa condensação de traços e simbolismos se manifesta pelas mudanças de nomes dos personagens, como no pensamento de

Lena revelado pela voz narradora: “Ia encontrar Roberta e Paula (precisava lhes dar outros nomes, como personagens)” (MACHADO, 2005, p. 342). Ou quando em outro trecho a narrativa exhibe o medo de Lena em ser desnudada pela própria mãe, como ocorre quando Amália lê às escondidas a peça que escrevia: “E ela lembrava bem da história, só que tinha certeza de que o rapaz não se chamava Tiago, não, era um outro nome, ela não lembrava mais.” (MACHADO, 2005, p. 237). E continua: “os nomes deles de verdade não eram mesmo Tiago e Tânia, não, mas ela nem conseguia lembrar mais, tinha bloqueado.” (MACHADO, 2005, p. 238). Nessa situação, Lena não a apanha no flagra, como se a autora simbolizasse nesse enredo uma fuga da possibilidade de se chocar com a vidraça, quebrá-la ou retirá-la, de a memória colidir com a fantasia, a ficção com a realidade.

Além dessa relação entre mãe e filha na motivação de escrita, é possível ver um mote político mais amplo e social, ainda que atravessado por questões pessoais. E assim, vê-se uma segunda faceta da mulher Lena. Ela é filha, escritora e fica na corda bamba entre ser uma militante e não ser. Em uma conversa entre Lena e Honório, ele a incentiva a escrever seu testemunho sobre o período da ditadura. Helena reluta, pois não se acha no direito de escrever qualquer coisa por não acreditar que sua participação tivesse sido tão importante. Mas Honório segue a incentivando, e sugere que ela escrevesse a narrativa de quem não estava no olho do furacão, mas na periferia e Lena responde tentando definir qual foi seu lugar na resistência política:

Para mim, o tempo da minha periferia, em que eu estava sempre gravitando em torno. Eu tinha a impressão de que estava na periferia de tudo o que acontecia de mais arriscado. Eu corria os mesmos perigos de quem estava no centro. Talvez até mais. Porque eu não tinha nenhum esquema de proteção. Mas ao mesmo tempo... (MACHADO, 2005, p. 40)

Lena expressa que em dado momento durante a ditadura militar não bastava só o que uma pessoa escolhesse. Mas que alguém, no caso ela, ficava vulnerável à forma como qualquer um de fora – no caso, militares ou qualquer pessoa que pudesse denunciá-la, a visse, e assim ela corria riscos, tanto quanto quem estivesse no centro das ações. Do mesmo modo, também ficava vulnerável a ser sugada contra a sua vontade para o centro das ações por aqueles que estavam declarada e decididamente na resistência. E estes envolviam aqueles com quem ela tinha proximidade por laços familiares, no caso de seu irmão, Marcelo, ou de amigos e colegas de profissão que estavam constantemente sob a mira da ditadura. Honório responde que não é

verdade, que ela tinha tanta proteção quanto alguém que estivesse no centro, Lena concorda e continua:

Porque eu não tinha escolhido aquilo. E cada vez mais descobria que não tinha escolha, tinha que continuar, seguir em frente, porque também tinha certeza de não ter escolhido a neutralidade, de jeito nenhum, eu estava o tempo todo super solidária com vocês. Mas era mesmo a única coisa que me restava, a solidariedade... porque eu não queria andar pelo caminho de vocês. Só que não havia outro. E era impossível parar. Na velocidade alucinada em que tudo vinha, era capotagem na certa... (MACHADO, 2005, p. 40)

Nesse trecho fica claro que Lena se posiciona como solidária à causa, pois diz não ter escolhido a neutralidade, mas ao mesmo tempo afirma não ter escolhido nada, e sim estar sendo sugada por um contexto que a escolheu. Nesse ponto, a militância não é retratada como algo sacrificial voluntário, mas pelo contrário, como algo ao qual se tenta resistir. Como que em um ímpeto de uma vontade de negar o que acontece à sua volta e viver de forma alienada, mas que não é possível à Lena, alguém com as ideias claras, como afirma Honório:

— Aí você acabou indo embora.

— Claro. E não fui a única. Mas teve muita gente que não teve nem essa escolha. E que foi sugada diretamente da periferia para o centro.” (MACHADO, 2005, p. 40-41)

Lena não estava em posição de poder estar na corda bamba como tantos outros permaneciam, como Barros, seu chefe, a quem era permitida uma duplicidade até escancarada. Esse personagem que ele representa, como é revelado pela voz narradora, é entendido por Lena como um clichê, um chavão puro, uma caricatura tão bem-feita que ninguém iria acreditar ser verdade: homem, em uma camada socioeconômica privilegiada e com cargo alto na hierarquia de um jornal – já que ocupa o lugar de quem pode decidir ou não qual informação é circulada e como ela será articulada. Sobre Barros, a voz afirma que ele “ficara tão completamente ao lado do poder que, embora bancando o liberal e tendo atitudes ocasionais de solidariedade pessoal com os amigos em maus lençóis com a repressão, era capaz de, ao mesmo tempo, ser amigo de um torturador que frequentava sua casa.” (MACHADO, 2005, p. 45). Ou seja, a alguns era permitido se comprometer dessa forma e sair ileso, enquanto a outros, como Lena não. Sendo assim, ela se viu obrigada a partir em exílio.

Mas como a condição humana impõe, os seres humanos são contraditórios, e em outro ponto é possível ver mais uma discussão entre Helena e Honório – aquele que insiste para que



ela escreva o livro e que anteriormente concorda que Lena é solidária à causa da resistência –, quando Helena diz:

Minha perspectiva é voltar, está sabendo? Não vou deixar ninguém complicar minha vida e atrapalhar isso... Não estou aqui para ficar recebendo carta de 15 laudas, um tijolo num envelope todo rasgado e colado a durex pelos homens, num código ridículo cheio de palavras sublinhadas, qualquer idiota decifra à primeira vista... Não admito que me usem... (MACHADO, 2005, p. 35)

Nesse trecho é possível ver, ainda que em meio às contradições, uma mulher dona de sua vontade, que não está limitada a alguma amarra que a obriga a ir nessa ou naquela direção, semelhante ao que Carmen Castillo diz que aconteceu com ela no exílio. Dessa forma, a imagem construída da mulher na personagem Lena não é uma imagem estereotipada, como se só houvesse dois lugares possíveis para que ela estivesse, com se só houvesse dois polos possíveis a ser ocupado pela Mulher como induz a leitura de Mirele Carolina Werneque Jacomel da obra:

Helena viveu sua juventude durante esse período e desejava participar de todas as ações que seus companheiros e irmãos lideravam. No entanto, sempre um desses “homens” a aconselhava a desistir, retomar seu lugar de “sexo frágil”, fazendo circular um discurso latente na maioria dos homens, que é proteger a mulher da realidade brusca. (JACOMEL, 2008, p. 425, 426, grifos da autora)

Não há na obra nada que indique que houvesse em Helena esse desejo de seguir os irmãos homens na forma que eles atuavam e ser impedida. Primeiro, que sobre “irmãos” o foco é apenas em Marcelo, então a autora não aborda quase nada do outro irmão e sobre a forma que atuava politicamente. Outro ponto é que não há momento em que Helena tentasse se engajar em algo e alguém a fizesse recuar para seu lugar de sexo frágil. Pelo contrário, Helena é quem inúmeras vezes tenta se poupar de se envolver, como na situação do conflito com Honório por causa das cartas, como citado anteriormente. O único homem que confronta Lena é Barros, mas muito mais no sentido de uma discussão sobre estar do lado de quem (ditadura ou resistência) do que de diretamente a colocar no lugar dela por ela ser mulher. Ou seja, Lena apresenta também uma mulher com poder de decisão e voz – afinal, entra em debate com seu chefe – e que não está submetida à decisão de um homem, seja no sentido de obrigá-la a retomar a um suposto lugar de sexo frágil, seja no lugar de se arriscar na resistência. Mesmo assim, mesmo nessa corda bamba, Lena insiste em escrever a peça de teatro retratando seu tempo no exílio. E diante desse cenário complexo, se é que se pode assim dizer, Ana Maria Machado escreve esse

livro. Portanto, é preciso tomar cuidado para não desconstruir um estereótipo para o que é ser mulher, enquanto cria-se outro de como deve ser uma mulher.

Outro ponto que também abrange a aproximação entre mãe e filha é sobre quem narra e como narra. Os capítulos, são narrados majoritariamente a partir da perspectiva de Lena, com exceção do capítulo IV e do capítulo VII, que apenas começa a partir da perspectiva de Amália. A voz narradora da obra se propõe a ser onisciente e, embora em muitos momentos não assuma marcas de gênero feminino, por vezes sua voz se confunde com essas duas personagens: Amália (a mãe) e Lena (filha). Isso é tão marcante que chega a ser comum ler resenhas e análises da obra confundindo a voz narradora com a voz da personagem Lena.

Como a voz do narrador é construída de modo a se fundir, ora à voz de uma personagem, ora à voz de outra, a voz narradora acaba por ser um ponto de contato entre as consciências das duas personagens. Sobre Lena tomando sol, por exemplo, o narrador diz: “Melhor botar na cara o chapéu. Pronto, assim estava mais gostoso.” (MACHADO, 2005, p. 19). Nesse caso, a voz narradora é quem parece pensar sobre o que era o melhor a fazer, e quando diz “pronto”, soa como se ela mesmo tivesse tomado essa iniciativa, e que, por fim, julgava o resultado: “assim estava mais gostoso”. O narrador não aponta que Lena considerava bom o resultado de colocar o chapéu, mas o próprio narrador se coloca na posição de dizer que estava bom, confundindo assim a voz que narra com a voz da personagem. Isso também acontece de modo similar em “Gozado estar ali assim, contemplando bichinhos a esta altura da vida. Mais uma vez.” (MACHADO, 2005, p. 19), em “A [música] de hoje era perfeita, Chopin.” (MACHADO, 2005, p. 94), em “Uma vez foi até engraçado” (MACHADO, 2005, p. 249) e em “Estranho, essa não era uma lembrança de dor. Era só de susto, como se suspendesse o tempo bruscamente, desse maior nitidez aos fatos em volta, e recortasse de espanto cada detalhe.” (MACHADO, 2005, p. 270), como se as reflexões feitas por quem narra, fossem as próprias reflexões da personagem, pois não só observa, mas sente e vive a mesma experiência.

Há ainda, em outro ponto, uma fusão entre a voz do narrador exaltada com uma reação da própria personagem Lena ao fato de as pessoas julgarem que ela estava melhorando dos episódios de desorientação: “Como é que podiam achar que ela estava melhorando, porra?” (MACHADO, 2005, p. 52). Esse trecho ainda é seguido de uma série de indagações, que ainda que termine o trecho marcando o pronome “ela”, deixando claro que o narrador fala de Lena, soa como um desabafo, uma explosão, como uma enxurrada de questionamentos pessoais emitidos por uma pessoa cansada de uma determinada situação:

Melhorar era isso? Ficar dividida entre dois mundos? Parecer bonitinha e boazinha no mundo lá de fora que todo mundo está vendo, feito aquelas meninas exemplares dos velhos livros infantis, enquanto num outro mundo lá dentro a cabeça girava em moto contínuo, pensando e lembrando sem parar, e ela não conseguia partilhar a vertigem com ninguém?” (MACHADO, 2005, p. 52)

Mais adiante, essa confusão entre narrador e personagem acontece de forma ainda mais explícita no capítulo IV, no qual há um enfoque maior aos fatos pela perspectiva de Amália. Logo no começo, o narrador se coloca ao lado da personagem dizendo: “Quando **a gente** mora num lugar assim, na roça e na beira da praia, aprende a viver diferente de acordo com o tempo que faz lá fora. (MACHADO, 2005, p. 69, grifo nosso). No trecho destacado é visível que “a gente” não se trata de “as pessoas”, de modo geral, mas trata-se de um sinônimo da primeira pessoa do plural, portanto, a voz narradora está se incluindo. No mesmo capítulo, discorrendo sobre a educação no governo militar, a voz narradora comenta com um certo sarcasmo sobre uma decisão tomada em meio a efervescência no meio estudantil: “Pois não foi bem nesse clima que o governo resolveu fincar pé e entregar o planejamento de **nossa** educação a peritos estrangeiros?” (MACHADO, 2005, p. 78, grifo nosso). Nesse trecho, mais uma vez a voz narradora se inclui na reflexão. Não é possível dizer se o narrador seria a consciência de uma personagem ou algo superior ali, mas, nesse caso, com certeza se trata de um sujeito brasileiro e crítico à situação política do país.

Na mesma página a voz narradora segue se incluindo: “Amália tinha todo esse calendário gravado, bem nítido na memória. **A gente** não esquece essas coisas. Lembra quando filho tem coqueluche, quando quebra um braço, quando fica a noite inteira com aquele febrão que não cede.” (MACHADO, 2005, p. 78, grifo nosso). Mas aqui é possível ter mais uma informação sobre quem narra. Ao dizer “a gente”, quem narra se coloca no lugar de quem compartilha a mesma experiência que Amália, uma mãe. Ainda que possa ser uma vivência tanto masculina como feminina, é sabido que debaixo do patriarcado cabe às mulheres velar pelas crias como é descrito ali pela, provável, narradora. E desse modo, a voz narradora vai se aproximando mais da experiência feminina.

Continuando esse capítulo, há mais um episódio em que a narradora se envolve. Dessa vez mais explicitamente em relação à experiência de gênero e não deixa dúvidas de que a narradora é feminina ao se confundir, ou fundir, com a voz de Amália:

E Teresa? Meu Deus, onde estaria Teresa? Que direito aqueles brutamontes tinham de empurrar e ameaçar todas aquelas moças e rapazes, prometendo

surras e espancamentos? Então **a gente carrega um filho durante nove meses, põe no mundo, amamenta, alimenta, ajuda a crescer, prepara para a vida** e então vem um oficial prepotente e dá ordem para uns facínoras e eles começam a surrar essas crianças que **a gente adora** e que não fizeram mal a ninguém? (MACHADO, 2005, p. 80, grifo nosso)

Nesse trecho, na parte destacada, “a gente carrega um filho durante nove meses, põe no mundo, amamenta, alimenta, ajuda a crescer, prepara para a vida”, não há dúvidas de que a narradora compartilha com a personagem Amália da experiência feminina de gestar, dar à luz, amamentar e criar um filho. Na expressão “a gente”, a narradora se inclui e compartilha da experiência citada. E a fusão de narradora e personagem continua. Na mesma página, no parágrafo em que a narradora descreve o que está acontecendo e o que estão fazendo em relação à espera e procura da filha Teresa a narradora diz:

Ligaram de novo. O telefone tocou, tocou, não houve resposta. Foi assim a noite toda, uma agonia. Alberto achava que não adiantava sair a esmo, convinha esperar um pouco. Ela cedeu, o marido era mais experiente nessas coisas. Mas foi uma aflição só. Onde estará minha filha, meu Deus do céu? O que fizeram com ela? Não deixe que nada aconteça, eu imploro... Olhe, a gente faz uma troca, o Senhor salva minha menina e então faz acontecer alguma coisa ruim comigo, para compensar, ninguém precisa saber... Por favor, tome conta dela, meu Deus...

De madrugada o telefone tocou, era Teresa. (MACHADO, 2005, p. 80-81)

Na parte citada é possível ver que não há marca de aspas para introduzir uma fala ou um novo parágrafo com travessão. Também não há declaração de quem narra de que vai introduzir o pensamento de Amália. O raciocínio de quem narra se transforma no raciocínio da preocupação de uma mãe, e não qualquer mãe, mas de Amália, aflita, e que barganha com Deus pela segurança da filha Teresa. E por fim, em mais outro trecho:

Ouvir uma filha soluçando pelo telefone, de longe, precisando da gente, sem que a gente possa abraçar, só podendo dizer feito uma boba:

— Calma, meu bem, não chore, já passou... E Adriano? Está bem?

Aos poucos, entre os soluços da filha, Amália foi ouvindo e recompondo o que tinha acontecido. (MACHADO, 2005, p. 81)

Nesse trecho também fica claro que quem narra toma o lugar, a voz, de Amália, e se coloca como quem está ouvindo a filha chorando e como quem vai responder feito uma boba. Depois da fala demarcada de Amália, quem narra parece voltar a si, a um papel seu, e não ao

papel de usurpar a vivência, sensações e voz da personagem. E o capítulo termina sem mais fusões entre narradora e quem é personagem.

Para Adelaida Martinez (2001), o ponto de vista da mulher que escreve é tão diluído e disperso no texto que impossibilita a presença de um narrador onisciente. Diante do que foi discutido até aqui, é possível dizer que essa característica da narradora se restringe apenas às duas personagens: Helena e sua mãe Amália. Essa dispersão da voz da autora, que é mulher, no texto é o que impediria, portanto, de que os outros personagens, principalmente masculinos, tivessem seu subconsciente explorados da mesma forma, ao passo que também não é à toa que as únicas personagens que tem suas mentes escancaradas para o leitor sejam personagens femininas, e mãe e filha, retornando para esse laço feminino.

Além disso, há mais dois recursos narrativos dos quais dispõe a autora Ana Maria Machado na composição dessa obra. Um deles é a inserção de cartas, todas no capítulo IX, trocadas no período em que a personagem Lena estava fora do Brasil. A primeira a ser mencionada é uma carta de Helena a Marcelo que nunca foi entregue (MACHADO, 2005, p. 204-207). Essa carta aborda assuntos banais e corriqueiros entre irmãos, como o fato de ela ter um molde do tamanho do pé dele na carteira, discos que ela ouvia, fotografias do filho dele que está na África em um exílio da mãe, lembranças de adolescente que caminham até que se transformam em digressões sobre as decisões de Marcelo pela militância.

Nesse caso, Lena fala sobre quando Marcelo decidiu que traçaria um plano para tirar alguém da cadeia. E afirma para ele: “Tirou, Sabe Deus como. E a que preço. Sabemos todos. Mas como a história anda muito mal contada, vou também guardando para a História o que houve mesmo. Um dia a gente conta.” (MACHADO, 2005, p. 207). Quando o personagem Honório afirma para Helena que todos ficariam tentando decifrar quem era quem na história dela, um dos casos em que se pode claramente fazer isso é com esse personagem, Marcelo, irmão de Lena, que ao que tudo indica representa Franklin Martins, irmão de Ana Maria Machado que participou do sequestro do embaixador americano, resultando na liberação de vários presos políticos.

As outras cartas são de Lena para a mãe, datada de 7 de março de 1970; Lena para os pais, de 5 de maio de 1970, da irmã Teresa para Lena, de 20 de maio de 1970, de Lena para os pais, de 18 de junho de 1970 e de Teresa para Lena, de 14 de julho de 1970. Comum a todas é o período em que foram escritas, o qual coincide com o exílio de Lena na França. Em todas as cartas os assuntos tratados giram em torno de questões referentes a trabalho e sobre um casal, Eduardo e Patrícia, que devia dinheiro para Lena, referente a um trabalho prestado a eles em

alguma revista, o qual nunca foi pago por Eduardo. O assunto segue mencionando que no período de redemocratização ele virou diretor de cinema fazendo filme de esquerda, virou astro de novela e ocupou cargos no governo com a esposa (MACHADO, 2005, p. 223), mostrando através disso o lado da militância que não é tão solidário.

Esse episódio leva a um terceiro recurso narrativo que é usado pela autora nessa obra. A personagem Lena estava encontrando essas cartas ao revirar caixas do passado justamente para encontrar material para a peça que escrevia. Essa peça que aparece na obra em curtos trechos inacabados, Lena escrevia com dificuldade devido ao que ela chama de doença, caracterizada por episódios de confusão mental, perda de equilíbrio e dificuldade de formar palavras e frases coesas. Essa peça, ao menos nos poucos trechos que são compartilhados na obra, é centrada no exílio, e data do período que Lena foi forçada a viver fora do país para não servir de isca para que os militares encontrassem seu irmão Marcelo. Nela, Lena se chama Vera.

Isso pode ser entendido, de acordo com a teoria de Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000 [1979]), como o uso de máscaras. As estudiosas defendem que a mulher escritora comumente apresenta uma ansiedade na escrita que pode ser causada e se manifestar de muitas formas dentre as quais a distribuição de sua identidade. Embora as análises de Gilbert e Gubar (2000 [1979]) sejam centradas em descrever a ansiedade sofrida devido ao fato de a autora ser mulher, na obra em questão tal sentimento pode emergir também por outros motivos, como no caso já discutido anteriormente sobre as questões referentes à mãe e insegurança de ela ler como a descreveria e coisas do tipo. Além disso, outro causador dessa ansiedade pode ser o trauma decorrente da opressão do regime militar, tendo em vista que o livro foi publicado no período de redemocratização, mas começou a ser escrito ainda em tempo ditatorial.

Outra preocupação demarcada pela personagem Lena na discussão com Honório é de que ela não queria acabar fazendo como outras pessoas e escrever coisas que não aconteceram: “Tem gente também bancando o herói, contando coisas que não fez, faturando epopeia e charme em cima das ações dos outros, para não falar de coisas mais graves.” (MACHADO, 2005, p. 38). Sobre isso, Idelber Avelar (2014) faz um estudo sobre as masculinidades sob a ditadura, e um dos seus enfoques é na obra de Fernando Gabeira, autor este que Avelar afirma exagerar na representação de seu papel, embasando-se também em outros estudos que apontam para esse fato<sup>29</sup>. Assim, “Gabeira seria então o caso de uma narrativa autobiográfica que ganha importância exatamente na medida em que exagera o papel de seu autor” (AVELAR, 2014, p.

---

<sup>29</sup> Ver: RIDENTI., Marcelo et al. **Versões e ficções**: o sequestro da história. São Paulo: Perseu Abramo. 1997.

66), pois, segundo o autor, Gabeira sempre marca sua importância de forma exacerbada, como ao pontuar os eventos e contextos a partir de delimitar uma era antes e uma era após ele.

O intuito desse trabalho não é fazer um comparativo entre as obras das autoras estudadas e outra masculina, mas o caso da obra de Fernando Gabeira mostra claramente o oposto do que é sentir ansiedade na escrita devido ao seu gênero. Idelber Avelar (2014) afirma que o regime ditatorial, através da imposição de uma “concepção fálica de mundo” também tornou visível a ruína que esse padrão masculino impositivo e exagerado, que se sente à vontade até de dizer o que o outro deve pensar, como faz Gabeira (AVELAR, 2014, p. 66).

Contudo, também é possível pensar sobre essa questão da ansiedade de escrita por outro lado, e apontar como a militância de Gabeira, por exemplo, não está isenta do espírito fálico opressor e que, inclusive, esse espírito pode servir como uma ferramenta de imposição de poder e hierarquização – tal qual uma estrutura militarizada, que é o que Gabeira dizia combater. Ou seja, o oprimido invejando o opressor, e se tornando igual a ele, afinal, ainda que mude o sistema econômico, o patriarcado pode continuar a imperar, fazendo que outros homens continuem no poder. Enquanto isso, a mulher, como demonstra a personagem Lena em *Tropical sol da liberdade* (MACHADO, 2005), debate-se entre escrever ou não, pois a frente de si não vê os louros que a escrita pode lhe trazer, como trouxe para outros escritores, mas apenas os obstáculos e problemas que isso pode gerar através de seus leitores, como as crises com a mãe, o sentimento de não ser apta para a escrita, o questionamento sobre a importância de que seu ponto de vista ou sua vivência e, ainda, a doença, que pode ser um simbolismo da complexa rede que envolve o ato da escrita (MACHADO, 2005, p. 38-41).

Através disso é possível compreender as máscaras usadas por Ana Maria Machado no processo de escrita, para distanciar-se cada vez mais do texto literário, das personagens e daquelas opiniões e vivências (GILBERT, GUBAR, 2000 [1979], p. 69). As máscaras são, portanto, uma forma de a autora se esconder, de modo a se diluir até que pareça não mais haver a sua voz, dissipada em meio a tantas e tantas vozes. Ou seja, esse recurso pode ser uma forma de autonegação. Um outro recurso apontado por Gilbert e Gubar (2002 [1979]) como útil às mulheres que escrevem e querem esconder elementos de subversão que aparece no texto de Ana Maria Machado é a escrita através de palimpsestos, ou seja, uma escrita feminina construída em camadas, o que torna a escrita, em certo sentido, mais profunda e de difícil acesso ao leitor (GILBERT; GUBAR, 2000 [1979], p. 73).

Finalmente, retornando a uma das vozes da autora na obra, dado que a narradora assume um papel feminino e que isso pode ser reconhecido através das experiências que ela expressa

ter, é possível afirmar que a atuação dessa narradora é tão entranhada na trama, e confundida sob tantas camadas do palimpsesto, que às vezes passa despercebida ou mal compreendida. Por exemplo, para Jacomel (2008), quem narra é a própria Lena: “Sob a ótica feminina e feminista, uma ex-universitária<sup>30</sup> e iniciante no ofício de escritora narra como aconteceram alguns fatos que marcaram a juventude.” (p. 424). E a pesquisadora prossegue dizendo: “Nesse sentido, a protagonista do romance, Helena, é também a protagonista de uma nova leitura da história das décadas de 60 e 70, construída pela escritora Ana Maria Machado, em detrimento do retrato social feminino sob o olhar “negativo” dos homens” (JACOMEL, 2008, p. 424, grifos da autora). É correto dizer que a perspectiva apresentada seja sim uma escrita que retrata bem o feminino narrado a partir de experiências de mulheres, e não pelo olhar de algum homem, mas isso não é feito apenas por Lena. A narradora constantemente conduz o enredo, dá opiniões e reage aos acontecimentos. A história é conduzida pela narradora, ainda que a partir da perspectiva de Lena ou de Amália, como quando Amália discorre sobre o AI 5 (MACHADO, 2005, p. 151) ou narra outros eventos históricos, como o cortejo do corpo do estudante Edson Luís de Lima Souto (estudante assassinado no restaurante Calabouço) e sobre como a população e os moradores do entorno se envolviam naquele evento (p. 77).

Ademais, a narradora funciona como uma ponte entre Helena e a mãe, Amália, pois afinal, é apenas acerca dessas duas personagens que a história é narrada e apenas dessas duas personagens a narradora sabe tanto a ponto de se fundir com elas. Por fim, a discussão sobre um dos motivos para a história ser narrada, a relação entre mãe e filha, é também uma discussão sobre uma das perspectivas da narrativa, tendo sido destacadas até aqui a personagem Lena como filha, escritora e uma relutante militante; a mãe Amália e a narradora peculiar, ao narrar as atuações e partilhar do que os personagens experienciam a ponto de usurpar a voz das personagens.

Essa mesma motivação para a escrita, de se juntar mãe e filha, e as crises que isso gera, também são muito presentes no livro de Mónica Echeverría e Carmen Castillo (2002). É a partir do distanciamento da filha em relação ao seu próprio país Chile e à sua infância que Mónica Echeverría declara: “—Se eu faço esse esforço – a digo – devo fazê-lo acompanhada.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 9, tradução nossa)<sup>31</sup>. Sua filha, ao contrário, não

<sup>30</sup> É questionável descrever a personagem Helena como ex-universitária já que a obra é muito mais centrada na vida profissional da personagem. A obra basicamente não menciona fatos da época de Helena como estudante, nem há quanto tempo ela se formou e trabalha, mas pelo tom da discussão que ela consegue abrir com o chefe, Barros, não é possível pensar que ela seja uma iniciante e que esteja na empresa há pouco tempo. E por que “ex-universitária” quando pode se usar “profissional”?

<sup>31</sup> Texto original: “— Si yo hago este esfuerzo – le digo – debo hacerlo acompañada.”



demonstra desejo em fazê-lo, pois o distanciamento causado pelo exílio e traumas vividos no Chile não permitem que ela veja esse país como seu e a levam a empurrar para longe as memórias daquele lugar. Contudo, Carmen Castillo afirma que Mónica Echeverría insiste, podendo-lhe o direito de escolha: “*No entanto, você insiste, Monica. Mais uma vez, no telefone, você me pergunta se já escrevi algumas linhas. Você quer que elas ressoem com o seu texto, que elas se entrelacem como uma manta indiana. Mas para quê? Minha resistência é insuportável para você.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 10, tradução nossa, grifo da autora)<sup>32</sup>. Apesar da resistência, a filha é vencida: “*Eu, coluna vertebral quebrada, corpo desmembrado, submeto-me ao seu desejo. Sob sua imposição, imagens dispersas e algumas obsessões começam a surgir.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 10, tradução nossa, grifo da autora)<sup>33</sup> e encerra o prefácio dizendo: “*Minha mãe sempre vence.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 10, tradução nossa, grifo da autora)<sup>34</sup>. Nesse ritmo, imposto pela mãe, de acordo com Carmen Castillo, as vozes ressoam tanto que são escritas com a mesma fonte, Garamond, mas com os enxertos da filha em itálico.

Essa crise moral, ou psicológica, entre mãe e filha na obra chilena reaparece quando o governo chileno permite o retorno de Castillo e seu irmão ao país por 15 dias devido à enfermidade de Fernando Castillo, pai de Carmen Castillo e esposo de Mónica Echeverría, e a mãe assume vários compromissos para a filha, sem consultá-la, entre os quais uma visita à *población* de La Victoria, um bairro de ocupação, similar às favelas brasileiras.

Carmen, tomada pelo medo da fama que tem sido difundida sobre o bairro e com o peso do trauma que a fazia pensar que seria uma armadilha, se recusa a ir, e pede ao pai que interceda por ela, o qual, inutilmente, fica ao seu lado: “*Mas você não queria saber nada sobre o meu medo, você o interrompeu empurrando os lençóis com violência*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, p. 260, tradução nossa, grifo da autora)<sup>35</sup>. A reflexão que segue é de que Mónica Echeverría havia escolhido esse lado, de olhar para os menos favorecidos, em uma luta que, de acordo com Carmen Castillo, havia sido primeiro dela, e que agora, a mãe a obrigava a aderir a contragosto. Aí reside a crise moral: como poderia Carmen Castillo abandonar esse destino, essa luta? Afinal, quando Mónica Echeverría protesta de que não poderiam deixar de

---

<sup>32</sup> Texto original: *Sin embargo insistes, Mónica. Una vez más en el teléfono, me preguntas si ya escribí unas líneas, quieres que resuenen con tu texto, se entretrejan como en una manta india. Pero, ¿para qué, de qué sirve? Mi resistencia te resulta insoportable.*

<sup>33</sup> Texto original: *Yo, columna vertebral rota, cuerpo descuartizado, me someto a su deseo. Bajo a tu imposición, comienzan a surgir imágenes dispersas y algunas obsesiones.*

<sup>34</sup> Texto original: *Mi madre siempre gana.*

<sup>35</sup> Texto original: *Pero tú no querías saber nada de mi miedo, lo interrumpiste empujando con violencia las sábanas.*

ir a La Victoria, ela coloca todos aqueles que não se importam com as pessoas que ali vivem ao lado das pessoas que só pensam em si e ignoram a pobreza. A questão é que Mónica Echeverría diz isso justamente para uma filha que está condenada ao exílio por entender que lutava justamente por esses ideais e por aquelas pessoas.

Quanto ao pai, a abordagem de Showalter (1997) afirma haver uma costumaz predileção das personagens femininas por eles, e isso parece acontecer em relação a Fernando Castillo, ainda que de forma não explícita, pois através das falas da filha, percebe-se que o pai a apoia e é por ele que o seu retorno ao país por 15 dias é concedido. No entanto, é a mãe quem decide por onde ela deve andar – e, dentre outros possíveis motivos, é por isso que há um conflito com a mãe, pois ela faz a filha sentir que verdadeiramente está no Chile.

Sobre o pai, Carmen Castillo diz que “*Havia me esquecido de tudo, é verdade, exceto dos braços de meu papi...*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 90, tradução nossa, grifo da autora)<sup>36</sup>. E a autora também diz: “*Fernando, meu pai, vive, e, como sempre, me abre para o porvir*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 90, tradução nossa, grifo da autora)<sup>37</sup> e “*Sensação de sua presença, distante, é verdade, rocha leve, sempre em movimento, à qual agarro, garota invisível.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 91, grifo da autora)<sup>38</sup>.

Nas duas proposições citadas anteriormente, as palavras direcionadas ao pai não possuem a mesma carga negativa que Carmen Castillo aplica quando direcionadas à sua mãe. No primeiro trecho, por exemplo, ela chama o pai, em espanhol, de “*papo*” (que foi traduzido por papi), algo não muito comum em espanhol da região de Santiago, e que, portanto, se aproxima de um apelido especial e carinhoso para o pai. Além disso, ainda que o pai seja distante, isso se justifica por ele estar “sempre em movimento”, que vem para complementar o sentido de “distante”, como um elogio sobre a versatilidade do pai em relação aos seus tantos feitos, e acima de tudo, é a ele a quem ela se agarra.

No final desse mesmo trecho de carta de Carmen Castillo, depois de discorrer sobre a vida do pai, ela termina com:

Eu precisei de muito tempo, Mónica, para entender o exemplo de mulher livre que você me oferecia. Um longo aprendizado. Você construiu sua liberdade em uma lenta perseverança. A mim, isso foi imposto, no golpe do exílio. Até o dia em que, na insolência de uma ironia, inverti a ordem das obrigações,

<sup>36</sup> Texto original: *Había olvidado todo, es cierto, salvo los brazos de mi papo...*

<sup>37</sup> Texto original: *Fernando, mi padre, vive, como siempre me abre hacia el porvenir.*

<sup>38</sup> Texto original: *Sensación de su presencia, lejana, es cierto, roca leve, siempre en movimiento, a la que me agarro, niña invisible.*

escolhi o exílio que você quer me recusar hoje. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 92, tradução nossa, grifo da autora)<sup>39</sup>

Essa passagem entra com um contraste em relação à forma como ela fala do pai. A distância dele não é apresentada como um motivo de incompreensão, enquanto a presença da mãe, sim. Mas ela reconhece a trajetória da mãe, que constrói uma forma de ser livre, a sua forma de ser mulher e do que entende que é ser mulher. Já a liberdade de Carmen Castillo só foi tecida, de acordo com ela, na dor de ser obrigada a sair em exílio – distante de sua mãe, da família, seu país, deixando para trás um parceiro morto, lidando com a consequente morte de seu filho e também de como ela trabalhava com o MIR (Movimiento Izquierda Revolucionaria).

No exílio ela poderia se reinventar, se conhecer sem a tensão de ser filha – ou qualquer coisa. E é para essa tensão que ela volta ao ser compelida pela mãe a escrever, a lembrar de seus dias no Chile e de sua juventude e de todas as crises que vinham da relação com sua mãe. Isso aparece, por exemplo, no episódio que Castillo descreve sua relação de proximidade com um grupo de amigas, o que as fez receber provocações dos pais sobre elas não estarem flertando com garotos e outros questionamentos preconceituosos sobre se terem se tornado lésbicas. Por fim, Castillo afirma que:

Com o tempo, Mónica, você deixou de batalhar contra as minhas amigas, mudou de estratégia, e passou a seduzi-las, uma por uma, queria arrancar delas meus segredos. Como todas as adolescentes que têm que lidar com uma mãe controladora, tentei me distanciar. E depois, cara a cara, contra as convenções, os interesses e os preconceitos de nossa casta, finalmente nos encontramos no mesmo bando. Por quê? Como? (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 66, tradução nossa, grifo da autora)<sup>40</sup>

Nesse trecho Carmen Castillo dá um exemplo da crise que acontecia entre ela e sua mãe, em que a mãe, apesar de estar dentro do grupo de pais abertos e artistas, ainda tentava impor à filha o que entendia por liberdade. Se ela não podia flertar livremente com garotos quando era jovem, a filha poderia, e se ela não o fazia, algo estava errado. Porque era como se a mãe entendesse que a filha devesse entrar no padrão que ela havia criado de feminino. Ainda que

---

<sup>39</sup> Texto original: *Necesité mucho tiempo, Mónica, para comprender el ejemplo de mujer libre que me ofrecías. Un largo aprendizaje. Tú construiste tu libertad en una lenta perseverancia. A mí me lo impusieron, en el golpe del exilio. Hasta el día en que, en la insolencia de una ironía, invertí el orden de las obligaciones, elegí el exilio que quisieras negarme hoy.*

<sup>40</sup> Texto original: *Con el tiempo, Mónica, dejaste de batallar contra mis amigas, cambiaste la estrategia, las sedujiste, una por una, quisiste arrancarles mis secretos. Como todas las adolescentes que tienen que lidiar con una madre excesiva, intenté alejarme. Y después, cara a cara, contra las convenciones, los intereses y los prejuicios de nuestra casta, finalmente nos encontramos en el mismo bando. ¿Por qué, cómo?*

categoricamente Carmen Castillo não justifique o fato de ela e suas amigas não terem tido interesse em flertar com garotos por serem de fato homossexuais, ela deixa a questão de forma dúbia. Ao mesmo tempo que diz que já era tarde para se preocuparem e que já andavam fora dos caminhos da normalidade, depois diz que foi uma atração nunca saciada e que eram prazeres proibidos, e que, mais tarde, todas elas se apaixonaram por homens, fora do padrão em algum sentido, mas ainda dentro do padrão macho latino (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 65, 66).

Essa mesma questão do embate entre mãe e filha aparece na relação entre Mónica Echeverría e sua mãe María Flora Yáñez, que Echeverría resume ao dizer: “Certamente, minha mãe não foi uma mãe com M maiúsculo, mas nos entregou outas coisas: o amor à literatura, à dignidade e o respeito pela cultura.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 210, tradução nossa)<sup>41</sup>. Por mais que ela também não explicita a preferência por seu pai, ela diz ser sua filha favorita e é com seu pai que ela narra afetosamente as viagens e loucuras que ele fazia com os ela e seu irmão ainda pequenos, como atirar o carro barranco abaixo, com ele e as crianças dentro, só por diversão; ou esquecer os filhos no trem porque estava muito ocupado paquerando outras mulheres e ter que contar com a sorte de que, ao chegarem na fronteira com a Argentina, mandariam as crianças de volta por elas não terem documentos. E é em seu pai que encontra um cúmplice que a apoia a paquerar quantos homens ela possa, mesmo às vésperas do casamento, que ela diz que ele acha natural (CASTILLO; ECHEVERRÍA, p. 54, 55). Mas por fim, assim como Carmen Castillo, Mónica Echeverría parece compreender sua mãe: “Também entendi, pouco a pouco, que por trás daquela mãe aparentemente arrogante havia um ser infeliz e inseguro.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 211, tradução nossa)<sup>42</sup>.

Sobre esse livro, *Santiago – París: el vuelo de la memoria* (2002), não há outras marcas explícitas de motivação para escrever que não sejam a motivação de “romper a fobia” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 293) e fazer esse trajeto que está entre mãe e filha. Sobre a obra *Un día de octubre em Santiago* (CASTILLO, 2013 [1980]), Carmen Castillo afirma que escrever esse livro se tratava de uma “missão” (colocada por ela entre aspas) que ela inventara para si, já que estava exilada na França e precisava “*enlaçar esses sofrimentos, essas derrotas, mas também essas vitórias que você compartilhava com nossas pobres*

---

<sup>41</sup> Texto original: Es cierto, mi madre no había sido la madre con mayúscula, pero nos había entregado otras cosas: el amor a la literatura, a la dignidad, el respeto por la cultura.

<sup>42</sup> Texto original: Comprendí, también, poco a poco, que que tras esa madre aparentemente arrogante existía un ser desgraciado e inseguro.

*existências aqui na França.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 237, tradução nossa, grifo da autora)<sup>43</sup>, mas nada do tipo é dito sobre o livro aqui analisado.

No título do livro, o voo é de Santiago para Paris porque é proposto pela mãe, que permanece no Chile, à filha, que decidiu não voltar mais ao Chile depois do exílio em Paris. Ao fim do livro, no entanto, Carmen Castillo afirma que um dia, quem sabe, quando estivesse em paz, ela poderia fazer o voo de regresso: Paris – Santiago (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 295). Apesar disso, boa parte da obra não se detém a unicamente passar pelas memórias de infância ou familiares no que tange à vida política do país, especialmente por Mónica Echeverría, que faz longas digressões políticas em que dita o passo a passo acontecido com comentários, análises e as causas e consequências de cada evento. E nesse emaranhado de vida familiar e vida política, é certo que a ditadura militar chilena é a que toma mais espaço na obra.

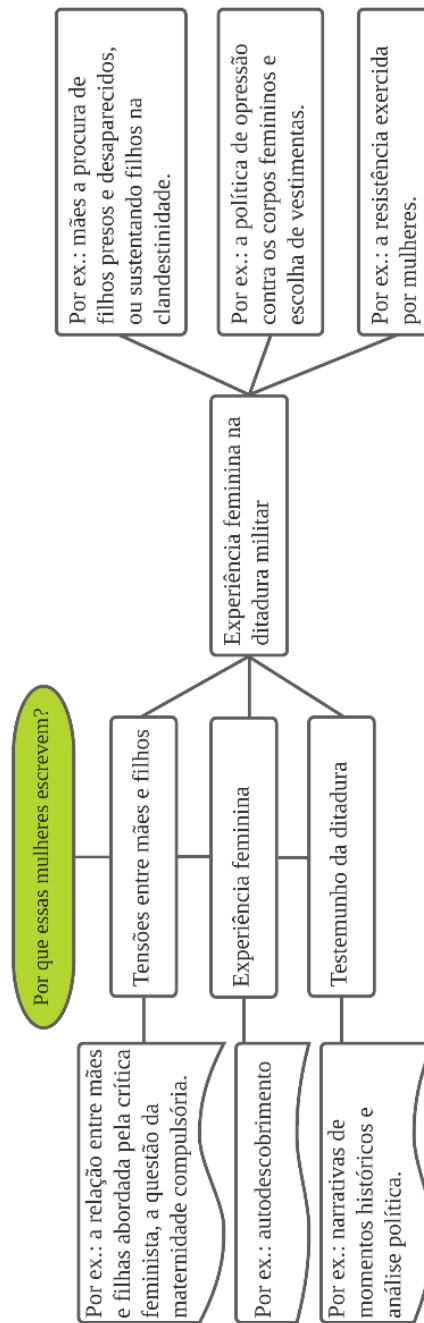
Acerca da figura da mãe, Héléne Cixous afirma: “a mãe também é uma metáfora. É necessário e suficiente que o melhor de si seja dado a uma mulher por outra mulher, para que ela possa amar a si mesma e devolver no amor o corpo que lhe fez nascer.” (CIXOUS, 1976, p. 881, tradução nossa)<sup>44</sup>. Dessa forma, tratar o relacionamento entre mãe e filha é tratar a própria mulher em sua essência. Portanto, quando uma mulher fala de sua mãe, não é apenas de sua mãe que ela fala, mas de si mesma. Porque a autora sente necessidade de pontuar que é da mãe, outra mulher, que vem todas as coisas boas que ela precisa entender que ela também tem, e é da mãe que as coisas negativas que a mulher recebe podem, através de outra mulher, e em outra mulher, serem ressignificadas em amor e afeto, ainda que seja algo compreendido apenas tardiamente, quando a mulher percebe que também pode ferir uma outra mulher que ela venha a gerar e criar.

---

<sup>43</sup> Texto original: *enlazar esos sufrimientos, esas derrotas, pero también esas victorias que me contabas a nuestras pobres existências, aquí, em Francia.*

<sup>44</sup> Texto original: The mother, too, is a metaphor. It is necessary and sufficient that the best of herself be given to woman by another woman for her to be able to love herself and return in love the body that was “born” to her.

Organograma 4: Por que essas mulheres escrevem?



Fonte: elaborado pela autora.

Finalmente, vê-se que as mulheres em questão escolhem não só meios específicos que possuem traços em comum para acolher suas narrativas, mas também possuem assuntos em comum. Como a relação entre mãe e filha, a vontade (ou necessidade) de testemunhar sobre seus anos sob as ditaduras militares, sobre a experiência feminina, e sobre a experiência feminina na ditadura militar, lidando com filhos presos, sequestrados, exilados, desaparecidos e assassinados, tratando também da perspectiva feminina da política daqueles momentos.

### 3 A HISTÓRIA E A MEMÓRIA

*Volver a la memoria del cuerpo, he de volver a  
mis huesos en duelo, he de comprender lo que  
dice mi voz.*

— Alejandra Pizarnik

O terceiro capítulo é a ponte entre a escolha narrativa das mulheres e as suas representações. E, sendo a ponte, ele tratará justamente da representação da memória de forma escrita e sobre como ela se entranha na escrita da história, como seus pontos de aproximação e divergência. Isso porque as narrativas das autoras aqui estudadas são perpassadas por discursos que marcam um tempo histórico em seus respectivos países – e esses tempos históricos possuem a narrativa comum desses períodos formulada pela historiografia, ou seja, a narrativa dada como oficial, a que é mais conhecida, e que – predominantemente – é feita por homens.

Para guiar esse percurso, será trabalhada aqui a nova história, e a partir dela alguns conceitos, como memória individual e memória coletiva, geometral, e como eles podem ser construídos, tendo como fundamental, portanto, a noção de memória, esquecimento e seus registros – que envolvem a quebra de um silêncio. Tudo isso tendo em vista tanto o esquecimento pessoal de um evento grotesco, como o esquecimento como projeto político – que funciona como o silenciamento de dores vividas em esferas tanto individuais como coletivas.

#### 3.1 Breve contexto

Nessa perspectiva, de olhar para a história enquanto se pesquisa a literatura, é importante apresentar um contexto dos momentos estudados. Cabe apontar, então, que há uma aproximação dos países latinos quando o assunto é golpe ditatorial, além de que muitos indícios levam a considerar uma coordenação entre esses governos autoritários, cujo demiurgo seria os Estados Unidos da América, chamada Operação Condor. A ata desse acordo foi assinada em Santiago do Chile pelos presidentes ditadores em 28 de dezembro de 1975, e foi encontrada no chamado Arquivo do Terror, no Paraguai.

A operação Condor consistiu em uma rede de repressão formada por militares e esquemas repressivos internacionais, envolvendo vários países da América Latina onde houve golpe de Estado. A Argentina foi o primeiro país a iniciar um julgamento nesses termos, em um processo

que se iniciou em 1999 e envolvia 18 réus e 105 vítimas – entre as nacionalidades das vítimas figuram 45 uruguaios, 22 chilenos, 14 argentinos, 13 paraguaios e 11 bolivianos. O processo argentino referente a essa operação condenou 13 militares argentinos e um uruguaio (CENTERA; CUÉ, 2016).

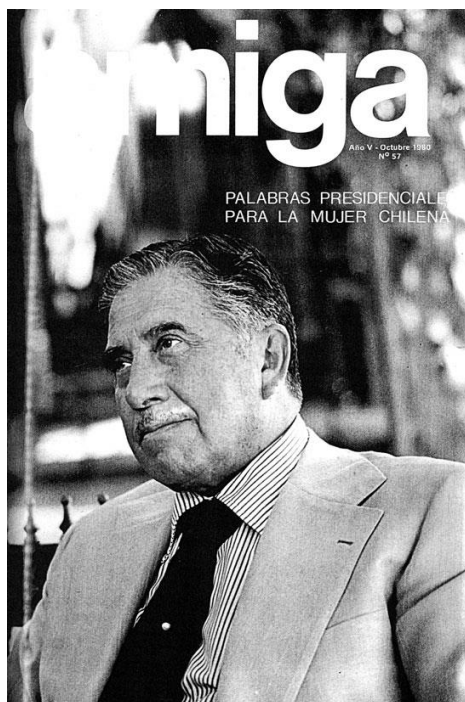
Nessa conjuntura política, muitas pessoas foram torturadas e mortas com o pretexto de evitar e combater uma suposta insurreição comunista e zelar pela democracia, embora esses regimes não tenham sido nenhum pouco democráticos, tanto no Brasil como no Chile, ou nos outros países que sofreram golpes semelhantes, como Argentina e Uruguai – podendo se considerar também Haiti, Nicarágua, Guatemala, Honduras, El Salvador, Panamá, Equador, Peru e Bolívia no quadro dos países latinos que possuíram uma ditadura militar de direita entre as décadas de 1960 e 1990. Assim, é preciso ter em mente o que afirma Eurídice Figueiredo, de que “um governo que decide deliberadamente quais grupos e quais pessoas são dignas ou não de viver não pode ser defensável, pois essa saída só pode levar a ainda mais violência” (FIGUEIREDO, 2017, p. 15).

Como não poderia ser diferente, esse período também teve seu requinte de crueldade em relação às mulheres, que é o foco temático desta dissertação. Acerca do Chile, por exemplo, Isadora Vivacqua, a partir de um trecho da Declaración de Principios del Gobierno del Chile, impetrado pelo governo pinochetista, escreve que o que esse período relegava às mulheres era de que, em essência, a mulher possui como missão e como único espaço em que sua grandeza pode ser realçada o cuidado da família no espaço doméstico, devendo ater-se exclusivamente ao cuidado dos filhos e marido.

A autora ainda menciona o CEMAS, *Centro de Madres*, um centro de mães (cujo nome já apresenta qual deve ser o papel da mulher), que começara na ditadura de Ibáñez e foi ainda mais explorado durante o governo de Pinochet. Esse espaço atraía mulheres através de cursos voltados para a manutenção doméstica a fim cativá-las numa propaganda pró-ditadura e de inculcá-lhes os ideais nacionalistas, conservadores e pinochetistas (VIVACQUA, 2019, p. 71-78). Como um exemplo, a autora traz a seguinte imagem da revista *Amiga* de 1980, voltada ao público feminino no Chile. Vivacqua interpreta esse movimento como uma vontade de construir uma imagem mais próxima das mulheres, e conseqüentemente da família, e de desconstruir a imagem autoritária (VIVACQUA, 2019, p. 81):



Figura 1 – Revista Amiga (ano 05, nº 57, outubro de 1980)



Fonte: GALLO, Macarena. Amiga: la revista facha de las mujeres en dictadura, The Clinic, 10/09/2013. Disponível em: <https://www.theclinic.cl/2013/09/10/amiga-la-revista-facha-de-las-mujeres-endictadura/>.

A partir disso é possível compreender o contexto dos países e o tipo de imposição que as políticas autoritárias exerciam sobre as mulheres, de modo que existir de outra forma que não a que é proposta pelos autocratas através de uma cartilha de regulação de corpos e de mentalidades, já é resistir.

Desse modo, por mais doloroso que seja, é preciso reviver esses momentos sombrios. Isso é mais do que uma necessidade pessoal, mas é algo fundamental para a sociedade, uma vez que a falta de informações cria um terreno fértil para a deturpação e esquecimento dos fatos, e até mesmo propagação de mentiras. Além disso, o silêncio pode beneficiar o surgimento e fortalecimento de grupos que não reconhecem a gravidade desses desastres, a existência de vítimas e que ainda subvalorizam os direitos humanos fundamentais, como é o caso dos grupos que pedem a volta da ditadura no Brasil e de grupos neonazistas espalhados pelo mundo.

### **3.2 Literatura, (nova) história e ditadura militar**

Para tratar desse período histórico a partir do olhar da literatura é possível encontrar aporte em um campo teórico da história que se mostra aberto às considerações que outras áreas do conhecimento, como a arte e literatura, possuem de tais períodos. Para isso, este trabalho

abre diálogo com a nova história. A nova história é uma perspectiva da historiografia que fez parte das mudanças que impactaram as ciências humanas, principalmente nas décadas de 1960 e 1970. Ela é representada pelos acadêmicos da Escola dos Annales, na França, que recebem esse nome devido à revista Annales, que chegou a ocupar o posto principal dentre as revistas de ciências humanas na França no período em questão. Alguns de seus principais expoentes são Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie, Marc Ferro, Robert Mandrou, André Burguière, Jacques Revel. Essa teoria chegou a outros países também à medida que ganhavam espaços acadêmicos e em editoras, além da visibilidade na mídia de massa, como Le Monde, e na televisão (BOURDÉ; MARTIN, 2013 [1983], p. 39-42).

Para Hervé Martin e Guy Bourdé, uma das premissas da nova história é de que o historiador não possui uma história verdadeira e pura que se colhe de algum lugar, mas que é uma narrativa inventada através de hipóteses e conjecturas, que é criada a partir de documentos e vestígios, como textos, objetos, imagens, fotografias, filmes, documentos estatísticos, memórias, decretos, jornais, atas, cartas, anotações etc. Ou seja, a partir desses objetos é criada uma narrativa de causas e consequências em uma determinada cronologia para explicar um evento. Não no sentido pejorativo, como se o historiador quisesse enganar alguém, mas porque ele precisa transformar os dados que possui em uma construção linguística e textual – tal como um texto literário.

Nesse tópico do processo criativo (no sentido de criação e formulação de algo, não necessariamente no sentido de ficcionalizar) em torno da escrita e formulação de hipóteses cabe apontar a subjetividade do autor. Aqui se entende que o ponto de vista político e social nos quais esse autor se encontra podem influenciar essas tais hipóteses e, conseqüentemente, como ele compreende e interpreta os vestígios que encontra.

Além do fator inventivo, há ainda um outro ponto em comum entre um texto de história e um texto de literatura. Os dois são tecidos através da estrutura linguística de contação de histórias. Se um alienígena tivesse acesso aos livros humanos, por exemplo, e não possuísse nenhuma noção de quem são os autores ou suas metodologias de escritas, para ele não haveria diferença alguma entre um texto literário de ficção e um texto que trata a história de uma sociedade. Ao olhar alienígena, os dois seriam igualmente compostos por textos e possuiriam estruturas narrativas similares. Por exemplo, é possível notar como o trecho a seguir, da obra chilena, assemelha-se a textos de narrativas históricas:

Em 1982 estoura na América Latina a chamada crise da dívida externa. México foi o primeiro a declarar moratória. Não pagaria suas dívidas. Chile, no final do mesmo ano, fez o mesmo. [...] O desemprego chega a 40%. O descontentamento se generaliza e podemos dizer que nesses anos a oposição começa a se organizar e a se manifestar publicamente.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 226)<sup>45</sup>

Segue agora um trecho de uma obra de organização chilena chamada *A crise latino-americana da dívida a partir da perspectiva histórica*, o que pode auxiliar na visão de o quão similares esses textos podem ser:

Agosto de 1982 marca convencionalmente o início da chamada ‘década perdida’ para o desenvolvimento latino-americano. Nessa data, México declarou moratória (em última análise temporária) de sua dívida externa, visto que tanto as condições internas como as externas haviam mudado de forma drástica. (BÁRCENA, 2014, p. 9)<sup>46</sup>

Outro ponto relevante da nova história para este trabalho é a ênfase na periferia, em detrimento do centro (BOURDÉ; MARTIN, 2013 [1983], p. 47, 48, 61), o que possibilita o foco em populações muitas vezes negligenciadas. Sobre isso, Theodore S. Hamerow afirma que a nova história mudou os rótulos, fazendo com que os heróis deixassem de ser os grandes descobridores e vencedores de batalhas e os heróis passassem a ser os povos originários, os negros, as mulheres, imigrantes etc., ou seja, populações menos privilegiadas. Essa perspectiva, conforme o autor, “buscava observar o passado ‘de baixo’, do ponto de vista dos milhões de humildes que o saber histórico havia ignorado” (HAMEROW, 2013 [1987], p. 295, 296), como é sabido que acontece com as mulheres e suas narrativas dos períodos de ditadura militar na América Latina. É por isso que Ana Maria Machado registra a discussão entre Helena e Honório, e a insistência dele em que ela escrevesse sua história, sendo esta, a história da periferia dos fatos. Ou seja, um olhar que não estava no olho do furacão (MACHADO, 2005, p. 38-41). E é por isso que Helena diz que prefere narrar a história de mulheres (ainda que na obra – de Ana Maria Machado – não haja esse foco, não se sabe sobre o todo do drama que era escrito por Lena e tudo o que ela colocou lá (MACHADO, 2005, p. 138). E é por isso também

---

<sup>45</sup> Texto original: En 1982 estalla en América Latina la llamada crisis de la deuda externa. México comienza por declararse moroso. No pagará sus deudas. Chile, a fines de ese año, hace lo mismo. [...] La desocupación llega a un 40%. El descontento se generaliza y podemos decir que en esos años es cuando comienza la oposición a organizarse y manifestarse públicamente.

<sup>46</sup> Texto original: Agosto de 1982 marca convencionalmente el inicio de la denominada “década perdida” para el desarrollo latinoamericano. En esa fecha, México declaró la moratoria (a la postre temporal) de su deuda externa, dado que tanto las condiciones internas como las externas habían cambiado en forma drástica.

que são considerados aqui os escritos de Castillo e Echeverría, cuja narrativa também é permeada de relatos de como as mulheres lidavam com as situações políticas de cada momento.

Ainda, Hamerow aponta a velha história como um espaço onde tradicionalmente tenha se dado preferência aos reinados, alto escalão dos governos ou sacralidade de um santo. Ou seja, toda uma área científica focada nas elites, nos grupos dominantes e em determinados indivíduos. Isso tudo, de acordo com o autor, para “justificar a ordem estabelecida, retratar suas origens e celebrar seus feitos”. Esses historiadores não se viam como lacaios, mas enxergavam em suas narrativas a possibilidade de punição aos que erraram no passado. Ainda assim, muitas vezes eram narrativas tecidas de modo a justificar, confirmar, as coisas como são no presente, em vez de questionar a ordem destas (HAMEROW, 2013 [1987], p. 292).

Por outro lado, a nova história se propõe a criticar as elites que monopolizavam o fazer histórico, de modo a se ter uma releitura do clássico “entender os erros do passado e as possibilidades do futuro” quando se propõe a entender a escrita da história como um instrumento de reconstrução social (HAMEROW, 2013 [1987], p. 296, 297). Dessa forma, neste trabalho busca-se apontar os relatos literários das autoras estudadas como testemunhos da atuação diversificada e constante de mulheres no movimento de resistência às ditaduras, de modo que, ainda que não figurem nos livros de história com a mesma incidência que os feitos masculinos, sejam registradas e conhecidas as suas ações.

Ademais, para Bronislaw Geremek, uma das características da nova história foi ter estreitado as relações entre as diferentes áreas das Ciências Humanas, passando a usar conceitos das Ciências Sociais, por exemplo, através de aproximações com o marxismo, por exemplo. Isso permitiu que a história não se focasse apenas em indivíduos marcantes, como se a história como é conhecida fosse resultado apenas de suas decisões, mas passasse a olhar para grupos (ou classes), para questões coletivas, até então menosprezados (GEREMEK, 2013 [1993], p. 273). Nesse sentido, é possível pontuar aqui os casos encontrados nas obras estudadas: apesar da proximidade desses indivíduos marcantes, nenhuma das autoras era uma atriz de destaque em algum evento histórico mencionado por elas. Pelo contrário, elas tendem a tecer suas narrativas se colocando não como elemento fundamental, mas como parte da composição que tornou algo possível.

Por conseguinte, cabe pontuar também que ainda que no senso comum e na cultura haja a noção hierarquizada de que algumas pessoas e alguns feitos sejam mais importantes e melhores que outros, intenta-se aqui firmar uma noção mais horizontalizada, de que ações individuais de resistência e pessoas e que não estão sob a égide da fama são tão importantes

quanto, e devem ser tão relevantes quanto no fazer político. Visto que essa noção, implantada na boca do povo que está às margens soa como “isso não é pra mim... não sou capaz de entender disso/de resolver isso/de enfrentar isso” por vezes alicerça a autoridade autoproclamada de certos grupos de dominar e oprimir. Sendo assim, a história não deve ser entendida como posse masculina ou das elites, mas como posse de todos e todas, algo que aqui, em relação aos livros abordados, pode ser dado no resumo: não foram apenas os homens que resistiram aos governos autoritários, e não foi apenas de forma armada que se deu a resistência.

No caso da obra brasileira, por exemplo, Helena não participou do sequestro do embaixador americano, mas ajudou a dar sumiço na máquina de escrever na qual foi escrita a carta dos sequestradores e participou da fuga de um dos envolvidos, além de emprestar o carro para seu irmão:

O mal-estar de Lena crescia. Precisavam se livrar da tal máquina de escrever com urgência. Ela não estava gostando nada daquilo tudo. Queria ajudar as pessoas, evidentemente. Mas se sentia muito insegura assim, sendo arrastada aos poucos para coisas que ela não sabia até onde podiam ir. (MACHADO, 2005, p. 272).

Em outro momento, ela empresta o carro ao seu irmão, Marcelo. Amália, a mãe, também enviava dinheiro ao filho, e com outras amigas da igreja vendiam roupas de crochê para levantar recursos. Já na obra chilena, Mónica Echeverría chegou a trabalhar bem próxima a Allende, bem como sua filha, Castillo, ajudava pessoas a fugirem do país e participava de movimentos de resistência, como o *Mujeres por la Vida*, com outras mulheres. Carmen Castillo trabalhou com seu parceiro, Miguel Enríquez, e com Beatriz Allende no MIR.

Prosseguindo, essa aproximação da nova história com outras áreas também aconteceu com a filosofia, linguística e literatura. Hayden White, que já está em um contexto pós-nova história, mas que bebeu de sua fonte, atentou-se para a questão narrativa porque percebeu a ligação entre história e mito: ambas fazem uso de discursos. Assim, o autor entende que a narrativa – usada para descrever os eventos históricos – não é portadora de ideologia, e sim, que ela é ideologia. Foi a partir daí que, o autor passou a suspeitar da historiografia e se aproximou da teoria literária (ROGNE; WHITE, 2013, p. 581), sendo até considerado como *persona non grata* entre muitos historiadores.

Dessa maneira, a nova história também considera a análise e interpretação do historiador sobre um fato e sua ideologia na confecção dos textos de história. Assim, como sempre se pergunta sobre uma narrativa qualquer contada, também deve ser perguntar à história: quem a

conta? Para assim, estabelecer, como afirma Pierre Nora (1993), um olhar mais crítico acerca daquilo que se costuma chamar de história verdadeira – bem como fez Carmen Castillo em um exemplo mencionado anteriormente.

Através desses pontos mencionados é possível perceber que para os estudos da história, todo esse movimento é um passo ousado e tremendamente criticado, enquanto para a literatura é um ganho, pois gera a possibilidade de novas discussões. White (2013) chega a dizer que a literatura que envolve questões históricas é até mais responsável do que livros de história em si, pois, ainda que haja falta de clareza, é melhor do que uma enganosa presunção de se ter dominado toda a verdade do passado. Além de que através desse exercício, de se tratar da história na literatura, o autor acredita que se transfere o ônus ao leitor, fazendo com que este deixe de ser um leitor passivo e passe a, através do exercício imaginativo e do conhecimento de outros vieses, desenvolver um olhar crítico e reflexivo sobre a história.

É no caminho que vai a discussão da literatura na história – apresentado também por Michel Foucault, Hayden White, Paul Veyne, Jacques Rancière, entre outros – que Antoine Compagnon afirma que a história

não possui mais esse sentido único que as filosofias totalizantes da história lhe atribuíam desde Hegel. A história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado; seu texto faz parte da literatura. A objetividade ou a transcendência da história é uma miragem, pois o historiador está engajado nos discursos através dos quais ele constrói o objeto histórico. Sem consciência desse engajamento, a história é somente uma projeção ideológica. (COMPAGNON, 2014, p. 219)

Ainda que sob muitas contribuições da perspectiva da nova história e de outros vieses teóricos que se desdobraram a partir dela, como a meta-história, que é o foco de Hayden White, não se tem aqui a intenção de substituir textos de história por livros de literatura, mas de trazer um outro olhar, para essas obras literárias e reconhecer no fazer literário elementos que são comuns ao processo de composição do texto histórico – ainda que as autoras não tivessem qualquer planejamento metodológico como o do historiador.

Por conseguinte, tem-se de extrema importância para este trabalho o entendimento de que tanto os materiais de história quanto de literatura são tecidos através de discursos. Isto é, a matéria bruta da história e da literatura é a palavra. E a palavra organizada através de um sistema linguístico. Frases, parágrafos, textos. E textos que narram eventos e memórias – que é o caso das duas obras escolhidas, nas quais as autoras expressam, cada uma à sua maneira, momentos históricos a partir de suas memórias pessoais e familiares de forma entranhada. E por isso é

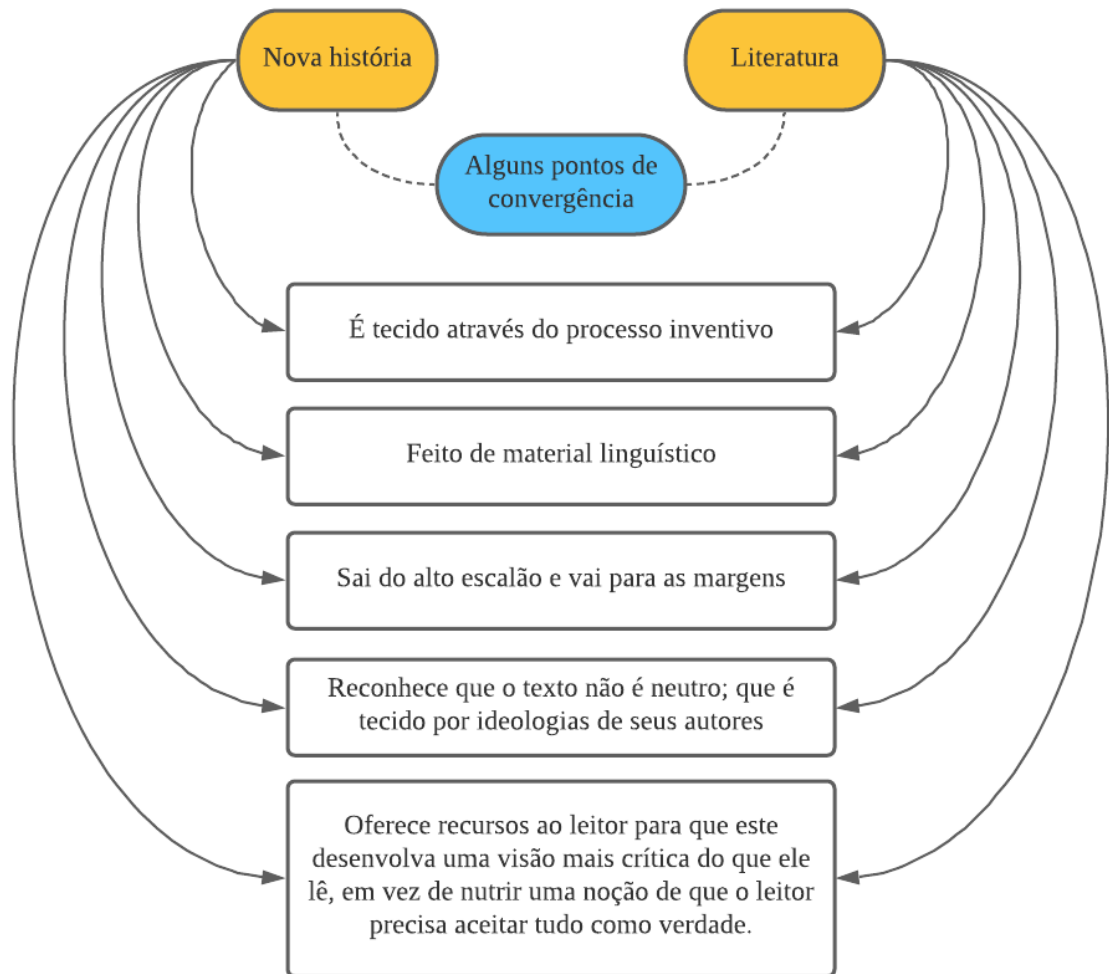
possível colocá-los diante da luz de uma teoria do campo da história – ao mesmo tempo que estejam também sob a luz de teorias do campo da literatura.

A posteriori, como pode ser visto, outra contribuição da nova história que calha bem com a perspectiva que se tem nesta dissertação, é sobre a escolha do foco narrativo. Sendo que essa perspectiva se dá, portanto, mirando um evento a partir de baixo, como os autores citados anteriormente pontuaram. Trazendo para o contexto das obras: o foco é então o relato de mulheres, que na época faziam (e em muitos sentidos, ainda fazem) parte de um grupo minoritário no sentido de representatividade e de voz.

Desse modo, através dessa mudança de perspectiva, é que este trabalho se propõe a colocar um foco na escrita de mulheres terceiro-mundistas em contexto de Estado de exceção. E essas mulheres escreveram, como foi possível compreender no capítulo anterior, das mais diferentes formas a fim de fazer possível transformar em discurso as experiências vividas e de quebrar o silenciamento sofrido devido ao seu gênero e, conseqüentemente, distante da posição da elite – aqueles que geralmente escrevem a história. Um silenciamento que é feito muitas vezes de modo a ocultar, menosprezar, ou, simplesmente, não levar em conta suas vozes e ações.

Isso pode ser comprovado no estudo de Vanderlei Machado sobre os livros didáticos distribuídos pelo MEC nas escolas públicas do Brasil, que apontou pouca ou nenhuma menção às mulheres no período da ditadura brasileira (MACHADO, V. 2010). Algo também retomado por Eurídice Figueiredo, que afirma que os livros didáticos, de modo geral, contam mal a história desse período sangrento no Brasil (FIGUEIREDO, 2017, p. 26). A pesquisa de Vanderlei Machado mostrou que foi encontrada até a expressão: “os estudantes de esquerda que lutaram contra a ditadura brasileira eram barbudos e cabeludos”, ignorando qualquer envolvimento feminino nos movimentos da época. Mas, se os apelos pelo fim dos estereótipos de gênero e por espaços para manifestação de suas vozes ainda não chegaram aos livros didáticos e de história, a literatura já ecoa essas vozes e convida a escutá-las.

Organograma 5: Convergências entre nova história e literatura



Fonte: elaborado pela autora.

Assim, de acordo com Paul Veyne, a história – e de semelhante modo a literatura e as representações de memória – são tecidas através de escolhas. São rotas pelas quais o narrador direciona o leitor. Veyne afirma que a história é subjetiva, que ela é a projeção dos valores de quem escreve e uma resposta às perguntas que aquele que escreve faz a ela (VEYNE, 1998, p. 18). E são exatamente essas perguntas que são movidas pela subjetividade do/da escritor/escritora, de quem escreve, organiza e edita as memórias.

Deste modo, entende-se que as histórias do Brasil e do Chile, como acontece com a maioria dos países que foram colônias de exploração, apresentam uma versão dos acontecimentos que foi primordialmente escrita pelo lado vencedor, pelo lado que tem o poder e pela elite. E, nesse momento em que é possível questionar uma escrita da história, é muito



significante para dar voz a todos aqueles e aquelas que por tanto tempo foram pintados apenas como personagens passivos.

É nesse contexto que se faz necessária a revisão dos registros históricos no que diz respeito às mazelas das ditaduras militares no Brasil e no Chile. De modo que possa vir à tona a versão dos oprimidos e que essa não seja soterrada pelas narrativas provenientes da transição sutil que ambos os governos ditatoriais fizeram, quando chegaram até a escolher para quem passariam o poder.

Pois, quando esse registro histórico não é feito de maneira agregadora, abre-se espaço para que mentiras venham a deturpar o passado. Além de também se criar um terreno fértil para o afloramento de tendências políticas extremistas que sejam a favor da violência de Estado e a justifiquem, como tem ocorrido no Brasil. Assim sendo, o que fazer quando os documentos oficiais não dão conta do que se passou? Ou até mesmo é possível se perguntar: até onde um documento oficial é capaz de acolher os testemunhos dos que sofreram? É nesse ponto que se pode apelar para a arte e a literatura.

O entendimento de que há várias visões e narrativas de um evento é chamado por Paul Veyne de geometral. A ideia é de que ao olhar uma figura geométrica, como uma pirâmide, o que se vê é sempre um de seus lados. Mas Veyne vai um pouco além. Para ele, essas possibilidades não são isoladas e não se negam, mas formam um tecido, de linhas que vêm de lados diferentes e cores diferentes, fios de narrativas diversas, o que ele vai chamar de trama. Nesse ponto, não se busca fundamentar o que muitos afirmam sobre “olhar a versão dos militares”, mas olhar mais fundo as próprias narrativas que entendem o ocorrido em 1964 como um golpe ditatorial contra a democracia e o estado de direito.

Nessa trama, Paul Veyne afirma que se entrelaça “uma mistura muito humana e muito pouco ‘científica’” (1998, p. 21, grifo do autor), e é por isso que não se pode olhar para a escrita da história de forma a pensá-la como neutra. Ao assumir essa mistura humana, é preciso considerar que essa sociedade possui recortes. Assim, é essa narrativa que esse trabalho busca questionar: esse geometral engloba também o ponto de vista das mulheres sobre o que foram esses períodos? Tendo em mente que mesmo dentro do grupo dos oprimidos existem recortes, de grupos de pessoas que foram ainda mais silenciadas, como apenas o fato de ser mulher influencia na visão dessa época? Esses questionamentos serão abordados de forma mais aprofundada no quarto capítulo.

Esse movimento de organizar e editar as memórias pode ser visto no seguinte trecho de *Tropical sol da liberdade*, em que a narradora dispõe as reflexões de Lena: “Deixar vir as

lembranças, peneirar, separar, implicava necessariamente sentir dor de novo.” (MACHADO, 2005p. 124), em “podia reler, ordenar um pouco os fragmentos já escritos” (2005, p. 124) e também no texto a seguir:

Ainda por cima, isso ia chegando bem na hora que ia chegando à conclusão de que ia mesmo fazer o seu trabalho, juntar as entrevistas, analisar as cartas e depoimentos, misturar os fatos dos recortes da imprensa com as lembranças doídas da memória, tentar ordenar os fragmentos, arrumar numa peça, expor o drama, contar no palco a tal trajetória de uma mulher na periferia dos acontecimentos. (2005, p. 52)

Nos trechos citados pode ser vista a questão da edição através dos verbos “peneirar”, “separar”, “juntar”, “analisar”, “misturar”, “ordenar” e “arrumar”, para por fim, “expor” e “contar”. A personagem, bem como sua narradora, reconhece que a história que será contada só será “a tal trajetória de uma mulher na periferia dos acontecimentos”, quando é ela quem faz esse trabalho de tomada de decisão da forma como é estruturada a narrativa. Ademais, não é possível passar despercebido desse trecho a questão de ser uma narrativa a partir da margem, de quem não está no centro dos acontecimentos, bem como é de interesse da nova história tratar.

Outra questão apontada por Veyne é o perigo em olhar para o passado com olhos contemporâneos (VEYNE, 1998, p. 103). Veyne afirma que há um problema nas classificações dos eventos, pois elas podem gerar anacronismo, como as classificações de pré-momentos, como pré-segunda guerra mundial, ou pré-holocausto. É necessário considerar que as pessoas que viviam aqueles momentos não estavam organizando-se para o que viria a acontecer, pois elas não sabiam o que aconteceria. O que houve foi uma trama bem mais complexa do que uma simples sucessão linear de fatos.

Escrevendo sobre o período anterior ao golpe de Pinochet, por exemplo, Mónica Echeverría afirma que enquanto a direita flertava com ideais nefastos, desde que pudessem manter seus privilégios econômicos, “a esquerda, tão ingênua como sempre, não percebe o cheiro do perigo” (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 73, tradução nossa)<sup>47</sup>. Através desse ponto destacado por Veyne, podemos passar por essa questão com um olhar mais humano para as pessoas que viveram esse perigo. Assim como a sociedade hoje vê tanta coisa nefasta acontecer, mas não consegue enxergar o que está logo à sua frente na história, os chilenos e brasileiros que viviam quando os golpes ocorreram não poderiam ser capazes de prever a

---

<sup>47</sup> Texto original: la izquierda tan ingenua como siempre no huele el peligro.

magnitude do que aconteceria. Apenas os olhares privilegiados de hoje permitem as distinções dos períodos.

Ao observar as produções literárias que tocam a história por meio da abordagem testemunhal, é possível considerar a possibilidade de se obterem perspectivas de um evento histórico que sejam distintas das que muitas vezes são tecidas pelos historiadores. Essa possibilidade tem dado voz a muitas pessoas que estavam sendo oprimidas e/ou estavam à margem da sociedade. De modo geral, isso não quer dizer que exista a intenção de se considerar uma versão dos acontecimentos em detrimento de outra, mas de entendê-las como complementares e como oportunidade de reconstrução da história.

Nesse contexto, entende-se que não há uma problemática a ser resolvida no sentido de investigar se a obra *Tropical sol da liberdade* deva ou não ser tratada como literatura de testemunho. Paul Ricœur aponta que, ao ir a público o testemunho escrito, a testemunha já se antecipa a uma possível acusação de falsidade como quem diz “eu estava lá!” (RICŒUR, 2007, p. 173). Pois, apesar do testemunho se fundir à ficção, não só na mudança dos nomes, mas também em uma fusão praticamente confessa de pessoas e acontecimentos, negar a historicidade e o caráter testemunhal da obra é negar a autenticidade encontrada por essa forma de escrita.

Ricœur afirma que “há testemunhas que jamais encontram audiência capaz de escutá-las e entendê-las”<sup>48</sup>. Assim, além de não haver melhor forma de se dizer o indizível de um trauma, a forma de receber também se mostra como um desafio na hora de tecer um texto, mas apesar disso, o caminho que Ricœur aponta é que “entre o pró e o contra, a dúvida se faz instrumento de conhecimento na avaliação dos graus de verossimilhança da combinação escolhida” (RICŒUR, 2007, p. 184). O que também aponta para uma autonomia a ser desenvolvida por aquele que recebe o testemunho, de refletir e julgar.

Nessa perspectiva, é possível reconhecer o entranhamento das memórias particulares das autoras com os acontecimentos políticos de seus países quando uma data citada se refere sempre a uma data de uma memória familiar reconhecível. Mónica Echeverría, por exemplo, faz questão de pontuar que nasceu no mesmo dia em que Arturo Alessandri Palma assumiu a presidência do Chile. As datas apontadas, de memórias pessoais ou do país, são sempre uma em referência a outra (antes daquilo, depois daquilo). Em *Tropical sol da liberdade* (2005), por

---

<sup>48</sup> A citação de Ricœur é referente a testemunhas de campos de extermínios na II Guerra Mundial, como o faz a maioria dos autores sobre literatura de trauma, mas cabem também aqui sobreviventes de outros desastres, pois se adequam ao que ele chama de “testemunhos extraordinários” (RICŒUR, 2007, p. 175-176).

sua vez, o referencial da data em que a filha mais nova da personagem Amália, Cláudia, tirou a clássica foto de escola, sentada atrás de uma mesa, uniformizada, lápis na mão e mapa do Brasil ao fundo, era a data em que os protestos estudantis começavam no Brasil e em que o estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto foi assassinado dentro do restaurante universitário durante um protesto pela alta do preço por refeição, em 1968. Para Maurice Halbwachs (1990) são esses pontos de contato entre as memórias individuais, pessoais e afetivas, e a memória coletiva, ou seja, daquilo que é comum saber em uma determinada sociedade, que é o que permite que as pessoas identifiquem, na memória pessoal, acontecimentos ou lembranças que marcaram determinada época ou sociedade.

Apesar de todo esse fio que relaciona essas questões aos eventos históricos e um certo pacto com o leitor de que há verdade nas narrativas, esse fazer literário também pode apresentar contradições. Na obra de Ana Maria Machado há uma denúncia, que ao ser feita pode apresentar uma intenção de escapar da própria denúncia: “Tem gente também bancando o herói, contando coisas que não fez, faturando epopeia e charme em cima das ações dos outros, para não falar de coisas mais graves.” (MACHADO, 2005, p. 38). Se relacionarmos isso ao que Andreas Huyssen apresenta sobre a “comercialização bem sucedida” da midiaticização de memórias, já que “o trauma é comercializado tanto quanto o divertimento e nem mesmo para diferentes consumidores de memórias” (HUYSEN, 2000, p. 15-22), a conversa citada entre Lena e Honório soa como uma discussão acadêmica de assuntos que eclodiriam mais tarde, visto que o próprio *boom* da produção de literatura de Shoah que mobilizou esses debates seria na década de 1970 e 1980. Assim, além do fator da confiabilidade das discussões de escrita da história e literatura, é possível ver também como o mercado influencia nas escritas de memória.

É justamente por isso que não é possível separar as narrativas selecionadas de uma perspectiva contextual, ideológica, política e social. E é por escolher textos escritos por mulheres, que a narrativa histórica possui de forma ainda mais marcada uma face do geometral, do conceito de Paul Veyne, que é a faceta da narrativa das mulheres. Afinal, se mesmo em uma democracia as mulheres já são oprimidas, como não era isso em uma ditadura? Além disso, ainda que, por vezes, restritas a ambientes domésticos, como negar a participação das mulheres nos acontecimentos históricos e mesmo a repercussão desses em suas vidas?

É preciso, portanto, repensar o índice de referências típicas do assunto através do estudo de obras como as que estão sendo abordadas aqui. Esse movimento significa afirmar que a literatura e a história não são feitas unicamente por homens, que a dor e o passado sombrio de uma nação não podem ser apagados e que, mesmo que a estrutura social tenha sido tardia em

colocar luz à história do cotidiano da ação de mulheres, essas ações têm a capacidade de mostrar como a resistência à ditadura foi repleta de nuances.

Outrossim, mesmo com o alerta de Andreas Huyssen no que se refere à espetacularização do trauma, é preciso lembrar que todas as três mulheres que estão sendo estudadas são artistas: Ana Maria Machado na literatura, Mónica Echeverría na literatura e no teatro, e Carmen Castillo no cinema. É de se esperar, portanto, que o meio que elas encontram para se expressar seja justamente a arte.

### **3.3 Memória individual, coletiva e a história**

A partir das leituras das obras e do que já foi tratado até aqui, parte-se então para um diálogo à luz da teoria de Maurice Halbwachs (1990), através do qual tem-se as noções de memória individual, memória coletiva e como estas se relacionam com a história. Assim, parte-se do ponto em que todas as pessoas fazem parte de duas memórias: a individual e a coletiva (1990, p. 53).

A priori, tem-se a memória individual, que o autor apresenta, ainda que seja um termo delicado e sem caráter absoluto. Isso porque a memória individual dificilmente pode ser de fato individual, visto que, de alguma forma, tudo o que apreendemos está sujeito ao confronto com outras memórias que um indivíduo tem e que foi construída socialmente, ou em um grupo, ou recebida de outrem. Nas palavras do autor:

“[A memória individual] não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade.” (HALBWACHS, 1990, p. 54)

Assim, nas obras em questão existem inúmeros exemplos que evocam a ideia de que as autoras possuem uma noção de que algumas memórias estão nelas e que precisam ser jorradas. Por exemplo, segue a seguinte citação acerca de Helena, da obra brasileira: “Quando vieram prendê-la, por exemplo, ela estava fritando um bife. Teve que pensar na carne que queimava na cozinha se não apagasse o fogo. E, antes de ser levada, lembrar de desligar a vitrola” (MACHADO, 2005, p. 269). Lena estava sozinha quando foi buscada pelos policiais em seu apartamento e, obviamente, não se escorou no ponto de vista dos policiais para construir sua memória disso e compartilhar com outras pessoas. Porém, não é possível saber quais outras

memórias de pessoas que eram buscadas em casa pela polícia já não estavam na sua consciência, se já havia lido algo sobre isso, sobre como reagir, a ponto de direcionar sua descrição do evento para um ou outro lado. Isso se dá, porque para Halbwachs “a memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio” (1990, p. 54).

Na obra chilena é possível ver o seguinte trecho em uma das cartas de Carmen Castillo acerca dos momentos que sucederam o ataque sofrido: “Seu relato desse dia, Mónica, me empurra ainda mais para fora. Tudo tem a exatidão de sua visão” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 171)<sup>49</sup>. Nesse trecho é possível ver como que um dos momentos mais conturbados para Castillo – no qual além de toda a dor de perder seu parceiro assassinado ao seu lado, ela se encontrava ferida e por boa parte do tempo desacordada – a memória que possui é, de acordo com a autora, exatamente a visão da mãe, pois foi esta quem compartilhou com Castillo sobre como foi o evento a partir dos olhos dela. Dessa forma, uma pessoa nunca está sozinha, pois é como se a memória fosse tecida em confronto e em absorção com as memórias de outras pessoas, através das quais se agrega novas imagens, informações ou se retira e/ou readapta alguma imagem (HALBWACHS, 1990, p. 28).

Por outro lado, tem-se a memória coletiva. Existem algumas possibilidades diferentes dessa memória ser entendida, uma delas entende a memória coletiva, ou memória social, como uma memória que é compartilhada e construída em conjunto. Por exemplo, a memória de algo que foi vivida com outra pessoa. Quando se olha para o momento quando a casa de Mónica Echeverría e sua família foi invadida esta é uma memória compartilhada entre eles. A memória narrada por Mónica, é composta da visão dos empregados que moravam na casa, e de seu marido, Fernando Castillo: “Derrubaram tudo, e as crianças e empregados são tirados de suas camas bruscamente e levados para a rua” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 162, tradução nossa)<sup>50</sup>. Nesse caso, a autora não poderia saber que as crianças e empregados haviam sido tirados de suas camas de maneira bruta, a não ser que estes tivessem lhe contado algo.

Em *Tropical sol da liberdade* é possível ver os relatos se chocando para a construção de narrativa de um evento na passagem em que Amália é chamada à escola de Cláudia porque a criança havia confrontado a professora em uma classe em que esta acabava por explicar a dinâmica das patentes militares:

---

<sup>49</sup> Texto original: Tu relato de ese día, Mónica, me empuja aún más hacia fuera. Todo tiene la exactitud de tu visión.

<sup>50</sup> Texto original: Echan abajo todo, y los hijos y sirvientes son sacados bruscamente de sus camas y llevados a la calle.

—Por isso – disse a professora – eu estava explicando às crianças que o soldado é o defensor da pátria. Então a Cláudia me perguntou o que é defensor. Eu expliquei que é quem protege, toma conta, para não deixar os inimigos do Brasil fazerem mal às pessoas que vivem aqui...

A professora hesitou, pigarreou, olhou para o chão e não conseguia continuar. A diretora se adiantou:

—E sua filha chamou a professora de mentirosa!

—Desculpe – corrigiu a professora. – Não foi bem assim. Ela não disse que eu sou mentirosa, ela disse que é mentira, que os soldados não prendem os inimigos, só prendem os amigos. (MACHADO, 2005, p. 143, 144)

Nesse trecho é possível ver a questão da memória coletiva sendo debatida e a questão da ideologia daquele que interpreta, seleciona e ordena os fatos. A diretora não viu a cena, pois ela não fica na sala de aula. As informações que ela possui são as concedidas pela professora e as concedidas pelo general (ou família, o que aumentaria o número de vozes formadoras da narrativa), avô de um colega de Cláudia, a menina filha de Amália. Nesse caso, tem-se i) a memória do neto do general (que viveu o evento); que compartilhou em casa como foi a situação; ii) a memória do evento através do general (que não viveu o evento); que, como militar, se sentiu atacado pela acusação; iii) a memória do evento através da diretora (que não viveu o evento); que mesmo tendo a versão da professora, acolheu a memória e a interpretação do general, adicionando um tom de que a menina, ao interpelar a professora, a chamava de mentirosa – de forma agressiva; iv) e a memória da professora (que viveu o evento) e que não entendia que Cláudia havia sido agressiva com ela a acusando de mentirosa, mas que não concordava que os soldados prendessem apenas os inimigos, pois tinham prendido alguém que ela considerava amigo. Ademais, no trecho que segue fica claro que a professora não concordava com a situação do país, e por esse motivo – e por entender o perigo ao qual a criança estava exposta – tentou apaziguar a situação. Assim, pode ser ver um exemplo de como a memória entra em confrontos no processo de formulação narrativa.

Por conseguinte, vê-se que para Halbwachs, se não há a partilha, se não há um espaço comum, a lembrança de um indivíduo não encontra a do outro, de modo que, a memória coletiva – esta, que comporta não só os elementos que eu gerei em minha memória ao vivenciar o evento, mas também os elementos que os outros perceberam, a fim de haver reconhecimento e reconstituição – não acontece ou, se já aconteceu, desaparece (1990, p. 34). A memória coletiva depende de um grupo que a mantenha viva. Isso pode ser visto quando Mónica Echeverría convoca sua filha Carmen Castillo para escrever com ela:

A minha [memória] se perde na distância do tempo e, sem dúvida, as vivências se sucedem uma pós outra. A dela está muito mais perto, murmuro. E, sem dúvida, alguma coisa a impede de regressar ao pretérito. Estou confusa.

Mas ela insiste:

— Conte sua vida, mamãe, não importa que os feitos às vezes se exagerem ou não sigam uma ordem cronológica exata. Até porque, qual é a realidade exata?

— **Se eu faço esse esforço — eu disse —, devo fazê-lo acompanhada.** (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 9, tradução nossa, grifo nosso)<sup>51</sup>

Mónica Echeverría queria tirar sua filha do silêncio acerca do passado, que ela entendia como esquecimento, ou vontade de esquecer, e conseqüentemente, a sentia distante pelo fato da filha não compartilhar com ela aquelas memórias. Ou seja, ela queria reforçar a memória coletiva que elas possuem, pois a falta de vontade de Castillo em estar naquele grupo, inclusive fisicamente, já que ela nunca voltou do exílio, fazia com que a memória de sua mãe, de certa maneira, estivesse enfraquecida. Sobre isso, Maurice Halbwachs afirma que: “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (1990, p. 25). O historiador ainda afirma sobre essa questão, que quando a memória de um é escorada na memória do outro, os dois indivíduos (ou mais) têm mais confiança acerca da precisão da narrativa. Pois assim a memória coletiva que se forma possui mais ângulos de vista, mais elementos, mais informações e mais confirmação (1990, p. 25).

Se não há a partilha, e não há um espaço comum de partilha, a lembrança de um não encontra a do outro, e assim, a memória coletiva – que comporta elementos que os outros perceberam, e não o indivíduo em questão, de modo que possa haver reconhecimento e reconstituição – não acontece ou, se já aconteceu, desaparece (HALBWACHS, 1990, p. 34). Se esse contato se rompe, e acontece esse desaparecimento da memória coletiva, é como se as duas pessoas não falassem mais a mesma língua, e cada um permanece, portanto, com apenas a sua memória individual, e para fazer com que as teorias apresentadas aqui dialoguem: é como se cada um ficasse somente com a sua parte do geometral – se aproximarmos do que já foi mencionado anteriormente da teoria de Veyne. Ou seja, a memória coletiva para estar viva, precisa existir em uma sociedade, em um grupo, precisa da partilha (HALBWACHS, 1990, p. 35). E nisso é possível ver outra faceta do que move as autoras aqui a escreverem e a publicarem seus livros.

---

<sup>51</sup> Texto original: — Cuento tu vida, mamá, no tiene importancia que los hechos a veces se exageren ni sigan un orden cronológico exacto. Por lo demás, ¿cuál es la estricta realidad?  
— Si yo hago este esfuerzo — le digo — debo hacerlo acompañada.



E falando sobre a publicação dos livros, essas obras, quando são lidas na sociedade ou em um grupo, acabam se tornando como outro elemento externo de memória na qual um indivíduo poderá apoiar sua memória individual, caso tenha vivido o período e haja elementos de identificação:

Se essas duas memórias se penetram frequentemente; em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoia-se sobre a memória coletiva, desloca-se nela, confunde-se, momentaneamente, com ela; e nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. (HALBWACHS, 1990, p. 53)

Quando o indivíduo não viveu o período (em caso de salto geracional, por exemplo), essa memória compartilhada recebida em forma de livro se confronta, adapta-se e é absorvida na memória que esse indivíduo está construindo desse período da história. Dessa forma, vê-se a importância que há na inserção de livros literários de memória de períodos históricos, como o tratado aqui –a ditadura militar brasileira e a chilena – no processo educacional (escolarizado ou não) de um indivíduo.

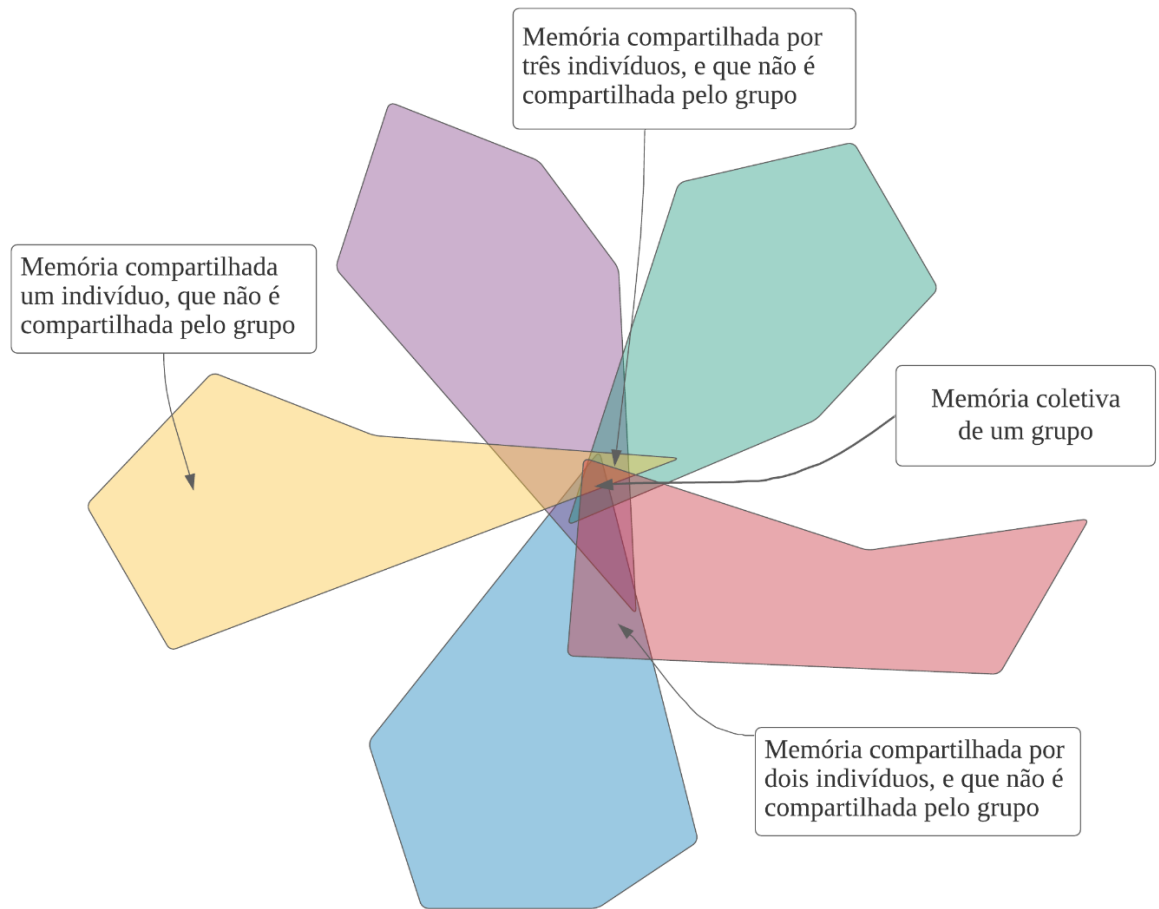
Por conseguinte, cabe pontuar que a memória coletiva, para Halbwachs, é possuída por grupos – não uma uniformidade. Ou seja, um determinado grupo da sociedade pode compartilhar uma memória da ditadura militar a entendendo como um período de dor e sofrimento, enquanto outro grupo tem uma memória diferente desse período que selecionou apenas partes que se pressupõe boas, ignorando (por diversos motivos) as partes sangrentas.

Ademais, a memória coletiva acolhe as memórias individuais, mas não todas elas. Justamente porque não acolhe todas, e um indivíduo também não acolhe a coletiva inteiramente como se fosse dele:

Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo. A memória coletiva o é também, mas esses limites não são os mesmos. (HALBWACHS, 1990, p. 54)

Observe a imagem abaixo:

Figura 2: Memória individual e coletiva



Fonte: elaborado pela autora

Assim, nesse processo um indivíduo possui memórias individuais de algo que não são parte da memória coletiva do grupo do qual ele faz parte e pode ter mais ou menos elementos da memória coletiva comum – é por isso que essas memórias não se confundem. Por exemplo: Castillo e Echeverría podem compartilhar a memória de que a ditadura militar chilena foi horrível; ou Lena e sua mãe Amália o mesmo, de que a ditadura brasileira foi terrível e sangrenta. Simplificando, tem-se que muitas pessoas concordam com isso, fazendo parte de um grupo; muitas pessoas discordam disso, fazendo parte de um segundo grupo. As pessoas do primeiro grupo, assim como as autoras chilenas e as personagens da obra brasileira, concordam que as ditaduras foram horrendas, mas as pessoas desse grupo não compartilham (ou não compartilhavam, antes da leitura) as memórias pessoais de cada uma dessas mulheres. As pessoas desse grupo sabem que pessoas foram presas, mas não possuem uma imagem de Lena sendo presa precisando lembrar de desligar o fogo do bife. As pessoas desse grupo sabem que

pessoas resistiram artisticamente contra o regime, mas não sabem de cada detalhe que Mónica Echeverría fez em suas atuações e intervenções artísticas.

O autor também fala de eventos que um indivíduo pode não ter vivido e que, por ser algo muito forte em uma nação, o que faz com que o indivíduo acabe emprestando a memória de outra pessoa. Ele nem a complementa com sua própria, mas a recebe de outro (ou outros), confiando em quem lhe dá, seja através de uma conversa, seja através de uma leitura. Dessa forma, um indivíduo acaba criando uma memória a partir de uma junção de todas as reproduções das quais tem acesso e que são provenientes de membros do grupo que partilham dessa memória, que testemunharam ou que – de semelhante modo – receberam também essas memórias (HALBWACHS, 1990, p. 54).

Por conseguinte, indivíduos também podem receber e compartilhar memórias que nem viveram, como faz Mónica Echeverría ao longo do primeiro capítulo da obra chilena, quando compartilha elementos da história política do Chile e de sua família que datam anos antes de seu próprio nascimento. Ou Lena, que descreve o sequestro do embaixador americano do qual não participou diretamente – nem ela, nem a autora Ana Maria Machado. Ou, ainda, esta própria dissertação, que fala de memórias de outras pessoas e de um período não vivido por quem escreve.

O historiador Maurice Halbwachs também faz distinção entre duas memórias: uma interna e outra externa, ou, pessoal e social, ou ainda, memória autobiográfica e memória histórica. De modo que a primeira se escora na segunda “pois toda a história da nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda é mais ampla que a primeira” embora, para nós, a parte mais encorpada de memória seja a nossa pessoal, e não a social (HALBWACHS, 1990, p. 55). Desse modo:

Os acontecimentos históricos não desempenham outro papel senão as divisões do tempo assinaladas em um relógio, ou determinadas pelo calendário. Nossa vida se escoa em um movimento contínuo, mas logo que nos voltamos para aquilo que já se desenrolou, sempre nos é possível distribuir as suas diversas partes entre os pontos de divisão do tempo coletivo que encontramos fora de nós, e que se impõem de fora a todas as memórias individuais, precisamente porque eles não têm sua origem em nenhuma delas. (HALBWACHS, 1990, p. 56)

Essa questão é visível nas duas obras no que foi chamado em diversos pontos deste trabalho de entranhamento da memória pessoal com a memória do país. Segue um exemplo de

como isso se dá no confronto de memórias de Helena e Amália se apoiando na memória histórica:

—Com toda exatidão. Tinha seis anos. Essa foto é de 68. Agosto de 68. Lembro que voltei ao colégio especialmente para apanhar o retrato, que já estava pago e tudo, poucos dias antes da confusão toda, Cláudia já não estava mais indo à aula. Em setembro, portanto...

Lena se lembrava do que houve, mas misturava um pouco as datas e os fatos. Achava que tudo tinha sido um pouco antes.

—Não foi julho, mamãe? Ou maio? Isso mesmo, maio ... Maio de 68... Os estudantes se manifestavam na França e aqui também, foi a maior coincidência, dois processos tão diferentes...

—Não, minha filha, lembro bem. Por causa do Dia do Soldado, 25 de agosto. Maio e junho foi o começo das passeatas. Mas eu estou falando é do outro caso, quando ela teve que sair da escola.

—Pensei que fosse na época do campo do Botafogo, quando houve a invasão da reitoria.

As lembranças vinham nítidas, a todas duas. Amália concordou:

—Ah, isso sim, deve ter sido no começo de junho. Mas as manifestações aqui já tinham começado muito antes de maio, antes da França. Desde que a polícia atirou naquele rapaz lá no restaurante universitário...

Isso tinha sido em março, lembrava Lena. Começo do ano letivo. Uma manifestação qualquer, comum, corriqueira, de estudantes contra um aumento de preço da refeição. A polícia chegou atirando e matou um garoto, depois quis carregar o corpo para longe, sumir com ele.

(MACHADO, 2005, p. 74, 75)

No trecho citado, mãe e filha tentam se situar no tempo em relação à saída de Cláudia da escola com datas históricas do calendário – Dia do Soldado – e de manifestações que tiveram grande visibilidade, com o caso das manifestações na França e do primeiro assassinato de um estudante, o secundarista Edson Luís Lima Souto, durante a ditadura militar, no restaurante Calabouço. A data é 28 de março de 1968. Depois de relembrar toda uma narrativa sobre os protestos e a Passeata dos Cem Mil, Amália se recorda que havia sido em junho. “Lembrando disso, Amália mais uma vez confirmou: era junho. Festa de Santo Antônio. O calendário de 1968 ficou marcado a sobressaltos na sua memória, mesmo” (MACHADO, 2005, p. 85). Algo semelhante se sucede na obra chilena quando Mónica Echeverría relaciona o ano de seu nascimento com um grande marco para o país e diz:

1920, o ano em que nasci, representa um marco histórico. Nesse ano se apresentou pela primeira vez na história da república chilena como candidato à presidência da república, um homem de classe média, provinciano, e que

não pertence à tradicional aristocracia chilena, um “siútico”<sup>52</sup>, um arrivista, Arturo Alessandri Palma. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 21)<sup>53</sup>

Dessa forma esse diálogo entre memória individual e coletiva começa a se aproximar da questão da história. Sobre isso, Halbwachs afirma que para um fato ser histórico e marcante no qual a pessoa venha a se apoiar – e não uma memória individual –, a pessoa não pode ter participado daquele evento diretamente. No caso de Echeverría, se fosse ela Arturo Alessandri Palma, o fato marcante não seria apenas uma data na história do país, mas algo de sua própria memória individual. O mesmo para o caso das brasileiras. Aqueles fatos só foram externos a elas porque elas não participaram daquelas ações (ao menos não de todas e não sozinhas, como se fosse algo de suas responsabilidades – ao que tange aos protestos estudantis, já que elas não falam deles se incluindo).

O autor atenta para o fato de que a memória de uma nação não consegue compreender o universo de memórias individuais, e que isso só acontece quando um indivíduo tem um papel importante dentro da memória da nação – o que acontece com o avô de Mónica Echeverría; Fernando Castillo, que foi marido de Echeverría; Miguel Enríquez, que foi parceiro de Carmen Castillo; e até mesmo Franklin Martins, irmão de Ana Maria Machado que participou do sequestro do embaixador americano e, obviamente, inspira o personagem Marcelo (e talvez Valdir também) na obra brasileira. O historiador também pontua que entre um indivíduo e a nação existem muitos outros grupos – maiores ou menores – dos quais um indivíduo faz parte (HALBWACHS, 1990, p. 76 - 79). Dessa forma, apreende-se que há camadas e camadas de memórias distribuídas entre diferentes grupos e indivíduos. De modo que um determinado grupo pode acoplar em sua memória de nação, uma memória de um membro de seu grupo, mas não a de membros de outros grupos, por exemplo.

Por fim, entende-se que a memória coletiva não se confunde com a história, justamente devido à grande variedade de grupos em tempos e espaços diferentes. A história simplesmente não daria conta de abarcar todas as memórias devido a infinitude destas. Por outro lado, tem-se a memória coletiva que é contínua; permanecendo nela apenas o que ainda está vivo em um grupo. Se um grupo para de compartilhar e para de considerar aquilo como sua memória, ela finda. Assim, enquanto, para Halbwachs, a história é a “compilação dos fatos que ocuparam o

---

52 Pessoa que imita ou parece ser de classe alta.

53 Texto original: 1920, el año en que nací, marca un hito histórico. Ese año se presenta por primera vez en la historia de la República como candidato a la Presidencia de la República un hombre de clase media, provinciano, y que no pertenece a la tradicional aristocracia chilena, un “siútico”, un advenedizo, Arturo Alessandri Palma.

maior espaço na memória dos homens” (HALBWACHS, 1990, p. 80), ainda que ele não discuta por quais meios isso tenha acontecido – já que, como discutido anteriormente, um grupo com autoridade para narrar o que é ou não a história pode omitir perspectivas que não sejam de seus interesses.

Prosseguindo, este trabalho se encaminha para análises a partir dos conceitos relacionados à memória individual e experiência coletiva em Jeanne Marie Gagnebin e Joel Candau, no que tange também às questões referentes à memória e esquecimento. Dessa maneira, viver um evento de ruptura e sofrimento muda o modo como a memória se revela no processo de escrita, já que as exigências pessoais estão ligadas à necessidade de transformar a memória individual em memória coletiva. Jeanne Marie Gagnebin fala da faculdade da memória dos sobreviventes da Shoah como uma memória que repetidamente vem à tona, sem que isso possa ser controlado. Esse movimento de trazer à tona suscita a iniciativa de “tentar dizer o indizível, buscando elaborar de forma simbólica o evento de dor que foi vivido, de modo a lhes permitir a continuar a viver. Ao mesmo tempo, esse movimento permite o testemunho de algo que o grupo acredita que não pode e nem deve ser apagado da memória coletiva de uma sociedade – justamente elevando esse grupo que partilharia dessa memória coletiva ao conjunto de toda a humanidade (GAGNEBIN, 2006, p. 99).

Outro ponto a ser abordado é o da dinâmica entre lembrar e esquecer, que funcionam como um editor no processo de seleção da memória. O autor argentino Jorge Luis Borges, em um de seus poemas diz: “Apenas uma coisa não há. É o esquecimento” (BORGES, 1974, p. 927). Por esse prisma, a memória viva é a memória selecionada, não esquecida como fruto de algo acidental, ou prosaico, como esquecer onde está o controle da televisão. Segundo o autor, “Somos nossa memória, somos esse quimérico museu de formas inconstantes” (BORGES, 1969), isso porque, afinal, a memória está diretamente ligada à formação de uma identidade. Mas, se tratando de trauma, é preciso ter em mente que “é totalmente impossível de se viver sem o esquecimento”, de acordo com Friedrich Nietzsche (NIETZSCHE apud. SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 60), já que memórias de dor definem como o presente é vivido.

Assim, as dinâmicas do lembrar e esquecer são muito presentes nas duas obras. Na obra de Machado pode-se notar essa questão no seguinte excerto: “Ela mesma, Amália, se dava conta agora de que tinha vontade de lembrar mais, de deixar a memória minar as recordações, feito água” (MACHADO, 2005, p. 239). Isso acontece quando se inicia o processo de abrir e fechar caixas e pastas de fotos, documentos, cartas, depoimentos de Lena e Amália e a decisão de

triagem de memórias que entrarão ou não no que Lena vai reviver ou escrever (p. 217). Essas atitudes precedem a escrita que quer minar feito água e que quando está em público “orienta as memórias individuais em uma mesma direção” como afirma Joel Candau (2012, p. 108).

Por outro lado, o historiador francês Pierre Nora afirma que a memória não é espontânea. Ela precisa de marcos físicos, de datas, e de elementos que venham a compelir a sociedade a refletir sobre algum fato. E que “sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria” (NORA, 1993, p. 7). Nora afirma que “a necessidade da memória é uma necessidade da história” (NORA, 1993, p. 8). Nisso reside a importância do incentivo à produção editorial de obras que tratem da memória do país e do incentivo à leitura. Paulo Roberto de Almeida afirma que os livros “são a garantia do pensamento, da reflexão e do debate como os alicerces da democracia. São considerados perigosos pelos que flertam com os autoritarismos.” e lembra o, já clássico da literatura, Fahrenheit 451, de Ray Bradbury (2003) ao dizer que a bibliodiversidade é uma arma importante não só para lidar com as memórias de atos grotescos, mas também com qualquer movimento que se volte à violência e crueldade por parte das autoridades (ALMEIDA, 2020, p. 25-28). Se não há marcos de memória que façam que um fato adentre de modo mais profundo na construção da sociedade, a história corre o risco de ser manipulada aos interesses de quem está no poder. Assim a história de um país pode correr o risco de ser como uma política de governo, e não como uma política de Estado, que é algo mais permanente. De modo que a história mude constantemente de acordo com quem está no poder.

A partir dessas considerações, fica escancarado o que Eurídice Figueiredo conclui a partir dos escritos de Jacques Derrida e Pierre Nora, de que não haveria a necessidade de registro das memórias da opressão do regime militar se não houvesse uma ameaça do apagamento. E que a existência desses registros é importante em uma sociedade que não vive da memória, mas dos arquivos, dos dispositivos que resguardam a pessoa e a sociedade do esquecimento (FIGUEIREDO, 2017, p. 28). No Brasil, um país de dimensões continentais, há apenas um espaço destinado a isso, o Memorial da Resistência de São Paulo, que faz parte da Pinacoteca do Estado de São Paulo. (FIGUEIREDO, 2017, p. 26). Ademais, esse memorial abrange o período da ditadura militar e o período da ditadura Vargas. Nesse contexto, pode-se considerar os livros, a literatura, como espaços de memória, de modo que quando compartilhados e lidos venham a compor a memória coletiva e reforçar os marcos da história, a fim de que estes não sejam esquecidos.

Prosseguindo, Eurídice Figueiredo afirma que há duas formas de esquecimento: o individual e o coletivo. O primeiro se dá quando a pessoa que sofreu o trauma, recalca o que

foi vivido, jogando a questão para o inconsciente. Quando isso acontece, o luto não é vivido e a pessoa pode apresentar repetidos sintomas físicos e psíquicos. A autora também afirma que o processo de cura desses sintomas precisa passar pela palavra – que é uma perspectiva da psicanálise – apresentando como opções a organização desse trauma em forma de narrativa em sessões e em escrita (FIGUEIREDO, 2017, p. 28 e 29). Enquanto que “o esquecimento coletivo vem do desejo ou necessidade de um grupo social de querer esquecer ou denegar o acontecido. A denegação é uma dupla negação: afirma que não aconteceu aquilo que efetivamente ocorreu” (FIGUEIREDO, 2017, p. 29).

Focando na questão da escrita feita por pessoas que sofreram grandes choques e que buscam a cura deles através da escrita, a autora afirma que aquele que escreve precisa tatear pelos vestígios do passado para reconstruir, através da organização de palavras em narrativas, os eventos que se sucederam e as informações que possui. É a essa sobreposição de elementos da memória e de dados, que partem de lembranças pessoais e familiares e de outros tipos de arquivos, a serem decifrados, organizados e ressignificados, que a autora chama de palimpsestos (FIGUEIREDO, p. 29 e 30). Desse modo, Figueiredo afirma que

A literatura sobre a ditadura se constrói a partir desse palimpsesto e cumpre o papel de suplemento aos arquivos que, ainda quando abertos à população para consulta, são áridos e de difícil leitura. Ao criar personagens, ao simular situações, o escritor é capaz de levar o leitor a imaginar aquilo que foi efetivamente vivido por homens e mulheres. (FIGUEIREDO, 2017, p. 29)

Figueiredo pontua que a maioria da população, diferentemente dos familiares das vítimas, da posição da Comissão Nacional da Verdade, e é possível citar aqui também alguma parcela da sociedade civil, segue uma postura de não olhar para trás. Essas pessoas acreditam que isso não capacitará a sociedade para seguir em frente. É consoante a isso que a autora aponta a importância das expressões artísticas, ainda que no campo ficcional, na rememoração das vítimas, no sentido de valorizar a luta pela democracia (FIGUEIREDO, 2017, p. 35). A autora, portanto, afirma que “ao rememorar as vítimas, a arte suscita reflexão, na esperança de que não ocorram novas catástrofes” (FIGUEIREDO, 2017, p. 35).

Nesse sentido, Eurídice Figueiredo pontua que não há dúvidas quanto ao teor testemunhal de muitas obras da literatura brasileira que retratam desastres. A pergunta que fica, portanto, é sobre como se dá esse testemunho, já que a autora também afirma que o modo literário brasileiro se distancia do *testimonio* hispano-americano, que ela diz ser caracterizado, em geral, pela presença de um mediador. A autora também distancia a literatura brasileira de testemunho da



literatura de testemunho de Shoah, referente ao assassinato em massa de judeus cometido pelos nazistas na Europa (FIGUEIREDO, 2017, p. 40 e 41).

Figueiredo afirma que o foco da maioria dos escritores brasileiros ser a violência urbana é uma forma de negar a ditadura militar. Esse foco, segundo a autora, é tomado pelos autores que não mencionam a ditadura como algo que é parte da história brasileira (FIGUEIREDO, 2017, p. 23 e 42). Essa questão não aparece na obra brasileira estudada, já na obra chilena, a violência urbana só aparece uma vez, quando Mónica Echeverría narra o fato de que uma jornalista que foi sozinha à *población* de La Victória cobrir o assassinato do padre André Jarland<sup>54</sup> e teve seu carro desmontado e roubado. La Victória é uma região de ocupação de terras semelhante ao que no Brasil são as favelas. Ela é um marco quando o assunto é a tomada de terras em zona urbana no Chile, que apesar de não ter sido a primeira, é um exemplo de mobilização de um movimento organizado em prol de transformação social e formação de comunidades a partir de tomada de terras. Seu caso é muito estudado porque foi feito a partir de uma mobilização que tem uma ação que intencionalmente se legitima a partir da noção de direito de moradia, indo de encontro com ideais liberais de propriedade privada e lógicas institucionais do Estado (CORTES, 2014).

A narrativa sobre La Victória é muitas vezes feita como uma região alternativa à lógica vigente, de luta por igualdade social e justiça, sendo muitas vezes camuflada a questão da violência. Nesse sentido é feita a narrativa de Mónica Echeverría, mostrando que a motivação ideológica se sobrepõe à violência, sendo que na prática, isso não necessariamente acontece. Segue o trecho:

Um dia, a jornalista Patricia Pollitzer quis ir por conta própria [à La Victória], e seu carro foi saqueado. Diante desse drama, ela me chama desesperada. Basta uma palavra minha para que se dê a ordem de devolver o que foi subtraído e quando voltam, vê-se muitos garotos reconstruindo o carro, colocando as rodas, os faróis e o rádio roubados. “Aos amigos se respeita”, me disse a dirigente, que é uma mulher corajosa cujo marido está preso. (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 223, tradução nossa)<sup>55</sup>

<sup>54</sup> O padre André Jarland foi atingido na cabeça, enquanto lia a Bíblia, por uma bala perdida dos carabineiros em um dia de protesto em La Victória. Embora algumas lideranças católicas e líderes religiosos católicos tivessem se colocado contra a ditadura desde o início, foi só a partir desse momento que a Igreja Católica, de forma mais institucional, se colocou contra.

<sup>55</sup> Texto original: Un día, la periodista Patricia Pollitzer pretende ir por su cuenta, y su auto es desvalijado. Ante su drama me llama desesperada. Basta una palabra mía para que se dé la orden de devolver lo sustraído y cuando llega, ve a varios muchachos, reconstruyendo los desperfectos y colocando ruedas, faroles y radio robados. “A los amigos se les respeta”, me dice la dirigente que es una mujer brava que tiene a su marido relegado.

A narrativa da autora constrói a ideia de que a líder local, de caráter político antiPinochet, como é descrita aquela *población*, como uma região livre da ditadura, está acima da violência. Como se essa obediência dos criminosos fosse apagada pelo caráter político que há no local, pautando os que estão contra o regime como amigos. Assim, ainda que mencionada a questão da violência urbana, ela não é desvinculada da consideração política de mostrar através da ação dos marginalizados qual o posicionamento daquela comunidade frente ao governo de Pinochet.

Eurídice figueiredo também diz que “só a literatura é capaz de recriar o ambiente de terror vivido por personagens afetados diretamente pela arbitrariedade, pela tortura, pela humilhação” (FIGUEIREDO, 2017, p. 43). Assim, para além de encontrar uma outra versão da história, Figueiredo aponta que há “tanto a necessidade, quanto a possibilidade da ficção em recriar, através da imaginação e da liberdade composicional, não aquilo que realmente aconteceu, o que é impossível, como já apontava Walter Benjamin no seu seminal texto sobre os conceitos da História, mas algo que possa evocar o que pensaram, sentiram ou sofreram os personagens.” (FIGUEIREDO, 2017, p. 43).

Esse trecho aponta para uma busca de reconstrução que, embora se equilibre em uma corda bamba por ter sua validade mais contestada, é mais honesta e humana. Afinal, os sentimentos e pensamentos daqueles que sofreram naquele período é tão relevante quanto um levantamento bruto de mortos e feridos dos períodos ditatoriais. Afinal, como negar esses elementos por vezes metafísicos e envoltos em subjetividade quando até as próprias memórias familiares são tão transpassadas pela violência de Estado?

Figueiredo ainda afirma que, se por um lado a escrita da história precisa ser mais concisa, a expressão artística que trata esse período não pode não conter fissuras, lacunas e discontinuidades, já que é tecida através da subjetividade e do trauma e é fragmentada pela violência vivida (FIGUEIREDO, 2017, p. 44). Não é possível (ou melhor, é muito mais difícil) permanecer inerte diante das narrativas que tratam de dores de maneira tão visceral. É nesse raciocínio que a autora afirma que “a ficção não é sinônimo de fantasia e de imaginação: trata-se, antes, de uma estratégia ordenadora da linguagem a fim de criar uma narrativa legível, compreensível” (FIGUEIREDO, 2017, p. 44). O que é compreensível quando se considera que o que precisa ser organizado e reinventado através da ficção. Afinal, as lembranças são cheias de lacunas na mente daquele que sofre o trauma, até mesmo por considerar o peso do horror e da contradição que há em sofrer violência de Estado, a instituição que deveria cuidar e proteger seus cidadãos. Isso acontece porque “a ficção é parte intrínseca do ato de narrar, mas a fantasia

só surge nas narrativas de valor testemunhal para exprimir as incongruências e as ironias do comportamento autoritário” (FIGUEIREDO, 2017, p. 45).

Assim, a literatura mostra-se um meio de preservar no espaço e tempo as memórias, sentimentos e pensamentos de um indivíduo ou grupo. Isso não retira da literatura o caráter testemunhal, da mesma forma que os textos historiográficos não são tolhidos do caráter de arquivo por apresentarem um caráter de exercício imaginativo<sup>56</sup>. Sobre isso a autora afirma que:

A literatura não é sinônimo de ficção no sentido estrito de imaginação e fantasia, ainda que toda narrativa, mesmo a historiográfica, contenha algum índice de ficcionalidade, já que a subjetividade atravessa a organização textual. Recusar como não-literário aquilo que não é ficção no sentido estrito (romance) seria recusar valor literário a *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, *As confissões*, de Rousseau, *Memórias de além túmulo*, de Chateaubriand, toda a obra de Pedro Nava e *j'en passe*. (FIGUEIREDO, 2017, p. 117 e 118)

Segundo Antoine Compagnon em sua obra *Literatura para quê?* (2009, p. 47), a literatura perturba mais do que os discursos filosóficos, e “percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes” (apud FIGUEIREDO, ano, p. 45). É dessa forma que a literatura provoca o leitor. O que acontece nessa relação de autor e leitor pode ser compreendido pelo conceito de espelho e janela abordados por Judith Butler (2015). A filósofa afirma que através do outro (janela) é possível ver a si mesmo (espelho) em um exercício de empatia e alteridade, e dessa forma “de algum modo, ver que o outro é como eu” (BUTLER, 2015, p. 37).

A partir desse processo de exposição que o autor sofre, Butler afirma que “ninguém pode viver em um mundo radicalmente não narrável ou sobreviver a uma vida radicalmente não narrável” (BUTLER, 2015, p. 49). É justamente por isso que muitas pessoas buscam dispositivos que acolham suas narrativas, não só a fim de se organizarem, mas de permitirem que outras pessoas olhem para elas como uma janela e como um espelho. Ainda que com a consciência de que não é possível fazer caber tudo dentro da narrativa, justamente porque não é possível que ela abarque todas as dimensões do vivenciado (BUTLER, 2015, p. 52-54).

Entendendo mais sobre como dialogam autor e público leitor, é possível perceber melhor o local que esse tipo de literatura ocupa na sociedade. Figueiredo menciona o trabalho de Sísifo que há em catalogar as obras brasileiras que abordam a ditadura, e dispensa essa necessidade.

---

<sup>56</sup> A ideia sobre o caráter imaginativo nos textos historiográficos será abordada mais adiante a partir de autores que discorrem sobre a escrita da história.

Apesar disso, ela faz uma seleção de obras relacionadas ao tema, criando um índice de referências, e os dividindo em diferentes períodos e categorias.

Os períodos são três: o primeiro compreendendo os anos de 1964 a 1979, o segundo período compreendendo os anos de 1980 a 2000, e o terceiro período, que vai de 2001 até os dias atuais (FIGUEIREDO, 2017, p. 47 e 48). Dentro disso é possível considerar que a obra de Machado se encaixaria nesse segundo período, marcado por “escritos autobiográficos de expresos políticos exilados, beneficiados pela lei da anistia, que voltaram ao Brasil [...] ou recém-saídos da prisão ou da clandestinidade” (FIGUEIREDO, 2017, p. 48 e 64).

Figueiredo ainda destaca o fato de que todos os autores estudados por ela, eram intelectualizados e escreviam bem, além de terem, posteriormente, publicado outros livros. No caso de Ana Maria Machado, dentre sua vasta publicação de literatura infantil, há também outros romances. É tomada aqui a liberdade de relacionar esses períodos e características também com a obra chilena, já que a própria autora, Eurídice Figueiredo, acaba comentando sobre outras obras hispano-americanas. Assim, ainda que o ano de publicação da obra chilena esteja fora do período marcado por Figueiredo<sup>57</sup>, essa característica anteriormente mencionada também é presente no caso das chilenas. Ambas possuem nível superior, se comunicam bem e possuem outras obras publicadas, que inclusive também tratam do período ditatorial no Chile, como *Un día de octubre en Santiago* (CASTILLO, 2011), *Antihistoria de um luchador*<sup>58</sup> (ECHEVERRÍA, 1996), *Krassnoff*<sup>59</sup>, *arrastrado por su destino* (ECHEVERRÍA, 2008), *Insaciables* (ECHEVERRÍA; LUTZ, 2012) e o último, *Háganme callar*<sup>60</sup> (ECHEVERRÍA, 2016).

Já o primeiro período compreenderia as narrativas em torno da utopia buscada pelos militantes de esquerda e quebra dessa utopia frente ao fracasso dos projetos revolucionários. Enquanto o terceiro período é caracterizado por traços mais retrospectivos e informações mais apuradas (FIGUEIREDO, 2017, p. 47), no qual caberia relacionar a obra das chilenas Mónica

---

<sup>57</sup> A obra Santiago – París: el vuelo de la memoria foi lançada em 2002.

<sup>58</sup> Sobre a vida de Clotário Blest, sindicalista chileno e católico franciscano. Foi fundador de diversas organizações, como a Central única de Trabajadores (CUT), Movimiento de Izquierda Revolucionária (MIR), Comité de Defensa de Derechos Humanos (CODEH), Comité de Defensa de Derechos Sindicales (CODES) y Comité de Defensa de Derechos Humanos y Sindicales (CODEHS).

<sup>59</sup> Miguel Krassnoff Martchenko, nascido na Áustria, é um ex-militar chileno que participou do golpe contra Salvador Allende e era membro da Dirección de Inteligencia Nacional (DINA), a polícia secreta chilena, durante a ditadura de Pinochet.

<sup>60</sup> Nessa obra mais recente, Mónica Echeverría tece uma crítica contra os militantes de esquerda que se converteram ao neoliberalismo.

Echeverría e Carmen Castillo. Pois mesmo que se trate de uma obra de outro país, muitos elementos históricos e literários as aproximam.

Considerando as obras ficcionais e as não ficcionais, ela aponta que todo esse “material pode ser, também, considerado como arquivo, pois ele faz o inventário das feridas e das cicatrizes que as torturas e as mortes provocaram em milhares de brasileiros” (FIGUEIREDO, 2017, p. 45) – o que pode também ser aplicado ao Chile. Figueiredo ressalta que “os arquivos, em sentido estrito, são documentos de leitura árida reservados aos historiadores, enquanto a literatura atinge um público amplo” (FIGUEIREDO, 2017, p. 46). Para exemplificar o alcance da obra literária a autora menciona a obra *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira, que segundo pesquisa de Heloísa Buarque de Hollanda (HOLLANDA apud FIGUEIREDO, p. 67, 2017) até o ano 2000 teria vendido cerca de 185.000 exemplares.

Por fim, é possível considerar que o olhar que a literatura lança sobre a história é por muitas vezes contraditório, assim como a própria condição humana – daqueles que produzem a literatura – e a conturbada caminhada dos países latinos. Apesar das vozes que exaltam os períodos ditatoriais pontuarem que a versão que trata os eventos em questão como golpes ditatoriais sejam conspirações de grupos de esquerda, que essa visão só apresenta um lado da história, além de tratar toda a resistência contra a ditadura como uma grande massa homogênea, quando se volta para a literatura é possível perceber a complexidade que havia na resistência. Sobre isso, Figueiredo afirma que

Por outro lado, não vejo nenhuma utopia de nação, porquanto toda a produção literária, de 1964 aos dias de hoje, através de gêneros e técnicas narrativas diferentes, desvela, escancara ou camufla as fraturas de um país desigual e violento. Mesmo nos livros dos ex-guerrilheiros há muito mais crítica e autocrítica do que glorificação de heróis; há vítimas, sem dúvida, mas não há narrativas da vitimização porque os autores têm consciência de que só entrou na luta quem quis (ainda que não estivesse preparado para a tortura). (FIGUEIREDO, 2017, p. 118)

Diante disso, é possível olhar para as possibilidades do tratamento do trauma e da escrita da história em diferentes formas literárias, a partir de reflexões sobre a recuperação de experiências traumáticas através da memória individual, e de certo modo, conseqüentemente coletiva. Isso servirá de base para a reflexão sobre a atuação feminina e sobre a construção de identidades, tendo como *corpus* principal os dois livros expostos até aqui: o romance *Tropical sol da liberdade* (MACHADO, 2005), de Ana Maria Machado, e a obra *Santiago-París: el vuelo de la memoria* (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002), de Mónica Echeverría e Carmen Castillo.

Desse modo, sabendo das tensões entre literatura e história, especialmente se tratando das faíscas que causaram as contestações de Walter Benjamin (BENJAMIN, 2012)<sup>61</sup>, e historiadores da Escola de *Annales* e, posteriormente, Hayden White (1995) em relação às aproximações de textos históricos e conceitos literários. Não se pode fugir à noção de que tanto a literatura quanto a história têm algo em comum: são constituídas de material narrativo. De acordo com Linda Hutcheon (HUTCHEON, 1999), o material narrativo da literatura e o da história, mesmo que por diferentes processos, procuram retratar um momento. Também é possível considerar que ambas são geradas através da subjetividade de quem escreve. Pois quem escreve, narra e edita, o faz através de uma perspectiva contextual, ideológica, política e social.

Finalmente, foi possível ver como se dá a relação entre os confrontos entre memória individual, como elas se podem se tornar coletivas ao serem compartilhadas – apresentando-se como testemunhos –, e como essas memórias coletivas permanecem vivas apenas enquanto compartilhadas em um grupo. Ademais, essas memórias não são apenas espontâneas, dependendo de espaços – como a literatura – para que evoquem as memórias nas pessoas. Enquanto, por outro lado, há a história, que não consegue abarcar todas as memórias individuais ou coletivas, mas que é impactada pela memória coletiva, que quando compartilhada por um grande grupo e viva – como o compartilhamento através da literatura – possuem mais força para figurarem na linha da história.

---

<sup>61</sup> A teoria de Walter Benjamin vai contra a vertente histórica positivista por ser escrita pela classe dominante e segundo a ideologia dessa classe.

#### 4 ROMPENDO O SILÊNCIO

*El lenguaje silencioso engendra fuego. El silencio se propaga, el silencio es fuego. Era preciso decir acerca del agua o simplemente apenas nombrarla, de modo de atraerse la palabra agua para que apague las llamas de silencio.*

— Alejandra Pizarnik

Além de pensar nos gêneros escolhidos para representação das memórias e na forma como as escritoras aqui estudadas escolhem fazer isso, é preciso lembrar que se trata de autoras – no feminino. Portanto, além do silenciamento decorrente da repressão de Estado sofrida por elas, também há um segundo silenciamento por causa do seu gênero. Esse ocultamento das vozes femininas não se manifesta apenas na impossibilidade da escrita (até porque não foi esse o caso), mas no apagamento de quem são e de quem podem ser. Desse modo nota-se um processo de anulação da autorrepresentação e da representação de mulheres reais, porque para a literatura feita por homens e para a forma patriarcal de ler o mundo não é permitida a existência de mulheres fora do perfil que eles, os homens, criaram.

Assim, é preciso considerar não só como as mulheres escrevem, mas sobre quem escolhem escrever e como elas descrevem a si mesmas e às outras mulheres. Para chegar nisso, é fundamental entender que há uma tradição da escrita de mulheres que difere da escrita dos homens, pois historicamente o trajeto e as ansiedades contidas em suas escritas são diferentes. Isso não consiste em negar os percalços vividos por homens em seu trabalho literário, nem afirmar que eles não precisam enfrentar ansiedade de autoria. Ao diferenciar as tradições, ressalta-se que a posição socialmente ocupada por eles não foi um dos motivos para que eles sentissem tal ansiedade e, ainda, que eles não precisaram lidar com o silenciamento devido ao seu gênero. Desse modo, as escritas dessas mulheres não só apresentam um outro ponto de vista das narrativas, como discutido no capítulo anterior, mas também a dificuldade de se sobrepor ao silenciamento não só político e ideológico, mas representativo e literário.

A priori, é possível perceber a complexidade da atuação social de mulheres, como Machado, Echeverría e Castillo, já que aconteceram de formas múltiplas. Essas mulheres escritoras se fizeram presentes na resistência política – através de grupos organizados ou não – , na esfera familiar, doméstica, privada e, ainda, na expressão artística através de suas produções.

A articulação da política com a arte pode operar em, pelo menos, três frentes de ação. Em uma primeira frente, ao se manifestarem artisticamente através da escrita (ou por outras linguagens artísticas), as autoras fazem um movimento de resgate de si, refletindo sobre as suas experiências como mulheres, sobre as situações que viveram, o espaço que ocupavam, as opressões que sofreram, privilégios que possuíam e como atuaram diante disso tudo. Em uma segunda frente, a escrita permite a elas convocarem uma possível leitora, através da identificação com o gênero, com as experiências escritas e com as personagens que estão na obra criada. Isso gera um movimento de provocar aquela que lê a pensar em si mesma em relação ao seu contexto social e político. E dependendo da forma como isso tudo é inscrito na literatura, pode indicar a essa leitora que ela também pode ter voz e poder – afinal, ela pode perceber que só de possuir o poder da escrita, ela já lida com uma possibilidade de ser uma mulher não silenciada. Já em uma terceira frente, autoras, narradoras e personagens travam uma batalha de denúncia das estruturas sociais, culturais e dos poderes políticos ao abordar os horrores com os quais conviveram e sob os quais as mulheres estavam (ou ainda estão) sendo submetidas.

Para que isso tudo possa ocorrer, Virgínia Woolf, em *Um teto todo seu* (1990 [1929]) aborda o quão essencial para a mulher é ter um espaço todo seu para escrever, ou seja, um espaço longe de constantes interrupções e demandas domésticas que possam desrespeitar o processo criativo e o tempo que a autora usa para focar na escrita. Esse tópico sobre o espaço também acaba se relacionando ao acesso aos ambientes de estudo, como bibliotecas e campi universitários de qualidade. Além disso, Woolf também fala da importância do dinheiro para permitir que as mulheres possam se dedicar à escrita, tornando-a independente dos homens e, portanto, não tendo sua criatividade subjugada por eles.

Todas essas questões podem ser observadas quando se lê as obras analisadas na presente pesquisa. Apesar de as exigências de Woolf serem colocadas como essenciais e muito presentes na história da literatura feita por mulheres, na América Latina, dentro da tradição latino-americana da escrita feminina é possível encontrar alguns pontos de divergência, como *Quarto de despejo* (1993 [1960]), de Carolina Maria de Jesus, e o livro *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia* (1983), escrito pela historiadora e antropóloga Elizabeth Burgos e ditado por Menchú. Além de muitas outras particularidades que o próprio campo da literatura de *testimonio* feita por mulheres na América Latina pode apresentar. Através disso é possível perceber, portanto, o efeito do recorte socioeconômico ocupado pelas autoras aqui estudadas, que é o que vai permitir que sua escrita exista, já que, conforme Woolf (1990 [1929]), isso



permite que elas tenham espaços que sejam mais seus, além de também colocar luz sobre suas narrativas.

Nesse sentido, nota-se a autonomia das três autoras aqui estudadas, tendo em vista que não há nenhuma marca de que suas decisões de trabalho, artísticas ou financeiras fossem governadas por seus maridos ou parceiros e que, sem dúvida, todas elas foram favorecidas pela sua família no que toca o incentivo educacional. Em sua autobiografia, Ana Maria Machado descreve o ambiente familiar e as discussões em torno de livros. Além disso, ela também não foi a primeira de sua família a ter um livro publicado (MACHADO, 1996). O mesmo acontece com Carmen Castillo e Mónica Echeverría, que aliás, também teve uma mãe escritora. Assim, é possível perceber que as três fazem parte de uma classe econômica e social privilegiada. No contexto latino-americano, todas podem ser consideradas brancas, além de possuírem ensino superior e fazerem parte de famílias bem posicionadas social e economicamente.

Ana Maria Machado possui graduação e pós-graduação em Letras pela UFRJ, estudou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no MoMA em Nova Iorque. A autora atuou como professora universitária, jornalista, pintora e escritora. Na autobiografia sobre sua trajetória como autora (MACHADO, 1996) vê-se que ela fazia parte da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro e convivia com artistas importantes no cenário nacional, como Rubem Braga, Tom Jobim e Marina Colasanti. Sua personagem Lena também atua como jornalista e faz parte de um círculo favorecido da Zona Sul carioca, como bem lembra um dos personagens para situar a perspectiva pela qual ela escreveria ao chamá-la de “garotinha classe média, universitária, Zona Sul do Rio” (MACHADO, 2005, p. 39).

Semelhantemente, as autoras chilenas, Echeverría e Castillo, são provenientes de família aristocrata do Chile, possuindo longa data na participação política do país. Sendo de família abastada de Santiago, cabe pontuar também que elas sempre moraram em boas regiões da cidade. A mãe de Echeverría, María Flora Yáñez, também foi escritora, e é comum que Echeverría mencione personalidades próximas à família, como Fidel Castro, Salvador Allende, Pablo Neruda e Julio Cortázar. Echeverría também teve formação superior em pedagogia pela Universidade do Chile e atuou como professora de literatura por 22 anos. Trabalhou, ainda, como professora da Universidade de Cambridge, como atriz e dramaturga. Castillo também trabalhou na área da educação como professora de história e pesquisadora na Universidade Católica do Chile. Ela também é cineasta e tem três livros publicados.

Observando essas biografias, é possível entender que essas foram, portanto, as 500 libras anuais e o quarto próprio de cada uma das autoras e da personagem Lena, de Machado, que

criaram ambientes propícios para a educação e bom posicionamento profissional das autoras, o que permitiu tempo de dedicação à escrita.

#### **4.1 A tradição da escrita de mulheres na América Latina**

Além de essas mulheres terem vivido um contexto que possibilitasse sua escrita, é preciso considerar, como Virgínia Woolf disse, que muitas mulheres – famosas ou desconhecidas – vieram antes, de modo a aplainar o terreno, tornar o percurso mais suave e orientar seus passos (WOOLF, 2013 [1942]). Por isso, é importante situar as autoras na tradição de escrita feminina, mas não no sentido de amputá-las de suas características para encaixá-las em algo. Ressalta-se, ainda, que é fundamental analisar essa tradição, visto que parte predominante dessa discussão se dá a partir da literatura de língua inglesa, e não é esse o contexto das autoras aqui estudadas.

Parte-se, portanto, da teoria das fases de escrita feminina feitas por Elaine Showalter (1997 [1977]) para depois discutir os pontos de distanciamento da teoria. Para a teórica, a primeira fase da escrita feminina (1840-1880), é um período marcado pela imitação da escrita masculina, porque era entendido que elas não tinham autonomia nem originalidade, o que Showalter afirma ser um problema de identidade. Nesse período, as mulheres adotavam nomes masculinos para publicar. Sobre essas primeiras mulheres escritoras, Beatriz Sarlo (2016) aponta que as elas eram basicamente autorizadas à poesia e ficção, enquanto outras formas de discurso ainda eram consideradas formas muito masculinas, como cartas, jornais, diários e relatos de viagem. As mulheres que conseguiram adentrar nesse código discursivo, ainda que sob pseudônimos masculinos, lutaram muito para flexibilizar os limites dos assuntos que eram negados às mulheres (SARLO, 2016, p. 193).

Para Showalter (1997), a segunda fase, que vai de 1880 a 1920, foi marcada por protestos, defesa de minorias e irmandade, diferentemente do que havia sido feito até então. Já a terceira fase, iniciada em 1920 e vivida na contemporaneidade, é caracterizada por autodescoberta, experiência feminina e identidade feminina. Além disso, essa terceira fase é culturalmente diversificada e multirracial, mas por considerar as migrações para os países de língua inglesa – principalmente de pessoas de países que são ex-colônias.

As autoras estudadas nessa pesquisa, Mónica Echeverría, Carmen Castillo e Ana Maria Machado, podem ser majoritariamente encaixadas nessa terceira fase, na qual é possível ver as escritoras abrindo uma série de possibilidades no campo da escrita feminina e tecendo discussões acerca da identidade feminina. Ainda assim, é possível perceber elementos de outras

fases da divisão de Showalter (1997) e que serão usadas para as análises, o que para a autora não é um problema, pois ela entende que uma fase acaba por sobrepassar a outra.

Entretanto, embora essas teorias possam nortear algumas análises, quando a discussão é levada para a escrita de mulheres na América Latina, é possível notar particularidades. Para Sara Beatriz Guardia (2013), o norte da sua investigação na escrita feminina se dá ao “ler os textos escritos pelas mulheres, interpretando seus silêncios, e aquilo que criticam e interrogam da cultura tradicional como meio de substituir o discurso falocêntrico e apropriar-se de uma identidade que lhes tem sido negada” (p. 16), tudo isso dentro de uma trajetória distinta das mulheres europeias e estadunidenses, ou seja, as críticas e interrogações são outras.

Ademais, a literatura escrita por mulheres na América Latina é compreendida dentro de uma tradição mais antiga, remetendo primeiramente aos escritos religiosos das freiras, tendo como precursora Sor Juana Inés de la Cruz (1648 – 1695), cuja escrita apresenta discussões avançadas para a época. Dentre seus textos, é possível encontrar questões referentes ao direito da mulher à criatividade. Ela também afirma que optou pela vida como freira para que pudesse ter segurança, ficar sozinha, não ter ocupação obrigatória que atrapalhasse seu estudo, e não ter barulho atrapalhando o silêncio de seus livros (PAZ, 1998), que são privilégios que ela não acessaria – enquanto mulher – se estivesse em outra posição.

Sor Juana Inés é mencionada por Guardia (2013) e por Martinez (2001) não só como uma espécie de mãe da literatura de mulheres na América Latina, mas também como um símbolo da literatura feita por mulheres na América Latina por ser mestiça, filha de pai espanhol e mãe (provavelmente) indígena. Ainda que possa ser considerada um ponto fora da curva, é relevante ressaltar que suas reivindicações sobre o direito da mulher a exercer cargos considerados masculinos e de escrever e fazer arte vêm de bem antes de Virginia Woolf, por exemplo.

Em seu artigo, Adelaida Martinez (2001) discorre sobre uma série de questões que diferenciam a literatura feita por mulheres dos Estados Unidos e Europa da literatura feita na América Latina, afinal são caminhadas históricas diferentes para as escritoras, para a crítica feminista e as mulheres em geral. A autora não delimita esses pontos como definidores de uma literatura ou crítica feminista latina, já que ressalta serem necessários mais estudos sobre isso e aponta a necessidade de se formular uma teoria literária que atenda essas questões, que ela considera um campo não tão bem definido e explorado. Ainda assim, os tópicos apresentados pela autora servem de referência para pensar as particularidades da escrita feminina latino-americana, bem como serão usados também elementos mencionados por outras autoras.

Prosseguindo, o rompimento do silêncio na literatura viria mesmo, não sem dificuldades, a partir de reverberações da Revolução Francesa, da Revolução Industrial e das guerras de independência na América Latina. Afinal, tais acontecimentos marcaram contextos de efervescência em que a sociedade se abria para um olhar mais favorável à educação feminina seguido da promoção de espaços em que as mulheres tivessem mais liberdade para se manifestarem, como as revistas femininas feitas por mulheres e clubes literários de discussão (GUARDIA, 2013, p. 16, 17).

Sobre as mulheres que começam a escrever a partir do século XVIII, vê-se uma coisa em comum: por serem “excluídas e marginalizadas do sistema de poder, essas escritoras outorgaram voz aos desvalidos excluídos, questionando relações inter-raciais e de classe” (GUARDIA, 2013, p. 18). Com base nisso, a escrita das mulheres incluía, além da busca por uma voz própria, a busca por uma voz em contexto de violência de Estado, o que acabou por fazer com que as autoras transcendessem o âmbito íntimo. Assim, como mencionado anteriormente, não foi sem dificuldades que as mulheres reivindicaram suas vozes, pois os desafios que elas enfrentavam eram acumulados. Além de serem consideradas loucas por escreverem e terem sido exiladas ou confinadas em manicômios (GUARDIA, 2013, p. 20), elas ainda lidavam com mais outro peso: o enfrentamento de outras estruturas sociais opressoras (como escravidão) e suas consequências. Logo, vê-se que o direito à escrita desfrutado por Machado, Echeverría e Castillo foi conquistado pelas muitas mulheres que antes delas sofreram.

Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000 [1979]) aprofundam essa questão ao afirmarem que as mulheres contemporâneas só podem usar suas canetas com energia e autoridade se entenderem o que significa cada um desses elementos de opressão à escrita das mulheres, ou seja, se tiverem consciência da tradição da qual fazem parte. Nas palavras das autoras, as antepassadas “lutaram em isolamento que parecia doença, alienação que parecia loucura, obscuridade que parecia paralisia, para superar a ansiedade de autoria que era endêmica para sua subcultura literária”<sup>62</sup> (GILBERT; GUBAR, 2000 [1979], p. 51, tradução nossa). Nesse viés, ainda que possuam marcas de ansiedade de autoria, nenhuma das autoras estudadas aqui menciona restrição da escrita pelo fato de serem mulheres – ao menos não no sentido de sofrerem ridicularização ou de serem tratadas como loucas ao ponto de serem internadas em manicômios.

---

<sup>62</sup> Texto original: They are able to do so only because their eighteenth – and nineteenth – century foremothers struggled in isolation that felt like illness, alienation that felt like madness, obscurity that felt like paralysis to overcome the anxiety of authorship that was endemic to their literary subculture. (GILBERT; GUBAR, 2000 [1979], p. 51)

## 4.2 A escrita de mulheres na América Latina

Toda essa tradição da escrita das mulheres na América Latina caminha junto de uma compreensão cultural e de estruturas sociais e, por isso, olhar somente para a teoria europeia e estadunidense não é suficiente. É comum que a escritora latina toque em questões sociais importantes para seu tempo que estão além das questões de gênero, como as questões raciais, ecológicas e indígenas, de modo que o debate de gênero seja articulado às pautas sociais, econômicas e políticas.

É possível ver esse entrelaçamento nas duas obras. Por exemplo, logo no início de *Santiago – Paris: el vuelo de la memoria* (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002) Echeverría, ao descrever a geografia do Chile, pauta a demanda indígena: “Ao sul, terras chuvosas, bosques, lagos e vulcões, que por séculos foram dos ‘araucanos’, os mapuches, que hoje – apesar das guerras, perseguições e aniquilamentos sucessivos – continuam lutando e exigindo sua devolução.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 13, tradução nossa)<sup>63</sup>. Em outro momento, seu pai, ao avistar indígenas em uma ilha, diz: “Olhe-os com atenção – diz meu pai – logo não sobrá vestígio deles. Os brancos têm aniquilado todos eles.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 55, tradução nossa)<sup>64</sup>.

Em *Tropical sol da liberdade* (MACHADO, 2005) aparece uma crítica semelhante sobre a demanda da terra na voz da narradora: “Os índios eram os primeiros donos da terra. Os descendentes deles eram todos esses caboclos que passavam fome, sem terra na roça, sem teto na cidade, sem nada em lugar nenhum neste país que era o deles.” (MACHADO, 2005, p. 71). Além disso ela também toca na questão da rotina degradante de trabalho (MACHADO, 2005, p. 108), na questão agrária e das privatizações (p. 119), e no uso de agrotóxicos (p. 174).

Também é possível ver a autocrítica em relação ao lugar social que ocupa na relação de aversão e afastamento da riqueza anunciado por Echeverría, algo que passa por um afastamento também de sua própria mãe, que acabou por representar toda uma casta e encarnar aquela que Echeverría não queria ser. Um trecho que aponta para esse tópico é que no retorno da Europa

---

<sup>63</sup> Texto original: Al sur, tierras lluviosas, bosques, lagos y volcanes, que por siglos fueron de los “araucanos”, los mapuches que hoy – pese a las guerras, las persecuciones y aniquilamientos sucesivos – continúan luchando y exigiendo su devolución.

<sup>64</sup> Texto original: “Mirenlos con atención – agrega mi padre – muy pronto no quedarán vestigios de ellos. Los blancos los han aniquilados a todos.”

para o Chile sua mãe decidiu deixar para trás Nati, a babá da ainda infante Mónica Echeverría e seu irmão. Ao descrever o sofrimento da despedida, Echeverría diz:

Nasce em minhas entranhas um pequeno tumor: os mais velhos e os ricos são pessoas sem piedade que apenas pensam neles mesmos e consideram seus serventes como objetos descartáveis. Depois de quarenta anos esse tumor explodiu e seu pus se espalhou sobre todos os ricos, a quem eu desprezava e combati para livrar o mundo de sua perversidade. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 27, 28, tradução nossa)<sup>65</sup>

Ainda durante o começo de sua vida na universidade, Echeverría relutou com seu status social:

Durante todo o ano de 1940 eu mantive uma vida dupla. Passava entre seis e oito horas submergida no austero mundo universitário. E nas tardes e noites, além dos sábados e domingos completos, na vida frívola e ostensiva das jovens de classe alta. Ambos os mundos não sabem da existência um do outro, e eu mudo de imagem e de espírito conforme as exigências. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 53, tradução nossa)<sup>66</sup>

No livro de Machado (2005) essa crise aparece através da reflexão da narradora sobre um dia de chuva, quando se indigna com o fato de Lena não aproveitar a chuva sem o sentimento de culpa: “O mesmo sistema injusto, que mantinha tanta gente na miséria, ao mesmo tempo a roubava de um dos seus direitos mais elementares: o de se integrar na natureza sem culpa.” (MACHADO, 2005, p. 66), e continua descrevendo a preocupação que a impedia do prazer:

Era bom poder ir para casa, olhar e ouvir a chuva lá fora, sem precisar ter medo dela. Pelo menos, em termos pessoais. Mas acabava sempre ficando preocupada quando vinham essas chuvaradas. Afinal, vivia numa cidade sujeita a tempestades tropicais e inteiramente despreparada para elas, com bueiros entupidos, lixo acumulado pelas ruas, galerias subterrâneas bloqueadas. E principalmente, vivia numa cidade cheia de gente sem teto ou morando de maneira precária numa encosta de morro. (MACHADO, 2005, p. 66)

---

<sup>65</sup> Texto original: Nace en mis entrañas un pequeño tumor: los mayores y los ricos son unos despiadados que sólo piensan en ellos y consideran a sus sirvientes un objeto desechable. Después de los cuarenta años ese tumor reventó y su pus se extendió hacia todos los ricos a quienes desprecié y combatí para librar al mundo de su perversidad.

<sup>66</sup> Texto original: Todo ese año 1940 mantengo una doble vida. Entre seis y ocho horas sumergidas en el mundo austero universitario. En las tardes y noches, más sábados y domingos completos, en la vida frívola y ostentosa de las jóvenes de clase alta. Ambos mundos no saben de la existencia del otro y yo cambio de imagen y espíritu según las exigencias.

A narradora também expressa o sentimento de impotência e desespero diante das coisas ruins que aconteciam no país: “Desde os tempos da resistência à ditadura tinha sido assim, como se a gente estivesse eternamente condenada a oscilar nesse pêndulo entre o heroísmo e o desânimo, a bravata e o desbunde...” (MACHADO, 2005), p. 174).

Castillo, por sua vez, fala menos de pautas sociais e não apresenta as inquietações de sua mãe. Quando passou um tempo na França para despistar a polícia, em 1970, a descrição é de uma mulher despreocupada e de férias, fumando maconha, vendo três ou quatro filmes por dia, lendo livros, passeando com conhecidos e passando o dia à toa no quarto de hotel (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 122). Isso não desqualifica a escrita da autora, e o que se pode tirar disso é que ela não faz de si uma representação feminina clichê, que segue uma cartilha do que a crítica (ou a sociedade) espera dela. Se o esperado é que ela sofresse longe do país, chorando solidão e nutrindo ódio dos militares chilenos, não é o que ela apresenta na obra.

Acerca disso, Guardia (2013) critica as obras de autoria feminina que estariam obedecendo a uma demanda do mercado ao construírem uma supermulher apenas com o intuito de vender como mais um produto. Essa homogeneização da imagem da mulher, no sentido de se criar um outro estereótipo a ser cumprido, a fim de comercializar a pauta feminista, omite e invisibiliza as complexidades e multiplicidades do que é ser mulher. Assim, a manifestação de Castillo em sua obra vai na contramão dessa demanda.

No cumprimento de um padrão comportamental, Virginia Woolf (2013 [1942]) defende existir uma batalha, pois as mulheres que escrevem precisam lidar com o anjo do lar, o estereótipo daquela mulher perfeita, completamente abnegada e dedicada ao lar, marido e filhos. A autora defende ainda que para poderem escrever as mulheres precisam derrotar esse anjo. De semelhante modo, para Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000 [1979]) a mulher escritora sofre ansiedade na escrita devido à autoridade patriarcal dos precursores literários masculinos. E uma dessas ansiedades é gerada pelo fato de os autores masculinos reduzirem a imagem da mulher a dois estereótipos extremos: o anjo e o monstro. No imaginário latino-americano essa figura da mulher também pode aparecer como a santa e a prostituta. Isso entra em conflito com o entendimento que a mulher pode ter dela mesma e das outras mulheres, o que é refletido na composição de personagens nas narrativas e no processo de escrita (GILBERT; GUBART, 2000 [1979], p. 48).

Para Gilbert e Gubar isso acontece de diferentes formas para o homem e para a mulher que escreve. Enquanto a batalha do homem é centrada em tentar superar seus antecessores masculinos, uma das batalhas das mulheres é com a leitura que o mundo tem delas, que é a ótica

polarizada e limitada forjada pelos homens. Desse modo, precisa haver a quebra do estereótipo feminino, no qual as mulheres são reduzidas a extremos, como anjo ou monstro (GILBERT; GUBART, 2000 [1979], p. 48), ou em representações mais próximas dos ideários da América Latina: Virgem Maria ou prostituta.

Prosseguindo, Guardia (2013) pontua que na década de 80 as mulheres na literatura já não faziam parte de um nicho específico e por todo o continente compuseram diversas antologias, além de terem sido publicados uma grande quantidade de livros destinados a estudar suas obras, e com diferentes enfoques, fazendo com que as discussões sobre o privado subvertessem o conceito de público. A autora também pontua que pouco depois, na década de 90, os movimentos e organizações feministas e outros grupos de mulheres provocaram mudanças na identidade da mulher com a inserção delas (em certo sentido, primordialmente mulheres brancas) no mercado de trabalho, mudando o imaginário coletivo do que é ser mulher (GUARDIA, 2013, p. 30, 32).

Para Beatriz Sarlo (2016) a entrada dessas mulheres nas tradições discursivas, consideradas mais masculinas, implicou a necessidade de se aprender ferramentas necessárias para esse novo campo, como retórica e lógica discursiva. Saber esses códigos fazia (e faz) parte das regras que permitem ou não a entrada no mundo literário (SARLO, 2016, p. 193, 194). É possível ver essas práticas nos livros estudados pela presente pesquisa através de cadeias argumentativas que explicam questões políticas dos países em questão, sendo majoritariamente enunciadas pela voz das narradoras nas duas obras.

Ainda sobre a escolha discursiva na escrita feminina, para Sarlo (2016, p. 194), uma das estratégias usadas foi a escrita autobiográfica como instrumento de debate ideológico. É possível ver isso na parte que cabe à Mónica Echeverría em *Santiago – París: el vuelo de la memoria* (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002). Através da sua autobiografia são tecidas, por exemplo, inúmeras críticas à direita que se alinhou à política de Pinochet para tirar proveito, e à esquerda, que atuou mal frente aos eventos que aconteceram antes do golpe.

Sarlo (2016) também afirma que diversas escritoras profissionais e jornalistas têm investido nessas formas de gênero que unem o pessoal e o público para reconstruir a história, usando também narrativas colhidas de outras pessoas. A representação dessa mulher descrita pela estudiosa é vista na obra de Machado na personagem Helena. Afinal, a personagem expressa a intenção de retratar a história de outras pessoas, e principalmente mulheres, para assim reconstruir a narrativa de um momento político a partir do ponto de vista delas, de quem



está na periferia dos fatos: “E também ela preferia falar de mulheres.” (MACHADO, 2005, p. 138).

No capítulo VIII da obra de Machado (2005, p. 169-197), é apresentada uma série de relatos recolhidos de exilados latino-americanos na Europa e que foram retirados do diário de viagem de Lena, e que dão maior ênfase às narrativas das mulheres. Há, portanto, o relato de uma moça chilena em Estocolmo, que entrou em crise quando o governo sueco a enviou um pagamento pela doação de leite materno, porque a fez se sentir como uma vaca (p. 177); da uruguaia Helena que temia pela adaptação dos filhos se voltasse ao Uruguai (p. 177); da chilena Gilda que possuía uma livraria latino-americana em Paris e que se percebia só em meio ao vai e vem de exilados; de Alda, a professora boliviana que venceu a timidez e o silêncio para lembrar os exilados da importância de ter alegria no exílio e valorizar a estética da arte latino-americana (p. 181); de Cecília, a brasileira que organizou um trabalho para aproximarem as crianças latinas exiladas (p. 182); e, por fim, de Sebastiana Conceição de Araújo, que na Europa virou Ana Fischer, uma brasileira que foi presa pelos militares por causa de um namorado militante cujo pai foi à cadeia para buscá-la e, descobrindo o motivo da prisão, mandou baterem ainda mais nela. Ela acabou fugindo para Alemanha, encontrou trabalho, casou-se, teve filhos e fazia de tudo para esquecer o Brasil (p. 184).

Carmen Castillo faz uso desse recurso de inserção de relatos de outro texto no capítulo 11 (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 272-279) quando discorre sobre a vida de Marcia Merino através da inserção de trechos de seu texto escrito com Tessa Brisac para o documentário que dirigiu com Guy Girard. Segundo o relato, Castillo só reconheceu a foto de Merino no jornal quando percebeu que a conhecia por outro nome: Flaca Alejandra, seu nome na militância do MIR. A autora descreve sua crise diante da trajetória dessa militante, que sob tortura se tornou informante da DINA, e depois se converteu em uma das testemunhas da Comissão da Verdade que identificou os torturadores.

A autora assistiu a sociedade se debater diante do pedido de perdão público de Merino. Para uns, ela merecia a morte, para outros não era questão de perdão, mas de acolher o testemunho, e que o perdão era algo privado e individual. Castillo evidencia nas suas cartas sua dúvida sobre perdoar Merino, mesmo sabendo que sua traição causou a prisão e a morte de muitas pessoas. Porém, não ignora que é por causa de seu testemunho que muitos militares puderam ser acusados (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 276-277). Castillo também fala de outras companheiras de Merino no MIR e suas reações diante da tortura – e novamente, tem-se a narrativa de mulheres ganhando mais espaço:

Diana, até o final sustenta que não sabe nada. Lumi finge colaborar. Outros soltam fragmentos de informação, preservam o essencial, alguns até conseguem não sentir mais a dor. Quase todos morrem. Flaca Alejandra, Luz e Carola traem. Mas Gladys Díaz e Miriam Ortega conseguem ficar em silêncio. Apesar dos sofrimentos atrozes, as cinco sobreviveram. Não há lógica nesses lugares. Um pode falar sem trair. Outro pode começar a trair sem entregar algo importante. Mas isso tudo aconteceu do lado de lá, pertence a eles. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 278, tradução nossa, grifo da autora)<sup>67</sup>

Castillo sabe que delações como a de Merino possibilitaram que a DINA encontrasse a casa que ela estava com Miguel Enríquez, mas ela, assim como Gladys Díaz, precisou passar por cima das categorizações polarizadas de anjo ou monstro, santa ou prostituta, para compreender uma mulher torturada, o que tornou a situação ainda mais complexa<sup>68</sup>. Castillo também narra uma situação vivida por Lumi e Marcia Merino na prisão<sup>69</sup>: as duas nuas com os olhos vendados, Merino grita aterrorizada e é consolada por Lumi, que só estava lá porque Merino a havia entregado. Lumi sabia disso, e mesmo assim a abraça, consola e perdoa. Castillo encerra concluindo que não é possível cobrar alguém que passou por tortura.

Sarlo (2016) também afirma que essa estratégia da mulher como organizadora de relatos combina “a dimensão individual com a experiência coletiva, origens privadas com ações” (p. 195). Isso é visto quando a personagem Helena seleciona relatos para sua obra, pois ela une duas experiências coletivas, a do exílio e a experiência feminina, ao mesmo tempo que dá voz às individualidades das testemunhas. São mulheres que falam através de suas vivências da experiência materna, do cuidado dos filhos, da solidão, do silêncio e da subjugação masculina – dentro da família ou na vulnerabilidade de ser uma mulher torturada. Castillo também entra em consonância com Sarlo quando se diz surpresa pelo documentário ter recebido tantos prêmios: “*Essa história, apesar de ser tão local e íntima, envolvia, também, a muitos seres humanos.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 279, tradução nossa, grifo da autora)<sup>70</sup>.

---

<sup>67</sup> Texto original: *Diana, hasta el final sostiene que no sabe nada. Lumi finge colaborar. Otros sueltan trozos de información, preservan lo esencial, algunos hasta logran no ver más el dolor. Casi todos han muerto. La Flaca Alejandra, Luz e Carola traicionaron. Pero Gladys Díaz y Miriam Ortega lograron calar, a pesar de los sufrimientos atroces, las cinco sobrevivieron. No hay lógica en estos lugares. Uno puede hablar sin traicionar. Uno puede empezar a traicionar sin entregar nada importante. Pero pasó de otro lado, les pertenece.*

<sup>68</sup> No relato de Gladys Díaz sobre Marcia Merino em *Los archivos del cardenal: Casos reales* (2011) a jornalista entende que o MIR também teve culpa no caso de Marcia Merino, pois ela havia solicitado anteriormente para se afastar, porque sabia que não aguentaria novamente a tortura, mas a direção do MIR não aceitou. Além disso, o fato do MIR ter declarado pena de morte para Merino a empurrou mais ainda para a situação de refém dos militares.

<sup>69</sup> Não há referência na obra sobre origem desse relato.

<sup>70</sup> Texto original: *Esta historia, a la vez tan local y tan íntima, concernía entonces a muchos seres humanos.*

Ainda sobre a tradição da escrita e os elementos presentes nas obras de mulheres latino-americanas, uma questão apontada por Adelaida Martinez (2001) é o espaço da casa. Enquanto para muitas autoras e críticas feministas estadunidenses ou europeias o espaço do lar é um espaço de limitação e de opressão, a casa da mulher latina é muitas vezes vista como espaço de direito e acolhimento. A opressão em relação ao espaço não se dá somente ao aprisionar mulheres nas casas, mas também na privação do direito de ter terra e teto.

O rompimento desse direito e a quebra do lar como um espaço privado e de acolhimento pode ser visto quando Lena, em *Tropical sol da liberdade*, foi tirada à força de dentro de sua casa para ir à delegacia (MACHADO, 2005, p. 269). Em *Santiago – Paris* isso acontece quando Castillo, grávida, foi atacada por bombas e tiros de metralhadora estando dentro de casa, o que resultou no assassinato de seu companheiro (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 176).

Outro acontecimento que levou o espaço doméstico a perde o caráter de acolhimento foi quando militares retiraram Mónica Echeverría da cama no meio da noite e a colocaram na rua com os filhos ainda crianças, e durante o inverno, para investigar sua casa: “As botas dos militares subindo as escadas golpeavam nossos corações. Em seguida, ouvimos vozes de comando e os gritos das crianças. O ataque é brutal. Eles jogam tudo no chão, e as crianças e os criados são abruptamente retirados de suas camas e levados para a rua.” (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 161, tradução nossa)<sup>71</sup>. Episódios semelhantes são mencionados ao longo das obras na representação de tantas mães para quem a própria casa era o lugar menos seguro para os seus filhos pois assistiam policiais e militares invadindo suas casas e não respeitando nem o repolho na geladeira, destruindo-o em busca de algo, ou ainda fazendo saques de objetos valiosos e obras de arte (MACHADO, 2005, p. 106).

Para Martinez (2001, n.p.) a mulher latina transforma o espaço da casa, marginalizado por muitos, em um espaço de poder e de escrita feminina, conferindo valor a esse espaço. Isso pode ser visto nos movimentos de Lena ao trazer de volta as memórias, revirar caixas, fotografias e tentar ordená-las, através de afastamentos e aproximações de sua mãe no espaço da casa e, por vezes, focando na cozinha. Acerca dessa proximidade, Rubem Alves aponta que a boca é, ao mesmo tempo, o lugar do comer e do falar, e que isso não pode ser acidental. Para endossar sua ideia Alves também relembra as palavras de Jesus “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra...” (ALVES, 2011, p. 137), evidenciando o alimento e a palavra como

---

71 Texto original: Los bototos de los militares subiendo la escala golpean nuestros corazones. En seguida voces de mando, llantos de los niños. El allanamiento es brutal. Echan abajo todo, y los hijos y sirvientes son sacados bruscamente de sus camas y llevados a la calle.

necessidades vitais. Esse entranhamento de alimento e fala é visto aqui no espaço da cozinha: o lugar de fazer literatura como o mesmo lugar de fazer a comida.

A cozinha como uma expressão de intimidade é uma característica marcante no *boom* da década de 1980 e 1990 da literatura escrita por mulheres na América Latina de acordo com a peruana Sara Beatriz Guardia (GUARDIA, 2013). Segue um dos encontros de Lena e Amália:

E as duas mulheres foram para a cozinha, como tantas outras fêmeas humanas pelos séculos afora. Desta vez não iam refogar coisas não ditas, nem temperar com emoções guardadas o alimento da cria ou do guerreiro. Mas os silêncios escolhidos, catados das impurezas como grãos de feijão, as acompanhavam, na melhor tradição feminina, para serem armazenados, sempre à mão, na farta despensa ou cuidadosamente congelados para uso futuro. (MACHADO, 2005, p. 27)

Nesse trecho, pode-se ver a cozinha – bem como o espaço doméstico como um todo – não como privação e cerceamento, como costumeiramente é representado na literatura feminina de língua inglesa, segundo Showalter (1997), mas como um símbolo de acolhimento. Para Martinez “não há dúvida de que a linguagem culinária, elevada à categoria de linguagem literária, tenha gerado um tipo de discurso detalhista, rico em referências olfativas e gustativas, até então inéditas” (MARTINEZ, 2001, n.p.)<sup>72</sup>. É possível ver essas características no trecho de Machado anteriormente citado, o que Martinez chama de *gastrotexto*, no qual detalhes referentes às relações e ações humanas tomam forma de preparo alimentício, algo tão caro para a cultura latina. Além disso, no trecho citado é pontuado que elas não iriam “nem temperar com emoções guardadas o alimento da cria ou do guerreiro”, pois aquele não era um alimento para outros, senão para elas mesmas. E assim se subverte o ato de cozinhar, que para muitos é sinônimo de prisão, em a “melhor tradição feminina”, onde há afeto e reconciliação entre mulheres.

Ademais, destaca-se como Machado tece esse espaço da casa como um lugar de abrigo, sendo este o ponto de partida do livro: “A casa era sólida e ensolarada, com suas janelas abertas ao vento e suas varandas cheias de redes.” (MACHADO, 2005, p. 17). Sobre esse trecho, a autora escreve em sua autobiografia:

Um romance como *Tropical sol da liberdade* partiu de uma palavra que escrevi a esmo para testar o Macintosh de uma amiga, o primeiro computador em que toquei, digitando casa. Para ver como era a maiúscula, escrevi A casa. Completei a frase: “A casa era sólida e ensolarada”. Vi o duplo sol aí dentro,

<sup>72</sup> Texto original: No cabe duda de que el lenguaje culinario, elevado a la categoría de lenguaje literario, ha generado un tipo de discurso detallista, rico en referencias olfativas y gustativas, hasta ahora inéditos.

logo soube que casa era, e por que sua solidez era fundamental. (MACHADO, 1996, p. 67)

Não é em vão que o nome da obra é *Tropical sol da liberdade* e que a casa seja ensolarada. Liberdade e sol estão relacionados e o lugar ensolarado é justamente a casa. Nesse viés, a personagem Lena fala sobre seu processo de escrita comparando o ato de escrever a construir uma casa. Ou seja, o seu texto como um lugar acolhedor, assim como a casa:

[...] da mesma forma que aqueles antigos habitantes tinham talhado a pedra para construir nas casas e muros um livro urbano que os evocava tantos séculos mais tarde, também ela queria esculpir e cinzelar a pedra bruta da linguagem de todo dia, comum, compartilhada com o viver de seus semelhantes, para construir uma morada que ajudasse a proteger a todos do vento frio e da neblina do inverno, da corrida dos javalis selvagens [...] (MACHADO, 2005, p. 49)

Com base nisso, para Lena, um texto tecido por ela seria “um dique contra a invasão, delimitando um território seu, de liberdade pessoal” (MACHADO, 2005, p. 49), não uma prisão, mas um espaço orgulhosamente construído por ela, a partir da sua criatividade. Uma casa que não causava a ela uma doença, como a agorafobia, tantas vezes retratada na literatura de mulheres estadunidenses ou europeias, mas uma casa cujo processo de construção a faria enfrentar e superar a doença do silenciamento: “botando ela mesma a argamassa em cada tijolo, de cada parede, de sua morada de palavras, e tendo que enfrentar a realidade da doença, a impedir o prumo e entortar o esquadro.” (MACHADO, 2005, p. 50).

Ademais, é no espaço da casa que se davam as articulações políticas contra a ditadura: “Nas casas de intelectuais que abriam suas portas para os amigos e os amigos dos amigos poderem se encontrar e discutir o que seria possível fazer para protestar contra aquilo” (MACHADO, 2005, p. 83-84); é no secreto da casa que mulheres podiam produzir coisas para vender e levantar dinheiro para a resistência (MACHADO, 2005, p. 101).

Para Castillo, a fundação, parte da construção que fica abaixo da terra e confere solidez e base de apoio para a casa, é a metáfora escolhida para tratar aqueles em quem ela tem abrigo. Ela também menciona a casa da infância como lugar de refúgio: “*vocês eram minha fundação, você, meu pai e meus irmãos, minha família. Para Camila e Javiera, nossas filhas, vocês foram essenciais, e a casona da Quinta era sempre o ponto de referência tranquilizador. A casa da*

*infância, meu refúgio, minha retaguarda.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 151, tradução nossa, grifo da autora)<sup>73</sup>

A obra brasileira começa com “a casa era sólida e ensolarada” e o céu tropical aberto e ensolarado é detentor da liberdade, enquanto para Castillo, a casa onde aparentemente passou mais tempo e teve bons momentos com Miguel Enríquez e suas filhas é constantemente chamada de “casa azul celeste”. As duas imagens possuem o aspecto celeste, de amplitude, tempo aberto e favorável. O que tem consonância ao que afirma Martinez, de que “as escritoras latino-americanas têm legitimado os espaços marginalizados, sobretudo o âmbito doméstico, revalorizando-o como símbolo de ser, poder, e da escrita feminina.” (MARTINEZ, 2001 n. p., tradução nossa)<sup>74</sup>.

Martinez (2001, n.p.) também pontua a inclusão de questões terceiro-mundistas no que tange ao colonialismo e ao silenciamento causado pela opressão política. Assim, pode ser compreendido que há um triplo silenciamento, pois, diferente dos homens, além do silenciamento causado pelo colonizador e pela dominação cultural dos países europeus e dos Estados Unidos, elas sofrem silenciamento de gênero. E é justamente devido a esse silenciamento que a escrita feminina latina busca, através de seu trabalho literário, suscitar um revisionismo histórico, no sentido de apontar outra ótica, confrontando as injustiças impostas – não unicamente no quesito individual, mas principalmente no viés social e coletivo da opressão sofrida pelas mulheres e pelo povo latino-americano. Tal movimento acaba questionando a versão patriarcal – que geralmente é a versão oficial da história – dando voz aos marginalizados.

Essa percepção das autoras acerca da subjugação estrangeira é vista quando Echeverría narra o que ocorreu durante a Guerra Fria. Ela afirma que a América Latina foi entregue à tutela dos Estados Unidos, e que quando o Chile foi obrigado, devido aos embargos econômicos estadunidenses, a escolher seu lado, a dominação se deu de forma política, econômica e cultural. Ela prossegue mencionando alterações ocorridas nesse processo, como a inserção do inglês como idioma obrigatório nos colégios, o predomínio de filmes hollywoodianos nos cinemas, a mudança nas vestimentas, a chegada massiva dos carros Ford e Chevrolet na cidade etc.

---

<sup>73</sup> Texto original: *ustedes eran mis cimientos, tú, mi padre y mis hermanos, mi familia. Para Camila y Javiera, nuestras hijas, ustedes fueron esenciales, y la casona de La Quinta era siempre el punto de referencia tranquilizador. La casa de la infancia, mi refugio, mi retaguarda.*

<sup>74</sup> Texto original: Igual que la literatura feminista en otras lenguas, las escritoras latinoamericanas han legitimado los espacios marginados, sobre todo el ámbito domestico, revalorándolo como símbolo del ser, del poder y del escribir femeninos.

Mas o que ela acredita ser mais grave são as Forças Armadas latino-americanas se subordinando ao Pentágono através da Escola das Américas<sup>75</sup>, comprometendo a soberania de seus países: “Quando algum país latino-americano pretende demonstrar alguma independência, o tio Sam não trepida em dar um golpe de Estado e impor um ditador.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 72, tradução nossa)<sup>76</sup>. Castillo expressa isso da seguinte forma: “*Mas a verdade é que não sabíamos nada desse ódio que vinha dos Estados Unidos e que iria colidir contra nós.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 153, tradução nossa, grifo da autora)<sup>77</sup>.

Já em *Tropical sol da liberdade*, a percepção dessa submissão se dá através da narradora que ironiza o momento de efervescência dos movimentos estudantis em que o governo ditatorial decidiu fazer um acordo com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, submetendo a educação brasileira aos seus interesses:

Fizeram um acordo entre o Ministério da Educação e a **Usaid**, acordo que ninguém queria no Brasil, só o governo mesmo, e a toque de caixa<sup>78</sup>, mas era repudiado pelos estudantes, pelos professores, pelos cientistas, pelos técnicos todos, que queriam ser ouvidos, discutir a questão mais amplamente, saber que tecnologia seria imposta, **que modificações os americanos exigiam no currículo, para onde ia a soberania educacional brasileira**, sabe-se lá o que mais. (MACHADO, 2005, p. 78, grifo nosso)

Em outro momento é possível ver as questões terceiro-mundistas sendo discutidas entre Lena e seu amigo Luís Cesário: “— O resto da América Latina é o resto da América Latina, não é o Brasil. Podemos ter uma porção de coisas em comum, somos irmãos, sofremos uma porção de coisas juntos, fomos sangrados do mesmo jeito pelo colonizador, mas temos histórias diferentes.” (MACHADO, 2005, p. 333). Esse ato de pensar a história dos países não só no sentido das particularidades, mas nos seu passado comum, conduz a reflexão sob o crivo de ser parte de um corpo. Isso é feito nas duas obras, e tende a abrir as mazelas não como um fato isolado, mas como experiência compartilhada, ainda que respeitando as diferenças.

Lena e Luís Cesário continuam a discussão fazendo análises da conjuntura política dos países onde foram implementadas as ditaduras, traçando possibilidades de entendimento e

<sup>75</sup> A Escola das Américas é um instituto de treinamento militar financiado pelos Estados Unidos. Seu objetivo oficial desde 1961 é ensinar a combater o comunismo. Ela treinou vários ditadores latino-americanos e gerações de seus militares subordinados, incluindo o uso de tortura em seu currículo.

<sup>76</sup> Texto original: Cuando algún país latinoamericano pretende demostrar alguna independencia el tío Sam no trepida en dar un golpe de Estado e imponer un dictador.

<sup>77</sup> Texto original: *Pero la verdad es que no conocíamos nada de ese odio que venía de los Estados Unidos a estrellarse contra nosotros.*

<sup>78</sup> Toque de caixa é uma expressão militar, que significa algo que é feito às pressas, ou com agilidade e determinação. Antigamente a expressão dava nome ao costume dos chefes militares de usar o toque da caixa, um tipo de tambor, para orientar os comandados.

rebatendo os tópicos. Discutem sobre a luta armada, a participação dos Estados Unidos, e o sequestro do embaixador americano feito por Marcelo, irmão de Lena, e seus amigos. Até que em certo ponto da discussão Cesário explicita a relação de domínio dos Estados Unidos em relação ao Brasil ao falar da resposta que poderiam dar ao sequestro do embaixador: “— Preço alto? O quê? Quinze *cucarachas* bundas-sujas por um diplomata americano? Acho até graça da sua ingenuidade, Lena. Àquela altura, quinze mil era barato. Você está se esquecendo de que eles se acham o centro do universo.” (MACHADO, 2005, p. 337, grifo da autora).

Falar dessa dominação estadunidense é uma faceta da confrontação do neocolonialismo cultural e econômico dos Estados Unidos na América Latina. Pois é através desses confrontos que existe a possibilidade de se vislumbrar uma realidade sem essa subordinação e opressão que ultrapassa as barreiras do próprio país. Embates que por vezes se parecem como uma continuação das lutas de independência da América Latina.

Na parte que antecede a citação de Machado é possível ver ainda outra característica presente na literatura latina contemporânea escrita por mulheres. Segundo Adelaida Martinez, para as mulheres a presença do humor é uma peça-chave no enfrentamento político. O humor e a ironia funcionam como armas de subversão contra poderes políticos e patriarcais (MARTINEZ, 2001, n.p.). No caso do trecho comentado, a narradora ironiza a decisão do governo ditatorial: “Pois não foi bem nesse clima que o governo resolveu fincar pé e entregar o planejamento de nossa educação a peritos estrangeiros?” (MACHADO, 2005, p. 78).

Outro ponto em que a autora usa a ironia para retratar um momento de subversão da autoridade masculina e militar é no evento da prisão de Lena. A narradora afirma que havia cinco homens se revezando para interrogar Lena. No primeiro momento do interrogatório eles queriam saber sobre o carro dela, que estava com seu irmão Marcelo e que poderia ter sido usado em algum momento do sequestro do embaixador. Ela respondeu que havia emprestado para o irmão, e que provavelmente seria para namorar. Nisso, ela usa a própria estrutura patriarcal a seu favor: “Fora criada assim, irmã não fica perguntando onde é que irmão vai nem o que ele vai fazer. Isso os homens podiam entender bem.” (MACHADO, 2005, p. 305).

Quando perguntaram da localização do carro ela disse que sabia. Isso surpreendeu os militares, mas não mais do que Lena devolvendo uma pergunta: ““Está estacionado em frente à minha casa. Vocês não viram quando foram me apanhar?”” (MACHADO, 2005, p. 306). Essa ironia na situação, de inverter o quadro, em que o interrogado questiona seu interrogador, é usado pela personagem para desarticular os policiais e ganhar tempo para seu irmão.



Nesse quesito ainda é possível apontar as intervenções artísticas feitas por Echeverría registradas em sua obra. Quando ela assumiu um cargo na Universidade Católica, seu primeiro ato foi criar um ciclo de africanidades, com arte e filosofia. Para a seguinte ação seu chefe, o vice-reitor, sugere que ela envolva mais departamentos da universidade, nisso, ela decide que o tema deve ser humor, porque o país andava muito tenso e ela entendia que era necessário mostrar que todas as mudanças positivas que o Chile teve foram feitas em alegria.

Nesse momento, muitas pessoas de setores da esquerda política se colocaram contra a proposta de Echeverría, porque acreditavam que havia coisa mais importante do que a arte, mas muitos outros grupos se envolveram, inclusive muitas embaixadas colaboraram com obras de seus países. Algumas obras tratavam de humor e sexualidade, e um dia antes da abertura da exposição o grêmio dos estudantes de extrema direita confrontou Echeverría, ameaçou destruir os painéis e ainda roubou um dos painéis.

No dia da inauguração, obras da sala erótica foram roubadas, uma delas por um padre. A confusão continuou com pessoas tentando sabotar a exposição e as atividades, principalmente por influência de sacerdotes católicos. Por fim, Jaime Bellalta, o vice-reitor, e Fernando Castillo, então reitor e marido de Echeverría, ofereceram sua renúncia (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 125-130). Porém, eles não foram retirados de seus cargos, enquanto Echeverría, o elo mais fraco da corrente, foi expulsa da universidade:

Depois de atravessar os grandes pátios nos quais vejo alguns grafittis contra mim, “A mulher do reitor é uma puta” e não sei o que mais, retiro-me ao meu escritório, mando guardar quadros, esculturas, recolher objetos e assisto à última apresentação de ópera, na qual recebo um caloroso aplauso dos artistas e do público. (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 130, tradução nossa)<sup>79</sup>

Nesse trecho é possível ver outras marcas de violência de gênero. O vice-reitor era tão responsável pela ação quanto Echeverría, mas ela quem foi demitida e quem recebeu a fúria dos alunos conservadores. E mesmo o reitor e vice-reitor também sendo responsáveis por tudo aquilo, quem sofreu ofensa sexual, sendo chamada de puta, foi Echeverría.

Outro evento que exemplifica as ações ativistas de Echeverría pela arte foi quando ela comprou um porco com triquinose, e com a ajuda de estudantes do Belas artes, pintou-o com as cores do Chile, colocou nele uma faixa presidencial e um gorro militar, como se fosse

---

<sup>79</sup> Texto original: Después de atravesar los grandes patios en que alcanzo a observar algunos grafittis en mi contra: “La señora del rector es una puta” y no sé qué más, me retiro a mi oficina, mando guardar cuadros, esculturas, recoger objetos y asisto a la última representación operática en que recibo un caluroso aplauso de los artista y público.

Pinochet, e escreveu nele “vote em mim”. Essa ação foi uma resposta à convocação do ditador para que votassem em um plesbício que aprovaria sua constituição, uma estratégia que o legitimou para governar o país por mais oito anos.

Echeverría e os outros colocaram o porco em uma caixa e, sem serem pegos, a deixaram em uma via bem movimentada de Santiago. Os militares suspeitam do objeto e chamaram o esquadrão antibomba. Quando por fim abriram a caixa, o animal doente e raivoso saiu correndo pela rua e os militares, atônitos, correram atrás dele. As pessoas, quando percebem o que acontecia, começaram a rir gritando ironicamente “Viva Pinochet!” (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 201-203): “Surpresos, os tranquilos transeuntes se darão conta dessa maneira, de que o temível ditador-candidato nada mais é do que um ridículo porco grunhindo.” (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 201, tradução nossa)<sup>80</sup>.

Em consonância com o que Martinez descreveu, de que as mulheres buscam dessa forma uma maneira engenhosa de transformar as normas sociais (MARTÍNEZ, 2001. n. p.), devido à ação do porco Echeverría afirma:

Não acredito que essa operação subversiva tenha servido para tirar votos de Pinochet, mas – dentro do desencorajamento que nos assolava –, sem dúvida, diminuí as tensões, nos fez rir e possibilitou que imaginássemos – como se comprovou mais a frente – que existem outras armas além das armas de fogo para lutar. (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 203, tradução nossa)<sup>81</sup>

Outra ação inusitada de Echeverría, dessa vez feita através do grupo Mujeres por la Vida, aconteceu no ano 1986, ano de Copa do Mundo, quando toda a população se voltava ao futebol. Elas compraram cerca de 2.000 bolas e escreveram nelas “chute as bolas de Pinochet”<sup>82</sup>, dando a ideia de chutar o símbolo máximo da masculinidade do ditador: seus testículos.

Echeverría também liderou uma intervenção na qual mulheres bem vestidas entraram no Palácio dos Tribunais de Justiça com peixes e mariscos podres escondidos em suas bolsas. Elas foram ao segundo andar, de onde se tinha uma boa visão do salão de entrada inferior, e em um momento de grande circulação de pessoas, atiraram os peixes e mariscos nesse vão e abriram uma faixa que dizia “O sistema judicial está podre!”, com o objetivo de protestar a submissão

---

<sup>80</sup> Texto original: Asombrados, los tranquilos transeúntes, se darán cuenta en esa forma que el temible dictador-candidato no es más que un ridículo chancho gruñente.

<sup>81</sup> Texto original: No creo que esta operación subversiva haya servido para restarle votos a Pinochet, pero – dentro del desaliento que nos embargaba – sin duda alivió tensiones, nos hizo reír y posiblemente imaginar – como se comprobó más adelante – que existen otras armas que las de fuego para luchar.

<sup>82</sup> Texto original: Patee las bolas de Pinochet.

do judiciário à ditadura. Algumas conseguiram escapar, mas Echeverría e outras foram presas pelos carabineiros. A autora não informa em quanto tempo e em quais condições foram soltas.

Outras ações foram lideradas por Mónica Echeverría através do grupo *Mujeres por la Vida*, no qual a artista ocupou o departamento criativo que tinha por finalidade “inventar ações de aparência inofensiva que despertarão ira e riso baseadas em um humor negro, cativando o cidadão de surpresa” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, p. 229, tradução nossa)<sup>83</sup>. A opção desse tipo de ação por esse grupo se dava porque muitas delas eram artistas ou tinham acesso à cultura e educação, além de, como assumiu Echeverría, serem incentivadas pelo método Teatro do Oprimido, do dramaturgo, diretor e teórico brasileiro Augusto Boal, de 1960.

Em algumas dessas ações ela e outras atrizes iam ao mercado em horário de pico. Ela, vestida como uma elegante senhora, enchia o carrinho com as coisas mais caras que encontrava. A outra atriz pegava poucas coisas, e quando chegava ao caixa, chorava alto por não ter dinheiro para pagar e falava coisas a respeito da situação do país e das pessoas que passavam fome. Echeverría, então, mandava que ela se calasse. A autora percebeu que essa forma de atuação, usando o público como atores, nunca apresenta o mesmo resultado, e que também variava de acordo com o bairro (se nobre ou não) em que elas agiam. Em alguns lugares, as pessoas apoiavam a mulher moribunda, em outros, a madame. Por vezes Echeverría também atuou como uma mendiga na rua (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 254, 255).

Essa forma de teatro também tinha caráter educativo, através da dialogia, e buscava burlar a censura e o silenciamento imposto e confrontar as hierarquias socioeconômicas através do envolvimento daqueles que seriam plateia de uma forma não mecanizada, envolvendo-os de modo espontâneo e ativo, de modo que fizesse as pessoas repensarem as próprias atitudes envolvendo-as na busca coletiva de soluções (BARBOSA; FERREIRA, 2017), o que Echeverría faz muitas vezes se valendo também do uso do humor para cativar e surpreender as pessoas.

Outro tópico abordado por Showalter (1997) sobre a escrita de mulheres é a compulsoriedade da maternidade, que diversas vezes aparece nas falas de Echeverría, porém de uma forma dúbia. Echeverría queria e não queria ser mãe. A mesma autora que descreve sua revolta contra essa ideia, e registra sua primeira reação à menstruação como gritos e aversão à maternidade (CASTILLO; ECHEVERRÍA; 2002, p. 42), quando engravidou, exclamou: “Agora, eu passarei pela experiência para qual toda mulher nasceu, a de ser mãe! (CASTILLO;

---

<sup>83</sup> Texto original: inventar acciones en apariencia inofensivas que despertarán ira y risa, a base de un humor negro que agarra al ciudadano de improviso.

ECHEVERRÍA, 2002, p. 69, tradução nossa)<sup>84</sup>. Assim, ela repete um padrão geracional que toda mulher precisa lidar.

Além disso, a autora ainda registra que, para ela, a decisão de cunho mais progressista que tomou para sua época foi, ao contrário de suas amigas, não ter um filho por ano, e por isso passar a usar o diafragma (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 70). Tal opção também aponta para uma prática sexual voltada para o prazer, e não com caráter funcional.

Echeverría apresenta novamente sua crise diante da maternidade quando percebe que espera um terceiro filho. Ela não considera o aborto e diz que é inconcebível cogitar isso na situação de mulher casada, mas faz de tudo para perder o bebê naturalmente, saindo para cavalgar e andar de bicicleta. Nisso, ela declara entender como um filho a impediria de progredir em seus planos profissionais e artísticos, enquanto para seu marido nada mudaria.

Mesmo com uma criança nova em casa, seu marido, Fernando Castillo, viaja e passa meses trabalhando em uma ilha ao sul sem comunicação. Porém, o que Echeverría retrata da sua relação com Fernando Castillo ultrapassa algumas questões da época ainda no quesito da maternidade. Fernando Castillo apoiou que Echeverría partisse para Espanha no ano seguinte ao parto, pois ela havia ganhado uma bolsa de estudos. Sobre essa viagem manifestam-se contra sua mãe e sogra, dizendo que Fernando Castillo arrumaria outra mulher em sua ausência e que era um absurdo viajar tendo obrigações com as crianças. Mesmo assim, não é Fernando Castillo quem assume a responsabilidade pela casa e pelas crianças, mas as avós e algumas amigas de Echeverría (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 74-75). Ou seja: os filhos ainda aparecem como algo de responsabilidade apenas das mulheres, e não há contraponto a isso.

Essa questão da maternidade é apontada por Martínez (2001) como elemento de grande relevância nas obras das autoras latinas. Enquanto muitas autoras do hemisfério norte discutem a questão da maternidade compulsória, muitas mulheres na América Latina escrevem durante regimes de exceção e se mobilizam em busca dos filhos e filhas nas delegacias, hospitais e quartéis. Como aparece na obra *Tropical sol da liberdade* na voz da narradora:

Então, a gente carrega um filho durante nove meses, põe no mundo, amamenta, alimenta, ajuda a crescer, prepara para a vida e então vem um oficial prepotente e dá ordem para uns facínoras e eles começam a surrar essas crianças que a gente adora e que não fizeram mal a ninguém? Amália descobria que seria capaz até de matar. (MACHADO, 2005, p. 80)

E no seguinte trecho:

---

<sup>84</sup> Texto original: Ahora, yo pasaré por la experiencia para la que toda mujer ha nacido, ¡la de ser madre!

Se algum dia, como Honório desejava, se escrevesse a história da mulher brasileira na periferia dos fatos, sua trajetória para a consciência política, esse relato tinha que passar pelo movimento estudantil de 1968. E, nele, pela Passeata dos Cem Mil, onde a multidão elegeu uma mãe que a representasse, numa antevisão das inúmeras mães que iam fazer sua via-crúcis pelos porões do regime nos anos seguintes à cata de notícias dos filhos, e que, se no Brasil não chegaram à organização que as mães argentinas iam atingir depois, ao se assumirem como “As Loucas da Plaza de Mayo”, nem por isso sofreram pesadelo menor. Como se houvesse termômetro de pesadelo ou uma escala Richter de medir perda de filho. (MACHADO, 2005, p. 100)

Isso acontece porque na escrita das mulheres latinas também é comum encontrar a mulher que luta pelo direito de ser mãe batalhando pela vida de seus filhos. Nas duas obras esse ato recebe um caráter religioso. Em *Tropical sol da liberdade*, a narradora, ao descrever a Passeata dos Cem Mil, registra que a escolha da mãe como representante era uma “antevisão das inúmeras mães que iam fazer sua **via-crúcis** pelos porões do regime nos anos seguintes à cata de notícias dos filhos” (MACHADO, 2005, p. 100, grifo nosso), e também “E vieram as **romarias** tentando visitar o filho, em outra cidade” (MACHADO, 2005, p. 149, grifo nosso). Já em *Santiago – París*, Echeverría fala da procura de seus dois filhos mais novos, Consuelo e Fernando José, presos durante um processo, dizendo que “Grande é nossa **peregrinação** pelas delegacias e quartéis.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 198, tradução nossa, grifo nosso)<sup>85</sup>.

Ou seja, nos dois casos, a ação das mães possui um caráter sacrificial, religioso e comunitário, pois elas entendem que não são a exceção e que a experiência delas é comum. É essencial lembrar que Machado ressalta que aquele caminho foi traçado pelas mães, tanto que as organizações são das Mães e Avós da Praça de Maio, e não os Pais e Avôs da Praça de Maio. Nessa perspectiva, essa mãe latina acaba trazendo para si um caráter distinto do anjo do lar, pois é uma mulher que enfrenta policiais e militares, que protesta e que se diz capaz de matar por um filho, o que para Martinez é deixar de ser um apêndice de servidão e passar a ser atriz da história e na criação literária:

A consciência da responsabilidade que a maternidade traz, por ser um ato privado que tem consequências comunitárias, delinea o rosto de outras mães: aqueles que, pelos textos literários, se perguntam que tipo de deficiências

---

<sup>85</sup> Texto original: Larga es nuestra peregrinación por comisarias y cuarteles.

sociais poderiam ter se tornado instrumento de tortura e destruição à criança graciosa e gordinha que elas amamentaram. (MARTINEZ, 2001, n. p.)<sup>86</sup>

Essa figura acaba, então, se distanciando da imagem do anjo do lar, da mulher contida, que serve o jantar na hora certa, como descrita por Virginia Woolf (2013 [1942]). Ao tratar do filho vítima da violência de Estado essa figura de mãe abnegada se transforma em ação, ao mesmo tempo que esse perfil materno assume uma faceta de sagrado, de protetora da vida, aproximando-se da imagem da Virgem Maria, símbolo máximo da figura feminina no catolicismo, tão presente na cultura da América Latina. Esse elemento religioso está conectado ao modo como Echeverría e Machado retrataram o ato de buscar e salvar o filho: peregrinação, romaria e via-crúcis.

Outro exemplo disso é quando Castillo é levada para a Inglaterra após ter sofrido o ataque da DINA. Echeverría narra com um tom de desgosto uma série de personalidades famosas, entre elas Gabriel García Márquez, Regis Debray e Elizabeth Burgos<sup>87</sup>, que foram visitá-la:

O essencial é tocar, mimar, conseguir que a vítima – bruscamente convertida em heroína – dê um sorriso a eles, os grandes e intelectuais utópicos, que precisam alimentar seus sonhos revolucionários com símbolos carnaís. E agora acaba de surgir um e se trata de uma mulher, jovem, grávida, ferida, a Virgem Maria a quem é prestada homenagem. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 178, tradução nossa)<sup>88</sup>

Para Echeverría era como se sua filha estivesse se transformando em uma criação daquelas pessoas. A autora também menciona que ela só foi cumprimentada. Como ela não estava ferida, como Castillo, sua experiência não contava? O que é pautado, portanto, é que o perfil da mulher Virgem Maria acaba tendo sua preferência. As gradações, os tons de cinza, as diferentes formas de atuação, ainda que significativas, não ganham destaque fora dos extremos.

Na caracterização que Martinez (2001, n.p.) faz da literatura das mulheres na América Latina, outro ponto de destaque é a textualização do corpo e a expressão da sexualidade. Ao passo que as chilenas são mais discretas no que tange assuntos relacionados à sexualidade, essa

---

<sup>86</sup> Texto original: La conciencia de la responsabilidad que la maternidad trae consigo, en cuanto es un acto privado que tiene consecuencias comunitarias, perfila el rostro de otras madres: aquellas que, desde los textos literarios, se preguntan que tipo de deficiencias sociales pudieron haber convertido en instrumento de tortura y destrucción al niño gracioso y regordete que ellas amamantaron.

<sup>87</sup> Antropóloga venezuelana que editou a autobiografia de Rigoberta Menchú.

<sup>88</sup> Texto original: Lo esencial es tocar, mimar, conseguir que la víctima – convertida bruscamente en heroína – les otorgue una sonrisa a ellos, los grandes y utópicos intelectuales, que necesitan alimentar sus sueños revolucionarios con símbolos carnales. Ahora acaba de surgir uno y se trata de una mujer, joven, embarazada, herida, la Virgen María a la que se le rinde homenaje.

questão é bem mais visível na obra brasileira, como quando a narradora descreve as sensações da personagem Lena na praia:

E de alguma forma, subterrânea e essas impressões sensoriais claras, ia sentindo uma brasa gostosa entre as pernas, um fogo subindo envolvente, penetrando agudo e, de repente, se deu conta de que a umidade que sentia não era só de suor como antes tinha achado. Vinha dela mesma, reagindo ao deus-sol que a apanhara distraída, pronta para gozar a qualquer instante, num orgasmo ancestral [...] (MACHADO, 2005, p. 158)

O texto continua com uma menção de uma transa rápida entre ela e Alonso, seu parceiro. Em outro momento, ao aludir à saudade de Alonso, ela também descreve o encontro sexual deles. Mas outra coisa a se salientar é a relação que Lena faz entre sexo, prazer e sol:

era mesmo com o sol que Lena mantinha sua dependência vital. Quando o céu estava azul [...]. Gostava de trepar de manhã, numa mistura de langor preguiçoso e denço sonolento, em que o tesão vai despontando devagar, aos poucos, passando ao ato, sol que se levanta brilhante de dentro do mar. (MACHADO, 2005, p. 157)

As duas descrições mais longas de sexo são relacionadas ao sol e às experimentações sensoriais a partir do sol, criando metáforas táteis, como pontuou Martinez (2001). Assim, pode-se relacionar esse sexo tão solar ao título do livro, no qual o astro faz alusão à liberdade. Nesse sentido, vê-se que nas duas obras estudadas o sexo tem relação com liberdade e prazer, sendo praticado com quem elas querem, ou mesmo sozinha, no caso do orgasmo com o calor do sol.

Ademais, sendo mulheres que escrevem, são elas que criam a representação da mulher como um sujeito sexual, quebrando a infecção na sentença da qual falam Gilbert e Gubar (2000 [1979]) em referência à imposição da perspectiva masculina do que é sexualidade feminina. E nesse caso, isso é retratado na forma de uma mulher que sente prazer no sexo, em vez de uma mulher que só serve para oferecer prazer para seu par masculino.

Martinez (2001), então, encara o corpo feminino como um lugar da escrita e o uso de símbolos femininos na construção da linguagem. Novamente, é a autora brasileira quem se vale mais da linguagem corpórea e sensorial na escrita:

Tudo vinha de dentro. Como os filhos de seu útero. Maldição ou bênção, sabe-se lá o quê. Mais matéria do que pátria, afinal, tudo parindo e sendo parido das mesmas entranhas. Como se o Brasil fosse ao mesmo tempo filho e mãe dela, mulher brotada das pernas abertas da história, e por sua vez concebendo o

futuro do país dentro do ventre. Sequência fêmea e fértil, de dor, sangue e leite. (MACHADO, 2005, p. 150)

Esse trecho apresenta elementos relacionados à maternidade, já discutido anteriormente, mas agora em outra tonalidade: da experiência corpórea feminina. Em primeiro lugar, a autora toma o elemento de sangue, apontado por Martinez (2001) como uma simbologia tradicional na literatura para tratar de violência e agressão, e o subverte em elemento gerador de vida. Em segundo lugar, fazendo isso a autora subverte até mesmo a ideia geral de violência como algo ruim, pois no texto de Machado, a violência aceita não é a violência militar, que gera morte, e nem a violência da força bruta do macho, mas da força do corpo feminino ao dar à luz, que gera vida e também produz o alimento que nutre essa vida.

De acordo com a leitura de Guacira Lopes Louro sobre Virginia Woolf, “haveria um fio quase imperceptível – mas efetivo – entre os tiranos que ameaçam os povos e os tiranos que atuam no interior das famílias” (2019, n. p). Ou seja, para a autora, a estrutura hierárquica do militarismo dá força para os pequenos tiranos, os líderes masculinos de dentro dos lares, servindo como um reforço ao patriarcado. Ainda para Woolf, é dentro da estrutura militar que se ensina uma masculinidade segundo a qual há vidas menos importantes que outras, a ponto de justificar guerras. Apesar de a situação no Brasil e Chile tratarem de uma guerra interna, esses princípios notados por Woolf (2019) ainda prevalecem, e é contra esse princípio que o elemento geracional da mulher que pare um texto, um livro, uma criança ou um país se coloca.

Além disso, esse trecho é usado para tratar como a vida daquela mulher, Amália, estava entrelaçada aos acontecimentos políticos do país com um sentido de reivindicação de sua narrativa: “Mas não conseguia deixar de sentir que havia uma espécie de maldição que condenava sua vida a se entrelaçar de tal maneira com os acontecimentos políticos de sua época que não podia pensar neles como algo exterior a ela” (MACHADO, 2005, p. 150).

Ainda sobre a metáfora do processo literário como a geração de um filho, é possível abordar o silenciamento que a personagem Lena sofre na forma de uma doença. Por mais que a autora deixe claro que a doença fosse algo físico, como no seguinte trecho:

— Lena, você tem alguma coisa muito real e concreta, um foco, que aparece claramente no seu eletro. Além disso, o exame clínico que o neurologista te fez detectou uma série de coisas, o que é ainda mais importante do que o mero resultado do eletro, mostrando um foco que você pode ter tido a vida toda. (MACHADO, 2005, p. 61)



a personagem insiste em tratar a questão como algo psicológico: “Será que a doença era só uma somatização de todos os impedimentos e obstáculos que sabia e previa? Será que era medo, preguiça, cagaço?” (MACHADO, 2005, p. 52). Essa doença é descrita pela narradora e por Lena várias vezes como episódios de confusão mental, em que a personagem perde a noção de espaço, cai e não consegue formular frases coerentes, seja escrevendo ou falando. Para Martinez (2001) isso é um símbolo do silenciamento feminino e da censura, mas aqui, o foco é abordar a tensão que há nessa figura quando se pensa em criatividade e gestação.

Se em Echeverría, o nascimento de mais um filho apontava para o fim (ou pelo menos pausa) do direito de optar por gastar seu tempo com a criatividade, em *Tropical sol da liberdade*, Lena relaciona a maternidade ao processo criativo, quebrado pela doença:

Ela pegou de volta, leu, tentou entender, e não conseguiu. Releu e começou a chorar. Sabia que era o mesmo que tinha escrito na véspera, disso tinha certeza. Mas onde estavam as palavras que pensou e arrumou tão bem, com tanto capricho nas frases? Por que elas se transformavam em outras quando iam para o papel? Como é que logo que escreveu sabia o que era e agora não reconhecia mais? Mãe estranhando o próprio filho. (MACHADO, 2005, p. 54-55)

Para Lena, a possibilidade de ter um filho, que foi negada por um aborto espontâneo (aparentemente no exílio), e a impossibilidade de escrever são elementos que a impedem de viver sua vida em plenitude: “O futuro era cheio de limites. Não criar nem procriar.” (MACHADO, 2005, p. 50). Isso é colocado para Lena pelo médico, que propõe que ela tome remédios para impedir a queda, mas que também impediriam uma gravidez. Ou seja, o problema é físico, não psicológico, mas Lena insiste em tratar como psicológico, chegando a refletir se é uma somatização da situação conturbada com o parceiro Alonso, porque se encontrasse outra solução alternativa (como homeopatia, acupuntura etc.), não precisaria se submeter à impossibilidade biológica de ter um filho e de escrever, já que a medicação forte a deixava em estado de torpor. Desse modo, a alienação de Lena pode ser uma simbologia da perseguição psicológica que ela, ou outras pessoas, sofreram na ditadura e no exílio.

Ademais, o filho, que só pode ser gerado pela mulher, quando relacionado ao texto, ao espaço criativo, aponta para uma perspectiva criativa que só a mulher pode gerar. É por isso que essa perspectiva feminina silenciada aparece na forma de esterilidade, a proibição de algo que é essencialmente seu, e por isso aponta para o texto criativo como um elemento corpóreo, porque é a partir do seu corpo que a mulher experimenta o mundo, os eventos e os expressa. A censura do corpo, para Hélène Cixous, anda junto à proibição de as mulheres serem elas

mesmas – se ela tem filhos ela está errada, se não tem filhos, também está errada – o que gera culpa e paralisia (CIXOUS, 1976, p. 880).

Segundo Martinez (2001), essa representação da escrita é uma simbologia de desgarramento: um corpo, gerado por ela, que é dela, é ela quem deve nutrir, mas que também não é dela, é feito para ter autonomia e viver no mundo. Quando aplicado esse entendimento para o trecho de Machado citado anteriormente, a história que a mulher escreve, quando pronta, está fora do seu controle, não a pertence. Ela não tem controle sobre o que vão entender de sua obra e de como a lerão – que é a batalha constante da consciência de Lena. De semelhante modo, por mais que a mulher seja responsável por criar toda a humanidade, incluindo os homens, eles fogem de seu controle e poder, já que posteriormente o patriarcado vem a dominá-la.

Prosseguindo sobre os elementos próprios da literatura feminina na América Latina nas obras, outro ponto levantado por Martinez (2001) é a presença da oralidade. Ana Maria Machado já deu diversas entrevistas e menciona em sua autobiografia (MACHADO, 1996) seu apreço pela oralidade, tradição que conheceu e viveu em família. Essa questão aparece no personagem Marcelo: “Mas preferia as histórias acontecidas de verdade, tinha por elas uma predileção toda especial. Era capaz de ficar um tempão, de noite, quieto, segurando o sono, enquanto o avô contava casos da construção da estrada de ferro, coisas que aconteceram mesmo.” (MACHADO, 2005, p. 70). Em outro ponto também se vê o conhecimento sendo passado de mãe para filha de forma oral: “Desde que eu era pequena, ouço dizer que ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil.” (MACHADO, 2005, p. 173).

Já a questão da intertextualidade mencionada por Martinez (2001) não parece ser exclusiva da escrita feminina. Sobre esse ponto, vê-se o uso de notícias de jornais e declarações oficiais emitidas pela televisão ou rádio. Ademais, é mencionada a pichação, um recurso popular e cultural, como quando picham que ela era puta e as menções aos muros de La Victoria. Outro elemento da cultura popular citado por Echeverría que cabe constar é a canção “Cueca<sup>89</sup> del terremoto”<sup>90</sup>, sobre a cidade de Chillán: “Viva, viva Chillán, / a cidade das movimentações, / os cadáveres já saem/ por debaixo de suas fundações” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 45, tradução nossa)<sup>91</sup>. Castillo também registra uma canção popular infantil: “*Em alto mar*

<sup>89</sup> Estilo musical e dança considerada a expressão cultural nacional do Chile.

<sup>90</sup> De autoria anônima, possui diversas versões com fragmentos que podem ser encontrados em várias fontes bibliográficas.

<sup>91</sup> Texto original: ¡Viva, viva Chillán, / la ciudad del movimiento, / los cadáveres se salen / por entre los cimientos!

*havia um marinheiro/ que seu violão gostava de tocar/ e quando se lembrava de sua pátria querida/ pegava o violão e começava a cantar: em alto mar, em alto mar, em alto mar”* (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 37, tradução nossa, grifo da autora)<sup>92</sup>.

Ainda sobre referências intertextuais, a obra de Machado possui quinze capítulos ao todo, e cada um possui uma ou mais epígrafes. Todas elas são trechos de canções ou obras literárias masculinas. Nenhuma feminina. Na obra também não há intertextualidade com obras femininas. O que parece ser algo comum da autora, que em sua autobiografia (MACHADO, 1996) narra sua trajetória como autora através de referências majoritariamente masculinas. Isso pode ser visto como uma forma de fugir do estigma de literatura feminina, que por muitos é entendida como uma subcategoria – apesar de ser inegável que toda a narrativa apresenta uma ótica que não é neutra ou andrógina. A obra chilena possui apenas uma epígrafe inicial, de uma citação de Walter Benjamin, mas o capítulo 2 é nomeado com o título de um poema de Gabriela Mistral<sup>93</sup> “Todas íamos ser rainhas”<sup>94</sup>, que é citado por Castillo no mesmo capítulo.

Foi possível perceber, portanto, que para analisar as duas obras, por vários momentos a crítica voltada para literatura de língua inglesa não eram suficientes ou apresentavam contrapontos pelo fato de as obras estudadas possuírem outro contexto. Por mais que Adelaida Martinez (2001) ou Sara Beatriz Guardia (2013) não tenham proposto elementos para uma crítica feminista latino-americana de uma forma rígida, elas abriram caminho para essa discussão e fundamentaram as análises das obras aqui abordadas.

### 4.3 A representação das mulheres nas obras

No decorrer da discussão sobre como as obras aqui se encaixam no que algumas autoras descreveram como literatura de mulheres na América Latina já foi possível apresentar algumas análises no sentido de pensar como as mulheres são representadas nas obras. Mas cabe ainda destacar outras especificidades relacionadas às personagens (ficcionalis ou não) representadas nos dois livros, além de outras questões referentes às discussões sobre o que é o feminino. Para Simone de Beauvoir, é preciso se perguntar “o que é uma mulher?”, pois é claro que não basta ser fêmea, possuir os órgãos biológicos de fêmea, pois há elementos que envolvem as

---

<sup>92</sup> Texto original: *En alta mar había un marinero / que su guitarra gustaba de tocar / y cuando se acordaba de su pátria querida / tomaba la guitarra y poníase a cantar: / en alta mar, en alta mar, en alta mar.*

<sup>93</sup> Considerada por Martinez (2001) como parte da primeira geração de poetisas mulheres latino-americanas do século XX.

<sup>94</sup> Texto original: *Todas íbamos a ser reinas.*

construções sociais – que também são culturais e pertencentes a um determinado tempo histórico – que vão pautar o que é ou não ser mulher (BEAUVOIR, 2016a [1949], p. 11).

No tocante à representação das mulheres nas obras, é possível notar marcas na escrita, como a constante especificação ao tratar as personagens como “mulher/mujer”. Isso pauta que se trata não de uma narrativa e experiência universal, mas específica desse gênero. No caso de *Tropical sol da liberdade*, ainda há o vocativo “menina”, que serve para marcar a transição do tempo da narrativa entre memórias da infância e as memórias da personagem adulta. Na primeira página, a narradora já introduz a personagem Lena dizendo que a casa era acolhedora e que “Isso a **mulher** sabia.”; no mesmo parágrafo, ela completa “Mas desde sempre a **menina** também soubera que isso tinha o preço de estar o tempo todo sendo invadida” (MACHADO, 2005, p. 17, grifo nosso).

Percebe-se também nisso a intenção de pontuar com essas demarcações a ordem da estrutura social e consequentemente confrontar a relação de poder existente entre masculino e feminino. Isso acontece porque, de acordo com Tomaz Tadeu Silva (2009, p. 82), “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. E mais: a abordagem dessa temática não está lá sem razão, pois para o autor “a identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. E nesse sentido, as classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade” (SILVA, 2009, p. 82).

Simone de Beauvoir deixa isso claro quando afirma: “Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: ‘Sou uma mulher.’ Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é evidente.” (BEAUVOIR, 2016a [1949], p. 11). Assim, a constante marcação de “mulher”, e até mesmo “menina”, mostra-se como um recurso para pautar a identidade e diferença, no sentido de não apresentar uma experiência geral, mas uma experiência que só é daquela forma porque as personagens são mulheres. Ademais, essa marcação é uma necessidade imposta pelo contexto social, pois, como afirma Beauvoir, a mulher é considerada socialmente como um segundo sexo, pois se fosse o primeiro, sua experiência seria classificada apenas como uma experiência humana.

Prosseguindo, cabe destacar a forma como Castillo se representa em *Santiago – París*. Em dado momento ela descreve um embate consigo mesma no seu processo de se entender para além da militante:

A luz explode, o disco arranha, segurá-la por mais um momento, não permitir que ela desapareça, a mulher da sombra, a mulher do passado, ela dança, age,

pensa, ama, espera um filho, floresce, tão bela. Quero que ela ocupe o lugar, o lugar todo, quero matar a usurpadora, a sonâmbula, odeio esse corpo mole, inflado de ar, que se move como uma marionete. Terminar. Discórdia entre elas, qual irá vencer? (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 190, tradução nossa, grifo da autora)<sup>95</sup>

Nessa passagem, há duas mulheres digladiando porque o espaço de coexistir já não era suficiente. Diferente do assassinato do anjo do lar, proposto por Virginia Woolf (2013 [1942]), Castillo não intenciona assassinar uma mulher que segue o padrão perfeito, que vive para cuidar da casa, do marido e dos filhos. Ela precisa, em certo sentido, assassinar um oposto, precisa assassinar a mulher militante política, mas que está vivendo do seu trauma e, por esse motivo, viu nisso uma outra forma de submissão. Ainda assim, com o assassinato dessa mulher, Castillo não apresenta a intenção de a substituir por um anjo do lar, mas de construir uma outra versão de si.

Para Castillo, seu entendimento de si é confuso porque se apresenta fragmentado. Existem versões de si coexistindo. Entre elas, versões que ela fez dela mesma e versões que outros fizeram e impuseram a ela, como é possível ver no texto que escreve para sua mãe, já no voo de Paris para Santiago, quando seu pai conseguiu permissão para que os filhos o visitassem:

Quem regressa? Como se chama? Tenho vários rostos, amizades estranhas, duas línguas, pelo menos duas posturas. Gosto de dizer que não pertença a nenhuma parte, que sempre falei francês sem sotaque. Estou vestindo roupas pretas. Minhas artimanhas são múltiplas, complexas, bem construídas. Posso um dom natural para renascer, mudar, morrer, refazer hábitos. Exceto naquele dia, no avião, não consigo imaginar quem é a que sai de viagem. Que máscara devo usar quando descer do avião? (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 259, tradução nossa, grifo da autora)<sup>96</sup>

Assim, é possível ver outros recortes de complexidade da discussão inicial de Virginia Woolf (2013 [1942]) sobre a batalha pelo direito de poder representar uma mulher que não o anjo do lar, porque aqui vê-se uma batalha pelo direito de se representar em crise. O anjo do lar, portanto, não é a única representação a que se pode limitar uma mulher, da mesma forma

<sup>95</sup> Texto original: *La luz estalla, el disco se raya, retenerla un instante más, no dejar que desaparezca, la mujer de la sombra, la mujer del pasado, ella baila, hace, piensa, ama, espera un hijo, florece, tan bella. Quiero que ocupe el lugar, todo el lugar, quiero matar a la usurpadora, la sonámbula, odio este cuerpo blando, inflado de aire, que se mueve como una marioneta. Terminar. Disensión entre ellas, ¿Cuál va a ganar?* (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 190, grifo da autora)

<sup>96</sup> Texto original: *¿Quién regresa? ¿Cómo se llama? Tengo varios rostros, extrañas amistades, dos lenguas, al menos dos posturas. Me gusta decir que no pertenezco a ninguna parte, que siempre hablé francés sin acento. Estoy vestida de negro. Mis artimañas son múltiples, complejas, bien construidas. Poseo un don natural para renacer, cambiar, morir, rehacer hábitos. Salvo que ese día, en el avión, no consigo imaginar quién es la que sale de viaje. ¿Qué máscara usar al bajar del avión?*

que não existe uma única representação para as mulheres. Por esse motivo, Castillo reluta em se representar e se apresentar como uma militante, no sentido que exigem que ela seja, e busca outra forma de ser.

Em outro momento ela diz: “*O que há de heroico em ser a viúva de um herói? Não aguentava mais esse papel e as obrigações que impunham à mulher que todavia era, ou que, ao menos, acreditava ser...*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 188, tradução nossa, grifo da autora)<sup>97</sup>, confirmando que ela passava por um processo de se entender fora dos rótulos do mundo militante no qual estava inserida. Por fim, ela diz vencer a luta: “*A morte de Catita acontece, finalmente. Sem escrúpulos. Uma remoção lenta, ritualística, desse ser – a Catita – do meu corpo sobrevivente.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 190, tradução nossa, grifo da autora)<sup>98</sup> e prossegue descrevendo um ritual de avisar a todos seus amigos militantes que a Catita está morta, queimar livros, roupas, até que tudo vire cinza e ela possa ressurgir dessas cinzas como outra mulher. Justo a característica de poder se disfarçar facilmente através de máscaras, que Castillo diz terem sido percebidas por Beatriz Allende e sido usadas por ela na causa do MIR (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 116), acaba tornando seu fardo, mas a partir daquela morte ela se torna uma mulher liberta da carga de ser duas em um só corpo.

Em sua função de militante, Castillo precisava constantemente se submeter à direção do Movimiento Izquierda Revolucionária. Para eles, a projeção de quem ela era precisava estar sempre de acordo com o partido, que moldava como ela deveria ser. Essas barreiras ficaram claras e insuportáveis quando ela decidiu escrever seu livro *Un día de octubre em Santiago* (CASTILLO, 2011) e se viu proibida de se representar como uma mulher que agia por amor a seu parceiro, Miguel Enríquez, e não por amor à revolução, e que nem dominava os conceitos marxistas e leninistas. Ela foi proibida de narrar as pequenas coisas do dia a dia, porque o correto era que a vida fosse representada a todo momento como um ato heroico, e os detalhes do cotidiano diminuiriam seu valor como militante e de Miguel Enríquez como herói. Além disso, segundo o MIR, essas coisas não faziam avançar as massas.

Nesse sentido a autora afirma que: “*Por um instante eu me curvei, eles estavam certos, eu estava errada, minha existência foi irremediavelmente perdida para a causa.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 238, tradução nossa, grifo da autora)<sup>99</sup>. Assim, é possível ver que

---

<sup>97</sup> Texto original: *¿Qué tiene de heroico ser la viuda de un héroe? No podía más con ese papel y con las obligaciones que imponía a la mujer que todavía era, que, al menos, creía ser todavía...*

<sup>98</sup> Texto original: *La muerte de la Catita ocurre, por fin. Sin escrúpulos. Arrancamiento lento, ritual, de ese ser – la Catita – a mi cuerpo de sobreviviente.*

<sup>99</sup> Texto original: *Un instante, me doblegué, tenían razón, me equivocaba, mi existencia estaba irremediabilmente perdida para la causa.*

constantemente a mulher é subjugada, pois o patriarcado, como descreve Beauvoir (2016 a [1949]), sempre se reinventa e encontra novas formas de subjugar as mulheres. Não é à toa que ela se descreve como uma mulher que precisa ser tantas outras no mesmo corpo, pois as demandas externas sobre quem ela deve representar são muitas.

Porém, Castillo encontra acolhimento para ser quem ela entende que é em Pierre, seu novo parceiro. Junto a ele, ela não se vê como alguém fragmentada, mas alguém cujas rupturas e complexidades a moldam e a formam. Quando ela diz: “*Pierre me aceitou assim como eu era, neurótica, levando uma vida dupla, cheia de ‘dívidas’ com todos, caótica em minhas amizades, asfixiada por uma culpa que invadia todos os resquícios, presa entre dois mundos, dois tempos... insuportável.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 257, tradução nossa, grifo da autora)<sup>100</sup>, ela aponta para um espaço em que não há necessidade de se adaptar como uma camaleoa de acordo com os humores das situações e nem da máscara que assume cada uma dessas fragmentações – a máscara da mãe, da viúva, da sobrevivente (que é a que ela diz mais detestar), da militante, da cineasta etc.

Essas falas de Castillo que aludem a um envolvimento na militância motivado apenas por seguir Miguel Enríquez possuem o mesmo tom de quando ela diz querer voltar ao combate para estar ao lado de Teo, dirigente do MIR que ela conheceu na França e que deu aval para a publicação de seu livro. Ela apresenta descrições de suas ações para se mostrar eficiente ao partido, como articulação de rotas de fuga e redes de apoio para o cuidado dos filhos dos militantes para que as mães pudessem se integrar na luta clandestina<sup>101</sup>, mas diz que esperava ansiosa a resposta do MIR porque estava apaixonada. Ela chegou a ir a Cuba para tentar convencer os líderes do MIR que não se tratava de um capricho da “sedutora número 1 da Revolução”, mas que era amor, pois acreditava que a luta só era possível se andasse ao lado do amor (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 239, 240).

Apesar de tudo isso se parecer com uma motivação baseada na submissão ao masculino, Castillo se contradiz quando fala de Beatriz Allende como a mulher a quem ela deve todo o seu envolvimento na militância: “*Por onde começar o relato de meus primeiros compromissos? Talvez a partir de meu encontro com Beatriz Allende.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p.

---

<sup>100</sup> Texto original: *Pierre me aceptó tal como era, neurótica, llevando una doble vida, llena de “deudas” con todos, caótica en mis amistades, asfixiada por una culpabilidad que invadía todos los resquicios, presa entre dos mundos, dos tiempos... insoportable.*

<sup>101</sup> Beauvoir (2016 a [1949]) afirma que esse tipo de ação era algo exigido pelas feministas russas durante a revolução, mas que reivindicavam que esse cuidado deveria ser responsabilidade da sociedade, não das mulheres.

115, tradução nossa, grifo da autora)<sup>102</sup>. Há uma descrição de sororidade marcante na relação entre Beatriz Allende e Carmen Castillo. Apesar de não ser uma relação de amizade cúmplice, de alguém com quem se partilha tantas intimidades, entre elas há uma forte ligação de respeito e colaboração. Em dado momento Beatriz Allende, baseada em compartilharem do mesmo sexo, diz que compartilham da mesma experiência, ao passo que Castillo afirma que era com, Tati, como tratavam Beatriz Allende, que ela conseguia conversar de igual para igual, como pessoas que ocupavam o mesmo patamar, e que isso significava conversar de mulher para mulher (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 151). Ela também está presente nos momentos mais significativos de Castillo: da entrada na militância, ao trabalho no MIR, em La Moneda sob a presidência de Salvador Allende, até a perda de seu filho.

Para Castillo, a presença de Beatriz Allende é tão significativa que, para ela, a esquerda socialista, a história e a filosofia chegam através dela (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 115). A autora também, por mais de uma vez, confessa sua submissão à Beatriz Allende: “*ela era uma militante, uma guerrilheira. Foi também minha iniciadora, minha chefe política. Fiquei fascinada por seu conhecimento e rigor, gostava de obedecê-la sem questionar, eu me dobrava ao seu comando, como uma boa aluna.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 115, tradução nossa, grifo da autora)<sup>103</sup>. Na mesma passagem, Castillo afirma que os jovens militantes só entraram na sua vida depois, porque desde o começo, sua principal influência e a quem ela se submetia era Beatriz Allende.

Echeverría já apresenta outras questões acerca do que é ser mulher, até porque ela é de outra geração. Logo no início, ela cita a divisão de papéis sociais da mulher e do homem em memórias da sua infância no exílio que sua família sofreu durante a ditadura de Ibáñez ao dizer que: “Durante a estada em Paris, enquanto as mulheres se dedicavam a ‘cultivarem-se’, como dizem elas quando retornam de museus, exposições e grandes lojas, os cavalheiros se reúnem conspirando contra o ditador Ibáñez.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 26, tradução nossa)<sup>104</sup>. A autora não detalha o motivo de “cultivar” estar entre aspas, mas o que fica claro é que para os homens, aquelas funções eram entendidas como menos importantes, como diversão, enquanto se ocupavam de atividades consideradas mais sérias por eles, como política.

---

<sup>102</sup> Texto original: *¿Por dónde empezar el relato de mis primeros compromisos? Quizás a partir de mi encuentro con Beatriz Allende.* (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 150, grifo da autora)

<sup>103</sup> Texto original: *era una militante, una guerrillera. Era también mi iniciadora, mi jefe político. Me fascinaban su saber y su rigor, gustaba de obedecerle sin cuestionar, me plegaba a sus órdenes, buena alumna*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 257, grifo da autora)

<sup>104</sup> Texto original: Durante la estada en París, mientras las mujeres se dedican a “cultivarse”, como proclaman ellas de regreso de museos, exposiciones y visitas a las grandes tiendas, los caballeros se reúnen conspirando contra el dictador Ibáñez. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 26)



Prosseguindo, ela descreve o padrão de educação das mulheres, que se limitava ao ensino de uma boa leitura e escrita em espanhol e em mais duas línguas estrangeiras (francês e inglês), piano, bordado e educação religiosa. Ou seja, conhecimentos que restringiam a possibilidade de assumir uma profissão e sua capacidade criativa, como criticado por Woolf (1990 [1929]) ao falar dos modelos de educação para mulheres e das bibliotecas com menos livros em *Um teto todo seu* e, ainda, sobre as profissões que as mulheres podiam ocupar (WOOLF, 2013). Se para Woolf, uma biblioteca limitada já era passível de crítica, o que diria se sua educação fosse restringida ao estudo de dois idiomas, bordado, piano e religião? Ademais, Echeverría diz que esse período de ensino é certificado através de um exame do governo, e que não era comum as mulheres se submeterem a ele – afinal, isso era se masculinizar. Entretanto, ela se submete imitando seus irmãos.

Outro ponto que serve à reflexão do que é ser mulher é o episódio no quando Mónica Echeverría, na adolescência, percebe que seu seio está crescendo e fala com sua babá, recebendo uma reação pesarosa dela: “Pobre menina minha, agora vai saber o que significa ser mulher!”<sup>105</sup>. Depois, é levada à sua mãe, e ouve dela uma série de restrições, como não poder mais brincar. A jovem Echeverría responde aos gritos: “Não quero ser mulher, não quero menstruar, nem me casar, nem ter filhos!” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 42, tradução nossa)<sup>106</sup>. Nesse momento, volta-se a pergunta de ouro: o que é ser mulher?

Sendo essa resposta dependente da construção social que sofre a mulher, de acordo com Beauvoir (2016a [1949]), para o contexto que viveu Mónica Echeverría não significa algo bom. Por mais que a babá não informe exatamente o que é ser mulher, desde que o corpo da menina Echeverría começa a mostrar as diferenças entre o corpo feminino e masculino, a babá trata a menina por “pobre menina minha”, pois já se sabe que não vem algo bom a seguir. Para a criança, tudo o que ela escuta é uma série de restrições e limitações, como se começar a ser mulher significasse começar a ser punida.

Mais adiante, ao falar dos livros que não podia ler por ser mulher, ela lamenta que gostaria de ter sido homem (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 43). Para Beauvoir (2016a [1949]), isso não é uma inveja do órgão sexual masculino nesse desejo de ser homem (como diriam vários nomes da psicanálise), mas sim uma inveja do privilégio que o homem possui. De acordo com a autora, “a menina não inveja o falo a não ser como símbolo dos privilégios concedidos

<sup>105</sup> Texto original: “¡Pobre niña mía, ahora vas a saber lo que significa ser mujer!” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 42)

<sup>106</sup> Texto original: “¡No quiero ser mujer, no quiero menstruar, ni casarme, ni tener hijos!” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 42)

aos meninos; o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo confirma a ideia da superioridade masculina.” (BEAUVOIR, 2016a [1949], p. 72). Ou seja, é inevitável que alguém oprimido não queira ter os poderes outorgados ao seu opressor. E são exatamente os privilégios do sexo masculino mencionados por Beauvoir que são invejados por Echeverría, por isso ela copia os irmãos, deseja ser homem para ler o que quiser e viver as aventuras que só os personagens masculinos dos livros vivem. Castillo e Machado não apresentam essa problemática, pois já não era uma questão do tempo em que viveram, mas Echeverría fez parte da geração de mulheres que aplainou o caminho para as outras.

Quando Echeverría decide ir para a faculdade, é perguntada por suas amigas se está louca, pois se fizesse isso, nunca iria se casar (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 50-51). Para Beauvoir, nos países latinos a opressão era imposta mais pela rigurosidade dos costumes, do que por leis (BEAUVOIR, 2016a [1949], p. 183). Não havia nenhuma lei que a impedisse de ir à universidade, porque não precisava. Os costumes sociais já eram suficientes para que as mulheres não estudassem ou se profissionalizassem. E é possível que o destino de Echeverría fosse diferente se aos seus pais não parecesse normal sua decisão de ir à universidade.

Porém, suas amigas não param ali. Ela também diz que a universidade é conhecida como um lugar de comunistas. Assim vê-se a política cultural do medo sendo utilizada também para afastar a mulher da possibilidade de emancipação. E não é para menos que ideais comunistas fossem vistos com maus olhos por uma cultura patriarcal, quando Beauvoir afirma que as mulheres russas foram as que mais se emanciparam a partir do comunismo (BEAUVOIR, 2016a [1949]). Outro ponto é a contraposição entre educação e casamento apresentada pela amiga de Echeverría. Beauvoir (2016a [1949]) chama isso de efeito Cinderela, no qual a mulher vê o casamento como uma possibilidade de ascensão bem mais rápida (e segura) do que a educação.

Anos depois, Echeverría é trancada em uma sala com o chefe do departamento, sendo vítima de uma armação de alunas e uma professora, a fim de causar um escândalo e Echeverría ser acusada de má conduta, como se ela estivesse tendo relações com esse professor. Isso acontece porque os outros professores não gostam dela por ela ter sido contratada por indicação e ser parte da oligarquia. Essa quebra de sororidade é pontuada por Beauvoir (2016a [1949]) porque a mulher não se vê com as outras mulheres formando um “nós” (algo que tem acontecido no movimento de mulheres mais recentemente). A princípio, segundo a filósofa, a mulher teria mais afinidade em se sentir como parte de um grupo no sentido de classe, por exemplo, do que a partir do seu sexo biológico. É exatamente isso que acontece com a professora que tenta

comprometer Echeverría por perceber que esta tem privilégios por ser de uma elite oligárquica, mas não vê que Echeverría, assim como ela, encontra muitos obstáculos somente por ser mulher.

Depois, como mãe, Echeverría precisa lidar com outro tipo de padrão imposto às mulheres, o que Virginia Woolf (2013 [1942]) chama de anjo do lar:

As crianças se queixam que chego atrasada para buscá-las no colégio e que não me preocupo com suas tarefas. Fernando reclama que a casa está suja, que a comida não é boa e que eu passo grande parte da noite fora de casa. Tudo isso é verdade, mas como cumprir bem tantos compromissos? E, não é mais importante que eu me realize em minhas vocações do que ser uma dona de casa exemplar? Minha mãe e sogra acham que sou uma péssima mãe e ainda mais péssima esposa, e acham que Fernando tem uma paciência infinita. Estou de acordo com o diagnóstico, mas continuo igual.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 88, tradução nossa)<sup>107</sup>

Para sua mãe e sogra não era um problema que Fernando Castillo não buscasse as crianças na escola, não ajudasse as crianças com as tarefas ou não assumisse com a esposa as responsabilidades da limpeza da casa e as refeições, porque para elas era natural que essas funções fossem acumuladas por Echeverría, que assim como Fernando Castillo também trabalhava fora de casa.

De semelhante modo Lena vive isso em *Tropical sol da liberdade*, quando a narradora, com aparente indignação, descreve os conflitos da personagem:

Será que sempre tinha que travar uma batalha para se defender de não ser uma dona-de-casa prendada e perfeita como as irmãs ou a cunhada? Será que a vida toda, até que uma das duas morresse, ela ia ter que ser posta à prova em testes domésticos e de bom comportamento para ser digna de merecer a aprovação e o amor de Amália? (MACHADO, 2005, p. 297)

A narradora prossegue afirmando que Lena sabia que não era boa como sua mãe gostaria em atividades domésticas ou bordado, mas que ela sabia que era boa em outras coisas, como em sua profissão e em escrever. Assim, para Echeverría e Lena, o anjo do lar precisava morrer para que elas pudessem criar suas próprias representações de mulher. Elas também precisaram

---

<sup>107</sup> Texto original: Los niños se quejan que llego atrasada a buscarlos al colegio y que no me preocupo de sus tareas. Fernando reclama que la casa está sucia, que la comida no es buena y que yo paso gran parte de la noche fuera de casa. Todo eso es verdad, pero ¿cómo cumplir bien tantos compromisos? Y, ¿no es más importante que yo me realice en mis vocaciones que ser una dueña de casa ejemplar? Mi madre y suegra me encuentran pésima madre y peor esposa, y consideran que Fernando tiene una paciencia infinita. Yo estoy de acuerdo con el diagnóstico, pero continuo igual.

agarrar esse anjo pelo pescoço para fazerem mais do que representações não limitadas de mulheres, mas para poderem viver livremente e se realizarem em suas vocações.

Prosseguindo no tópico da construção do que é ser mulher para a geração de Echeverría, há outro trecho a se destacar: “Mamãe me deu alguns conselhos para agradar os homens e conseguir um bom marido: ‘Nunca demonstrar que alguém é mais inteligente que eles. Aparentar ser muito inculta, deixá-los opinar e falar sem contradizê-los’.” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 53, tradução nossa)<sup>108</sup>. Aqui, é possível ver a cultura do patriarcado impregnada na sugestão da mãe de Echeverría, pois há o incentivo da anulação de uma mulher que esteja no mesmo patamar que o homem, que pense e que tenha autonomia, pois o homem, para se sentir bem com uma mulher, precisa sentir que está acima dela, não no mesmo patamar, ou abaixo. Não há um conjunto de leis sobre isso, mas é algo passado de mãe para filha, por gerações, em forma de cultura oral, através de frases prontas que são repetidas.

Castillo também faz algumas descrições de sua mãe: “*Mas pouco a pouco te descobri: uma mulher livre, adiantada para sua geração. Comecei a ver a uma artista, dramaturga, professora de literatura, uma mulher afiada e extrema.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 152, tradução nossa, grifo da autora)<sup>109</sup>, e mais ao fim da obra diz:

Neste último relato escrevi um retrato de você, Mónica, que você não rejeitou... Uma mulher de baixa estatura que se mantém muito ereta, de cabeça erguida, peito estufado, um lenço dobrado no cabelo, calça de flanela, um suéter vermelho de gola alta, uma cor que a cai bem. Passa as manhãs no telefone, sua cama é o epicentro de todos os tipos de notícias e boatos. Aos verdadeiros conspiradores dá nos nervos, mas eles não podem desprezar essa rede de mulheres eficazes. Longe dela estão os sérios e dogmáticos: ela gosta de jovens, de gente com senso de humor e que aprecie o dela. Não é o meu caso, como se vê. Ela fez da resistência uma arte, cheia de graça, truques e trapanças. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 260, tradução nossa, grifo da autora)<sup>110</sup>

<sup>108</sup> Texto original: Mamá me ha dado algunos consejos para gustarle a los hombres y conseguir un buen marido: “Nunca demostrar que uno es más inteligente que ellos. Aparentar ser muy inculta, dejarlos opinar y hablar sin contradecirlos”.

<sup>109</sup> Texto original: *A ti, Mónica, te mantenía a distancia de mi intimidad. No quería tu mirada. Pero poco a poco, te descubrí: una mujer libre, adelantada a su generación. Empecé a ver a una artista, autora de teatro, profesora de literatura, una mujer tajante y extrema.*

<sup>110</sup> Texto original: *En este último relato escribí un retrato tuyo, Mónica, que no rechazaste... Mujer de estatura pequeña que se mantiene tan derecha, cabeza erguida, pecho levantado, un pañuelo doblado en el pelo, pantalón de flanela, un suéter rojo de cuello subido, un color que le queda bien. Se pasa las mañanas en el teléfono, su cama es el epicentro de todo tipo de noticias y de rumores. A los verdaderos conspiradores les pone los nervios de punta, pero no pueden prescindir de esa red de mujeres eficaces. Lejos de ella, los serios y los dogmáticos: le gustan los jóvenes, la gente con sentido del humor y que aprecian el suyo. No es mi caso, como se ve. Hizo de la resistencia un arte, lleno de gracia, de artimañas y de engaños.*

Quando Castillo trata a mãe por “Mónica”, e não por “mãe”, fica claro que ela escreve pensando nos futuros leitores, e não na primeira leitora do seu relato, que seria sua mãe, e isso também justifica o tipo de descrição que ela faz. Ela não tece uma descrição voltada para a maternidade de Echeverría, mas sim uma descrição de uma Mónica profissional, militante e do meio social. Nenhuma dessas descrições tocam alguma relação pessoal próxima. A não ser quando Castillo diz não compartilhar do senso de humor da mãe, todas as descrições são voltadas para articulações relacionais fora do círculo familiar. Essa descrição acaba funcionando também como uma conclusão de um texto autobiográfico visto pelo lado de fora, ou seja, a descrição de Castillo (principalmente a última citada) acaba condensando toda a descrição que Echeverría fez de si mesma ao longo da obra, focando em suas capacidades profissionais, artísticas e sua facilidade em articular redes de contatos. Tendo em vista que Echeverría não dá muitos detalhes de sua relação com Castillo, vê-se uma coerência na descrição.

Também é possível observar essa questão da construção do feminino em *Tropical sol da liberdade*. Em dado momento a narradora apresenta uma reflexão sobre a carga mental da mulher, que além de todas as questões políticas e de seus familiares sendo presos, ainda tem uma outra jornada:

Quer dizer, um homem em crise existencial não precisa resolver duas vezes por dia o que é que se vai cozinhar para a família, verificar se há os ingredientes todos na cozinha, ou cortar uma explosão ou uma reflexão qualquer por causa de um grito inadiável de “Mamãe, vem me limpar!”. Mas também, talvez fosse por isso que as mulheres, como sua mãe, acabassem descobrindo uma força inesperada em situações difíceis, uma certeza de que a vida é mais forte, continua. No meio de tudo, polícia invadindo casa, filhos sendo procurado, marido sendo preso, sei lá, tinha coisas que não podiam ficar para depois. O banho das crianças, feira, o cardápio do jantar. Na hora da fome, por mais que estejam todos preocupados, ninguém quer saber de nada, todo mundo senta na mesa e come, sem nem se perguntar como é que aquela comida chegou ali. Mulher aprende que a vida exige paradas, ocupa antes de preocupar.” (MACHADO, 2005, p. 123-124)

Apesar de ela descrever uma situação que uma leitura mais contemporânea possa entender como negativa, a narradora não parece criticar a situação, mas dá o tom de que a mulher assume a carga, pois é o que lhe cabe. A narradora segue falando de como a mulher, devido ser próprio dela esperar o tempo da gravidez, sabe compreender melhor o tempo e agir nele, como se fosse uma força biológica que a empurrasse para essa situação de viver para servir a todos e não ter direito nem de concluir um pensamento, pois a carga de limpar uma criança é unicamente dela.

A própria prisão de Lena se dá a partir desse espaço doméstico e da obrigação da mulher, que não acaba nem quando ela está na iminência da prisão: “Quando vieram prendê-la, por exemplo, ela estava fritando um bife. Teve que pensar na carne que queimava na cozinha se não apagasse o fogo. E, antes de ser levada, lembrar de desligar a vitrola.” (MACHADO, 2005, p. 269).

Essa função do cuidado da casa acabou se entranhando na mulher devido à cultura patriarcal, que mesmo quando Marcelo estava prestes a voltar da prisão, a carga mental de Amália era maior que a dos outros. Afinal, ela se preocupava não só com questões gerais – se ele estava ferido e se voltaria a ser preso – como também com o que faria para ele comer quando chegasse, e que tinha que trocar a roupa de cama, as toalhas etc. E por mais que através da crítica feminista seja possível criticar essa carga mental que a mulher sofre, a narradora conclui com: “E nove mães iam ficar felizes com a volta de seus filhos.” (MACHADO, 2005, p. 150). Ou seja, independentemente de ser uma carga mental negativa para a mulher, naquele momento, o que importava não era o peso da obrigação de ter de se preocupar com tudo sozinha, mas que seus filhos estavam bem.

A trajetória das personagens femininas e a reflexão direta ou indireta sobre o que é ser mulher estão ligadas, ainda, à consciência e participação política nos respectivos países. Por exemplo, Amália, mãe de Lena, sentia “Como se o Brasil fosse ao mesmo tempo filho e mãe dela, mulher brotada das pernas abertas da história, e por sua vez concebendo o futuro do país dentro do ventre.” (MACHADO, 2005, p. 150). Vemos que, sob essa perspectiva, é “a escolha micro histórica [que] induz uma expectativa inversa”, como se a história fosse vista de baixo para cima, focando em atores que não estão sob os holofotes, algo que por fim mostra “emaranhados de grande complexidade entre a pressão exercida por modelos de comportamentos percebidos como dominantes e a recepção, ou melhor, a apropriação das mensagens recebidas” (RICŒUR, 2007, p. 230).

Outro ponto referente à representação, em *Tropical Sol da Liberdade*, é quando Honório, durante uma conversa com Lena, diz que ela está mudada e que parece mais interessante, porque antes ela era “caretinha” e com “vocalização de mãe de família” (MACHADO, 2005, p. 38). E então ele sugere que Lena escrevesse sua versão dos fatos do lugar em que ocupa, que, ele esclarece, é a periferia dos acontecimentos. Ela havia se envolvido tanto quanto muitos outros homens e mulheres, mas para ele, ela estava na periferia. Mesmo ela sendo uma mulher, escritora e jornalista, ele a descreve como “garotinha classe média, universitária, Zona Sul do Rio” (MACHADO, 2005, p. 39).

Nisso reside o perigo de permitir que a história seja contada apenas por homens, pois de acordo com Beauvoir (2016a [1949]), a mulher acaba sendo sempre definida em relação aos seus mitos (BEAUVOIR, 2016a, p. 203). Na possibilidade que se abria para Lena escrever sua história, a forma como Honório se coloca, no lugar de legitimar e incentivar, passa a delimitar um espaço a ela: a periferia. Em um contexto ditatorial, em que tudo é tão complexo, como é possível mensurar como menos importante a atuação de alguém? Depois de ler todas as páginas do livro de Machado e perceber a resistência exercida pelas mulheres, mesmo que no campo privado e do lar, mesmo que feito por mulheres com vocação para mães de família, como afirmar que essa atuação era periférica, como se fosse menos importante? É possível explicar essa proposição através das palavras de Beauvoir: “A representação do mundo, como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta.” (BEAUVOIR, 2016a [1949], p. 203).

#### **4.4 As mulheres para além das protagonistas**

A escritora e crítica literária argentina Beatriz Sarlo que as palavras mulheres, história e ideologia são conceitos não resolvidos na cultura latino-americana, pois a tríade homens, história e ideologia soa como algo óbvio e um campo natural para os homens. Além disso, ela afirma que nesse território só é permitida a entrada de mulheres “se elas reunirem determinadas qualificações e estiverem preparadas para admitir privilégios e diferenças” (SARLO, 2016, p. 172). Ou seja, as mulheres têm que provar o tempo todo que são aptas para ocupar esse espaço, reconhecendo que algumas coisas são próprias para os homens, aceitando, portanto, o lugar que eles permitem que elas ocupem. Enquanto para os homens esse espaço é naturalmente deles. E é por isso que estes tendem a encarar como atuação periférica toda e qualquer atuação feminina que não passe pelo crivo que eles criaram, e que não ocupe o lugar que historicamente é deles e que eles entendem como lugar central – afinal, não é possível ao homem, sob o jugo do patriarcado, entender que ocupa um lugar que não seja o centro.

As duas obras, portanto, retratam a ação de mulheres que estiveram diretamente ligadas aos movimentos de resistência e que dão grande espaço às mulheres cuja ação de resistência exercida se encaixa com o que muitas vezes é considerado de âmbito privado, doméstico, ou

micro-história<sup>111</sup>, e que ganha pouco – ou nenhum – espaço nas páginas dos livros-textos de história, como já abordado no capítulo anterior.

A única personagem feminina da obra de Ana Maria Machado que estava diretamente ligada à militância é Teca<sup>112</sup>, que participou do sequestro do embaixador americano. A obra não apresenta detalhes de sua atuação, só mostra que Jorge, um amigo de Lena que era apaixonado por Teca, a encontra após o sequestro sem saber de nada e passam a noite juntos. Depois ela desaparece e os amigos o colocam forçado em um voo de volta para a França, temendo que ele pudesse comprometer a ação entregando algum detalhe de seu encontro para os militares. Assim, todo o trecho acaba focando nele, como mais um personagem que estava às margens da situação, e não era militante (MACHADO, 2005, p. 326).

Já na obra chilena, para além de Castillo que foi militante do MIR, por vezes a autora descreve Beatriz Allende como uma mulher exigente, disciplinada, discreta e que, por isso, era também considerada por ela uma militante clandestina sem falhas. A autora também afirma que por causa de seu grande comprometimento com a causa e com seu pai, Salvador Allende, as pessoas lhe disseram que ela queria ser o filho homem de seu pai (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 115). Essa fala tem o mesmo teor da descrição da militante Flaca Alejandra feita por Castillo que, para ressaltar o valor de seu trabalho na organização do MIR em Santiago, dissera que ela agia como um homem (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 273).

Em outro momento, no exílio, Castillo recebe um amigo, Olivier, que acaba de saber do suicídio de Beatriz Allende. Castillo acredita que, quando na iminência dos ataques dos militares, a grávida Beatriz Allende só deixou La Moneda sob os pedidos insistentes de seu pai de que fosse para Cuba para dar à luz lá. Nisso, acontece uma cisão entre mulher e militante. Segundo Castillo, Allende disse para sua filha: “*Você precisa ir para que nasça seu filho. Mas se não podes ser ao mesmo tempo mulher e militante, você está fodida.*” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 273, tradução nossa, grifo da autora)<sup>113</sup>.

Isso acontece porque o ideal da militância é construído por homens, a partir da perspectiva masculina, que não inclui questões próprias da biologia das mulheres, como a gravidez. Ademais, isso também se choca com outra construção masculina, dessa vez, do mito da mulher. De acordo com Simone de Beauvoir (2016a [1949]), a ideia de mulher é construída a partir do referencial masculino e dos seus mitos do que significa ser homem e mulher. Nisso, mulheres

<sup>111</sup> Ver: GINZBURG, Carlo. **Tentativas**. Michoacán: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2003.

<sup>112</sup> A única mulher dada como envolvida no sequestro do embaixador americano é Vera Silvia Magalhães.

<sup>113</sup> Texto original: “*Tienes que irte para que nazca tu hijo. Pero si no puedes ser al mismo tiempo mujer y militante te jodiste*”.



acabam replicando essas construções devido ao peso da cultura patriarcal. Se o mito da mulher, criado pelo homem, é submissão, fragilidade e passividade, o homem figurará no polo oposto, como aquele que tem poder de tomada de decisão, força, inteligência, liderança. Desse modo, quando uma mulher apresenta essas características, de força, capacidade de liderança e inteligência, ela só pode receber essas características assumindo que ela está querendo ser como um homem, ou atuando como um homem.

Dessa forma, a fala de Allende, como também a ideia de que a mulher só pode fazer algo bom se assumir uma masculinidade, possuem a mesma raiz. E essa raiz que afirma que i) a mulher não pode estar na militância, porque; ii) a militância é feita à imagem e semelhança dos homens, e se não for masculina, a mulher não pode se encaixar, o que significa, nas palavras de Allende, estar “fodida”; e iii) mesmo que a mulher esteja na liderança, é por permissão masculina, por reconhecer nela elementos que os homens entendem como masculinos, porque assim, para eles, não é uma mulher que está na liderança, mas um homem.

A morte de Beatriz Allende, para Castillo, é impulsionada pelo contexto da militância em que ela vive, na qual sua morte é uma mostra do que vivem todas as mulheres na solidão da militância. Ela afirma que quando as mulheres não estão juntas, elas se rasgam:

Porque uma mulher entre os homens não pode falar, e essa solidão das mulheres, essa autodestruição diária também é uma forma de suicídio. Para ela, a arma, porque fazia parte de sua vida, para outras os tranquilizantes, os golpes em nossos corpos, o álcool... Nunca conversamos sobre esse sofrimento, nos sentimos culpadas de oscilar todos os dias entre sobrevivência e suicídio, à beira do precipício. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, p. 214, tradução nossa, grifo da autora).

Assim, Castillo discorre sobre como, mesmo dentro de uma militância que se diz libertadora, a mulher ainda sofre devido à fragmentação à qual é submetida pela pressão e cobrança do modelo que os homens construíram do que seja uma mulher e das características de uma mulher militante. É essa fragmentação que causa isolamento e morte. Castillo ainda menciona o quanto esse fardo se transforma na convivência com outras mulheres na militância, justamente porque elas se enxergam como são. Nessa perspectiva, suas características, por exemplo, biológicas, no caso da gravidez, são só mais uma parte do que deve ser organizado dentro da militância.

Já sobre a atuação feminina no campo considerado doméstico é possível notar as alterações no cotidiano das famílias nas duas obras devido à repressão, algo que também acaba por forçar os limites do que é socialmente construído como o papel da mulher. Por exemplo, na

obra brasileira vê-se o comportamento de Amália que, com suas irmãs, acompanha seus filhos na passeata, pois “não podia ficar em casa fazendo crochê...” (MACHADO, 2005, p. 101), uma vez que elas pensavam, infelizmente de forma ingênua, que se as mães estivessem presentes, ninguém poderia fazer mal aos seus filhos. E a função de protetora que elas assumem é tão clara e determinada que elas acreditam que, mesmo que haja um tiro e alguém seja ferido, elas podem ajudar. É impensável a elas que aconteça algo a seus filhos sem que elas possam intervir (MACHADO, 2005, p. 103).

Em outro momento, a narradora, discorrendo sobre as memórias de Amália daquele período, fala de como a rotina da mãe também mudou. O primeiro choque foi quando Amália viu a filha em casa organizando as bonecas enfileiradas no chão, encenando o evento de repressão aos estudantes e civis que foram levados ao campo de Botafogo e mantidos presos lá sob agressões e humilhações<sup>114</sup> (MACHADO, 2005, p. 84, 143). O segundo choque se dá quando a mãe é chamada no colégio porque a criança repete a brincadeira, mas com colegas na hora do recreio, colocando algumas crianças deitadas no chão, enquanto outras circulavam por elas gritando, xingando-as e chutando-as. A mãe então entende que a criança estava impressionada e amedrontada com toda a situação, e que as brincadeiras eram uma forma de dar vazão, de modo que ela pudesse compreender, controlar e, como diz Amália, “exorcizar aqueles demônios” (MACHADO, 2005, p. 84).

O terceiro choque em relação à filha menor aconteceu quando a diretora forçou a mãe a retirar a filha da escola, pois um general exigia respostas do colégio depois que a menina, durante uma aula em que a professora explicava a hierarquia militar, concluiu que o general era malvado, pois, se era ele quem mandava nos soldados, só poderia ter sido ele a enviar soldados para prender seu amigo Valdir<sup>115</sup> (MACHADO, 2005, p. 143-144). Esse episódio é concluído com a voz da narradora dizendo que Amália “ficou preocupada, mas também se orgulhou. Embora doesse, era bom saber que estava criando mais uma filha capaz de pensar sozinha. Mas que lá vinha problema, isso vinha” (MACHADO, 2005, p. 144).

Nessa última situação citada, todas as envolvidas eram personagens femininas: a menina Cláudia, que era capaz de pensar e questionar; a professora, que não concordava com a repressão, mas não sabia o que fazer, era o elo mais fraco e, portanto, precisava se submeter a certas ordens; Amália, a mãe da criança; e a diretora, que o tempo todo ficou ao lado do general, defendendo-o mesmo quando ele armou uma perseguição contra uma criança.

---

<sup>114</sup> Ver: <http://www.memorialdademocracia.com.br/card/sexta-feira-sangrenta-28-mortos-nas-ruas>

<sup>115</sup> Valdir era o codinome de militância de Franklin Martins, irmão de Ana Maria Machado.

A figura dessa diretora se assemelha a da madre Cecília da narrativa de Echeverría. A monja ursulina<sup>116</sup> e inspetora geral no colégio em que Echeverría lecionava, acreditava piamente que os militares estavam livrando o país dos comunistas. Echeverría abandona a escola devido a esse tipo de atitude e porque as monjas não quiseram ajudar uma professora desesperada que as pediu que escondessem seu namorado brasileiro por uma noite. Em outro episódio de indiferença, as monjas não quiseram recomendar uma estudante, Verónica Schoeger, à embaixada alemã quando ela, estando grávida, foi presa (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 158, 162). É possível ver como as autoras registram diversas formas de ser mulher, e como elas agiram ao ocuparem lugares de maior ou menor poder – no caso da diretora da obra brasileira e da monja da obra chilena, e das professoras, nas duas obras. Além de retratar a atitude da mãe Amália, na obra brasileira, que enfrentou a diretora para defender não só a sua filha, mas a liberdade democrática, correndo risco de ser denunciada também.

Outro fato narrado na obra é a reunião de Amália e suas amigas da igreja que se organizam para fazer roupas de bebês de crochê, tricô, artesanato, conservas e geleias para vender e levantar recursos para os grupos de resistência. O dinheiro era recolhido por um padre que fazia a distribuição. Amália ainda diz que elas se organizavam e faziam tudo escondido dos filhos, para que ninguém se preocupasse e as proibisse de fazer algo:

—Como não desconfiavam? Todas elas sabiam, é claro. Não enganávamos ninguém. Nós fazíamos por convicção, por escolha política, o que é que você está pensando? A gente queria ajudar e não sabia como. Se saíssemos para pichar muro ou distribuir panfleto não ia dar certo. Então a gente fazia isso. E comício nas filas, como já te contei. Mas as famílias da gente é que não sabiam, vocês ficam sempre achando que mãe não tem nada que se meter. (MACHADO, 2005, p. 102)

Ou seja, Amália temia que fossem retirar delas o lugar do ativismo político porque socialmente existiria um espaço que as mulheres mães podiam ou não ocupar, e que os filhos poderiam interferir e impedir isso. Isso é similar a um trecho da obra chilena que narra Echeverría encontrando a já idosa Laura Allende, irmã de Salvador Allende, que está debilitada pelo câncer e, por isso, segundo os médicos ela não viveria por muito mais tempo. Ela pede à Echeverría que articule com a liderança do MIR para que facilitem a ela uma arma para que ela mate Pinochet em uma de suas aparições durante os desfiles:

“Quando o tirano assistir a alguma manifestação, eu, uma mulher de idade, vestida como todas, poderei me infiltrar na multidão sem chamar atenção. E

---

<sup>116</sup> Da ordem de Santa Úrsula.

então descarregarei a arma, matarei Pinochet. Sei que posso fazer isso”. Seus olhos se iluminam, está radiante. “Não tem problema que me matem depois, eu já vou morrer de qualquer jeito. Pelo menos assim minha vida terá um sentido”. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 182, tradução nossa)<sup>117</sup>

Os comunistas e miristas se negam e dizem que eles já possuem muitos jovens (dando a entender que fossem do sexo masculino) preparados para isso, e que não usariam uma mulher para algo tão perigoso e difícil. Um mês depois, Laura Allende se atira da janela e se mata. Echeverría diz que anos mais tarde pergunta a Andrés Pascal porque não atendeu aos últimos pedidos de uma mulher doente. Em um primeiro momento, pela lente da crítica feminista, o impulso é de criticar o fato de os comunistas e miristas negarem o direito ao envolvimento feminino dizendo que uma mulher não seria tão capacitada quanto um homem. Mas há ainda outro detalhe, pois é sabido que havia muitas mulheres nos quadros de miristas chilenos, dentre as quais Castillo e Beatriz Allende. Então permanece o questionamento: por que a ideia de Laura Allende não foi ouvida? Echeverría revela a resposta de Andrés Pascal: “Que filho mandaria a mãe para a morte?!” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 182, tradução nossa)<sup>118</sup>.

Ou seja, há outras hierarquias das quais as mães fazem parte e que não são apenas de gênero, mas familiares. Na organização social elas ocupam, portanto, um lugar santo, intocável, como já desenvolvido pela filósofa Beauvoir (2016a [1949]), que afirma que essa figura da mãe projetada como uma Virgem Maria é uma vitória masculina do patriarcado, porque ela aponta para uma leitura de que ela, ao ser idolatrada, representa a mãe que se ajoelha para o seu filho homem. Nessa perspectiva, portanto, os trechos citados anteriormente ilustram exatamente essa situação, a mãe que só é uma autoridade até o momento em que precisa ser curvar às vontades dos filhos.

Acerca dessa questão, Beatriz Sarlo (2016) afirma que quando as mulheres ocupam lugares políticos que são tidos como espaços hegemonicamente masculinos, é comum que elas tragam para si a alcunha, o rótulo social, de mãe (assim como de dona de casa, filha ou vizinha). Isso é feito para reprojeter o conteúdo conservador de sua função, que a autora define da seguinte forma:

---

<sup>117</sup> Texto original: “Cuando el tirano asista a una manifestación, yo, una mujer de edad, vestida como todas, podré infiltrarme entre la multitud sin llamar la atención. Entonces descargaré el arma, mataré a Pinochet. Sé que podré hacerlo”. Sus ojos se iluminan, está radiante. “Que me matarán después, que importa, si debo morir de todos modos. Por lo menos así mi vida tendrá un sentido”. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 182)

<sup>118</sup> Texto original: “¡Que hijo mandaría a su madre a la muerte!” (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 182)

Mães, em particular, comumente consideradas o último recurso de ordem em um padrão familiar masculino, tornam-se apoiadoras fortes do que, a partir de um ponto de vista tradicional, poderia ser nomeado de desordem, desafio de poder, da repressão policial e da organização hierárquica da sociedade. (SARLO, 2016, p. 190)

É por isso que as mães se colocam nos protestos com a certeza de que não podem ser detidas, com a esperança de que conseguirão proteger seus filhos, de que na presença delas seus filhos não podem ser feridos. Assim, elas vociferam nas ruas em busca dos filhos e irrompem para dentro de delegacias e quartéis sem timidez em busca de seus desaparecidos. E é por isso que, quando a violência estatal bate, ela bate mais forte. Com a força do absurdo. Pois possui um sentimento inconcebível de frustração ao perceber que o Estado e a ordem, que deveriam proteger – principalmente as mães de família em uma política que se diz em defesa da família – não estão cumprindo o seu papel. Ou melhor, nota-se que o Estado e a ordem estão cumprindo essa função pelo avesso quando os valores, como o zelo pela família, não valem nada na promoção do poder próprio.

Existem, ainda, outras questões referentes à maternidade no enfrentamento político para Beauvoir (2016 [1949]). Para ela, o fascismo italiano fez uma aliança com a igreja para que a mulher fosse subjugada pelo Estado e pelo marido. Já na Alemanha, depois de uma longa caminhada de emancipação das mulheres, o nazismo de Hitler recupera a ideia de Napoleão, que ela afirma não querer ver a mulher como outra coisa senão como mãe através do *küche, kirche, kinder* (cozinha, igreja, criança) (BEAUVOIR, 2016 [1949], p. 183). E assim eles criam o ideal de que a mãe é como uma guardiã moral, serve do homem, e que vai conduzir as crianças no rumo em que a sociedade (no caso, as autoridades autoritárias) querem (BEAUVOIR, 2016 [1949], p. 241). Desse modo, a mãe que enfrenta o Estado, como as mães latino-americanas representadas nas obras, é uma afronta para o ideal de domesticação da mulher através da maternidade, pois o fato de serem mães se torna mais um motivador de oposição ao Estado, inclusive usando o mesmo rótulo social de mãe, como afirmou Sarlo, para se colocarem nesses lugares políticos. Essa dinâmica pode ser estendida também para avós e tias.

Nesse sentido é possível ver na obra brasileira uma amiga de Amália, dona Lúcia, mãe de vários jovens engajados no movimento estudantil, que costurou às pressas travesseiros recheados com os panfletos que seus filhos deixaram em casa para escondê-los da polícia. Os policiais revistaram a casa, mas não encontraram nada. Quando saíram, os filhos suspiravam aliviados e surpresos, como se tivessem presenciado um milagre:

- Puxa, mãe! Que presença de espírito! E que calma para fazer isso com os homens lá embaixo! Como é que você teve essa ideia?  
 —Mas eu fiz isso minha vida toda, meu filho... explicou ela.  
 —Fez isso, como?  
 —Costurar e tomar conta de vocês... (MACHADO, 2005, p. 105-106)

Na fala dessa mãe vê-se uma mulher que encara com naturalidade e prontidão a necessidade de resolver a situação, porque, mesmo que fosse declarado pela voz da narradora que a família era de oposição, na lista de prioridades da mãe, a motivação principal que impulsionou sua atitude foi fazer o que já fazia a vida toda: tomar conta dos filhos.

A narradora, através da perspectiva da Amália, também narra situações em que soldados e policiais não foram tão calmos e respeitosos como no exemplo anterior. A narradora afirma que um tempo depois, quando a polícia foi à casa de Amália para procurar Marcelo, revirou, rasgou e quebrou tudo que viu pelo caminho, destruindo até o repolho na geladeira. E conclui dizendo: “E quando as pessoas não eram atingidas, as mães davam graças a Deus.” (MACHADO, 2005, p. 106), isso porque geralmente eram as mães que permaneciam em casa e viravam alvo nessas invasões e busca desenfreada por outras pessoas.

Ainda no sentido de pensar nas mulheres da família, como mães, avós e tias, na obra chilena é possível destacar a atuação da mãe de Echeverría, María Flora Yáñez, cuja fala é reproduzida pela neta, Castillo:

“Cristián, seu irmão”, disse ela, “não percebeu que o vi escondendo algumas caixas estranhas nos vasos do terraço. Eu não disse nada. Só que um mês depois do golpe, durante a invasão do apartamento de Rafa Gumucio, achei que logo seria a minha vez. Então, discretamente, tirei algumas daquelas caixas, nas quais encontrei algumas balas grandes de pistola ou de metralhadora, não sei, espalhei-as uma a uma nos vasos retangulares dos corredores do andar térreo. As caixas menores eu embrulhei muito bem com papel de presente e pedi ajuda ao zelador, que me estimava muito. Atravessamos a grande avenida Costanera, em frente ao prédio, e jogamos as lindas embalagens no rio Mapocho, sem trocar uma palavra”. (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 212, tradução nossa, grifo da autora)<sup>119</sup>

<sup>119</sup> Texto original: “Cristián, tu hermano”, dijo ella, “no se daba cuenta de que yo lo veía esconder unas cajas raras en las macetas de la terraza. No le dije nada. Salvo que un mes después del golpe, durante la perquisición en el departamento de Rafa Gumucio, pensé que pronto me tocaría a mi. Entonces, discretamente, saqué algunas de esas cajas en las que encontré unas balas grandes de pistola o de ametralladora, no sé, las dispersé una por una en las jardineras de los corredores en la planta baja. Las cajas más chiquitas las envolví muy bien con papel de regalo, le pedí ayuda al cuidador que me quería mucho. Atravesamos la ancha avenida Costanera, frente al edificio, y tiramos los lindos paquetes al río Mapocho, sin intercambiar palabra”. (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 212)

Nesse trecho é possível ver como a avó ajudou o neto a esconder as munições. Em outro trecho, Echeverría afirma que entende que ela e seus filhos decepcionaram sua mãe por terem se afastado do padrão de oligarquia que ela vivia. E que mesmo assim, até o fim sua mãe defendia a ela e aos seus netos se alguém falasse algo deles, como após o assassinato de Miguel Enríquez, que vários jornais chilenos estamparam suas páginas com fotos de Castillo chamando-a de puta extremista, mas diante de oligarcas do edifício em que morava, disse que estava orgulhosa da valentia e dos ideais de sua neta (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 205). Nos dois casos, é possível ver que é difícil, ou impossível, separar a mulher no que tange seus afetos ou tendências políticas. A avó, por mais que os netos participassem da luta armada, seguia vendo-os apenas como seus netos, pessoas que ela deveria defender e cuidar.

Podem ser vistos também outros exemplos da representação de mães nas obras, como menções às mães da Praça de Maio, da Argentina. Na obra brasileira a narradora também registra que a multidão da passeata dos Cem Mil elegeu representantes que levassem suas petições à Brasília, e que entre esses representantes figurava uma mulher. Enquanto os outros homens eram classificados por suas funções, professor, psicanalista, padre e dois líderes estudantis, a função definidora da mulher era “mãe” (MACHADO, 2005, p. 101).

O texto sobre a passeata dos Cem Mil do site da Fundação Getúlio Vargas, também destaca esse fato de semelhante modo: “A comissão, escolhida em praça pública durante a passeata, foi formada por Hélio Pelegrino, Irene Papi — representante das mães —, o padre João Batista Ferreira e dois estudantes, Marcos Medeiros e Franklin Martins.” (FGV, 2009). A narradora de *Tropical sol da liberdade* compara a situação à organização das mães argentinas (posteriormente avós), e já antecede que apesar das mães brasileiras não terem feito isso, não quer dizer que tenham sofrido menos, pois não há escala Richter de medir perda de filho (MACHADO, 2005, p. 101). Isso tudo acontece justamente porque há uma responsabilidade atrelada à força que o rótulo social “mãe” possui, como tratou Sarlo (2016), e como esse rótulo legitima a autoridade da mulher somente enquanto mãe, como tratado por Beauvoir (2016 [1949]).

Sarlo (2016, p. 175), ao fazer uma retomada histórica da caminhada da inserção das mulheres nos contextos de atuação política, ressalta que a sua atuação desde o começo visava ao bem comum de toda a sociedade, incluindo os homens. Prosseguindo, ela afirma que as primeiras fileiras do movimento de mulheres do início do século foram protagonizadas por representantes da classe média urbana, pois essas eram favorecidas pelo seu contexto social, e que seu primeiro espaço de atuação profissional e social foi a sala de aula:

As mulheres, após sua experiência em sala de aula e frequentemente nos níveis intermediários de direção e administração do sistema educacional em países como o Chile e Argentina, haviam obtido um certo grau de independência e autoconfiança e, acima de tudo, estavam convencidas de sua importância como comunicadores e organizadores sociais. (SARLO, 2016, p. 176)

É justamente esse o espaço que Machado ocupa, tendo se formado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e lecionado na mesma universidade, além de trabalhar na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), antes de, como jornalista, trabalhar por mais de dez anos na Rádio Jornal do Brasil. Similar caminho é traçado por Echeverría e Castillo. Echeverría estudou pedagogia na Universidade do Chile e por muitos anos foi professora de castelhano e literatura. Castillo foi professora de história e pesquisadora do Centro de Investigações de História de América Latina, da Universidade Católica do Chile.

Sarlo explica que o lugar que a mulher como professora ocupa é um espaço de elo “entre a família e o Estado, entre as necessidades privadas ou individuais e os empreendimentos coletivos” (SARLO, 2016, p. 177). E é justamente por esse motivo que os professores são controlados em períodos de autoritarismo, pois podem instigar o pensamento crítico e reflexivo, o que não interessa às ideologias autoritárias.

Além disso, a autora pontua que as mulheres se mobilizavam por diferentes frentes, como a participação nos partidos políticos (prioritariamente, Sarlo menciona os partidos socialistas, comunistas, anti-imperialistas) e de forma independente, como pode ser observado a seguir:

As mulheres profissionais associaram-se de acordo com interesses tanto corporativos quanto de gênero; as educadoras consideraram seu trabalho nas instituições públicas como parte de uma estratégia para provar sua aquisição de poder, as escritoras sustentaram enérgicas opiniões sobre a política sexual em seu trabalho. (SARLO, 2016, p. 186-187)

Se as mulheres conseguiram ingressar na esfera pública, pois o capitalismo as viu como força de trabalho (mais barata) e como consumidoras, foi pelo viés socialista, pregando a educação como formadora de seres políticos, que ela conseguiu se incluir na política. E é a isso que Sarlo atribui o bom envolvimento das mulheres em movimentos de esquerda na América Latina, principalmente no Cone Sul.

Assim, é possível ver uma tendência nas mulheres latino-americanas de, ao se organizarem em torno do direito ao voto na primeira metade do século XX, acabarem por incluir outras pautas, como “as reivindicações dos camponeses, minorias culturais e comunidades raciais” (SARLO, 2016, p. 181). Isso também explica o motivo da literatura escrita por



mulheres na América Latina também ter um viés mais social do que individual, como já abordado anteriormente.

Apesar de Cynthia Andersen Sarti (2004) tratar exclusivamente do Brasil, ao afirmar que as questões relacionadas à identidade de gênero vieram no final dos anos 70 com o início da abertura política, é possível ver movimentos semelhantes em outros países da América Latina, o que inclui o Chile. Algo que pode ser visto na obra chilena aqui estudada e em organizações, como o grupo *Mujeres por la Vida*, já citado anteriormente, do qual Echeverría participou até o fim da vida. Pode ser percebido então, que, embora esses movimentos apresentassem divergências internas, o movimento de mulheres seguiu quase que de forma uniforme até meados dos anos 80, no Brasil, ou até mais tarde, no caso do Chile, enquanto tinham a ditadura como inimigo comum.

Por outro lado, Sarlo (2016) afirma que as “camponesas, trabalhadoras e donas de casa pobres, desempregadas e moradoras de favelas se relacionam com a política por meio de sua experiência vivida” (p. 182). E que a partir dessas mulheres são formados grupos que elas lideram com mão firme, sem renunciar às reivindicações em meio às negociações. E é por isso que, sem surpresa, é possível encontrar nas duas obras as marcas dessas mulheres.

A obra chilena menciona, por exemplo, Blanca Ibarra e Claudina Nuñez, responsáveis pela organização da *población* La Victoria, que afirmam: “Agora que nossos homens estão encarcerados, foram mortos ou passam o dia largados em casa meio alcoolizados, nós assumimos seu posto e a comunidade obedece às nossas ordens.” (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 224, tradução nossa)<sup>120</sup>. Foi apenas na ausência física dos homens que essas mulheres puderam assumir posição e liderar uma comunidade pobre, um bairro marginal rebelde, conhecido por ser um bastião dos protestos contra Pinochet, e que recebeu o nome de *Territorio Libre de La Victoria* (Território Livre da Vitória). O que Sarlo fala entra em consonância com o que Echeverría segue explicando, de que acredita que “os homens nunca teriam sido capazes de fazer esse trabalho: muitas brigas políticas, ciúmes e egoísmo. Elas não perdem tempo com bobagens, todos são bem-vindos, desde que estejam dispostos a obedecer e lutar pelo que é justo” (ECHEVERRÍA; CASTILLO, 2002, p. 224, tradução nossa)<sup>121</sup>.

---

<sup>120</sup> Texto original: Ahora que nuestros hombres están encarcerados, han sido muertos o pasan tirados en la casa medio alcohólicos, nosotras hemos tomado su relevo y la población obedece nuestras órdenes.

<sup>121</sup> Texto original: Nunca los hombres habrían podido hacer esa labor: demasiadas rencillas políticas, celos y egoísmos. Ellas no pierden el tiempo en tonteras, todos son bienvenidos, siempre que estén dispuestos a obedecer y pelear por lo justo.

Sarlo (2016) prossegue afirmando que o envolvimento dessas mulheres e suas manifestações de atuação política se davam de forma mais ligada à vivência do que a ideologias sistematizadas ou a instruções de grupos políticos de viés socialista organizado. Nesse sentido, é possível trazer também um trecho da obra brasileira que retrata um desses casos:

Uma vizinha dela, uma velhinha doce, tranquila, um dia lhe disse:  
 — Vou lhe contar um segredo, porque eu tenho que contar para alguém e sei que posso confiar em você. Eu agora faço uma fila atrás da outra.  
 Amália não entendeu, mas ela continuou:  
 — Entro em fila de tudo, de banco, de carne, de ônibus. Quando chega minha vez, dou uma desculpa e vou embora. Mas enquanto estou na fila, falo mal do governo, reclamo da polícia, faço um comício minha filha... é a única coisa que eu posso fazer. O pessoal me acha meio maluca, mas com esses cabelos brancos eu me faço de boba. E acaba sempre começando uma discussão, uns mandam eu calar a boca, outros me dão razão, e quando vou embora fica todo mundo discutindo. Acho que amanhã eu vou até o convento de Santo Antônio fazer uma agitaçãozinha por lá... (MACHADO, 2005, p. 85)

É possível relacionar esse trecho a um tipo de estratégia de *bricolagem*, como afirma Sarlo (2016), que é feita pelas mulheres, quando elas subvertem os espaços que frequentam, que por vezes são considerados como espaços considerados privados, em espaços de atuação política. Por exemplo, através de “sentimentos de piedade e caridade (os quais a religião considera apropriados para as mulheres) elas podem encontrar uma tradução política em face da injustiça social” (SARLO, 2016, p. 189). É por isso que essa vizinha de Amália vê no convento de Santo Antônio um espaço propício para uma “agitaçãozinha” em torno de questões que tocam a injustiça social, pois aquele espaço lê e aceita bem os conceitos de piedade e caridade.

Sarlo também afirma que este é um envolvimento com base na paixão, no sentido de que o sentimento de indignação frente a injustiças toca as mulheres de forma intensa, como se fosse uma ofensa pessoal e, partindo do privado e pessoal para o coletivo, isso transforma o indivíduo sofredor passivo em sujeito ativo politicamente. Ela explica que, durante esse processo, mulheres que eram tidas como agentes secundárias começam a atuar como protagonistas (SARLO, 2016, p. 190), contrariando a crença de que a atuação das mulheres é irrelevante e periférica. Isso pode ser visto, portanto, na atitude dessa senhora narrada na obra brasileira, que consegue fazer essa transação, como a camuflagem do camaleão, e mudar-se, vestir-se de irrelevante quando sente que corre perigo.

É possível ver esse tipo de atuação política na descrição de Echeverría de Yvonne Legrand, que foi cônsul da França. A ditadura chilena chegou a considerá-la *persona non grata*

devido a sua constante ajuda aos perseguidos políticos. A autora ainda registra que, em sua despedida do Chile, mulheres pinochetistas foram ao aeroporto para ofender Legrand, chegando ao ponto de agredi-la fisicamente arrastando-a no chão pelos cabelos, chutando e cuspidendo-a, sem que a polícia interviesse<sup>122</sup>. Echeverría conclui sua passagem sobre a cônsul falando do seu compromisso com a causa da justiça, chegando a negar honrarias por dizer que só cumpriu com seu dever (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 252).

Ademais, a própria Echeverría pode ser considerada um exemplo da mulher que assume as injustiças como uma ofensa pessoal conforme aponta Sarlo (2016). A chilena criou uma rede de mulheres, muitas delas de meia idade, como ela, e com algum prestígio social e político para encontrar abrigo para pessoas que se escondiam ou precisavam fugir do país:

Para a Resistência que foi organizada de emergência, Mónica se tornou, muito rapidamente, não apenas em um de seus elos mais eficazes, mas também no pilar da rede encarregada de encontrar abrigos para líderes clandestinos, e de escolher e preparar os “correios” para o exterior. Ela foi a mediadora ideal para garantir a comunicação e a circulação de informações sobre ações com embaixadas, ONGs, associações de direitos humanos, imprensa internacional, advogados, sendo meu tio Jaime um dos primeiros advogados a se engajar, e padres que nos ajudaram a salvar os filhos e os pais dos militantes em lugares seguros, os contatos com o cardeal, com o gerente de negócios da embaixada italiana... Todos a respeitavam. Sua presença, e o fato de ele ser a esposa do ex-reitor da Universidade Católica, deu legitimidade à nossa demanda, graças a ela conseguimos nos comunicar com as redes de solidariedade da sociedade civil. (CASTILLO; ECHEVERRÍA, 2002, p. 173, tradução nossa, grifo da autora)<sup>123</sup>

Como pode-se notar, a própria Castillo compreende que não eram apenas as capacidades sociais e relacionais de Echeverría que a tornavam essencial para a resistência, mas o fato de ela ser a esposa do ex-reitor da Universidade Católica abria muitas portas, além, é claro, de toda sua herança familiar que a colocava em posição privilegiada. Echeverría não precisava fazer nada disso, mas fazia para várias pessoas como se estivesse fazendo para seus próprios filhos, como se lidasse o tempo todo com ofensas pessoais.

<sup>122</sup> Ver: Décès de Yvonne Legrad, ex-consul de France au Chili. <http://www.espaces-latinos.org/archives/14226>: Acesso em fev/2020.

<sup>123</sup> Texto original: Para la Resistencia que se organizaba en urgencia, Mónica se había convertido muy rápido no solo en uno de sus más eficaces enlaces, sino también en el pilar de la red encargada de encontrar refugios para los dirigentes clandestinos, de elegir y preparar a los “correos” hacia el extranjero. Era la mediadora ideal para asegurar las comunicaciones y la circulación de información de acciones con las embajadas, las ONGs, las asociaciones de derechos humanos, la prensa internacional, los abogados, mi tío Jaime el primero, y los curas que nos ayudaban a salvar a los hijos y a los padres de los militantes en lugares seguros, los contactos con el cardenal, con el encargado de negocios de la embajada de Italia... Todos la respetaban. Su presencia, el hecho de que era la esposa del ex rector de la Universidad Católica, le daban legitimidad a nuestra demanda, gracias a ella conseguíamos comunicarnos con las redes de solidaridad de la sociedad civil.

Assim, Sarlo (2016) prossegue afirmando que, como para as mulheres a paixão e os sentimentos estão muito conectados à política, no sentido de um atrelamento profundo à necessidade, elas não podem ser contidas. Isso acontece porque elas não conseguem ver motivos para negociarem ou venderem suas demandas e reivindicações, já que essas demandas são enraizadas em questões básicas, de valores e de direitos, e, portanto, “Elas não podem parar de fazer o que já estão fazendo e de pedir o que estão pedindo” (SARLO, 2016, p. 191).

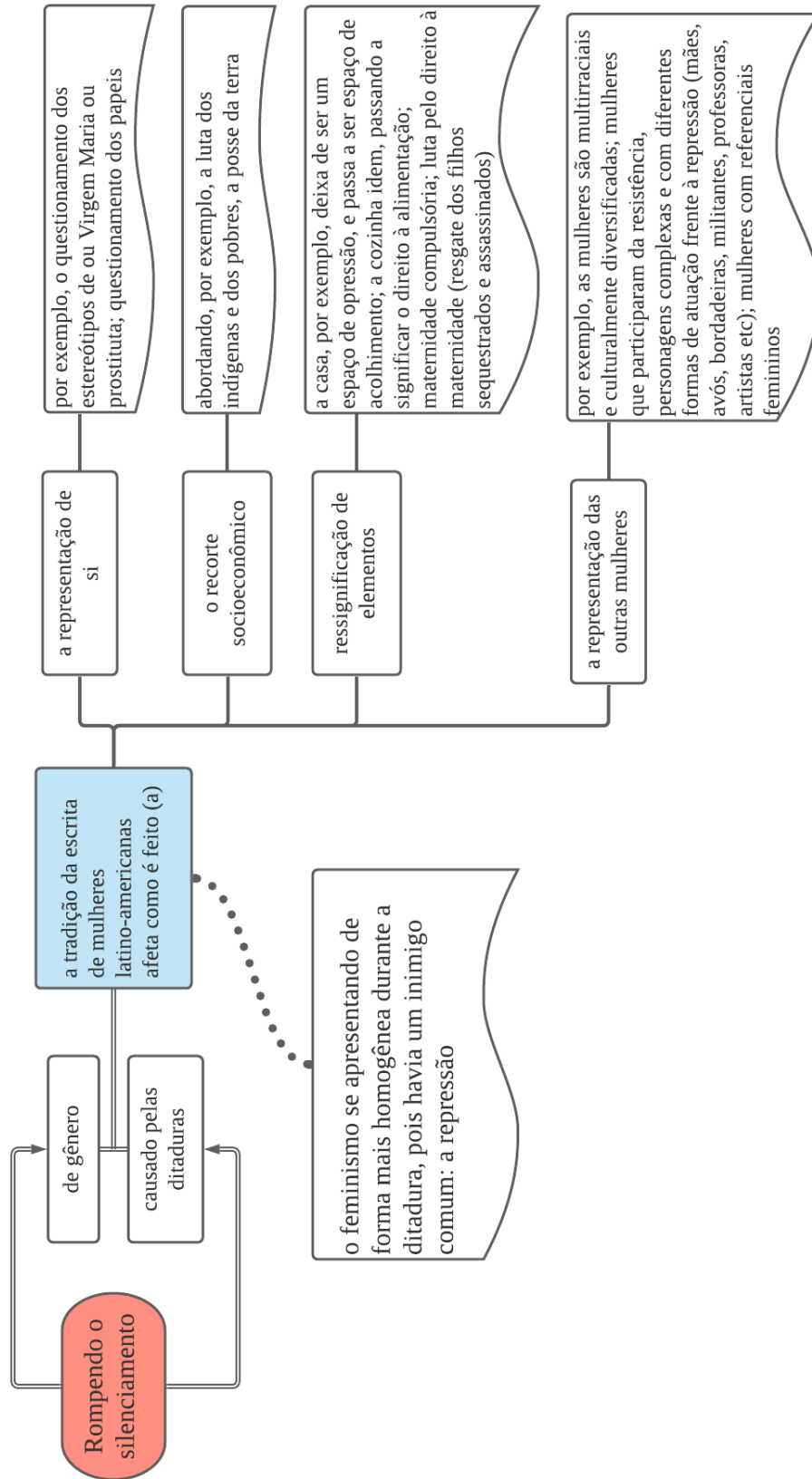
Por outro lado, Sarlo (2016) também aborda o envolvimento das mulheres na luta armada, afirmando que muitas vezes as mulheres ficam no limite da presença pacífica, e que os movimentos de mulheres só adotam para si símbolos de guerra – que a autora entende como símbolos masculinos – quando esses movimentos estão dentro de uma outra organização política (SARLO, 2016, p. 192). Esse parece ser o caso de Castillo, quando, através de sua amiga Beatriz Allende, é inserida no MIR, enquanto sua mãe, Echeverría, por não ser envolvida de forma partidária, não entra na luta armada. É bom que se diga que o grupo *Mujeres por la Vida*, em momento algum, é um grupo paramilitar.

A questão da história escrita por mulheres também é abordada por Sarlo (2016), que afirma que as mulheres latino-americanas não só se empenharam politicamente em lutar pelo que era justo, como também ajudaram (e ajudam) a romper o silêncio, contribuindo para a preservação de uma memória coletiva. Além disso, a autora aponta que frequentemente essas memórias coincidem com as relatadas por outros grupos marginalizados, como de camponeses, trabalhadores e favelados. E que essas narrativas frequentemente denunciam “o mesmo sistema de aliados e inimigos, padrões de tópicos similares, bem como tensões entre discurso e prática” (SARLO, 2016, p. 192). Isso está no cerne das pesquisas que dizem que onde há menos desigualdade entre gêneros, há menos desigualdade social, como o trabalho de Adriana Bruscato et al (2016) que analisa a desigualdade social no Brasil em relação às questões de gênero, e o texto da Unesco, que afirma que as desigualdades não controladas podem ameaçar o cumprimento dos objetivos para o desenvolvimento sustentável (ODS) com meta para 2030 (BRASÍLIA, 2017).

Por fim, a última representação feminina das obras a ser disposta aqui, é a ideal que figura na obra brasileira, e pode ser expandido para a outra obra e outras áreas. A narradora aponta que Amália, mãe de Lena, é uma “metáfora incorporada ao cotidiano. Uma mulher forte – como as mulheres bíblicas do Velho Testamento” (MACHADO, 2005, p. 169). Entre as mulheres do velho testamento, pode-se ver Debora, uma juíza que liderou exércitos; Vasti, que preferiu ser destituída do trono a ser objetificada; Judite, que, percebendo a omissão da

liderança local diante da vulnerabilidade de seu povo, matou Holofernes, líder do exército que invadia sua região; Raabe, a prostituta que, para lutar pelo que acreditava, enfrentou as autoridades locais ajudando os israelitas a se esconderem e, posteriormente, a derrubarem a cidade de Jericó; as filhas de Zelofeade, que reivindicaram com Moisés o direito de possuírem a terra herdada pelos seus pais, em um tempo que só os homens tinham direito à terra, e foram atendidas. É dessa força, inteligência e sagacidade que a narradora de *Tropical sol da liberdade* fala, características que podem ser expandidas também para o entendimento das mulheres da obra chilena.

Organograma 6: Rompendo o silenciamento



Fonte: elaborado pela autora

Assim, pode-se ver que as mulheres encontram um tipo de privação além da vivida pela população em geral apenas pelo fato de serem mulheres, mas que se desdobram encontrando novas formas para o fazer político. E da mesma forma que o trauma encontra outras formas estéticas de se expressar na literatura, a mulher ressignifica o que tem ao seu alcance no dia a dia, sem permitir que um rótulo social ou estereótipo criado pelo masculino (ou quem quer que seja) dê conta de si. De semelhante modo, são representadas na literatura de forma ainda mais fiel quando escritas por outras mulheres.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*¿Y qué espera puede convertirse en esperanza si  
están todos muertos? ¿Y cuándo vendrá lo que  
esperamos? ¿Cuándo dejaremos de huir?  
¿Cuándo ocurrirá todo esto? ¿Cuándo? ¿Dónde?  
¿Cómo? ¿Cuánto? ¿Por qué? ¿Para quién?*

— Alejandra Pizarnik

Enquanto escrevia esta dissertação fui afetada pelos diversos acontecimentos públicos que se passaram no Brasil e na América Latina em geral. Pude ver a ansiedade crescendo em muitos que assistiram embasbacados à escalada dos discursos de ódio e eleição de Bolsonaro no Brasil, que por vezes se escorou em discursos saudosistas da ditadura, inclusive exaltando torturadores. Por outro lado, pude ver nossos irmãos chilenos derrubando um ministro por ter feito afirmações pró-Pinochet e o surgimento da chamada Primavera Chilena, com manifestações massivas contra a insustentável política neoliberal chilena, que impera desde os anos de Pinochet. E as autoras que aqui estudei prosseguiram não se calando. Ana Maria Machado, que foi homenageada na Bienal do Rio de 2019, disse que em certo sentido hoje ainda é pior do que a ditadura devido aos tantos, como ela chamou, freelancer de repressão:

“Eu não entendo esse ódio que existe agora no Brasil”, emenda Ruth. “Nós elegemos o Bolsonaro a partir do ódio”, diz. E, então, a conversa toma o caminho da política. “Sei que é um plural majestático, mas ‘nós’ não o elegemos, né?”, Ana interrompe. (MOLINERO, 2019)

Já Mónica Echeverría faleceu no dia 3 de janeiro de 2020, enquanto eu escrevia este trabalho. Ela foi velada usando um tapa-olho em homenagem às mais de 300 pessoas que foram cegadas durante as manifestações que aconteceram no Chile de 14 de outubro de 2019 a 18 de março de 2020, tendo sido interrompidas devido à pandemia do Covid19. Echeverría também ostentava uma plaquinha onde se podia ler “*Mujeres por la Vida*”, e me emociono ao pensar que até o fim ela prosseguiu enfrentando e confrontando a opressão. De Carmen Castillo na atualidade sei menos. Sei que continua na França e segue participando de festivais de cinema.

As ansiedades também passaram pelo meu corpo. Era difícil ler e reler essas obras sem pensar que as coisas estavam acontecendo novamente. Que os painéis contra Allende não se pareçam com os painéis contra Dilma Rousseff, que todas as articulações de Bolsonaro, seu gabinete do ódio e milicianos não se pareçam com uma nova estrutura de morte. Nesse processo



vi amigos vendendo o que possuíam e planejando a saída do Brasil, vi relatos de violência sofridos por pessoas que não apoiavam Bolsonaro. Destaco as similaridades para explicar a ansiedade que traspassou os corpos, mas sigo me sustentando na ideia de que (ainda, talvez) não conhecemos a profundidade das diferenças e a potência da esperança.

Dando mais alguns passos atrás, penso no quão significativas foram as aulas com minha orientadora, Carolina Alves Magaldi, sobre representação da memória no segundo semestre de 2018. Era impossível não me lembrar do professor Aulus Mandagará Martins, da minha graduação na Universidade Federal de Pelotas, que foi quem me introduziu a esse diálogo entre literatura e história – sempre frisando que era nessa ordem, literatura e depois história, em que deveríamos trabalhar, pois estamos no campo da literatura, e não podemos simplesmente usar o texto para pretexto de nossas conjecturas políticas e sociais.

Foi nessa disciplina com o professor Martins que conheci Linda Hutcheon e Hayden White, e com ele que me adentrei na iniciação científica para estudar o mesmo livro da Ana Maria Machado e a obra *En estado de memoria*, da argentina Tununa Mercado, que também possui uma história de vida que poderia bem ter sido posta lado a lado com as autoras aqui estudadas. Inclusive pelo fato de Tununa, assim como Machado, também ter estudado Letras, trabalhado com jornalismo e ter sido exilada. Após a apresentação do meu trabalho da iniciação científica em um congresso na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, o professor que estava mediando minha sessão disse que esse papo de que o privado é político é apenas uma desculpa das mulheres para dizerem que fazem alguma coisa, quando não fizeram nada. Apesar disso, o tempo em que me senti sem chão foi pouco. Ao olhar para a classe, na última carteira uma mulher me olhava com os punhos erguidos e entendi profundamente que não podem nos calar e nos oprimir quando estamos juntas e nos colocamos umas pelas outras.

No processo de planejar o que eu queria estudar no mestrado, eu colocava e tirava autores da minha sacola acadêmica. Em um primeiro momento, acreditei que seria bom ter apenas uma autora e mergulhar bem fundo nela, e então escolhi Ana Maria Machado. Depois, senti que andava pulando em uma perna só, e que precisava de outra autora para caminhar e conversar com Machado. Nesse processo, como megalomaniaca que sou, cogitei convidar para a minha mesa uma autora de cada país do Cone Sul: Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Eu já tinha Brasil e Argentina na manga, só precisava de mais três autoras. O que obviamente era uma empreitada ingênua para ser traçada no período de um mestrado. Nesse processo pude falar com a professora Lorena de La Paz Amaro Castro, professora da Pontificia Universidad

Católica de Chile, que me apresentou Mónica Echeverría e Carmen Castillo, mudando o rumo da minha pesquisa.

Após percorrer tanto chão – ter entrado no programa de pós-graduação sem orientadora (pois a orientadora com quem eu havia me inscrito, havia aposentado), conseguir uma orientadora e posteriormente trocar de orientação e me deparar com uma pandemia – acredito que consigo pesar algumas coisas que gostaria de ter feito diferente. Na época da minha iniciação científica pude falar brevemente com Tununa Mercado por mensagens diretas no Twitter, e eu percebi o quanto isso me afetou e tornou seus textos mais humanos para mim. Por isso, queria ter podido ir ao Chile, conhecer sua cultura, a UC, a professora Castro, quem sabe ter tomado um chá com Mónica Echeverría e ter conhecido mais dos campos teóricos abordados naquela universidade e que poderiam contribuir em minha pesquisa – é um pouco frustrante para mim que a parte teórica mais densa e clássica da minha pesquisa seja formada por autores europeus e americanos.

Sobre isso, cabe então mencionar que fiz no segundo semestre de 2018 a disciplina de *Contemporary Theory Criticism*, uma disciplina em inglês ofertada pela professora Nícea Nogueira e o professor Anderson Bastos Martins. Essa disciplina foi responsável por estruturar a maior parte da carga de crítica feminista que possuo. Sem dúvida foi uma contribuição importante e sólida, mas a vejo ainda mais rica quando penso que ao lado delas pude receber contribuições da professora Márcia de Almeida e Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, que puxaram o meu olhar para o que diziam as feministas da América Latina, algo no qual pretendo me aprofundar em estudos futuros.

No primeiro semestre do mestrado, fiz uma matéria com a professora Lia Duarte Mota (2018)<sup>124</sup>, sobre a escrita performática, o corpo no movimento da escrita. Uma proposta que apresenta o ser humano como um ser integral, e não fragmentado entre corpo e mente, como se a escrita fosse algo extracorpórea. Nessa disciplina produzi um livro de colagens denominado *TW: El Tropical Vuelo Del Sol De La Memoria Da Liberdade*, que está nos apêndices desta dissertação, a partir da proposta de uma criação artística que se comunicasse com os materiais e discussões em sala de aula acerca da escrita performática. Nesse livro refleti sobre os encontros que criaram minha obra, ou seja, os encontros entre os estudos sobre trauma e performance, entre trauma e escrita, entre escrita e recepção, e entre memória, política e arte.

---

<sup>124</sup> Na referência consta um trabalho de Mota que fala mais sobre a escrita performática, que não foi abordada diretamente neste trabalho.

Pois entendi que assim como os corpos se esbarram, as teorias e as expressões artísticas também se esbarram – e conseqüentemente se afetam, e geram inquietações e reflexões.

A obra *TW* foi composta a partir de uma seleção de trechos dos dois livros abordados nesta dissertação. Foi feita uma cópia de cada livro para que pudessem ser recortados os trechos escolhidos, e esses trechos foram escolhidos à medida em que permitiam comunicações com a outra obra, ou seja, trechos que de alguma forma se tocavam. Se repetiam. Ou até mesmo se completavam. Bem como foram feitas as considerações ao longo desta dissertação, aproximando os textos – com o diferencial que aqui a costura era feita pela teoria de análise. A partir desses recortes foi feita uma colagem em papel Canson de gramatura 180g branco, a fim de seguir uma linearidade, criando uma única história, combinando e alternando gêneros literários, estéticas, períodos, línguas e fontes tipográficas.

Depois disso foram coletados relatos baseados na memória coletiva de fatos referentes à ditadura militar. Não era minha intenção ter fatos provenientes de fontes formais, como os relatórios da Comissão da Verdade no Brasil ou Chile, mas sim que viessem de fontes populares, como aquela informação contada por uma pessoa conhecida, da família ou vizinha. Para isso foi usada uma postagem informal no Twitter, que obteve um bom engajamento, recebendo mais de 500 compartilhamentos e mais 100 respostas. Não é mais possível ver o tweet, porque é de uma conta que foi deletada. As respostas selecionadas para compor o projeto artístico foram as de relatos relacionados a mulheres, semelhantemente às autoras dos livros utilizados, que também optaram por dar ênfase aos testemunhos de mulheres.

Essas respostas foram transformadas em relatos em primeira pessoa, na posição de quem viveu o fato, pois pensei que através disso seria possível criar a voz referente a uma personificação da memória popular, ou memória coletiva, baseada na ideia de que a sociedade é um só corpo, por mais que seja formada por membros tão diferentes. Esses relatos então são a escrita desse grande corpo. Além disso, eles foram escritos a lápis ao lado das colagens, nas margens externas das páginas, onde muitas vezes estão esses relatos também na sociedade: na margem – os relatos e os corpos. Nas margens internas foram feitos alguns poucos comentários explicativos. Além disso, foram usados pincéis coloridos para destacar alguns eixos temáticos dentro das páginas, de modo a criar uma teia de conexões entre as palavras nos relatos e nas colagens. Uma rede, tal qual é a sociedade. Com o objetivo de deixar explícito os temas escolhidos que guiavam o caminho que o texto percorria.

Outrossim, na primeira página dessa obra há um texto de apresentação que relaciona as escolhas estéticas e dos materiais para escrita com o exercício da memória e o movimento de

lembrar e esquecer. Quando se escreve a caneta, com o tempo a tinta tende a desaparecer, mas (grosso modo) não se pode apagá-la facilmente sem ferir o papel. Quando se escreve a lápis, qualquer um pode apagar, mas há a tendência de que o lápis resista mais, embora seja mais fácil de ser apagado. É uma questão de escolher a que quer se sujeitar: à ação do tempo ou à das pessoas que podem apagar – da mesma forma que a sociedade tem apagado suas feridas através de demolição de centros de tortura e campos de concentração, enquanto mantêm ruas com nomes de militares.

Além disso, o próprio texto traz a noção da sociedade como um corpo: “A fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim, que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros. Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele”. E prossegue fazendo questionamentos que relacionam a escrita com o corpo, já que a escrita do corpo permanece por mais tempo no espaço do que o próprio corpo.

No final do texto de apresentação de *TW* há uma pergunta: “A escrita é escrita se ninguém lê?”. Obviamente eu não tenho a intenção de buscar uma resposta exata, até porque qualquer resposta pode reduzir a relevância do processo de escrita para quem escreve. Minha intenção foi de relacionar essa pergunta à necessidade de quem escreve por encontrar um leitor, pois, como já foi falado anteriormente nesta dissertação, o testemunho tem papel social. E os efeitos desse testemunho fogem do controle de quem o dá. Quem testemunha não controla como o receptor reage, assim como uma performance toca a cada pessoa que participa de forma diferente, fazendo com que cada uma delas reaja de forma diferente. Esse mesmo questionamento, “a escrita é escrita se ninguém lê?” assombra muitos acadêmicos, pois passamos anos de nossas vidas em um trabalho que a maioria de nós tem certeza de que o texto, em sua íntegra, só será lido pelos membros da banca de defesa. Essa pergunta queima ainda mais quando vemos que a educação sofre desmontes e ataques constantes, principalmente a área de Humanas, Letras e Artes. Minha dissertação – que buscou colocar a luz sobre o trabalho de mulheres que viveram no olho do furacão no período ditatorial brasileiro e chileno, e falar de como suas memórias foram construídas e como elas foram representadas nessas memórias – é uma dissertação se ninguém lê? Como nós acadêmicos podemos fazer com que essas pesquisas cheguem aos que não estão nos lendo?

De semelhante modo, há um espalhamento que acontece tanto do corpo para o papel, como do papel para os outros corpos que vão tocar esse papel escrito, seguir cada linha com os olhos, ler e internalizar a experiência do outro. Assim como uma performance, as leituras

também podem causar um incômodo. Como a intromissão de algo que não é a pessoa, não é da pessoa, dentro do corpo dela. Dentro da sua memória. Esse trauma colocado na escrita é como o coração intruso de Jean-Luc Nancy, “uma possibilidade de rede em que a vida/morte é partilhada, na qual a vida se conecta com a morte, onde o incomunicável se comunica” (NANCY, 2000). E a rejeição desse intruso na sociedade causa sofrimento, assim como a rejeição de um órgão transplantado pelo corpo gera sofrimento. Um mal que compromete toda a estrutura de um estado de direito e democrático de uma sociedade. Uma ferida que aberta, pode significar o retorno do que causou o trauma.

Outro elemento a destacar é o título: *TW*, do inglês *trigger warning*, usado em português como “aviso de gatilho”. Esta é uma sigla muito utilizada para avisar o leitor sobre conteúdos sensíveis que podem constar no texto. Por exemplo, é comum em algumas postagens encontrar em seu início “[TW: estupro]”. Assim, os leitores são avisados de que o texto trata sobre estupro. Esse é o alerta. Já o gatilho, é o que o conteúdo pode gerar nas pessoas que viveram esse trauma. Através do texto, podem ser desencadeadas memórias e sensações dolorosas ligadas a essa experiência. Desse modo, uma indicação de TW é um cuidado dos escritores e/ou editores com os leitores. Esse cuidado assume a possibilidade do texto escrito afetar os leitores, sendo esse leitor entendido como um indivíduo integral – sem a dualidade mente/corpo, ou espírito/corpo. E esse indivíduo integral produz e sofre sensações no e através do corpo.

Mal-estar, espasmos, desmaios, tremores, empalidecimento, enjoos, perda de apetite, dores de estômago. São todas sensações que as pessoas podem sentir ao terem seus corpos (re)tomados pelas memórias de uma experiência traumática, quando o corpo transforma eventos psíquicos em afecções no corpo. Claro, o trabalho *TW* não foi feito diretamente por alguém que viveu os eventos das ditaduras do Brasil ou do Chile, mas também soubi sensações ao me encontrar com os textos e com os relatos – não apenas desse trabalho da escrita performática, mas em toda esta dissertação. Não há como sair ileso após ler, por exemplo, os relatos de *Brasil: nunca mais*. O corpo, eu, não permaneci a mesma após acessar essas histórias. Eu sentia calafrios, dores de estômago, enjoo e até prostração. E o fato de serem violências de Estado e de suas vítimas terem sido das mais variadas possíveis me causaram a contestação de que se podia acontecer com qualquer um, poderia acontecer sido comigo também.

Essa caminhada que *TW*, logo no início do mestrado, mudou a forma como encarei a dissertação, e esses dois trabalhos (que vejo como um) podem ser relacionados ao que Taylor (2009) destaca sobre a marcha das Mães da Praça de Maio, na Argentina. A caminhada em si não é o testemunho, mas ela oferece suporte testemunhal. De modo que podemos entender que

esses trabalhos não são o testemunho, mas criam um dispositivo que dá suporte e acolhida testemunhal.

Dessarte, finalizo dizendo que as possibilidades de tratar dessas questões vividas pelo corpo e no corpo através da escrita são infinitas. E as obras que analisei nesta dissertação, portanto, possuem a potência de sensibilizar e afetar seus leitores para as duas coisas que considero centrais neste trabalho: primeiro a liberdade para a resignificação dos corpos femininos através das narrativas e a insistência da existência das mulheres – ao passo que nós, mulheres, insistimos em gritar que não queremos nenhuma a menos, mas sempre vemos dezenas de nós a menos por dia, só por serem mulheres; e, segundo, no que toca a representação das memórias, a necessidade de que sociedade não seja passiva aos movimentos de apagamento de suas dores. Se um corpo sofre, todo o Corpo sofre, mesmo que de formas singulares. É preciso que haja a manutenção dessas consciências através dos testemunhos, e para isso, a literatura é e continuará a ser acolhida.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. O livro, objeto necessário à defesa da cultura. *Revista Trama*, n. 1, p. 23 – 28, ago. 2020.

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

AVELAR, Idelber. Revisões da masculinidade sob ditadura: Gabeira, Caio e Noll. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 43, p. 49 – 68. jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9944>. Acesso em dez. 2019.

BARBOSA, Inês; FERREIRA, Fernando Ilídio. Teatro do Oprimido e projeto emancipatório: mutações, fragilidades e combates. **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 32, nº 2, maio/ago., 2017.

BÁRCENA, Alícia. La crisis de la deuda latinoamericana: 30 años después. In: **La crisis latino-americana de la deuda desde la perspectiva histórica**. ONU: Santiago de Chile, 2014. Disponível em:

[https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/36761/S20131019\\_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/36761/S20131019_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: out. de 2020.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. 3. ed. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2016 [1949] a.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. 3. ed. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2016 [1949] b.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOAL, Augusto. **O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Editora, 2010

BORGES, J. L. Jorge Luis Borges – **Obras Completas**: 1923-1972. Buenos Aires: Emecé, 1974.

BORGES, Jorge Luis. **Elogio da sombra**. Buenos Aires: Emecé, 1969.

BORTOLUZZO, Adriana Bruscatto; MATAVELLI, Ieda Rodrigues; MADALOZZO, Regina. Determinantes da Distribuição da (Des)igualdade de Gênero entre os Estados Brasileiros. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, [s.l.], v. 46, n. 1, p.161-188, mar. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-416146115air>.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. A nova história: herdeira da escola dos annales. In: **Nova história em perspectiva**. Vol. 2. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BRANDBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Ed. Globo, 2003.

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. Mortos e desaparecidos políticos / Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, 2014.

BRASIL: NUNCA MAIS. Prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRASILIA, Unesco Office In. **Desigualdades não controladas podem ameaçar os ODS, segundo Relatório da UNESCO**.2017. Disponível em: [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/unchecked\\_inequalities\\_could\\_threaten\\_uns\\_sustainable\\_dev-2](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/unchecked_inequalities_could_threaten_uns_sustainable_dev-2). Acesso em: 11 abr. 2019.

BURGOS, E. **Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia**. Ciudad del Mexico: Siglo Veintiuno, 1987.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência estética**. Belo Horizonte: Autêntica. 2015

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILLO, Carmen. **Un día de octubre en Santiago**. Santiago: LOM, 2011.

CENTERA, Mar; CUÉ, Carlos E. Argentina, primer país que condena a los jefes del Plan Cóndor. **El País**, Buenos Aires. 28 maio 2016. Disponível em: [https://elpais.com/internacional/2016/05/27/argentina/1464377638\\_258435.html](https://elpais.com/internacional/2016/05/27/argentina/1464377638_258435.html). Acesso em: 20 abril 2020.

CIXOUS, Hélène. The Laugh of the Medusa. **Journal of Women in Culture and Society**, Chicago, v. 1, n. 4, p. 875-893, 1976 [1975].

CHILE. **Decreto Supremo nº. 355**. Poder Ejecutivo, Ministerio de Justicia, subsecretaria del interior. Santiago: 25 de abril de 1990. Disponível em <http://www.indh.cl/wp-content/uploads/2010/10/ds355.pdf>. Acesso em: nov. de 2018.

CHILE. **Informe de la Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación**. Instituto Nacional de Derechos Humanos. Santiago: 1991. Disponível em <http://bibliotecadigital.indh.cl/handle/123456789/170>. Acesso em: 11 nov. de 2018.

CHILE. **Informe y Nómina de Personas Reconocidas como Víctimas en la Comisión Asesora Presidencial para la Calificación de Detenidos Desaparecidos, Ejecutados Políticos y Víctimas de Prisión, Política y Tortura (Valech)**. Instituto Nacional de Derechos Humanos. Santiago: 2010. Disponível em: <https://www.indh.cl/destacados-2/comision-valech>. Acesso em: 11 nov. 2018.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.



CORTES, Alexis. El movimiento de pobladores chilenos y la población La Victoria: ejemplaridad, movimientos sociales y el derecho a la ciudad. **EURE**, Santiago, v. 40, n. 119, p.239-260. Disponível em: [https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0250-71612014000100011&lng=es&nrm=iso](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0250-71612014000100011&lng=es&nrm=iso) Acesso em: 20 ago. 2019.

CUNHA, Magali. Ernesto Geisel, as igrejas evangélicas e a ditadura. **Carta Capital**. 17 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/ernesto-geisel-as-igrejas-evangelicas-e-a-ditadura/> Acesso em 27 ago. de 2019.

D'ANGELO, Biagio. História híbrida da literatura: uma questão de gêneros. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.14, p 173 – 190, 2009.

ECHEVERRÍA, Mónica; CASTILLO, Carmen. **Santiago - París: el vuelo de la memoria**. Santiago: LOM, 2002.

ECHEVERRÍA, Mónica. **Antihistoria de um luchador**. Santiago: LOM, 1993.

ECHEVERRÍA, Mónica. **Krassnoff**, arrastrado por su destino. Santiago: Catalonia, 2008.

ECHEVERRÍA, Mónica; LUTZ, Patricia. **Insaciables**. Santiago: Plaza & Janés, 2012.

ECHEVERRÍA, Mónica. **Háganme callar**. Santiago: Ceibo, 2016.

ESPECIAL polícias: como Chile, Argentina e Brasil pensam a segurança pública. **Opera Mundi**. São Paulo. 6 out de 2012. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/24713/especial-policias-como-chile-argentina-e-brasil-pensam-a-seguranca-publica>. Acesso em 3 jun. de 2019.

FGV. **Verbetes**: Passeata dos Cem Mil. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/passeata-dos-cem-mil> . Acesso em jan. 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho**. Autobiografia, ficção e autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: 34, 2006.

GALLO, Macarena. Amiga: la revista facha de las mujeres en dictadura, **The Clinic**, 10/09/2013. Disponível em: <https://www.theclinic.cl/2013/09/10/amiga-la-revista-facha-de-las-mujeres-endictadura/>. Acesso em: out. 2020.

- GEREMEK, Bronislaw. Entre o individual e o coletivo: história social ou história moral? In: **Nova história em perspectiva**. Vol. 2. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- GILBERT, Sandra; GUBART, Susan. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination**. Second edition, 1979, 2000.
- GINZBURG, Carlo. **Tentativas**. Michoacán: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2003.
- GINZBURG, Jaime. Escritas da tortura. In: TELES, E.; SAFATLE, V. (Org.) **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- GRENFELL, Michael. Metodologia. In: \_\_\_\_\_. **Pierre Bordieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 276-295.
- GUARDIA, Sara Beatriz. Literatura e escrita feminina na América Latina. **Anu. Lit.**, Florianópolis, v.18, n. esp. 1, p. 15-44, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva e memória histórica**. São Paulo: Edição Revista dos Tribunais LTDA., 1990.
- HAMEROW, Theodore S. A nova história: herdeira da escola dos annales. In: **Nova história em perspectiva**. Tradução de Flávia Nascimento. Vol. 2. São Paulo: Cosac Naify, 2013 [1987].
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1999 [1988].
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. Tecendo o avesso da história pela metaficção historiográfica. **Uniletras**. Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 421 – 460), jul./dez. 2008.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 1993 [1960].
- LEJEUNE, Philippe. Definir autobiografia. In MOURÃO, Paula (Org.). **Autobiografia, auto-representação**. Lisboa: Colibri, 2004.
- LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico, 25 anos depois. In: \_\_\_\_\_. **O pacto autobiográfico**. 2. ed. tradução. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2014. P. 81 - 99.
- LOURO, Guacira Lopes. Patriarcado e militarismo: pensamentos de paz em tempos de guerra. In: **As mulheres devem chorar ou se unir contra a guerra: patriarcado e militarismo**. Tradução de Tomaz Tadeu, posfácio Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MACHADO, Ana Maria. **Era uma vez um tirano**. São Paulo: Salamandra, 2003.

- MACHADO, Ana Maria. **Esta força estranha**: trajetória de uma escritora. São Paulo: Atual, 1996.
- MACHADO, Ana Maria. **Tropical sol da liberdade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- MACHADO, Ana Maria. **Ana Maria Machado e suas memórias do exílio**. Rio de Janeiro, TV Brasil, 30 set. 2014. Entrevista a Sérgio Britto. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/exilio-e-cancoes/post/conheca-a-trajetoria-da-musica-que-marcou-o-exilio-de-ana-maria-machado>. Acesso em: 16 set. 2017.
- MACHADO, Vanderlei. Memória e livros didáticos: as mulheres contra a ditadura. **Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas (UFPE). Recife, 2010.
- MARTINEZ, Adelaida. Feminismo y literatura en Latinoamérica. **Revista Solo Literatura**, 2001. Disponível em <http://www.correodelsur.ch/Arte/literatura/literatura-y-feminismo.html>. Acesso em: 11 nov. 2018.
- MERCADO, Tununa. **En estado de memoria**. Planeta: Buenos Aires. 2013.
- MOLINERO, Bruno. Ana Maria Machado e Ruth Rocha lamentam o ódio aos 50 anos de carreira. **Folha**. Agosto de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/ana-maria-machado-e-ruth-rocha-lamentam-o-odio-aos-50-anos-de-carreira.shtml>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- MOTA, Lia Duarte. Escrita em movimento. In: **XV Congresso Internacional da ABRALIC**, 2016. Rio de Janeiro. Anais eletrônicos: Rio de Janeiro: ABRALIC. 2016. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491523060.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491523060.pdf) . Acesso em: julho de 2018.
- NANCY, Jean-Luc. **O intruso**. Paris: Galilée, 2000.
- NORA, Pierre. Entre a memória e história. A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Houry. **Projeto História**. São Paulo, dez. 1993. P. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em 1 mar de 2019.
- PAZ, Octavio. **Sóror Juana Inés de la Cruz**: as armadilhas da fé. São Paulo: Mandarin. 1998.
- RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007 [2000].
- ROGNE, Erlend; WHITE, Hayden. O objetivo da interpretação é provocar perplexidade em face do real – Hayden White em conversa com Erlend Rogne. In: **Nova história em perspectiva**. Tradução de Flávia Nascimento. Vol. 2. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação. Sergio Miceli (Org.). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016 [1997].

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 12 (2), p. 35 - 50, maio/agosto. 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: O testemunho na era das catástrofes. Campinas: UNICAMP, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica** [online]. v. 20, n.1, p.65-82, 2008.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (Org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis: Vozes, 2009.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own**. Oxford: Princeton University. 1997 [1977].

TAYLOR, Diana. O trauma como performance de longa duração. **O Percevejo Online**. Rio de Janeiro, Vol. 1, janeiro/junho. 2009.

UMBACH, Rosani Úrsula Ketzer. Memórias autobiográficas em narrativas pós-ditatoriais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 476-483, out./dez. 2013.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneip. 4ª ed. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VIVACQUA, Isadora Bolina Monteiro. **A obra e o engajamento de Diamela Eltit**: arte marginal e resistência política no Chile (1979-1989). 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33431>. Acesso em: out. 2020.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: EDUSP, 1995.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do livro, 1990 [1929].

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2013.

WOOLF, Virginia. **As mulheres devem chorar ou se unir contra a guerra**: patriarcado e militarismo. Tradução de Tomaz Tadeu, posfácio Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

YÁÑEZ, María Flora. **Visiones de la infancia**. Santiago de Chile: Editorial Del Pacífico S. A., 1947.

## APÊNDICE 1

Segue abaixo o diário de leitura da obra *Tropical sol da liberdade* (2005) dividido por temas. Aqui há uma mistura de índice remissivo e de citações diretas e indiretas, mas que podem funcionar como um mapa para que o leitor caminhe pelo livro. As citações diretas estarão sempre entre aspas, e sem o recuo e tamanho de fonte exigidos pela ABNT para favorecer a leitura.

### 1. Doença

O papel escrito errado, de quando ela achava que estava bem: p. 323

“de um lado, evocava o médico dizendo que nunca mais ia poder ter filhos e, do outro, reafirmava a constatação de que as palavras não lhe obedeciam mais, só atendiam ao seu chamado se queriam e quando queriam. Ou, às vezes, mandavam outras em seu lugar.

O futuro era cheio de limites. Não criar nem procriar.” (p. 50)

“havia semanas que não acontecia mais aquilo, de repente, de não saber mais o que era em cima, o que era embaixo, perder o prumo, a vertical e a horizontal, e se descobrir de repente caída no chão, de olho aberto, vendo tudo, ouvindo tudo, sem desmaiar nem apagar, sem se sentir tonta, mas também sem saber como uma coisa daquelas tinha acontecido.” (p. 51)

“Será que a doença era só uma somatização de todos os impedimentos e obstáculos que sabia e previa? Será que era medo, preguiça, cagaço?” (p. 52)

“Dizendo coisas sem pé nem cabeça. Frases sem nexos, que não sabia como vibravam em suas cordas vocais, se articulavam em sua língua, saíam por sua boca. Ou então, se esquecia de falar o que pensava, e ficava muda, esperando resposta a algo que não dissera.” (p. 53)

“Não estou podendo, Paulo. Não consigo escrever.” (p. 53)

“Escreveu, leu, releu, aprovou. E quando Paulo veio buscar, no dia seguinte, deu a folha a ele.

—Acho que você me entregou o texto trocado, Lena. Isto é alguma coisa em código, ou trecho de um negócio qualquer sem sentido.

“Ela pegou de volta, leu, tentou entender, e não conseguiu. Releu e começou a chorar. Sabia que era o mesmo que tinha escrito na véspera, disso tinha certeza. Mas onde estavam as palavras que pensou e arrumou tão bem, com tanto capricho nas frases? Por que elas se transformavam em outras quando iam para o papel? Como é que logo que escreveu sabia o que era e agora não reconhecia mais? Mãe estranhando o próprio filho.” (p. 53,54)

O momento de decifrar o texto com Paulo, passando de “Hesite um troço no resenhista Paulo Filgueira que o bilíngue” para “Existe um traço no desenhista Paulo Filgueira que o distingue...” (p. 54,55)

“O importante é que você está pensando direitinho, as ideias estão perfeitamente encadeadas, sua lógica não está afetada. É só uma coisa formal, não pode ser grave, é só na superfície. A estrutura do seu pensamento está joia.” (p. 55)

“—Viu só? É só seguir a dica do Shakespeare. Há um certo método em sua loucura.

Ela não gostou muito da palavra *loucura* na piada.” (p. 55)

“Não, alguma coisa lhe dizia que doença e morte era deixar que alguém a silenciasse e cassasse sua palavra e seu desejo, como o professor queria fazer. Afinal, era disso que estava enferma, era isso que tanto a incomodava, era para isso que buscara tratamento. Sentia que estava certa. Não era o queijo, era a fala. Viver sem a palavra não interessava. Mas no fundo, no fundo, sabia que viver sempre interessa, que o resto é frase. [...] Que fazer de uma vida onde não conseguisse mais falar o que queria, nem escrever, quando ia descobrindo cada vez mais fundo o prazer voluptuoso de ficar encadeando palavras?” (p. 60)

Sobre o analista: “Mas ele insistia em dizer que o que ela tinha era físico.” (p. 61)

Clínico geral: p. 92

“Ou desistia de escrever, ou se arriscava a despencar.” (p. 94)

“Tinha que pensar nisso melhor, resolver esses problemas da peça, mesmo que fosse apenas assim, sem escrever, sem botar no papel, só relendo trechos e fragmentos, girando tudo na cabeça de novo. Isso ela até conseguia, graças a Deus, apesar da doença, apesar dos remédios. O que ficava muito complicado era qualquer tentativa de botar para fora, de passar para as palavras, de tentar a viagem de dentro de si mesma para o outro. Aí empacava, atolada, afundava mesmo. Não conseguia. Mesmo falar, já era muito difícil. Escrever, então, no momento, nem pensar. Não conseguia mesmo entender nada depois, e ficava tão aflita que se desesperava. Sentia que isso não lhe fazia bem. Ainda não estava na hora de voltar a experimentar.” (p. 138)

## **2. Exílio e exilados**

“Tristes terras, tristes tempos. / O triste mesmo havia sido antes. Na época do exílio...” (p. 32)

“Os chilenos foram uma leva diferente. Chegaram depois dos outros. Foram os últimos a se exilar e caíram de mais alto. Tinham visto o sonho bem de perto ou até chegado a viver um pouco dentro da utopia. Com todos os seus problemas, vá lá, mas, enfim, até acreditaram que

na América Latina um governo popular e independente poderia chegar ao poder pelo voto e tentar construir uma sociedade ao mesmo tempo mais justa e democrática. Por causa deles, todos nós até acreditamos. Mas, justamente por terem chegado mais perto, se machucaram mais na queda.” (p. 179)

“os pequenos latino-americanos, quando desenham uma paisagem ou uma casa, botam sempre um sol colorido e sorridente no céu, não conseguem conceber um mundo sem sol. Mesmo quando nasceram no exílio. Desenho de criança europeia pode ter sol ou não. Desenhos dos nossos pequenos, sempre têm.” (p. 182)

Canção do Exílio: 32

Maria e Antônio na Itália: 176

Juan uruguaio na Suécia não consegue voltar: 176

Amiga de Juan uruguaio em Estocolmo que se sentiu uma vaca quando recebeu pagamento pela doação de leite materno vaca: 177

Helena, exilada chilena preocupada com o retorno ao Uruguai: 177

Gilda chilena livraria: p. 179

Alda professora boliviana: 181

Cecília, que trabalhava com crianças no exílio: 182

Ana Fischer / Sebastiana Conceição de Araújo Alemanha: 184

Raimundo jornalista nordestino: 185

Antônio nordestino: 186

Adalberto médico e cientista: 188

Paulo primeiro a descer legalmente no galeão: 190

Como eles se comportavam e picuinhas: 343

Na peça Helena escreve sobre uma exilada chamada Diana: “Diana tentava se sentir livre, mas sempre tinha muito medo, as lembranças eram muito fortes, a dor muito recente. Ela tinha sido mesmo muito maltratada na prisão, torturada para valer. Tinha um pavor tão grande da lembrança do delegado Fleury que, embora precisadíssima de um emprego, não teve a menor condição de se apresentar num trabalho porque o endereço era numa rua chamada de Fleurus.” (p. 131, 132). Há ainda mais detalhamento a respeito desse tópico a seguir, tocando em questões acerca de como isso afetava a relação dela com o marido e o filho, e sobre a afastarem do filho durante as crises para que ele não visse a mãe mal.

— Isso não pode ficar assim! — A gente tem que mostrar que não está de acordo... — Desta vez, eles passaram dos limites. — Isso não se faz, assim foi demais! — Temos que defender os



nossos meninos. — Acho que devíamos mandar um telegrama de protesto. — A quem? Ao governo? Ao presidente? Aos milicos? (p. 94).

### 3. Feminino

Leite, tempo e trabalho: 123

Mulheres bíblicas: 169

Amália revoltada porque a filha ficou ao lado do pai quando ele a abandonou e fala sobre como ter passado a vida cuidando dos filhos para ser abandonada pelo marido. (p. 153)

Lena continuou protestando e apontou a contradição de que ele, Barros, ajudou o amigo jornalista, Honório, quando ele estava sendo torturado ainda na mesa de cirurgia para retirada de uma bala. Ao que Barros responde que não há diferença nenhuma entre Honório e o militar torturador. Lena afirma que isso é um absurdo, ao que ele responde: “—Isso mesmo. E se você parar um pouco para pensar, sem ser radical, sem bancar a garotinha maniqueísta, sem achar que o mundo está dividido entre bandidos e mocinhos, vai ver que eu tenho razão. Tanto ele como Honório são patriotas, cada um à sua moda. Todos dois querem o bem do Brasil e o progresso do nosso povo. Todos dois acham que não é possível perder tempo esperando que as coisas se consertem sozinhas. Todos dois ficaram impacientes para dar um jeito no que está errado em nossa terra. Um achou que o terrorismo cortava caminho. Outro achou que a tortura era um jeito de salvar vidas.” (p. 47)

“Ela viu que não adiantava argumentar. E nem adiantava contar para ninguém. Não iam acreditar.” (p. 48)

“Parecer bonitinha e boazinha no mundo lá de fora que todo mundo está vendo, feito aquelas meninas exemplares dos velhos livros infantis, enquanto num outro mundo lá dentro a cabeça girava em moto contínuo, pensando e lembrando sem parar, e ela não conseguia partilhar a vertigem com ninguém?” (p. 52)

“Quer dizer, um homem em crise existencial não precisa resolver duas vezes por dia o que é que se vai cozinhar para a família, verificar se há os ingredientes todos na cozinha, ou cortar uma explosão ou uma reflexão qualquer por causa de um grito inadiável de “Mamãe, vem me limpar!”. Mas também, talvez fosse por isso que as mulheres, como sua mãe, acabassem descobrindo uma força inesperada nas situações difíceis, uma certeza de que a vida é mais forte, continua. No meio de tudo, polícia invadindo casa, filhos sendo procurado, marido sendo preso, sei lá, tinha coisas que não podiam ficar para depois. O banho das crianças, feira, o cardápio do jantar. Na hora da fome, por mais que estejam todos preocupados, ninguém quer

saber de nada, todo mundo senta na mesa e come, sem nem se perguntar como é que aquela comida chegou ali. Mulher aprende que a vida exige paradas, ocupa antes de preocupar.” (123, 124)

“No fundo, isso lhe dava um desgosto enorme, ver a filha assim tão incapaz, tão desleixada para as coisas domésticas, tão imprestável.” (295)

“Será que sempre tinha que travar uma batalha para se defender de não ser uma dona-de-casa prendada e perfeita como as irmãs ou a cunhada? Será que a vida toda, até que uma das duas morresse, ela ia ter que ser posta à prova em testes domésticos e de bom comportamento para ser digna de merecer a aprovação e o amor de Amália?” (297)

“Sabia que não era culpada de não ser uma mulher doméstica tradicional.” (298)

“Reduzida a uma mulher grande, embaçada, querendo se apagar, tão distante daquela neta ávida de viver, insistente para participar de tudo” (344)

#### **4. Helena**

Gravidez de Helena: 222, 223

Perda da filha: 110

“Era apenas uma mulher machucada que precisava se fechar numa toca e ficar passando a língua nas feridas até cicatrizarem.” (p. 18)

Sobre o dedo do pé quebrado: “Talvez ela vivesse mesmo esbarrando nas paredes de casa, se chocando com os limites, tentando atravessar fronteiras e aumentar territórios, mas sempre da maneira mais estabanada” (p. 19)

A falta de vontade de Helena em entrar na militância: “Minha perspectiva é voltar, está sabendo? Não vou deixar ninguém complicar minha vida e atrapalhar isso... Não estou aqui para ficar recebendo carta de 15 laudas, um tijolo num envelope todo rasgado e colado a durex pelos homens, num código ridículo cheio de palavras sublinhadas, qualquer idiota decifra à primeira vista... Não admito que me usem...” (p. 35)

“E antes de eu ir embora, nunca teria pensado que aquela mulher tão caretinha, tão vocação de mãe de família, ia dar essa volta, virar uma pessoa rara, interessante, nova. É desse mistério que eu falo, tua trajetória. Você devia registrar isso, dar um depoimento...” (p. 38)

#### **5. Marcelo, irmão de Helena**

Sobre a teimosia de Marcelo: 70, 71.

Encontro com Marcelo quando ele estava na clandestinidade e faz os policiais o ajudarem empurrando seu fusca que havia parado de funcionar: p. 256.

“E gostava muito de ler biografias, principalmente vida de gente que mudou o mundo de algum jeito. Gente que sabia o que queria, e teimava, insistia, enfrentava tudo e todos na sua teimosia.” (p. 70)

## **6. Memória e escrita**

Helena lendo cartas e registros e selecionando: 140

“—Esse negócio de depoimento é para preso.” (p. 38)

“—Estou falando sério. Conte sua história, dê seu testemunho. Você nunca pensou nisso? Afinal, sua profissão é escrever. Há anos...” (p. 38)

“—Não, nunca pensei nisso. Minha profissão é ser jornalista, não é escrever depoimentos pessoais. E não acredito nisso. Acho mais honesto assumir logo que essa história de depoimento pessoal é uma ficção, uma parte do gênero romanesco, se é que isso existe em literatura, assim com esse nome. Quer dizer, uma maneira inventada de contar as coisas, fazendo de conta que elas aconteceram assim, mas não aconteceram. E você sabe disso melhor do que ninguém.” (p. 38)

“—Deixe de bobagem, Lena. É claro que existem certas convenções. Quando o cara seleciona, deixa de fora algumas coisas... Não dá pra contar tudo...” (p. 38)

“[...] Tem gente também bancando o herói, contando coisas que não fez, faturando epopeia e charme em cima das ações dos outros, para não falar de coisas mais graves.” (p. 38)

“—Você está sendo muito rigorosa. Muitas vezes o cara que escreve já está tão queimado que é melhor assumir logo uma coisa que os outros fizeram, porque ele já está fodido mesmo, não adianta prejudicar os companheiros contando a verdade. É também uma questão de segurança. Ou você ia querer que o cara ficasse entregando os outros em nome da fidelidade aos fatos?” (p. 38)

“—Mais de dez anos depois? Com anistia e tudo pelo caminho? Pra cima de mim com essa conversa, Honório? Nem vem que não tem... Esse papo pode colar com quem não sabe de nada. Mas a gente sabe que o buraco é mais embaixo. Se não puder contar a verdade, não conta. Tudo bem. Mas não conta também a mentira fingindo que é verdade, depoimento pseudofactual para alimentar os historiadores do futuro...” (p. 39)

“—É mais honesto reconhecer logo que não vai contar a verdade e partir para uma narrativa de ficção, misturar personagens, fundir situações, inventar coisas novas, cortar o que

não interessa. E aí já é outro caso. É muito capim para minha égua, como dizia minha avó. Precisava ser artista, deixar a palavra emprenhar mesmo o tal depoimento, virar uma coisa mais fértil do que um testemunho de fatos, tentar um testemunho em outra esfera, sei lá...” (p. 39)

“—Escute, Lena. O que eu estou dizendo é que alguém tem que contar essa trajetória. E você pode fazer isso bem. Se não quiser apresentar como testemunho, ou depoimento, muito bem, não apresente. Mas não vai se livrar de nada. Vai dar no mesmo. Todos vão ficar achando que qualquer semelhança com pessoas reais *não é* mera coincidência. Você diz que é ficção e vai ficar todo mundo querendo descobrir a quem se referem os fatos, quem é o equivalente real de cada personagem. No fim, ainda vão te acusar de autobiográfica, confessional, sei lá, esses pecados de romancista. Ainda acho melhor você partir pra ser jornalisticamente objetiva e contar o que você viu e viveu.” (p. 39, grifo da autora)

“— Está vendo o que eu digo? Você tem as ideias claras a respeito. É claro que tem pensado nessas coisas. Sente na frente da máquina e comece a contar. Da turma que estava no olho do rodão, no vértice do furacão, já teve muita gente contanto, dando depoimento. Conta o teu lado, Lena. Isso que você está chamando de visão da periferia. Em que medida uma ação que você não escolheu afetou a sua vida?

—O que aconteceu comigo não tem importância nenhuma.

—Tem sim. Aconteceu com muita gente.

—É verdade... – concordou ela. – Nesse caso, pode ser interessante. Eu podia fazer uma reportagem, isso eu podia. Uma coleção de testemunhos desse tempo. Um mapa de trajetórias diferentes. Ir anotando esses depoimentos, fazer um trabalho jornalístico de fôlego, em livro mesmo.

—Bobagem, Lena, não seja ingênua. Isso não é assunto para matéria de jornal nem revista, nem para livro fingindo que é jornal. Agora é minha vez de dizer que você sabe melhor que ninguém que jornal é a maior ficção do século XX.” (p. 41)

“E sentia também que ficção não tinha nada a ver com isso, podia ser uma coisa inventada ou acontecida, não estava aí a diferença, apesar do parentesco etimológico com a palavra fingimento. Onde estaria? Talvez na gana de botar para fora alguma coisa, de traduzir com palavras o olho do furacão íntimo de quem escreve, de permitir que a linguagem fosse mais importante que os fatos do enredo. Devia ser isso. Por aí... Uma coisa que brotasse de forma incontível. Insopitável. Como a fome, a sede ou o tesão. Como um bicho correndo desabalado pelo mato. Como aquele javali que ainda há pouco irrompera do bosque pelo meio da neblina.

Um bicho tão do outro mundo, tão deste mundo, de um universo tão diferente da fauna que povoava a longínqua redação do jornal.” (p. 41, 42)

“Na fauna do jornal tinha o Barros, por exemplo [...]. Ia ser inverossímil, um clichê, chavão puro. Ninguém ia acreditar que ele pudesse existir, tão estereotipado era, parecia uma caricatura.” (p. 45)

“Quanto mais pensava, mais a mulher descobria que o que a interessava não era exatamente dar o testemunho, como ele sugerira. Era a volúpia vertiginosa da palavra que a atraía. Podia contar isto ou aquilo, não tinha a menor importância. Mas cada vez mais sabia que, da mesma forma que aqueles antigos habitantes tinham talhado a pedra para construir nas casas e muros um livro urbano que os evocava tantos séculos mais tarde, também ela queria esculpir e cinzelar a pedra bruta da linguagem de todo dia, comum, compartilhada com o viver de seus semelhantes, para construir uma morada que ajudasse a proteger a todos do vento frio e da neblina do inverno, da corrida dos javalis selvagens que passam na noite, sem ver por onde vão nem o que derrubam na passagem. Sobretudo, para si mesma, morada que fosse um território seu, sem invasões, sem promiscuidade, sem editor cortando frase ou acrescentando entretítulos gaiatos como no jornal. Um lugar onde o simples pisar na terra renovasse suas forças, feito o Anteu do mito grego. Ou o touro em sua *querência* lá na arena, lá onde toureiro nenhum consegue matá-lo. Do jeito de um animal selvagem, que delimita um trecho do terreno, mija em volta, e aí daquele que não percebe o cheiro e se aventura a entrar.

Um dique contra a invasão, delimitando um território seu, de liberdade pessoal.” (p. 49, 50, grifo da autora)

“botando ela mesma a argamassa em cada tijolo, de cada parede, de sua morada de palavras, e tendo que enfrentar a realidade da doença, a impedir o prumo e entortar o esquadro.” (p. 50)

“Não admira que, no presente, esbarrasse nas paredes e tivesse dificuldade de se manter em pé. Ou que ficasse mergulhando para o avesso do seu tecido, agulha tentando alinhavar tramas dispersas, procurando resgatar no passado algum ponto de apoio que lhe desse firmeza. Mesmo que fosse só para aproveitar as sobras e chegar a uma colcha de retalhos feita em casa. (p. 50, 51). Após esse trecho ainda há algumas menções à doença na mesma página.

“Porém, cada vez esquecia mais coisas. Não as de antigamente, essas estavam revigoradas e rejuvenescidas.” (p. 51)

“Mesmo que ficasse prestando bastante atenção antes de falar, perceba que frequentemente acabava falando errado, sem sentir. Outras vezes, nem percebia. Mas notava,

pelo ar intrigado de perplexidade de quem a ouvia. Tinha dito algo sem pé nem cabeça novamente.” (p. 51, 52)

“Ainda por cima, isso ia chegando bem na hora que ia chegando à conclusão de que ia mesmo fazer o seu trabalho, juntar as entrevistas, analisar as cartas e depoimentos, misturar os fatos dos recortes da imprensa com as lembranças doídas da memória, tentar ordenar os fragmentos, arrumar numa peça, expor o drama, contar no palco a tal trajetória de uma mulher na periferia dos acontecimentos.” (p. 52)

“orgulhosas lembranças apesar da dor em que eram tecidas.” (p. 72). Esse trecho era sobre Amália se lembrando de Marcelo crescendo.

“Não ia esquecer nunca e não entendia como tanta gente esqueceu tão depressa. Lembrava cada detalhe.” (p. 77). Amália falando sobre o cortejo de Edson Luís Souto, estudante assassinado pela polícia no protesto contra aumento do preço da refeição no restaurante Calabouço.

“Às vezes ela achava que vinha daí a paixão pelo teatro – a descoberta de que um texto pode ser eterno, com uma leitura sempre nova e única quando é vestido por pessoas vivas.” (p. 89)

“E ensaiar: repetir, repetir, partir do informe e cru até chegar a uma requintada perfeição. Talvez fosse por isso que, quando resolveu escrever alguma coisa de ficção sobre sua trajetória, como Honório tinha sugerido, Lena tivesse naturalmente se decidido pela forma teatral. Ia fazer uma peça sobre sua experiência.” (p. 89)

“Mas as imagens lembranças das conversas matutinas insistiu em vir, sem serem chamadas. Como se atender sem um apelo invisível, que as agrupava, sangue vivo correndo oculto dentro da carne e que, a um pequeno corte, começa a fluir. Para lembrar que está sempre ali, pulsando sob a superfície da pele, garantia de estar vivo. Desde que não virasse hemorragia, Xi tão fácil se esvaír num fluxo incessante, sucumbir num jogo súbito ponto não era assim o sangue da memória, essa corrente circulatória da lembrança, irrigando em veios capilares cada pedacinho de vida, chegando a toda a parte, alimentando cada célula, renovando cada tecido. Era mais como uma irrigação permanente, embebendo, umedecendo o quotidiano, impregnando de sua seiva cada ato de um tempo posterior. Mas fluindo semi-adormecido. E, ao acontecer alguma incisão como essas que as conversas com a mãe de manhã tinham causado, logo as lembranças fluíam rapidamente ao local do corte. Mas depois coagulavam. O presente retomava seu lugar. Só que as cicatrizes se abriam à toa...” (p. 122, 123)

“Também na memória tem um coalho que estanca o fluxo. E Lena sabia que, se conseguisse trabalhar e temperar bem essa coalhada de lembranças trazidas de novo ao coração, recordadas, se pudesse peneirar direito, separar o soro da massa, e esperar a fermentação e a maturação, talvez conseguisse um bom queijo.” (p. 124)

“Deixar vir as lembranças, peneirar, separar, implicava necessariamente sentir dor de novo. [...] E não eram só as lembranças das passeatas e dos dias jovens da ditadura, evocados pela conversa com a mãe. Essas eram as lembranças que ela catava e espalhava por cima do terreno, para disfarçar a areia ardente em que não queria pisar. Mas por baixo queimava, ela sabia.” (p. 123, 124)

Falando sobre a dor de estar separada de Alonso: “O pai dela costumava dizer que Deus abençoou o homem com duas grandes dádivas: a capacidade de lembrar e a de esquecer. De alguma forma Lena sempre sentiu que isso era verdade. Quando uma ficava muito intensa, como a lembrança estava ficando agora, era hora de recorrer à outra, para equilibrar.” (p. 127)

“Nada de escrever, que a isso Lena ainda não se aventurava, as últimas experiências tinham sido desastrosas. Mas podia reler, ordenar um pouco os fragmentos já escritos.” (p. 127)

“E também ela preferia falar de mulheres.”. Ao falar da morte de frei Tito, redireciona o texto para falar de mulheres, focando na história de uma jovem exilada na Alemanha que se atirou debaixo do trem, uma reação semelhante à do frei. (p. 138)

“Mas trazia as visões, o delírio, a memória. O sonho e o pesadelo, dentro de si mesma. Até mesmo as palavras que iam ser a ponte, o paraquedas para o salto no escuro, já estavam lá dentro também, embriões de frases, expressões gestadas, floração germinando. Mas tudo ainda era potencial. E podia ser que não vivessem nunca, que ela estivesse mesmo condenada à esterilidade, a suportar que todo aquele universo interior mirrasse, definhando. Aborto. Ovo gorado. Deserto. Terra erma. Uma forma de loucura, autoenvenenada pelas próprias imagens de seu interior. No fundo, essa era só a ameaça da doença. E a perspectiva de não poder ter um filho era só um símbolo disso. Voltava sempre à mesma ideia. Nem criar nem procriar, a condenação médica. O preço a pagar para não cair.” (p. 138, 139)

“Também não sabia que o sonho é tão tecido de realidade, que o bordado do desejo só existe nele se estiver apoiado no pano da memória, para não ficar flutuando no ar. Só aos poucos, mais recentemente, é que tinha compreendido que estava fadada a buscar esse salto de dentro para fora, de si mesma para os outros, numa comunhão de fantasmas. O problema é que não tinha como compartilhar esse mundo interior sem as palavras. E as palavras fugiam dela

com a doença. Ou com os remédios que impediam que o chão fugisse. Era como se em algum momento ela tivesse que escolher entre perder o prumo e perder a palavra.” (p. 139)

“Lena era uma juntadeira de papel. Agora mesmo, no meio da papelada que trouxera para selecionar algum material para a peça, ia encontrando uma porção de coisas. Guardava cópias de todas as notas da censura recebidas durante o tempo em que trabalhou no jornal. E também cópias dos inúmeros bilhetinhos que o Barros mandava para a redação, diariamente, a partir da leitura atenta do jornal do dia. Uma série de críticas, broncas, observações e proibições que traçavam o perfil dessa censura informal com grande clareza, principalmente quando se recorda que esses bilhetinhos representavam só a ponta do iceberg, já que a grande maioria dos vetos vinha mesmo na véspera, antes que o texto fosse aprovado, em emocionais rompantes de viva voz, jamais registrados para a história. Era até engraçado olhar esses papéis. Nos anos mais recentes, ia havendo cada vez mais bilhetes do Barros e cada vez menos notas da censura.” (p. 162)

“se conseguisse ficar boa, se em algum momento voltasse a escrever, se finalmente desovasse a peça sobre o exílio, se desse certo, se Luís Cesário tivesse razão e ela fosse mesmo uma artista, se continuasse depois uma atividade de dramaturga... Enfim, se tudo isso acontecesse, talvez um dia fizesse um personagem parecido com sua mãe.” (p. 169)

“era uma mistura complicada de emoções. Claramente, sentia uma espécie de vergonha, quase aversão, diante dessa possibilidade de desnudamento íntimo. Por outro lado, percebia que era inexorável – só conseguiria transfigurar o que fosse verdade. E, principalmente, nesse momento, diante da questão de escrever sobre a mãe, o que sentia é que não poderia fazer isso porque ela não iria compreender, ia se sentir de algum modo ferida ou magoada por ser mostrada em público, mesmo disfarçada, em uma imagem que não correspondesse à sua própria autoidealização. Mais uma vez Lena se debatia de encontro à vidraça que separa a memória e a fantasia, a ficção e a realidade. Voltava ao ponto já discutido com Honório; comprovava que evitar o depoimento, o testemunho e a confissão não implicam se ausentar da cena. Pelo contrário, acaba forçando uma presença mais intensa, mais exacerbada até, obrigando a condensar traços dispersos de maneira simbólica.” (p. 170)

“Mas Lena achava que, com as palavras, tudo fica de certa maneira mais complicado. Porque elas imediatamente envolvem conceitos que todo mundo usa todo dia, fazem parte do convívio social, tocam diretamente as pessoas amadas. Fica todo mundo procurando as referências na realidade. Porque falar é um jogo de ocultar e revelar o real, como qualquer outra



linguagem. Mas, por se servir de palavras, está ao alcance de todo mundo. E o uso estético corre o risco de se confundir com o emprego utilitário.” (p. 170)

“A linguagem deixava de servir apenas para se comunicar, informar, dar notícias de maneira impessoal. E passava a expressar, manifestar mundos que pressionam de dentro para fora, enquanto se narra um fato ou conta uma história.” (p. 171). Após esse trecho, ela segue falando sobre se policiar, de selecionar o que e como fala.

“Descobria uma condenação impiedosa: a censura é também uma das matérias-primas do escritor. Uma maldição: censura-te ou isola-te. Outros artistas podem exercitar com mais liberdade seus talentos. O escritor, não. O significado das palavras é imediatamente conceitual, ligado a referências externas.” (p. 171)

Helena fica preocupada em magoar as pessoas ao escrever e depois fala “Vai ver, estava inventando um jeito inconsciente de não poder escrever sem se sentir culpada. Até que aprendesse a tecer no texto uma trama como a do sonho. Uma coisa no lugar de outra, um personagem somando vários, outro se desdobrando em uma porção... Para que o relato se fizesse apesar da censura, por cima do autoritarismo da afetividade. Só que ao contrário do sonho, a obra teria que ter uma coerência interna e natural que nascesse das próprias regras que o trabalho ditasse, uma harmonia, uma coesão, enfim, uma beleza, que não deixasse nada de fora. E fosse também aberta para o outro, convite a compartilhar uma experiência, sentido oferecido em comunhão fraterna ao semelhante.

Muito complicado. Melhor cultivar o jardim.” (p. 172)

“Se quisesse viver mesmo, tinha que se ordenar. Tinha que reagir, arrumar a cabeça, arrumar os papéis, se preparar para o dia em que pudesse arrumar as palavras, as frases, as ideias e escrever o texto.” (p. 217)

Amália lendo a peça de Lena: “E ela lembrava bem da história, só que tinha certeza de que o rapaz não se chamava Tiago, não, era um outro nome, ela não lembrava mais.” (p. 237) “os nomes deles de verdade não eram mesmo Tiago e Tania, não, mas ela nem conseguia lembrar mais, tinha bloqueado.” (p. 238)

“Amália tinha vontade de esconder esses papéis, sumir com aquelas pastas todas, para o bem da filha.” (p. 239)

“E além disso, a esta altura da vida já sabia também que às vezes a gente precisa mexer nessas coisas doídas e fazer estourar mesmo, não adianta passar o tempo todo fingindo que não dói ou que não há nada. Tem que deixar vir à tona, como um abscesso inflamado, cheio de pus, que incomoda, dói, lateja, até amadurecer e a gente poder lancetar, estourar aquela porcariada

nojenta toda que está lá dentro, purgar, drenar tudo até ficar saindo só o sangue e a gente saber que chegou no fundo. Aí tem só que limpar bem limpinho, para não ficar reaparecendo em outros lugares. E pronto, é um alívio! Quem sabe se não era isso? Quem sabe se a sua Helena Maria não estava mesmo precisando de ir drenando toda essa infecção, devagarzinho, para não ter que ir a uma cirurgia mais drástica?” (p. 239)

“E ela mesma, Amália, se dava conta agora de que tinha vontade de lembrar mais, de deixar a memória minar as recordações, feito a água que brotava devagarzinho na fonte lá dos fundos, depois do caminho pelo meio das árvores, juntando água sem parar, cercada de areia branca e grossa, refletindo o céu em seu pequeno espelho [...]” (p. 239)

“Era bem assim. Como a água mina da fonte. Para chegar a cumprir seu caminho e se dissolver na imensidão verde do mar, primeiro era preciso que a terra drenasse seu lençol d’água. A memória tinha coisas parecidas. E havia momentos em que era indispensável recordar. Como elas vinham fazendo esses dias, a toda hora, falando dos tempos passados. Ou mesmo sem falar – pelo menos, de sua parte, as lembranças estavam vindo muito vivas.” (p. 240)

“Lembrança não tem jeito. Teoricamente, a gente pode dar corte, interromper, desviar. Só que, na prática, não se manda na memória, ela é que manda na gente. Insiste em vir como quer e quando quer. Ou some e se esconde, por mais que se puxe.” (p. 269, 270)

“De repente, a memória lhe pregou uma peça e lhe ofereceu de bandeja a lembrança daquele instante.” (p. 270)

“Estranho, essa não era uma lembrança de dor. Era só de susto, como se suspendesse o tempo bruscamente, desse maior nitidez aos fatos em volta, e recortasse de espanto cada detalhe.” (p. 270)

“As lágrimas queriam impedi-la de ver mais. Mas ela tinha que ver tudo, era o mínimo que podia fazer. Ver para contar.” (p. 285). Helena continua dizendo que seguia vendo, “pela mãe deles. E dos outros. E por todas as mães e irmãs, e pais, e irmãos, e filhos, e amigos, e conhecidos, e desconhecidos, por todos os que tinham tido a desgraça de nascer no Brasil nessa geração tão abandonada por Deus e esmagada por um punhado de homens a serviço de interesses estratégicos de outro país.” (p. 285)

“Como se tivesse mesmo que reviver tudo na memória, de uma vez.” (p. 300)

“De que adiantava ficar lendo trechos e cartas, depoimentos e anotações, se agora já tinha certeza de que nunca mais iria escrever? Melhor abandonar o projeto de uma vez, se livrar de

todas aquelas pastas, cadernos e envelopes, picar todo aquele papel e jogar no mar. Ter a coragem de assumir de uma vez a impossibilidade. E parar de se enganar.” (p. 342)

A não ser que tivesse coragem de arriscar a vertigem. Trocar o equilíbrio pela palavra,” (p. 342)

Será que valia a pena voltar a cair para tentar salvar isso? Para ir mais fundo na dor? Para iluminar num palco os deserdados do exílio, de que ninguém se lembrava e ninguém quis saber?” (p. 342)

“Ia encontrar Roberta e Paula (precisava lhes dar outros nomes, como personagens)” (p. 342)

## **7. Memória familiar**

Prisão de Helena: 304

Prisão de Marcelo: 148

AI5: 151, 208, 216

Relação de pessoas que estavam presas com Marcelo com pessoas fora da obra: Franklin Martins (Marcelo), Vladimir Palmeira (Valdir, embora por vezes o personagem Valdir pareça assumir algumas facetas de Franklin Martins, como a ausência sentida pela irmã mais nova), além de outros que tinham ido ao sítio em Ibiura e também foram presos, mas não aparecem de forma mais explícita, como José Dirceu, Luís Travassos, Jean Marc van der Weid.

—“Que idade ela tinha nessa época? Dá pra saber?

—Com exatidão. Tinha seis anos. Essa foto é de 68. Agosto de 68. Lembro que voltei ao colégio especialmente para apanhar o retrato, que já estava pago e tudo, poucos dias antes da confusão toda, Cláudia já não estava mais indo à aula. Em setembro, portanto... [...]

—Não, minha filha, lembro bem. Por causa do Dia do Soldado, 25 de agosto. Maio e junho foi o começo das passeatas. Mas eu estou falando é do outro caso, quando ela teve que sair da escola.

—Pensei que fosse na época do campo do Botafogo, quando houve a invasão da reitoria.

As lembranças vinham nítidas, a todas duas.” (p. 74, 75). Posteriormente, essa data é relacionada à data da morte de Edson Luís Lima Souto no Calabouço.

“Não dava para esquecer nem confundir datas. Mais que qualquer outro, esse tempo passou deixando marcas na carne viva de cada mãe.

Amália não esquecia.” (p. 77)

“Amália tinha todo esse calendário gravado, bem nítido na memória. A gente não esquece essas coisas. Lembra quando filho tem coqueluche, quando quebra um braço, quando fica a noite inteira com aquele febrão que não cede. Aquela reunião tinha sido assim. Vigília pelos filhos.” (p. 78). O trecho é prosseguido com um diálogo entre Amália e o marido indo à reitoria.

“Então a gente carrega um filho durante nove meses, põe no mundo, amamenta, alimenta, ajuda a crescer, prepara para a vida e então vem um oficial prepotente e dá ordem para uns facínoras e eles começam a surrar essas crianças que a gente adora e que não fizeram mal a ninguém? Amália descobria que seria capaz até de matar.” (p. 80) Essa parte, da resposta de Amália, não tem travessão e a fala do narrador, “Amália descobria que seria capaz até de matar”, se mistura à fala da personagem.

“Era o assunto único na fila do ônibus, no balcão do açougue, no banco da pracinha enquanto as crianças brincavam, em qualquer lugar aonde Amália fosse. E, pelo que o marido e os filhos contavam, era o assunto único em todo canto. Nas reuniões que os professores faziam em diferentes colégios, preocupados enquanto educadores. Nos encontros que a classe teatral promovia em diversas casas de espetáculo, depois da meia-noite, quando as sessões acabavam. Nos sindicatos. Nas portas das fábricas. Nas assembleias de padres e freiras em conventos e mosteiros. Nas casas de intelectuais que abriam suas portas para os amigos e os amigos dos amigos poderem se encontrar e discutir o que seria possível fazer para protestar contra aquilo, não deixar passar sem uma palavra de repúdio. E, naturalmente, nas universidades e nos colégios, por todos os bairros afora.” (p. 83, 84)

“Não havia nada de espantoso, portanto, em que até mesmo uma criança de seis anos tomasse conhecimento dos fatos ocorridos. Mas Amália até hoje sentia de novo o choque que a atingiu quando viu pela primeira vez a pequena Cláudia brincando de campo de Botafogo com as bonecas, todas enfileiradinhas, deitadas de cara para o chão, enquanto outra, pela mão da menina, passeava entre elas de um lado para o outro dando chutes em meio aos gritos e xingamentos de Cláudia.” (p. 84). Esse tópico sobre Cláudia é mencionado novamente na página 143.

“Percebeu que a menina estava impressionadíssima e amedrontada.” (p. 84)

“Mas a mãe compreendeu que a filha precisava exorcizar aqueles demônios, e que aquela brincadeira macabra era uma maneira de lidar com o terror que sentia.” (p. 84)

“Daí uns dois dias, foi chamada ao colégio de Cláudia. A professora disse que as crianças agora só queriam brincar de campo de Botafogo. Uns deitavam no chão do pátio, outros andavam pelo meio, ameaçando e xingando. A diretora dera ordens para que se descobrisse

quem tivera aquela ideia; com medo de que houvesse repercussões negativas e ela sofresse represálias. A professora não tinha certeza, mas achava que talvez fosse coisa de Cláudia. Não ia dizer nada, mas pedia a ajuda de Amália para contornarem a situação, para que as brincadeiras não se repetissem. Ela também estava chocadíssima, tinha vontade de fazer alguma coisa para protestar, não sabia o quê.” (p. 84)

“Uma vizinha dela, uma velhinha doce, tranquila, um dia lhe disse:

—Vou lhe contar um segredo, porque eu tenho que contar para alguém e sei que posso confiar em você. Eu agora faço uma fila atrás da outra.

Amália não entendeu, mas ela continuou:

—Entro em fila de tudo, de banco, de carne, de ônibus. Quando chega minha vez, dou uma desculpa e vou embora. Mas enquanto estou na fila, falo mal do governo, reclamo da polícia, faço comício minha filha... É a única coisa que eu posso fazer. O pessoal me acha meio maluca, mas com esses cabelos brancos eu me faço de boba. E acaba sempre começando uma discussão, uns mandam eu calar a boca, outros me dão razão, e quando eu vou embora fica todo mundo discutindo. Acho que amanhã eu vou até o convento de Santo Antônio, aproveitar a novena, que tem muita gente, e fazer uma agitaçãozinha por lá...” (p. 85)

“O calendário de 1968 ficou marcado a sobressaltos na sua memória, mesmo.” (p. 85)

As fotos familiares das crianças no parquinho da Associação Brasileira de Imprensa a faz pensar em (na voz do narrador): ““E onde [Associação Brasileira de Imprensa], nos dias de horror em que se transformaria a parte da história do Brasil que lhe tocou viver, iam se realizar tantas reuniões corajosas, tantas vigílias de resistência, tantas assembleias de protesto.” (p. 97)

“Chegou-se até a fazer uma assembleia popular em praça pública. Assembleia que votou e acabou designando uma comissão para ir, em seu nome, levar o protesto da cidade à Presidência da República em Brasília. Dessa comissão faziam parte um professor de Filosofia, um psicanalista, um padre, dois líderes estudantis e uma mãe. Sintomático, pensava Lena. Pois, foi em grande parte, um assunto de mães e filhos. Se algum dia, como Honório desejava, se escrevesse a história da mulher brasileira na periferia dos fatos, sua trajetória para a consciência política, esse relato tinha que passar pelo movimento estudantil de 1968. E nele pela Passeata dos Cem Mil, onde a multidão elegeu uma mãe que a representasse numa antevisão das inúmeras mães que iam fazer sua via-crúcis pelos porões do regime dos anos seguintes à cata de notícias dos filhos, e que, se no Brasil não chegaram à organização que as mães argentinas iam atingir depois, ao se assumirem como “As Loucas da Plaza de Mayo”, nem por isso sofreram pesadelo menor. Como se houvesse termômetro de pesadelo ou uma escala Richter de

medir perda de filho.” (p. 101). Nessa comissão, formada no dia 26 de julho de 1968, fora da obra, estavam: os estudantes Franklin Martins, Marcos Medeiros; o psicanalista Hélio Pelegrino; uma representante das mães, Irene Papi; e o padre João Batista Ferreira.

Lena diz que estava surpresa por encontrar a mãe na passeata, ao que ela responde:

“—Era o meu lugar. Eu sabia que pelo menos cinco filhos meus iam pra rua naquele dia – Marcelo, até o Fernando que veio pro Rio, você, Teresa, Cristina. E estava tudo proibido, o governo ameaçando, era logo depois daquele dia em que atiraram no pessoal na saída da reitoria... Eu não podia ficar em casa fazendo crochê...” (p. 101)

“Meu Deus, como é que uma coisa vivida com tanto medo e tensão pode acabar virando um dia uma lembrança terna? A cabeça da gente faz cada uma... ou o coração...” (p. 101)

“Mas nós [mãe de Lena e tia] fomos direitinho como dizia no panfleto. Grupo de cinco. E levamos lenço molhado dentro da bolsa, e comprimido de vitamina C efervescente, para o caso de bomba de gás...” (p. 102)

“Fiz muita coisa que nunca disse a ninguém, vocês iam ficar com medo de que me acontecesse alguma coisa, era melhor não saber. A gente fez finanças, por exemplo. [...]

—É... eu e minhas amigas. A gente fazia conservas, geleia, crochê, tricô, sapatinho de bebê, casaquinho, camisinha de pagão bordada, essas coisas. E artesanato, cobrir cabide com cadarcinho, umas coisas assim. Depois fazia bazar e vendia.

—E a quem vocês entregavam o dinheiro?

—A um padre, que dava para o pessoal.

—E suas amigas nem desconfiavam?

—Como não desconfiavam? Todas elas sabiam, é claro. Não enganávamos ninguém. Nós fazíamos por convicção, por escolha política, o que é que você está pensando? A gente queria ajudar e não sabia como. Se saíssemos para pichar muro ou distribuir panfleto não ia dar certo. Então a gente fazia isso. E comício nas filas, como já te contei. Mas as famílias da gente é que não sabiam, vocês ficam sempre achando que mãe não tem nada que se meter.” (p. 102)

“Eu sentia que o meu lugar era ali; que, se todas as mães fossem, e ficassem junto dos filhos, a polícia não ia poder atirar neles para não pegar na gente. E, se resolvessem atirar, era melhor eu estar perto. Quem sabe se não podia ajudar?” (p. 103)

Ou fazer como outra amiga dela, dona Lúcia, mãe de uma filharada também metida no movimento estudantil, e que um dia estava sentada diante da máquina de costura quando, da janela do segundo andar, viu a polícia chegando em sua casa. Só disse para os filhos:

—Depressa, desçam e vão ganhando tempo.

[...] A família era de oposição, mas bem relacionada, com uma boa casa num bairro de classe média da Zona Sul, a expectativa não era de confronto nem de violências físicas imediatas – se os policiais não achassem nada demais. Mas só se não achassem. Caso contrário, tudo mudava de figura. E os filhos sabiam que tinham trazido, na véspera, uma quantidade enorme de panfletos para casa, acabados de imprimir, a serem distribuídos por várias escolas, e que no momento estavam em pacotes debaixo da cama de um deles. Com o coração na mão, fizeram o que dona Lúcia recomentou. Conversaram com os policiais, serviram cafezinho, tentaram prolongar a revista e busca no andar de baixo e ganhar tempo. Ouviam, lá de cima, o barulho intermitente da máquina de costura volta e meia interrompido – na certa para cortar moldes ou fazer acertos de mão, com a agulha. Finalmente, não deu mais para segurar, e os homens subiram. Dona Lúcia interrompeu a costura e os acompanhou enquanto reviravam gavetas, procuravam em armários, olhavam debaixo das camas. Não encontraram nada e foram embora.

Então ela chamou o filho mais velho e disse:

—Não traga mais essas coisas para casa, ou acaba me matando do coração.

—Mas cadê os panfletos, mãe? Que fim você deu neles? Morri de medo quando os caras olharam debaixo da cama, achei que desta vez eu caía, e parecia um milagre.

—É... Milagre da mamãe na Singer – disse ela. – Descubra.

Não foi fácil. Só depois de algum tempo é que um dos filhos reparou que as camas, com colchas impecavelmente esticadas estavam todas com dois travesseiros. E que o grande armário do corredor, onde normalmente se empilhavam os travesseiros a serem usados de noite pela família, e que não eram mantidos de dia nas camas, também estava cheio. Dois terços de todo aquele volume eram fronhas com panfletos costurados dentro, enrolados em lençóis para ficarem arredondados e macios. Mas bastaria que alguém pegasse uma daquelas almofadas falsas para sentir o peso e descobrir tudo.

—Puxa, mãe! Que presença de espírito! E que calma para fazer isso com os homens lá embaixo! Como é que você teve essa ideia?

—Mas eu fiz isso minha vida toda, meu filho... explicou ela.

—Fez isso, como?

—Costurar e tomar conta de vocês... (p. 105, 106)

“Quando a polícia veio à casa de Amália procurar Marcelo, por exemplo, não respeitou nem o repolho na geladeira, seguidamente espetado por baionetas, como se pudesse esconder uma arma dentro. E não sobrou uma almofada ou estofado de sofá ou poltrona sem ser rasgado

e dilacerado. Em outras casas foi pior. As telas nas paredes de muita gente tinham sido rasgadas, os objetos de arte foram roubados, bem como qualquer eletrodoméstico que tivesse valor. As buscas viraram pilhagem, simplesmente. E quando as pessoas não eram atingidas, as mães davam graças a Deus. É só pensar na romaria das que foram apanhadas no olho do furacão, indo do Exército à polícia atrás de notícias de filhos e maridos, tantas vezes sem conseguir nada.” (p. 106)

Amália pensa na filha que era caçula quando Valdir, líder estudantil, foi preso. “E como Cláudia não entendeu, Amália acabou sendo chamada novamente ao colégio. Desta vez a professora tinha um ar mais sério ainda. E estava ao lado da diretora, que foi quem conduziu toda a entrevista:

—Dona Amália, o assunto de nossa conversa é muito delicado e constrangedor, mas a senhora é uma pessoa experiente e há de compreender que nós não temos escolha...”

a professora conta sobre a comemoração do dia do soldado e

“—Por isso – disse a professora – eu estava explicando às crianças que o soldado é o defensor da pátria. Então a Cláudia me perguntou o que é defensor. Eu expliquei que é quem protege, toma conta, para não deixar os inimigos do Brasil fazerem mal às pessoas que vivem aqui...”

A professora hesitou, pigarreou, olhou para o chão e não conseguia continuar. A diretora se adiantou:

—E sua filha chamou a professora de mentirosa!

—Desculpe – corrigiu a professora. – Não foi bem assim. Ela não disse que eu sou mentirosa, ela disse que é mentira, que os soldados não prendem os inimigos, só prendem os amigos. Quando eu estranhei, ela explicou que os soldados prenderam Valdir, que não é inimigo de ninguém, só amigo.” (p. 143, 144)

“Ficou preocupada, mas também se orgulhou. Embora doesse, era bom saber que estava criando mais uma filha capaz de pensar sozinha. Mas que lá vinha problema, isso vinha.” (p. 144)

A professora explicou que o soldado só obedece a ordens e foi falando da hierarquia como um jogo e a Cláudia gritou:

““Então o soldado pode ser bom, mas o general é um malvado, porque em vez de tomar conta do Brasil, manda prender os amigos!”” a diretora chama a atenção da professora Jurema, porque achava que ela tinha que ter chamado a atenção da garota no ato.

Amália tenta defender Valdir e a filha quando a diretora irrompe:



“—Mas o general não pensa assim... – disse a diretora.

Amália levou um susto:

—General? Que general?

—Um general do Exército brasileiro, minha senhora, que tem o direito de não ser identificado.

—Mas o que é que um general não identificado vem fazer numa classe de alfabetização?

[...]

Constrangida, a professora explicou:

—Ele é avô de um dos alunos. Parece que o neto chegou em casa e disse que aprendeu no colégio que os generais são malvados porque prenderam Valdir. E ele veio aqui tomar satisfações. (p. 145)

“—Tive que explicar a ele que se tratava de um mal-entendido, uma distorção de uma coisa dita por uma coleguinha. Mas ele exigiu que eu dissesse quem é a criança.

—Como? – espantou-se Amália.

—A senhora fique sossegada. Eu jamais entregaria uma criança.

—Meu Deus, isso é uma loucura!” (p. 146)

Ficou decidido que a professora seria transferida de escola e Cláudia também.

“—Não é possível. Se isso significa que ninguém foi punido, como seria o contrário? Se alguém fosse punido, o que é que poderia acontecer?” (p. 146)

“Compreendera num segundo como os mecanismos fascistas podem tomar conta de uma sociedade. Aquelas coisas que tinha visto em filmes, lido em livros, sobre a Segunda Guerra Mundial. Agora, de repente, estava vivendo com sua filha pequena.” (p. 147)

“E pela primeira vez na vida, chorou pelo Brasil.” (p. 147)

“Nunca tinha sido presa. Mas tinha perdido a conta do número de vezes em que o marido tinha sido preso, tanto na ditadura de Vargas como nessa dos militares. E os filhos também, cada um por sua vez, Marcelo Helena Maria, Fernando. Tiveram muita sorte. Tantas prisões políticas e nenhuma tortura, Deus protegeu.” (p. 148)

“Porque se fosse depois... na certa o teriam matado de tanta tortura, ela não podia nem pensar nisso, no medo cotidiano com que viveu durante tantos anos.” (p. 148)

“E vieram as romarias tentando visitar o filho, em outra cidade” (p. 149)

“E os pedidos de *habeas corpus* para os nove líderes foram a julgamento num glorioso dia de verão, 12 de dezembro.

Esse dia mudou a vida de Amália, de Marcelo e de toda a família. Mudou também a vida do país.” (p. 149)

“Sabia que cada uma daquelas pessoas era uma vida, cheia de momentos felizes e dramáticos, mas sentia que eles viviam dentro de uma paisagem enquanto ela vivia também dentro da história. Para eles, a pátria era, antes de tudo, a terra em que nasceram. Para ela, sobretudo o tempo em que vivia.” (p. 149, 150)

“Mas não conseguia deixar de sentir que havia uma espécie de maldição que condenava sua vida a se entrelaçar de tal maneira com os acontecimentos políticos de sua época que não podia pensar neles como algo exterior a ela. Tudo vinha de dentro. Como os filhos de seu útero. Maldição ou bênção, sabe-se lá o quê. Mais mátria do que pátria, afinal, tudo parindo e sendo parido das mesmas entranhas. Como se o Brasil fosse ao mesmo tempo filho e mãe dela, mulher brotada das pernas abertas da história, e por sua vez concebendo o futuro do país dentro do ventre. Sequência fêmea e fértil, de dor, sangue e leite. (p. 150)

Marcelo voltaria da prisão e a preocupação da mãe era “Ia escolher um de seus pratos favoritos, sobremesa caprichada, e esperar Marcelo com lençol cheiroso na cama, toalha limpa no banheiro todas as revistas das últimas semanas para ele ler... Lá longe dela e dele, na capital, num palácio feito para abrigar a mais alta corte de justiça de seu país, a justiça ia ser feita. E nove mães iam ficar felizes com a volta de seus filhos.” (p. 150)

“VERA – Aquela velha história de que eu sou paranoica e estou estragando a sua carreira, mantendo você longe do lar paterno, da pátria e das delícias do convívio familiar?

RICARDO – É... mas não precisa também exagerar, ele não põe as coisas nesses termos. Só acha que vai tudo muito bem, não há motivos para a gente estar aqui passando tanta necessidade, quando o país está se desenvolvendo tão bem, vivendo um verdadeiro milagre econômico... ele acredita nisso.

VERA – É... vai tudo muito bem. os homens prendem todo mundo, torturam, somem com as pessoas, matam, mas isso é progresso, né? Nós é que somos os maus patriotas, não gostamos de nossa terra, né? Eles são os heróis... Em ritmo de Brasil grande...” (p. 223)

“VERA – Ele não tem medo de que a gente seja torturado para contar coisas? Ou para chantagear meu irmão e ver se ele se entrega?

RICARDO – Não, Vera, já te expliquei isso uma porção de vezes. Ele não acha. Ele não acredita que existe tortura. Ele acha que quem não deve não teme.” (p. 234)

Filho de lena: 238

“Guardava ainda bem nítidos os meses logo depois do AI-5, por exemplo, quando nem teve tempo parar suspirar aliviada com a libertação do filho e já estava sendo obrigada a aprender a conviver com uma realidade nova e que nunca tinha imaginado – a da clandestinidade dele. Aprendera tantas coisas nessa época... O valor do silêncio foi uma delas. Acostumar-se à ideia de que a falta de notícias de Marcelo era um bom sinal. Mesmo assim, não falar nele fora do círculo familiar mais íntimo. E pensar no filho o tempo todo, habituar-se a realizar as tarefas domésticas rezando por ele, entregando a Deus o tempo todo a segurança e a vida de seu menino crescido e afastado.” (p. 240)

“Quando vieram prendê-la, por exemplo, ela estava fritando um bife. Teve que pensar na carne que queimava na cozinha se não apagasse o fogo. E, antes de ser levada, lembrar de desligar a vitrola.” (p. 269)

“No dia seguinte, enquanto fritava um bife para o almoço, foi presa.” (p. 304)

“Fora criada assim, irmã não fica perguntando onde é que irmão vai nem o que ele vai fazer. Isso os homens podiam entender bem.” (p. 305)

## **8. Narradora:**

“Melhor botar na cara o chapéu. Pronto, assim estava mais gostoso.” (p. 19)

“Gozado estar ali assim, contemplando bichinhos a esta altura da vida. Mais uma vez.” (p. 19). Na página seguinte também há marcas.

“O calor estava ficando insuportável.” (p. 25)

“Verdade. Tinha visto mesmo.” (p. 31)

“Vício de outro tempo, talvez.” (p. 32)

“Como é que podiam achar que ela estava melhorando, porra?” (p. 52)

“Quando a gente mora num lugar assim, na roça e na beira da praia, aprende a viver diferente de acordo com o tempo que faz lá fora.” (p. 69)

“Mas seria tão bom se ela pudesse se sentir melhor...” (p. 69)

“(devia ser nervoso, ela sempre fora uma menina tão emotiva, chorando à toa)” (p. 73)

“Pois não foi bem nesse clima que o governo resolveu fincar pé e entregar o planejamento de nossa educação a peritos estrangeiros?” (p. 78)

“Amália tinha todo esse calendário gravado, bem nítido na memória. A gente não esquece essas coisas.” (p. 78). Continua narrando sobre o que não se esquece.

“Ouvir uma filha soluçando pelo telefone, de longe, precisando da gente, sem que a gente possa abraçar, só podendo dizer feito uma boba.” (p. 81)

“A [música] de hoje era perfeita, Chopin.” (p. 94)

Quando é narrada a volta de Paulo ao Brasil, a narradora fala sobre o voo da garça, canta, celebra e anuncia a esperança e a espera dos outros exilados. (p. 196, 197)

“Uma vez foi até engraçado.” (p. 249)

“Estranho, essa não era uma lembrança de dor. Era só de susto, como se suspendesse o tempo bruscamente, desse maior nitidez aos fatos em volta, e recortasse de espanto cada detalhe.” (p. 270)

### **9. Noção de república: 118**

### **10. Pai e avô: 63, 64.**

### **11. Peça**

Os trechos das peças estão nas seguintes páginas: 127 – 130, 132 – 137, 229 – 237.

Na peça (129) Vera tem um filho de 4 anos no exílio, Bruno. Na página 130 ela diz “como eles foram se aproximando, ficando amigos, inicialmente por causa dos filhos, depois por serem quase os únicos naquela comunidade de exilados que não pertenciam a organização alguma, e não tinham um partido ou movimento que os amparasse, por trás.”. Na 131, o que era uma explicação sobre tentar dar um jeito para as crianças não aparecerem em cena, o que poderia complicar a peça, o narrador segue discorrendo sobre a creche ao ar livre, de como era uma boa oportunidade para as crianças etc.

“afinal de contas um fato tão real quanto o surto de Daiana que Vera/Lena tinha testemunhado.” (p. 137)

“Mas o suicídio de frei Tito, embora significasse algo muito semelhante ao que Lena pretendia contar, não era o fato que ela queria trazer à sua peça. Sabia que tinha que selecionar, delimitar o espaço que ia abarcar. Muita gente já tinha escrito sobre a tortura, não era isso que ela queria abordar. Preferia se concentrar numa evocação do exílio, tal como ela viu e viveu, dividir essa experiência com quem ficou, compartilhar o sonho e o pesadelo.” (p 138)

### **12. Periferia dos fatos**

Jorge, amigo para quem não se contavam nada: 258

Periferia dos fatos: 262

“E tem gente como nós, que tem uma vida legal, um emprego certo, endereço conhecido, mas a gente está sempre navegando em águas cheias desses icebergs da clandestinidade. Tem que ter cuidado para não esbarrar, que é pra não afundar todo mundo. Principalmente nós, que esbarramos. Porque os icebergs às vezes são tão grandes que só balançam um pouquinho e seguem em frente... Mas a gente não. Basta uma boa trombada para ir para o fundo. A gente não pertence a nenhuma organização que agente o tranco. Tem que ter cuidado mesmo.” (p. 262)

“— Não, não estou falando de periferia geográfica, estou falando de periferia histórica. Não é nada de periferia de cidades.” (p. 39)

“— Contar a história da periferia?” (p. 39)

“— Periferia? Não. A tua mesmo. Garotinha classe média, universitária, Zona Sul do Rio. Não me venha com essa conversa de trabalho de periferia, alternativas culturais, essas coisas, não aguento esses chavões...” (p. 39)

“Para mim, o tempo toda minha periferia, em que eu estava sempre gravitando em torno. Eu tinha a impressão de que estava na periferia de tudo o que acontecia de mais arriscado. Eu corria os mesmos perigos de quem estava no centro. Talvez até mais. Porque eu não tinha nenhum esquema de proteção. Mas ao mesmo tempo...

Ele interrompeu:

— Até pelo contrário, você fazia parte do esquema de proteção e de apoio de quem estava no centro...

Lena concordou.

— Exatamente. Tudo era perigoso, sempre. E nem sempre era divino-maravilhoso. Porque eu não tinha escolhido aquilo. E cada vez mais descobria que não tinha escolha, tinha que continuar, seguir em frente, porque também tinha certeza de não ter escolhido a neutralidade, de jeito nenhum, eu estava o tempo todo super solidária com vocês. Mas era mesmo a única coisa que me restava, a solidariedade... porque eu não queria andar pelo caminho de vocês. Só que não havia outro. E era impossível parar. Na velocidade alucinada em que tudo vinha, era capotagem na certa...” (p. 40)

“— Aí você acabou indo embora.

— Claro. E não fui a única. Mas teve muita gente que não teve nem essa escolha. E que foi sugada diretamente da periferia para o centro.” (p. 40, 41)

“[...] contar no palco a tal trajetória de uma mulher na periferia dos acontecimentos.” (p. 52)

### 13. Problemas sociais

Questão agrária e privatização: 119

Agrotóxico: 174

“Daqueles que já se espantavam ao ver um animal bebendo água protegido e já se anestesiavam ao saber de homens morrendo de fome sem defesa. [...] Uma vida onde a violência rotineira não choca mais ninguém.” (p. 32)

“Era bom poder ir para casa, olhar e ouvir a chuva lá fora, sem precisar ter medo dela. Pelo menos, em termos pessoais. Mas acabava sempre ficando preocupada quando vinham essas chuvaradas. Afinal, vivia numa cidade sujeita a tempestades tropicais e inteiramente despreparada para elas, com bueiros entupidos, lixo acumulado pelas ruas, galerias subterrâneas bloqueadas. E principalmente, vivia numa cidade cheia de gente sem teto ou morando de maneira precária numa encosta de morro.” (p. 66) Há mais sobre problemas sociais nesse trecho.

“O mesmo sistema injusto, que mantinha tanta gente na miséria, ao mesmo tempo a roubava de um dos seus direitos mais elementares: o de se integrar na natureza sem culpa.” (p. 66)

“Os índios eram os primeiros donos da terra. Os descendentes deles eram todos esses caboclos que passavam fome, sem terra na roça, sem teto na cidade, sem nada em lugar nenhum neste país que era o deles.” (p. 71) Reflexões feitas a partir da vida de Rondon.

“O que me interessa é nossa gente mesmo, o sujeito que trabalha de enxada na mão numa terra alheia, o cara que enfrenta quatro horas de condução para chegar de sua casa ao trabalho numa grande cidade todo dia, a mulher que ouve os filhos chorando de fome e não tem o que dar para comer... A gente tem uma obrigação para com toda essa gente.” (p. 108)

“Que merda, morar num lugar onde as menores coisas do seu cotidiano estão ligadas a uma situação geral de subdesenvolvimento, corrupção, impunidade, má administração, exploração... Um lugar onde qualquer reflexão que se quisesse mais honesta e consciente acabava desbocando nessa sensação de impotência e desespero, de ficar se perguntando o que é que a gente pode fazer, afinal, se mais ninguém faz nada? Ou, se os que fazem são tão poucos, cada um só pensa em si... Desde os tempos da resistência à ditadura tinha sido assim, como se a gente estivesse eternamente condenada a oscilar nesse pêndulo entre o heroísmo e o desânimo, a bravata e o desbunde...” (p. 174)

#### **14. Redemocratização**

Anistia: 241

Amália refletindo sobre redemocratização e retorno do exílio: 241

Comissão da verdade: 107

“[...] que a vida e a redemocratização recente estavam espalhando por partidos e propostas divergentes e até antagônicas.” (p. 103)

“Quando tudo isso passar, todo mundo vai esquecer – a não ser quem pagou do próprio sangue. E quem falar nisso ainda vai passar por mentiroso. Criticado, por inoportuno.” (107)

“Minha filha, não estou falando de uma ou outra pessoa, um ou outro caso. Estou pensando é em toda a gente que se acha vanguarda de a esquerda, bem-intencionada e progressista, e que achou conveniente esquecer a ditadura do ditador para criar dele uma imagem progressista, nacionalista e falsa.” (p. 107)

“Afinal, a passagem para a democracia se fazia em obediência a certas condições tácitas. Nenhum torturador foi punido. Nenhum atentado de direita foi publicamente apurado. Nenhum louco plano terrorista dos porões da ditadura jamais levou algum de seus autores para a cadeia” (p. 163)

“O ritmo brasileiro de fazer História é mesmo muito lento, cheio de avanços e recuos, pensava Lena. Mas, cada vez mais, ela se surpreendia meio impaciente com essas demoras e contratempos. A transição para a democracia demorava tanto, sem chegar a se completar, já ia ficando mais longa do que a própria ditadura. E por mais que a mulher entendesse que o tempo histórico é outro, para o tempo de sua vida esses anos eram demais, era algo que estava sendo roubado dela sem possibilidade de devolução. Levado pela rapina do corvo do tempo, que a espoliava com seu *nunca mais*.” (p. 165, 166, grifo da autora)

“Mas enquanto não visse a justiça ser feita, ela não conseguia acreditar em um tempo novo para valer.” (p. 242)

#### **15. Relação mãe e filha:**

“Tinha todos os lugares do mundo para fazer isso. Nem ela mesma sabia por que escolheu a casa. Talvez quisesse colo de mãe. Mas seria surpreendente admitir isso. Não sabia pedir e a mãe não sabia dar.” (p. 18)

26,

Mãe e filha como duas mulheres na cozinha e analogias com comida (p. 27).

Sobre a revolta de Amália porque a filha ficou ao lado do pai quando ele a abandonou. Amália também fala sobre como foi ter passado a vida cuidando dos filhos para ser abandonada pelo marido (p. 153).

## **16. Religiosidade**

Sobre sentir os avós e Cesário, já mortos: 57

“Mas no fundo mesmo, Amália achava, Marcelo continuava sempre seu menino com sede de Deus que, à medida que foi crescendo, tirou de dentro de si o Deus que ela lhe apresentara e O levou para a rua, a seu lado. É que precisava do espaço em seu coração para lá caber outro deus, desta vez coletivo. Marcelo continuava sempre sendo o único de seus filhos com sede de santidade. (...) Desde o Sermão da Montanha, Cristo já dissera que de homens como ele seria o Reino dos Céus.” (p. 72)

“padres de mãos dadas formando uma corrente humana tentando proteger os fiéis da sanha policial” (p. 77)

“Alberto achava que não adiantava sair a esmo, convinha esperar um pouco. Ela cedeu, o marido era mais experiente nessas coisas. Mas foi uma aflição só. Onde estará minha filha, meu Deus do céu? O que fizeram com ela? Não deixe que nada lhe aconteça, eu imploro... Olhe, a gente faz uma troca, o Senhor salva minha menina e então faz acontecer alguma coisa ruim comigo, para compensar, ninguém precisa saber... Por favor, tome conta dela, meu Deus...” (p. 80). Nesse trecho a fala da narradora se transforma na fala da mãe, Amália.

Helena falando sobre a mãe “Metáfora incorporada ao cotidiano. Uma mulher forte – como as mulheres bíblicas do Velho Testamento.” (p. 169)

## **17. Repressão**

Censura: 161, 317

Campo de Botafogo: 82

Ainda sem censura nos jornais sobre o campo de Botafogo: 83

Situação do Rio de Janeiro e reação da mídia: 98

Organização de grupos pensando o que fazer: 98, 99

Passeata dos Cem Mil: 99

A mídia manipulando a opinião popular sobre a passeata dos Cem Mil: 100

Fuga em protesto: 104



“—Barros, você sabe que esse cara está ligado à repressão? Que tem fontes muito seguras garantindo que ele torturou o Celso pessoalmente?

Ele confirmou. E justificou:

—Não tem nada demais, Lena, em matéria de amizade a gente não pode ser radical. O que importa não é a política, é o ser humano...

—Exatamente. E como ser humano, esse cara...

—Ele é um ótimo sujeito, você precisa conhecer melhor. Muito bom pai, bom chefe de família, incapaz de fazer mal a uma mosca.

—Só a um preso impossibilitado de reagir nas mãos dele...

Barros continuou defendendo:

—Isso é lá dentro, no trabalho dele. Não interfere com o convívio dele com ninguém. Você precisa ver aqui fora, Lena. É um cara incrível, delicado, culto, educadíssimo, gente fina. Faça questão de que você conheça, para superar esse preconceito.” (p. 46)

“Tinha sido muito difícil conviver durante tantos anos com as notas de proibição da censura policial que vinham, quase todo dia, cortar a palavra e o sentido da própria razão de ser do jornalista.” (p. 161) Após esse trecho, Helena continua falando da censura.

Marcelo: “Eu saí daquela prisão apertada para outra maior, e você também está presa. É claro que estamos melhor do que quem ficou lá dentro, porque nós podemos fazer alguma coisa. E temos obrigação de fazer, porque se não fizermos, nunca vamos sair disso.” (p. 214)

“Naquele tempo, eles tinham se apropriado de todos os símbolos da pátria, como se fossem deles apenas. A própria palavra PÁTRIA parecia ridícula, entregue a outros, alienada de seus verdadeiros donos que só a recuperariam muitos anos depois. Da mesma forma, os hinos, a bandeira, as cores verde-e-amarelo.” (p. 270)

Referência a um artigo escrito por um colega de redação de Helena, e que não foi publicado. O artigo traria denúncias diretas às torturas efetuadas pela polícia: “Havia ainda dois pneus, meias usadas para amarrar mãos e pés e uma barra de ferro de dois metros, enrolada num jornal chileno – sempre segundo o noticiário”. Os policiais ainda falaram que o cano para fazer pau de arara era de berimbau.

## **18. Sequestro do embaixador**

“— O embaixador americano foi sequestrado hoje cedo.” (p. 266)

A máquina de escrever usada para escrever a carta sobre o sequestro do embaixador nas mãos de Helena: p. 276.

Carta do sequestro: p. 281

Soltura do embaixador: p. 300

**19. Sol:** 19, orgasmo causado pelo sol (p. 158), mulher na pedra do sacrifício do sol em Machu Picchu (p. 160), o sol do desenho das crianças exiladas (p. 182), sol do AI5 (p. 217).

**20. Transição entre menina e mulher:** carnaval (p. 17), construção da casa na praia (p. 20)

**21. Trechos de cartas**

Carta não enviada a Marcelo: p. 204 – 207

Cartas do exílio: de Helena para a mãe (7/3/70), de Helena para os pais (5/5/70), da irmã Teresa para Helena (20/5/70), de Helena para os pais (18/6/70), de Teresa para Helena (14/7/70): página 217 em diante.

**22: Violência urbana:** 336

## APÊNDICE 2

Segue abaixo o diário de leitura da obra *Santiago – Paris: el vuelo de la memoria* (2002) dividido por temas. Aqui há uma mistura de índice remissivo e de citações diretas e indiretas, mas que, semelhantemente ao apêndice anterior, podem funcionar como um mapa para que o leitor caminhe pelo livro. As citações diretas estarão sempre entre aspas, e sem o recuo e tamanho de fonte exigidos pela ABNT para favorecer a leitura. Além disso, como há nessa obra duas vozes, os trechos escritos por Carmen Castillo (bem como foi mantido ao longo da dissertação) será posto em itálico, assim como consta no projeto da obra. As autoras também serão tratadas pelo primeiro nome para facilitar a identificação e evitar confusão com outros membros da família.

### 1. Arte

Mónica estuda teatro e participa de sua primeira peça: 83

Ao assumir um cargo na Universidad Católica (p. 125), Mónica cria um ciclo de africanidades, com arte e filosofia. Para a seguinte ação, seu chefe, o vice-reitor, sugere que ela envolva mais departamentos da universidade, e ela decide que o tema deve ser humor, porque sente que o país está muito tenso e é necessário mostrar que as revoluções que o Chile tem feito, tem feito em alegria. Vários setores ligados à esquerda política se colocam contra, porque acreditam que há coisa mais importante para se importar do que a arte, mas muitos outros se envolvem, até mesmo embaixadas. Algumas obras envolvem questões referentes à sexualidade, e um dia antes da abertura da exposição o grêmio dos estudantes, que era mais alinhado à extrema direita, confronta Mónica e ameaça destruir os painéis. Por fim, eles roubam um dos painéis. No dia da inauguração, obras da sala erótica também são roubadas, inclusive por um padre. A confusão continua com as pessoas tentando sabotar a exposição e as atividades, principalmente por influência de sacerdotes católicos. Finalmente, ameaçam retirar do cargo Jaime Bellalta, o vice-reitor, e Fernando Castillo, então reitor, assumindo que sua esposa é a inspiradora de tudo isso, mas eles não são retirados de seus cargos, ao passo que Mónica é expulsa da universidade. “Después de atravesar los grandes patios en que alcanzo a observar algunos grafitis en mi contra: “La señora del rector es una puta” y no sé qué más, me retiro a mi oficina, mando guardar cuadros, esculturas, recoger objetos y asisto a la última representación operática en que recibo un caluroso aplauso de los artista y público.” (p. 130)

Mónica forma um grupo de teatro e folclore com exilados deprimidos na Inglaterra (p. 180).

Censura no Chile e baixa da cena artística (p. 197)

Mónica tenta contato com os partidos que menos toleram o regime (socialistas, comunistas, miristas), mas nenhum quer colaborar com ela. (p. 201)

Mónica compra um porco doente, o pinta com as cores dos militares, coloca um escrito “vote por mi”, coloca um gorro de militar, como se fosse Pinochet, e o soltam na praça (p. 201)  
 “Asombrados, los tranquilos transeúntes, se darán cuenta en esa forma que el temible dictador-candidato no es más que un ridículo chanco gruñente.” (p. 201)

“No creo que esta operación subversiva haya servido para restarle votos a Pinochet, pero – dentro del desaliento que nos embargaba – sin duda alivió tensiones, nos hizo reír y posiblemente imaginar – como se comprobó más adelante – que existen otras armas que las de fuego para luchar.” (p. 203)

Em 1982 convidam Mónica para fazer parte de um comité artístico, o Centro Cultural Mapocho, para juntar os artistas e mostrar que não estão sozinhos (p. 219). Depois de três anos começam a incomodar a ditadura. Nesse lugar, são as mulheres responsáveis pela organização e liderança do espaço, sendo elas, além de Mónica: Matilde Urrutia (a viúva de Neruda) e Moy de Toha (p. 220 - 222).

Murais nos muros dos bairros denunciando a opressão são pintados de preto (p. 223)

No grupo mujeres por la vida: “Yo pertenezco al grupo de dirigentes, pero donde, creo, logro aportar ciertas ideas originales es en el departamento creativo que tiene por finalidad inventar acciones en apariencia inofensivas que despertarán ira y risa, a base de un humor negro que agarra al ciudadano de improviso.” (p. 229)

Intervenção com bolas: “Patee a Pinochet” em 1986 (p. 247).

Intervenção de 11 de setembro de 1987, aniversário do golpe que matou Allende. Colocam pano preto, simbolizando luto, nas estátuas e tinta vermelha nas fontes para jorrar água, como sangue. As mulheres também foram assistir ao desfile dos militares vestindo preto (p. 248). Nessa ocasião, Mónica e outras sete mulheres foram levadas à delegacia pelos carabineiros, mas foram liberadas depois.

Em outra ação, acorrentaram-se às grades que rodeavam o antigo Congresso Nacional, na frente dos tribunais de justiça, junto ao líder sindical Clotario Blest, para protestar contra o sistema judiciário – cúmplice da repressão (p. 284).

Intervenção na qual atiram peixes e mariscos podres dentro do Palacio de los Tribunales e estendem uma faixa onde se lê: “el sistema judicial está podrido” (p. 248, 249).

Em maio de 1987, duas ex-deputadas e altas dirigentes do partido comunista, Julieta Campusano e Mireya Baltra, retornam do exílio clandestinamente, atravessando a cordilheira a cavalo. Quando chegam ao Chile, são tomadas pelas forças de repressão. Mónica organiza uma peça pública para parodiar a façanha, planejando que duas mulheres andem a cavalo pelo centro de Santiago. Os carabineiros tomam o cavalo e Mónica decide que vão usar bicicletas com uma cabeça de cavalo na frente. Mas uma das atrizes não sabe andar de bicicleta, então vestem dois homens de cavalos e as mulheres sobem em suas costas e andam pelo centro de Santiago acompanhados de pessoas usando cartazes escritos “pelo direito de viver” (p. 250).

Foram à prisão onde estavam as deputadas e diante da situação em que se encontram os presos, Mónica e seu grupo de mulheres organizam ações e redes de apoio judicial, mas também de cuidado pessoal (comida etc.). Cada um dos envolvidos na rede de Mónica apadrinhava um ou mais presos (p. 251).

Cónsul da França: “Yvonne Legrand se comprometió en forma tan desnudada y poco diplomática, que fue declarada por la dictadura, “persona non grata” y expulsada de Chile. Fuimos a dejarla al aeropuerto con Moy de Tohá. Al llegar, nos esperaban cientos de mujeres iracundas que no trepidaron en lanzarse contra nosotros, pescar del cabello a Yvonne y arrastrarla por el suelo, bajo improperios y patadas. Francia quiso darle a su regreso la “legion d’Honneur”, pero Yvonne, digna y testaruda, como buena bretona que es, no aceptó el premio, pues sólo – según ella – había cumplido su deber.” (p. 252)

Mais uma intervenção: “¿Me olvidaste?” com um “sim” e “não”, que eram as alternativas ao plesbicito. Sim para continuar sob o mandato de Pinochet e não para convocar eleições. Os parentes levariam as formas negras com contorno humano, de 1,80m, os mortos/desaparecidos que não tivessem parentes participando seriam levados por outras pessoas. a marcha com os desaparecidos era acompanhada da música “no me olvides”. Os carabineiros atacam os manifestantes com bomba de gás lacrimogêneo. chutam e metralham as imagens, e as levam para os furgões. “La furia de los carabineros es incontrolable: entierran sus metralletas en las imágenes, las patean en el suelo, se las llevan a sus furgones. Pese a todo, varias de ellas destrozadas, permanecen como símbolo de la barbarie, tiradas en el suelo, y la catedral, hasta el día siguiente, estuvo rodeada de imágenes comprobando, que pese a los años de silencio, las víctimas de la tiranía son parte de nuestra memoria.” (p. 253)

Teatro invisível nos supermercados, como uma senhora rica e outra peça na rua, vestida de mendiga que desmaia (p. 254).

*“Hubiera ter podido escribir la palabra miedo”* (p. 272)

Avistam ações nazistas na Europa: 47, 48.

## 2. Feminino

“Durante la estadía en París, mientras las mujeres se dedican a “cultivarse”, como proclaman ellas de regreso de museos, exposiciones y visitas a las grandes tiendas, los caballeros se reúnen conspirando contra el dictador Ibáñez.” (p. 26)

“Se supone que las niñas terminan su instrucción a los dieciocho años sabiendo leer y escribir correctamente y uno o dos idiomas extranjeros, con preferencia el francés y después el inglés. Deben además tener una sólida instrucción religiosa y saber tocar piano y bordar. Los exámenes ante el Estado o válidos, como se les denominan, son opcionales y pocas alumnas se someten a ellos. Yo, por imitar a mis hermanos hombres y pertenecer a su círculo, decido someterme a sus reglas.” (p. 39, 40)

Quando percebe que seus seios estão crescendo, Mónica fala com a babá Nati que reage dizendo “¡Pobre niña mía, ahora vas a saber lo que significa ser mujer!” (p. 41) e a leva para sua mãe, que lhe explica sobre a menstruação e a proíbe de brincadeiras de criança. Sua reação foi de gritar “¡No quiero ser mujer, no quiero menstruar, ni casarme, ni tener hijos!” (p. 42)

“¡Como me habría gustado ser hombre! Leo con avidez a Julio Verne, a Salgari. Esos héroes son todos masculinos, si hasta David Copperfield u Oliverio Twist son hombres y, por más que Nati trata de convencerme que la contesse de Ségur es la lectura apropiada, los libros de la Bibliothèque Rose yacen olvidados en los estantes. Por lo demás, desde pequeña he aborrecido las muñecas y a los bordados los odio. Mi gran anhelo es ser pirata y surcar el mar en busca de tesoros y aventuras.” (p. 43)

Mónica decide ir para universidade após uma sugestão de um paquera com quem ela gostava de conversar sobre literatura (p. 50), ao contar para suas amigas, a reação foi “? ¿Vás entrar a la universidad? ¡Estás loca! ¿Para qué? A mí no me dejarían nunca, si dicen que allí no hay más que gente de medio pelo o comunistas. Nadie va a querer casarse contigo...”, mas na sua família a reação foi: “Pese a los malos comentarios, a mis padres les parece normal mi decisión.” (p. 51)

“Mamá me ha dado algunos consejos para gustarle a los hombres y conseguir un buen marido: “Nunca demostrar que uno es más inteligente que ellos. Aparentar ser muy inculta, dejarlos opinar y hablar sin contradecirlos”.” (p. 53)

Perda da virgindade de Mónica: 60

O grupo de amigas de Carmen: 65

*“Las mujeres de mi vida, otras mujeres encontradas durante mis múltiples vidas, cada vez, en cada viraje, es la mirada precisa de una amiga que va a exigir de mí una postura, una exigencia de vida, más allá de las flaquezas, de las mentiras, de los saltos al vacío donde me rompo en mil pedazos, de los engranajes que acompañan el rito de una próxima fuga hacia delante y un nuevo viraje. Una mujer está ahí y me pide que haga el esfuerzo de levantarme, de seguir haciendo lo que debo hacer.”* (p. 66)

“Ahora, yo pasaré por la experiencia para la que toda mujer ha nacido, ¡la de ser madre! Fernando también está radiante.” (p. 69)

“‘Se llamará Carmen – dictamina – como mi hermana recién fallecida’ y yo, que deseaba se llamara Ximena, no soy tomada en cuenta.” (p. 69)

A mãe de Mónica diz que ela foi tomada pelos Castillo e não tem vontade própria, ao que Mónica escreve “Es posible. Yo, demasiado débil y todavía adolorida, logro apenas asumir el parto y soy sólo un cuerpo sin voluntad.” (p. 69)

Mónica, ao contrário das amigas de sua idade, decide não ter um filho por ano e usar o diafragma (p. 70).

Mónica, nas primeiras semanas de trabalho, é trancada em uma sala com o chefe do departamento em uma armação feita por alunos e também uma professora, a fim de causar um escândalo e acusar de má conduta, como se ela estivesse tendo relações com esse professor. Isso acontece porque os outros professores não gostam dela por ela ter entrado lá por indicação e ser de oligarquia. (p. 72)

Mónica, após 11 meses do nascimento do terceiro filho, Javier, gana um concurso e pode passar um ano na Espanha para concluir seus estudos. “¡Como, yo, una mujer casada con tres niños pequeños (Javier, el menor no tiene más que once meses y todavía no camina ni habla) abandona por un año a marido y tres niños! “Cuando regreses, si regresas, me dicen, tu marido se habrá ido con otra y tus niños no te reconocerán.” (...) “A Fernando, en cambio, le parece una excelente idea” (p. 75, 76)

“Los niños se quejan que llevo atrasada a buscarlos al colegio y que no me preocupo de sus tareas. Fernando reclama que la casa está sucia, que la comida no es buena y que yo paso gran parte de la noche fuera de casa. Todo eso es verdad, pero ¿cómo cumplir bien tantos compromisos? Y, ¿no es más importante que yo me realice en mis vocaciones que ser una dueña de casa ejemplar? Mi madre y suegra me encuentran pésima madre y peor esposa, y consideran que Fernando tiene una paciencia infinita. Yo estoy de acuerdo con el diagnóstico, pero continúo igual.” (p. 88)

*“Necesité mucho tiempo, Mónica, para comprender el ejemplo de mujer libre que me ofrecías. Un largo aprendizaje. Tú construiste tu libertad en una lenta perseverancia. A mí me lo impusieron, en el golpe del exilio.”* (p. 92)

Depois do golpe os homens tiram a barba de inspiração em Fidel e “Las mujeres abandonan sus jeans o pantalones y aun sus diminutas faldas y las alargan hasta la rodilla.” (p. 156) “Las mujeres ya saben que si la ven con pantalones las detendrá una patrulla y, ante todo el mundo, le cortarán a tijeretazos esa prenda que para los triunfadores es símbolo de mujer emancipada y por lo tanto revolucionaria.” (p. 156)

“Me corto el pelo bien corto, a tijeretazos, parezco un muchacho mal criado, rebelde, o más bien uno de esos locos recién salidos de la casa de orates. Lo cierto es que he perdido toda pretensión y es una forma de demostrar mi desesperación y incapacidad.” (p. 167)

*“¿Qué tiene de heroico ser la viuda de un héroe? No podía más con ese papel y con las obligaciones que imponía a la mujer que todavía era, que, al menos, creía ser todavía...”* (p. 188)

*“La luz estalla, el disco se raya, retenerla un instante más, no dejar que desaparezca, la mujer de la sombra, la mujer del pasado, ella baila, hace, piensa, ama, espera un hijo, florece, tan bella. Quiero que ocupe el lugar, todo el lugar, quiero matar a la usurpadora, la sonámbula, odio este cuerpo blando, inflado de aire, que se mueve como una marioneta. Terminar. Disensión entre ellas, ¿Cuál va a ganar?”* [...] *“La muerte de la Catita ocurre, por fin. Sin escrúpulos. Arrancamiento lento, ritual, de ese ser – la Catita – a mi cuerpo de sobreviviente.”* (p. 190) *“El rito de los convidados alrededor del féretro, el cadáver palpita todavía, rápido, enterrarlo y avisar a los compañeros, sobre todo a aquellos cercanos a la Catita en el pasado, Gabriel, Nelson... Quemar cuadernos, ropa, libros, discos, fotos, hacer desaparecer las cenizas, borrar, eliminar el olor putrefacto de la sobreviviente, moribunda por fin, y caparazón, seca.”* (p. 190, 191)

*“Eso fue todo, Mónica, no sé cómo se puede nombrar esa experiencia. La existencia al mismo tiempo de dos mujeres y un solo cuerpo que las encarna. El tira y afloja entre las dos.”* (p. 191)

*“No lograba convencer a los dirigentes de mi deseo de unirme a él para retomar el combate a su lado. Una abeja loca da vueltas, da vueltas alrededor de esa miel inaccesible. Una larga espera. Me dediqué a organizar una red clandestina de apoyo a la política de retorno clandestino del MIR. Hacer todo para convencerlos no sólo de mi sinceridad, también de mi eficacia. Enamorada, esperaba cada día una carta. Finalmente recibí una nota: “No te*



quiero ver más, sobre todo no vengas a verme”. No lo creí.” (p. 239) Carmen continuou militando da França, organizando redes de apoio: “Necesitábamos viajeros para experimentar los circuitos de regreso, enlaces diversos y refugios seguros para los combatientes de paso en las grandes ciudades de Francia, dinero, ropa, apoyo para el proyecto Hogares, familias militantes donde acoger a los hijos, los de Teo primero, y después los otros, así también las madres podrían integrarse a la lucha clandestina.” (240) Então Carmen foi a Cuba atrás de cada um dos dirigentes para conseguir falar com Teo, “Debí parecerles extraña, todo mi ser tratando de convencerlos de que no era un capricho más de la seductora número 1 del campo de la Revolución, sino un verdadero amor.” (240) Teo ainda se nega a vê-la. Ela, por fim, parte e afirma que “Todavía creía entonces que ese sentir [nova paixão] solo era posible si el amor y la lucha se encontraban y caminaban juntos, mano a mano.” (p. 240). Depois, Teo e Olivier, parceiro de Carmen, viram grandes amigos (p. 240).

“Pierre me aceptó tal como era, neurótica, llevando una doble vida, llena de “deudas” con todos, caótica en mis amistades, asfixiada por una culpabilidad que invadía todos los resquicios, presa entre dos mundos, dos tiempos... insoportable.” (p. 257)

“En el vuelo AF091 París-Santiago del 8 de junio de 1987, escribía en mi cuaderno: “¿Quién regresa? ¿Cómo se llama? Tengo varios rostros, extrañas amistades, dos lenguas, al menos dos posturas. Me gusta decir que no pertenezco a ninguna parte, que siempre hablé francés sin acento. Estoy vestida de negro. Mis artimañas son múltiples, complejas, bien construidas. Poseo un don natural para renacer, cambiar, morir, rehacer hábitos. Salvo que ese día, en el avión, no consigo imaginar quién es la que sale de viaje. ¿Qué máscara usar al bajar del avión? No soy yo la que ha decidido hacer este trayecto en sentido inverso. Sólo me esperan a la llegada lápidas de mármol pulido, a veces sin nombre. No se escapa a la muerte impunemente. De todos mis rostros, el que más detesto: la sobreviviente”. (p. 259)

“Y durante aquellos quince días, quisiste, Mónica, que yo asumiera mi rol de combatiente. Sin conseguirlo. Porque hacía tiempo ya que eran ustedes los verdaderos militantes contra la dictadura.” (p. 259)

### **3. Memória e escrita**

A obra é escrita, ou começa a ser escrita, em 1999 (p. 9).

“La mía se pierde em la lejanía del tiempo y, sin embargo, las vivencias se suceden una tras otra. La de ella está tanto más cercana, murmuro. Sin embargo, algo le impide regresar al pretérito. Estoy confundida.

Pero ella insiste:

— Cuente tu vida, mamá, no tiene importancia que los hechos a veces se exageren ni sigan un orden cronológico exacto. Por lo demás, ¿cuál es la estricta realidad?

— Si yo hago este esfuerzo – le digo – debo hacerlo acompañada. [...]

Y, aquí estoy, sacando del olvido, poco a poco, sensaciones, olores, penas, alegrías.

Pero, mientras saltan las imágenes, pienso: ¿y mi hija verá lo miso que yo? ¿se habrá resentido ante la misma palabra hiriente? ¿la felicidad, la pasión y el dolor la habrán tocado en la misma forma que a mí?” (p. 9)

*“Imposible atrapar el vuelo del recuerdo, fulgores de la memoria, a veces un gesto los anima, pero la pregunta se mantiene lejana, fuera de lugar. [...] A pesar de todo, a pesar de mí, surgen algunos instantes, entre las piedras de París, y toman forma para ti, Mónica, frases sobre las travesías de antaño, momentos de vida borrada y sin embargo siempre presente. ¿Seré yo quién los borra? [...] me pregunta si ya escribí unas líneas, quieres que resuenen con tu texto, se entretrejan como en una manta india.”* (p. 10)

Mónica para Carmen: “Reconoce que encuentras este libro sin interés, inútil, confiesa que no quieres que te moleste con el pasado, que prefieres quedarte en el olvido.” (p. 10)

*“Trato de pertenecer a aquel país, esfuerzo vano. Siempre hay algo que no resulta. Quiero olvidar. Un esbozo de olvido. Sin embargo una placa a lo lejos, como un imán, brilla y me atrae. Contra mi voluntad. No quiero volver.”* (p. 34)

*“Digresiones, regresos, la nieve de la cordillera quema los recuerdos, todas mis vidas retornan y ya no puedo contenerlas.”* [...] *“Pienso en los sufrimientos tallados y me parece que aquí, en Santiago, las cosas se inscriben en mí de otra manera.”* (p. 37)

*“Imposible reconstruir la trama, te lo dije, te previne, no puedo poner orden. Por trozos entrecortados se dibuja esta línea de vida, en mis recuerdos no se puede confiar.”* (p. 63)

*“Había olvidado todo, es cierto, salvo los brazos de mi papo...”* (p. 90)

“En el inconsciente colectivo existe la certeza de que algo grave ocurre. Pero dentro de ese sombrío futuro los artistas, especialmente los músicos y pintores, no dejan de crear. Unos pocos con esperanza, la gran mayoría con furia, con ira, como si el mundo se fuera a acabar al día siguiente.” (143)

*“Regreso a casa desesperada. Algo horrible va a suceder.”* (p. 144)

*“Vivimos durante esos tres años del gobierno de la Unidad Popular el rostro más bello de nuestro país, perdido desde entonces. Una sociedad entera en estado amoroso. Esa memoria viva, la compartimos, Mónica.”* (p. 147)

*“Los bastidores del poder, era excitante, la historia haciéndose, entre nosotras las risas, pero esa liviandad en la acción cotidiana sólo duró para mí unos cuantos meses.”* (p. 148)

*“No lo consigo todavía, necesitaría estar en calma, largo tiempo, largo tiempo. Borrar la tragedia y solo retener en mí aquel momento del enamoramiento de una sociedad entera, el estado amoroso que vivíamos todos y la libertad. Confieso mi incapacidad de transmitirlo.”, mas ela faz isso no começo do seu enxerto: “Vivimos durante esos tres años del gobierno de la Unidad Popular el rostro más bello de nuestro país, perdido desde entonces. Una sociedad entera en estado amoroso.” [...] “Los días eran tan cortos, y sin embargo se prolongaban largo tiempo después de la caída del sol. Ya no le temía a la noche, nos gustaba el vacío de las calles, la oscuridad que nos protegía de las miradas indiscretas. Al alba solamente, el sueño nos arrancaba, agotados, de los colores y, cuerpos tendidos, enlazados, sonreíamos todavía.”* (p. 147)

*“El golpe de Estado se despliega. Redadas masivas, cacerías de hombres, prisioneros amontonados en el Estadio Nacional, estupor, tortura y otra vez silencio. Esa violencia no la podíamos adivinar, si bien sabíamos que Kissinger, la CIA, el Departamento de Estado americano, la derecha, el dinero, los militares, todos se preparaban a golpear, a cortar de tajo la vida, la libertad, la esperanza. Hubiéramos podido decir que lo esperábamos. Pero la verdad es que no conocíamos nada de ese odio que venía de los Estados Unidos a estrellarse contra nosotros.”* (p. 153)

*“Todo es tan brutal, tanto más cruel y sangriento de lo que jamás habíamos imaginado.”* (p. 155)

Cartenal Raúl Silva Henríquez, Gran Canciller de la Universidad Católica de Chile: *“Debemos aceptar, no hay nada que hacer frente a la imposición de las armas. Pero no se preocupe, Fernando, en seis meses más los militares entregarán el poder”*. Desgraciadamente, la visión del cardenal Raúl Silva Henríquez es equivocada. Es posible que su gran amigo, Eduardo Frei Montalva, haya sido el inspirador de esa idea.” (p. 157)

*“Fernando comienza a dar clases y pensamos que nuestra estadía nos traerá la calma necesaria. ¡Cuán equivocados estamos!”* (p. 167)

*“Me cuesta relatar esta historia. Es tan terrible.”* (p. 168). Sobre o 5 de outubro, dia do ataque que Carmen e Miguel Enríquez sofrem.

*“Tu relato de ese día, Mónica, me empuja aún más hacia fuera. Todo tiene la exactitud de tu visión, y sin embargo las palabras se cincelan, en otra parte.”* (p. 171)

*“En el fondo, siempre hablo de lo mismo. La misma historia siempre: conquista, masacre, resistencia. Y repito, de libro en libro, frases inacabadas, suspendidas, palabras que vuelven como un estribillo. Tus preguntas hostigantes, Mónica, las esquivo, las aparto de mí, pero no hay nada que hacer, me empujan hacia la espiral.”* (p. 172)

Carmen se sente culpada por ter deixado uma agenda com anotação de nomes e endereços que caiu nas mãos da DINA quando foram atacados. Muitos desses nomes foram detidos e, felizmente, nenhum morreu: *“Pero eso no es lo que quiero decir, no, quiero terminar con el abismo, quiero devolverle a la memoria algo de color.”* (p. 175)

*“No tengo más recuerdos.*

*¿Cómo bajé esa madrugada a la planta baja? ¿Cómo conseguí firmar el formulario de inscripción de su nacimiento? Cómo inscribí su nombre, cómo respondí: el niño llevará el nombre de su padre. Puesto que va a morir, como él. Miguel Ángel.”* (p. 184)

O bebê morreu no dia 1 de janeiro de 1975. No dia 10 ela vai para o Tribunal Russel, em Bruxelas. (p. 184, 185)

*“Unos días antes, en Cambridge donde había venido a verme, amistad fiel, Régis sin embargo me había aconsejado no hablar, las palabras se esfuman, ensucian y enturbian los recuerdos. Escribe notas, fija los momentos, deja huellas. Desobedecí largo tiempo. Todavía hoy si comienzo a desenredar la madeja, ya no sé cómo callar, necesidad horrible, como aquella noche en Bruselas, en febrero de 1975.”* (p. 185)

“En el ramo de historia, debe omitirse todo período revolucionario. La Revolución Francesa, la Rusa, la Industrial, y para qué decir la mexicana o algunas de las chilenas. Para estas nuevas generaciones, ellas no han existido. (p. 198)

Reflexões após morte da mãe de Mónica: *“Ella se había ido y yo debía convertirme, ahora, en vieja odiosa, imponiendo principios y guardadora de la memoria.”* (p. 211)

“En cambio, la memoria no me da tregua y no logro esconderla en el patio trasero. Así me di a la tarea de abrir baúles, destapar alcantarillas y fueron apareciendo historias ocultas, crímenes relegados, personajes molestos, intencionalmente marginados, tirados a la basura por inconvenientes o demasiado honestos.” (p. 211) e depois disso fala de biografía que escreveu

*“Mónica, te lo advertí, no esperes de mí un relato coherente, sólo te puedo contar fulgores, entrecortados y en círculo, huecos en mi memoria, suspensiones, jadeos, líneas truncas.”* (p. 213)

*“Y yo me inventaba una “misión” para enlazar esos sufrimientos, esas derrotas, pero también esas victorias que me contabas a nuestras pobres existencias, aquí, en Francia. Me*

*puse, entonces, a escribir. Cada día notas íntimas en el cuaderno chino, apoyada en el alto mostrador, la cabeza inclinada sentada en mi taburete, rue du Jour.” (p. 237)*

*“La dictadura era una máquina de olvido, tenía que continuar el combate ahí donde estaba, como pudiera, y eso pasaba por un recuerdo, un recuerdo subversivo de la vida de los revolucionarios y no de sus muertes.” [...] “La casa azul celeste de Santa Fe, el sábado 5 de octubre de 1974, Miguel, viviendo en mí. Mi memoria parte siempre de ese lugar, de ese día, de ese hombre. Sólo las heridas resisten al tiempo que pasa.” (p. 237)*

*“En 1979, en septiembre, acabada la primera versión de mi libro Un día de octubre en Santiago, la transmití a la dirección de MIR. Quería estar segura que esas páginas no contenían ninguna información peligrosa para las redes clandestinas. Una semana después recibí una carta-veredicto del comité exterior de la organización. “Este libro provoca daños morales a la Revolución, al MIR y a la memoria de Miguel.” [...] “Creía haber hecho algo en mi vida de exiliada y resultaba que incluso ese trabajo de testimonio era nefasto para la lucha. No sé cómo se sobrevive a la desaparición del hombre amado. Amputada, la misma desolación de su cuerpo ausente.” [...] “Pero, para la dirección del MIR, sitiada, disminuida y eludiendo la derrota, sacralizar los hombres y su combate era el mejor medio de educar y endurecer al pueblo. Narrar en su “cotidianidad” los momentos de vida de los revolucionarios no hacía “avanzar las masas”. La mujer del héroe muerto en combate no podía afirmar que no retenía nada de los conceptos marxistas-leninistas, no tenía el derecho de decir que había actuado sólo por amor. Un instante, me doblegué, tenían razón, me equivocaba, mi existencia estaba irremediabilmente perdida para la causa. Había traicionado algo al fijar en el papel momentos que debieron ser vividos por cada uno de manera diferente. Había robado sus memorias. ¿Entonces, qué? Tormentos, dudas.” (p. 238)*

*“Quería darles tiempo para que me excluyeran del partido. Preservarlos de mi imagen turbia, botar la fruta podrida para conservar el resto.” [...] “Esa misma noche busqué la manera de entrevistarme con el jefe del MIR en Francia. El joven era alto, cuerpo de bailarín africano, ojos negros, una mirada profunda y una boca sensual. Me miró y me escuchó. “Haz lo que creas correcto, publica si es lo que quieres. Nosotros no nos metemos en los asuntos personales de los militantes”. Protesté: “No, no así, quero que lo leas, que me digas lo que piensas de este texto”. Se fue con el manuscrito, regresó al otro día, me invitó a comer a un restaurante chino rue des Archives. Asombro. Durante mi vida de exiliada en Francia, nunca había salido con un militante chileno. Siempre esquizofrénica, doble vida, sobre todo no*

*mezclar mi vida social con mi vida militante. Nunca. Y de pronto este hombre me invita a seguirlo.” [...] “Aquella noche me enamoré de ese combatiente.”* (p. 238, 239)

O livro de Carmen, *Un día de octubre en Santiago*, só é publicado no Chile 25 anos depois da morte de Miguel Enriquez, em 1999 (p. 241).

*“Pero otros se ensañan contra la memoria de Miguel. Otros, cualesquiera, ni siquiera seguidores de Pinochet. Cretinos irresponsables, cómplices y víctimas, también, de la amnesia y de las tergiversaciones de la Historia.”* Na página 241 ela dá exemplos de mentiras que dizem sobre Miguel e afirma *“Esas personas no merecen ser escuchadas.” [...] Pero la arrogancia de los vencedores y de sus acólitos no nos hará callar. Continuaremos, tú y yo, con nuestras pobres palabras obstinadas.”* (p. 241)

*“Sí, claro, pensaba en Miguel, en Lumi, en todos mis muertos a quienes nadie podrá nunca devolver la palabra”* (p. 277)

*“A pesar de tus imprudencias y la liviandad, Mónica, con que manejas las palabras, supiste guardar para ti el relato de las traiciones sufridas, de las penas atravesadas. “Cascarones vacíos”, susurras, desperdicio. No merecen atención.”* (p. 292)

*“Mónica no me deja divagar. Está ahí, vela, escudriña.”* (p. 293)

*“La mirada sin la memoria, ¿cómo lograrlo? Hubo que destruir primero toda nostalgia. Decir simplemente, como todos los rebeldes, artistas, y enamorados, con las palabras de Borges: ‘Todo nos dice adiós, todo se aleja.’”* (p. 294)

*“Alicia se acuerda de cada detalle, con distancia. Su lucidez resquebraja las certidumbres y rompe las imágenes heroicas, pero nunca es cínica.”* (p. 294)

*“El sábado 5 de octubre de 1974, golpearon mi memoria. Sé que ya no soy la misma. ¿Otra? ¿Por fin yo? ¿Cuál otra? A lo largo de estas páginas, a veces encontré, rocé, arranqué algunas de estas memorias movedizas.”* (p. 295)

#### **4. Relação entre mãe e filha**

*“Mi madre siempre gana.”* (p. 10)

Mãe de Mónica fala para ela: *“Mónica no tiene corazón”* (p. 34)

*“Cómo tú, Mónica, escondí por largo tiempo La Quinta, la gran casa de dos pisos y mi pequeño auto. Extraña atracción que nos empuja hacia aquellos que son diferentes, fuera de nuestro medio.”* (p. 117)

*“A ti, Mónica, te mantenía a distancia de mi intimidad. No quería tu mirada. Pero poco a poco, te descubrí: una mujer libre, adelantada a su generación. Empecé a ver a una artista, autora de teatro, profesora de literatura, una mujer tajante y extrema.”* (p. 152)

Morre a mãe de Mónica e ela confessa com pesar que por muitas vezes desejou a morte da mãe. (p. 204)

*“Y la decepcionamos, comprendo. Perno nos defendió hasta el final y a pesar del desprecio que demostraban sus viejas amigas de la oligarquía hacia nuestras posiciones políticas, ella sacaba, entonces sus garras y su lengua se tornaba viperina. Rememoro una anécdota que me contó poco después del asesinato de Miguel Enríquez cuando en todos los periódicos de esos días aparecía la fotografía de su nieta Carmen tratada de puta extremista y otros epítetos innombrables. Una señora empingorotada en el ascensor del edificio en que vivía la insultó por ese motivo y como ella, sin perder su dignidad, le respondió que estaba orgullosa de los ideales y valentía por los que su nieta había expuesto su vida. Cuando nosotros estábamos en Cambridge se produjo el allanamiento a su departamento y las vejaciones que sufrió detenida en un lugar desconocido. Pero ella continuaba de pie, pese a que los momios decidieron que el tal allanamiento y maltrato era producto de la imaginación de una vieja senil.”* (p. 205)

*“Es cierto, mi madre no había sido la madre con mayúsculas, pero nos había entregado otras cosas: el amor a la literatura, a la dignidad, el respeto por la cultura.”* (p. 210)

*“Gracias a ti, Mónica, mensajera excepcional. Tu visión de los sucesos, tus palabras para transmitirme los creaban puentes entre los dos continentes.”* (p. 237)

*“Aquí estamos las dos, en el proceso de terminar la escritura. La fobia entre nosotras, ¿está escondida o desapareció? Entre madre e hija, ¿ese amor, qué es?”* (p. 293)

Texto original: *“En el fondo, siempre hablo de lo mismo. La misma historia siempre: conquista, masacre, resistencia. Y repito, de libro en libro, frases inacabadas, suspendidas, palabras que vuelven como un estribillo. Tus preguntas hostigantes, Mónica, las esquivo, las aparto de mí, pero no hay nada que hacer, me empujan hacia la espiral.”* (p. 172)

## **5. Memoria familiar**

*“1920, el año en que nací, marca un hito histórico. Ese año se presenta por primera vez en la historia de la República como candidato a la Presidencia de la República un hombre de clase media, provinciano, y que no pertenece a la tradicional aristocracia chilena, un “siútico”, un advenedizo, Arturo Alessandri Palma.”* (p. 21)

“La canción del alzado candidato innovador resuena por las calles contra el candidato conservador Barros Borgoño, mientras mi madre me está pariendo:” (p. 21)

Mónica sobre a primeira ditadura chilena de Carlos Ibáñez que toma o jornal de seu avô: “Como niños que somos entonces, mi hermano José de trece años, Mónica de siete y Alfonso de cinco, permanecemos al margen de la tragedia que se abate sobre la familia.” (p. 23)

O presidente Aguirre Cerda, da Frente Popular, de esquerda, tendo como ministro Salvador Allende, morre de tuberculose. Após isso, Mónica diz: “Yo, con mis vestidos a media pierna, y unos ridículos sombreritos, poco me preocupo del acontecer político y de la evolución social, pues mi único afán es compartir el amor con un príncipe azul” (p. 46)

“Tan poco nos preocupan los acontecimientos históricos que suceden a nuestro alrededor que sólo años después me di cuenta que el día de mi ingreso, el quince de marzo, Alemania había anexado Austria con la indiferencia no sólo de las alumnas de Le Manoir, sino también, lo que resultaba insólito, de todo el resto de Europa.” (p. 47)

“Mientras tanto, en el mundo y en Chile la historia avanza. Poco antes de este gran acontecimiento personal, Chile finalmente decide romper relaciones con el Eje.” (p. 70) o acontecimento pessoal é o nascimento de Carmen.

Cristián nasce em 2 de novembro de 1974 (p. 73)

Fernando é indicado para a reitoria da Universidade Católica do Chile e apoiado pelos alunos, ao que Mónica afirma: “Así fue como el azar arrastró a Fernando – y a mí en menor medida – a conflictos culturales y políticos que nunca hubiésemos pensado serían parte de nuestro destino.” (p. 89)

Casa sem chaves: 88, 90

*“Durante los años oscuros de la dictadura, La Quinta pasó a ser un islote de resistencia. Ahís, sus habitantes estaban protegidos del toque de queda, de la delación. Ahí, la energía de la lucha florecía.”* (p. 91, 92)

“Tres años después de la toma del poder del presidente Frei, Carmen, mi hija mayor, se casa. El novio es sobrino de Salvador Allende, hijo de su hermana menor y más querida, Laura.” (p. 93) Cabe destacar que ele não é introduzido por seu nome, mas como sobrinho de Allende.

Em seguida, ao narrar a crise de Carmen do dia anterior e sobre sua falta de vontade em se casar, Mónica pontua que Allende foi ao casamento, mas se desculpou com ela por não assistir à cerimônia, já que é ateu. Apesar disso, Mónica registra que a irmã de Allende se diz socialista e católica, e que entrou na capela muito emocionada (p. 94).



“Ante tamañas dificultades, Eduardo Frei, durante su último período, frena bruscamente los proyectos de su Revolución en Libertad, le da la bienvenida al capitalismo y reprime a todos los movimientos izquierdistas radicalizados, entre otros al MIR, al cual pertenecen mis hijos y mi yerno Andrés Pascal, que es uno de sus dirigentes. Todos ellos pasan a la clandestinidad y Carmen deja de vivir bajo el mismo techo que su marido.” (p. 94)

“Una noche, Fernando recibe un llamado telefónico del mismo presidente Frei: “Por favor, Fernando, dígame a sus hijos y yerno que dejen de molestar y no sigan promoviendo ‘tomas’ ni ‘expropiando bancos’, porque me voy a ver en la obligación de detenerlos”. Pero nosotros, ¿Qué podíamos hacer, embarcados como estaban todos estos hijos en la revolución?” (p. 95)

“Para nosotros, los almuerzos familiares, se han vuelto tediosos ante las caras largas que nos rodean. Y las visitas a la familia Echeverría se postergan indefinidamente ante nuestras sospechosas simpatías por todo lo que sucede. Los amigos de antaño dejan de invitarnos. Somos considerados como ovejas descarriadas con nuestra simpatía – que no logramos ocultar – ante este vendaval.” (p. 95)

*“Pero el matrimonio no me convenía, en realidad es una situación que nunca me ha convenido. Empezamos a alejarnos el uno del otro. Yo vivía mi compromiso político junto a Beatriz mientras que Andrés asumía más y más responsabilidades en el MIR. Después de dirigir un centro de investigaciones en la Universidad Católica, pasó a la clandestinidad a principios de 1969. Mi hija, Camila, nació en julio, Andrés venía a verla a escondidas entrando por la ventana de la clínica.”* (p. 118)

*“Andrés, Miguel, El Bauchi y los otros ya vivían clandestinos. Sus bebés, Camila, Pablo, hijo de Inés y del Bauchi, así como Javiera, la hija de Alejandra y Miguel, habían nacido entre junio y octubre, tenían todos entre seis y dos meses. Nosotras, las madres, vivíamos solas, cada una con su bebé, trabajábamos y cuidábamos a los niños. Recuerdo que nada era fácil ni evidente. La llegada de las fiestas de fines de año nos angustiaba.”* (p. 118)

*“Estaban las casas que habitábamos como lugares de paso, sin muebles pesados, sin objetos, permanecer ligeros para poder cambiar. Circulación, otra vez.”* (p. 148)

*“Nunca éramos individuos aislados, las redes de solidaridad estaban presentes en cada recoveco de la vida cotidiana, palpitantes, tranquilizadoras.”* (p. 148)

*“Sólo sé, lo que sé, tan claramente, que ustedes eran mis cimientos, tú, mi padre y mis hermanos, mi familia. Para Camila y Javiera, nuestras hijas, ustedes fueron esenciales, y la*

*casona de La Quinta era siempre el punto de referencia tranquilizador. La casa de la infancia, mi refugio, mi retaguardia.”* (p. 151)

“Los primeros días llegan a casa los familiares de los miles de detenidos en el Estadio Nacional, creyendo que todavía tenemos poder y algo podremos hacer a favor de sus seres queridos.” (p. 155)

“La familia, cuyo hogar ha sido allanado, y a quien han arrestado a algún integrante, no tiene cómo apelar ni saber algo sobre el paradero del familiar” (p. 155)

“Otro día llega un auto lleno de libros para que los guardemos, pues nuestra casa es de las más seguras.” (p. 160)

“Sólo diez días más adelante me pasan un papelito escondido en el fondo de una cajetilla de cigarrillos que, escrito a mano y con letra minúscula, expresa: ‘Estoy bien mamá, le dejaré su auto en la calle tanto, número tanto. Vaya a buscarlo. Les estaré dando noticias. Los quiero’. ¡Qué alivio!, por lo menos, Cristián está vivo. Algunos días más adelante y en la misma forma otra cartita de Carmen. Dentro de todas las desgracias nos sentimos privilegiados.” (p. 160)

[...] Fernando, que cómo demócrata cristiano no ha corrido la misma suerte, me dice: “Ahora, ya no somos nadie y los militares no tardarán en vengarse porque apoyamos a Allende. Así fue. Dos días después, cuando todos dormimos, sentimos por la escala los pasos apresurados del muchacho que nos sirve de jardinero y mozo: ‘Han rodeado la casa y echado abajo la puerta. Varios militares de boinas negras y con metralleta acaban de entrar’ – nos grita aterrado. Los bototos de los militares subiendo la escala golpean nuestros corazones. En seguida voces de mando, llantos de los niños. El allanamiento es brutal. Echan abajo todo, y los hijos y sirvientes son sacados bruscamente de sus camas y llevados a la calle. Cuando ingresan a nuestro dormitorio, yo trato de dialogar con ellos: ‘Por favor los niños son niños y nada tienen que ver con todo esto, tampoco los sirvientes y Fernando acaba de tener un infarto, no los saquen a la calle con este frío’. ‘Mire señora – me contesta el que parece el capitán – usted es la única que puede quedarse en cama. Las órdenes son las órdenes’. Totalmente indefensa, permanezco en la cama sentada, mientras unos seis soldados con sus armas apuntándome, me rodean. Larga es la espera. Cerca de una hora después regresan con ellos a casa. Los han tenido de pie en esa noche helada, sólo con sus ropas de dormir, con las manos apoyadas en los muros que rodean la quinta. El terror de Fernando, como me cuenta más adelante, es que alguno de los niños baje nos brazos y ellos le disparen. Los juntan a todos en el living para el interrogatorio, como expresan, y sólo, entonces, deciden que yo debo acompañarlos. El militar da la orden: ‘Media vuelta, mientras la señora se baja de la cama’. Dentro de toda esa brutalidad, pienso, guardan

cierto respeto por las mujeres y han decidido que es mal visto que las tropas vean en paños menores a una señora.” [...] “Cuatro horas estuvieron, y cuiando, por fin, se van da la impresión que un huracán ha pasado por encima de nosotros: vidrios rotos, puertas perforadas, ropas, objetos, libros todos desparramados, polvo y barro. Eso fue el primer allanamiento. ¿Con qué fin? Demostrar que ellos son los dueños del país, amedrentarnos, humillarnos – me dice Fernando” (p. 161)

“También, es cierto, nuestros niños, los niños en general – fueran de derecha o izquierda – pese a estar aparentemente marginados de todo el horror de esos años de represión, habían cambiado, no eran los mismos, sus risas no las causaban los mismos equívocos y piruetas, su participación era menos juguetona y espontánea. Ellos, también, eran víctimas de la dictadura.” (p. 162)

Segundo allanamiento quando Fernando estaba en Costa Rica a procura do filho Cristian (p. 163) e é o que faz Mónica decidir-se por cooperar com a resistencia, pois durante essa invasão, levam a cozinheira idosa e um moço que trabalha para eles. O torturam para tentar descobrir informações dos filhos de Mónica, mas o cunhado Jaime Castillo, advogado, consegue recuperá-lo. (p. 163)

“Desde las primeras semanas posteriores al golpe comienzo a recibir misivas secretas de mi hija Carmen: “Mamá, trate de encontrar refugios clandestinos para varios perseguidos que no tienen dónde esconderse”. Yo tengo amigas o viejas tías que sabía dispuestas a correr ese riesgo y que la dictadura no sospecharía de ellas. Me indican dónde se encuentra el futuro pensionista y yo con la revista en la mano o el chaleco de color gris me dirijo al lugar de cita: la salida del colegio de mis hijos, un supermercado o la peluquería si se trata de una mujer, y les entrego la dirección, dentro de un tubo de polvos de talco, una cajetilla de cigarrillos, una gruta o un ovillo de lana. Otras veces los llevo yo misma a la casa asignada, junto a mis hijos escolares para despistar. La dueña de casa recibe cierta suma de dinero para los gastos extras, y les da amparo por un mes. Por más tiempo, se torna peligroso. El hecho es que nunca la represión descubrió ninguno de estos escondites.” (p. 163, 164)

Mónica ajuda a fornecer disfarces para os clandestinos (p. 164).

Mónica envia dinheiro aos militantes escondidos entre Argentina e Chile (p. 164).

Mónica ajuda clandestinos a se refugiarem em embaixadas (p. 165).

“Cuando mi hija Carmen me confiesa que está embarazada siento que su clandestinidad se torna peligrosa. Considero que su estado y el futuro parto, siendo ella RH negativo, es una locura, pero ella está feliz” (p. 165)

Levam Mónica ao regimento de Buin para interrogá-la, mas a liberam no mesmo día (p. 165). Além disso, a casa dela em Algarrobo também é revistada. (p. 165).

Fernando decide que devem ir ao exílio quando é convidado pela Universidade de Cambridge em 1974 (p. 166).

Mónica insiste com Andrés Pascal que convença Carmen a ir para Cuba para ter o bebê lá e para que as duas filhas se abriguem em alguma embaixada. Andrés é intransigente e diz que é o dever de militante de Carmen estar ao lado de Miguel Enríquez (p. 166). Porém, quando está a sós com Carmen, ele insiste com ela para que se vá para Cuba para o parto (p. 175).

Ligam para Mónica, que está na Inglaterra, para informá-la que a casa de sua filha e de Miguel foi atacada. Avisam que Carmen foi levada ao hospital militar e que todos que tentaram ir até lá para vê-la, foram presos. A Cruz Vermelha informa que Carmen morreu ao chegar no hospital e Mónica perde a consciência. Acorda no dia seguinte com alguém desmentindo a notícia e informando que talvez tenham que amputar um braço de sua filha. Ingleses conhecidos de Mónica e Fernando mostram-se solícitos e vão até a casa deles para os amparar. Começam uma pressão internacional para liberarem Carmen (p. 169). Por fim, enviam Carmen à Inglaterra. Ela chega destroçada, com um braço a ponto de ser amputado, ferida, com o rosto desfigurado e dentes quebrados (p. 169).

Ataque à casa de Miguel e Carmen: 169

*“Antes de caer dispara y grita: ‘Asesinos de mierda, dejen de disparar que hay una mujer embarazada’. Fueron sus últimas palabras antes de caer muerto”.* (p. 170)

Mesmo com o corpo de Carmen caído, desmaiado e sangrando, ainda a espancam e quebram seus dentes (p. 170).

“Carmen, abrumada por el dolor físico y un dolor todavía mayor que hasta hoy no se le desprende: la muerte de Miguel. Esa muerte que podría no haberse producido si Miguel no pierde tiempo en llevarla en brazos a la casa, si Miguel...” (p. 171)

“Pienso, también, que mi hija está viva por milagro y que la crueldad y el amor humano se manifiestan, a veces, en los momentos y lugares más inesperados.” (p. 171)

A rotina de militantes clandestinos: *“Nuestros gestos, nuestros actos, lejos de lo heroico, se inscribían naturalmente en nuestra rutina.”* (p. 172)

Encontro de Mónica e Carmen no supermercado, cuidando e vigiando para que ninguém as veja. (p. 172) “De nuestro abanico de posibilidades, descarté el paquete de cigarrillos; la última vez, Mónica por descuido fumó tranquilamente el cigarrillo que contenía el mensaje...” (p. 172)

“En la evocación que contigo hago hoy, Mónica, sé que la tensión que poco a poco carcomería lo cotidiano llegó más tarde.” (p. 173)

*“Desdoblada, lo estaba. Una parte de mi actuaba fríamente, recorrido sin emoción por las calles de Santiago de un punto de contacto a otro. La otra sólo aparecía dentro de la casa azul celeste de Santa Fe. Encanto. Cerraba la puerta, soltaba bolsas y barretines, necesitaba de un instante, después de haberlos besado largamente, a Miguel y las niñas, y retomaba los gestos cotidianos de una madre de familia normal. Respiraba y actuaba. Nada más.”* (p. 176)

Dentro da memória da casa azul celeste em Santa Fe, Carmen descreve a morte de Miguel, e diz *“yo estaba ahí, a su lado, herida... Me detuvieron, después me expulsaron del país. Una sobreviviente.”* (p. 176)

Poucos dias depois de pegarem Carmen, o apartamento da mãe de Mónica, então com 85 anos, é revirado. Saqueiam as coisas de valor e a levam de camisola e a prendem numa cela com uma cama pequena. Ela os enfrenta dizendo que é filha de Eliodoro Yáñez e os militares respondem com ceticismo e risadas. Quase três dias depois a deixam em um bairro afastado, ainda em camisola. Ela pega um taxi e volta para seu apartamento. Depois souberam que ela foi liberada por influência de Jorge Alessandri (p. 177). Depois disso, a mãe de Mónica ainda escreve uma carta a Pinochet reclamando de tudo o que aconteceu. (p. 178)

Mónica descreve uma serie de visitantes a Carmen quando ela estava de cama, como Gabriel García Marquez e Regis Debray, e que alguns chegam até a dormir no chão para poder passar um tempo lá. *“Lo esencial es tocar, mimar, conseguir que la víctima – convertida bruscamente en heroína – les otorgue una sonrisa a ellos, los grandes y utópicos intelectuales, que necesitan alimentar sus sueños revolucionarios con símbolos carnales. Ahora acaba de surgir uno y se trata de una mujer, joven, embarazada, herida, la Virgen María a la que se le rinde homenaje. A mí apenas me dirigen la palabra. También aparecen los Reyes Magos y los regalos – cada día más numerosos – para el futuro niño, el redentor, el que llevará la sangre de Miguel, el héroe muerto.”* (p. 178)

O bebê nasce, até Fidel Castro manda flores: 179

Suicídio fracassado de Carmen. Camila é encontrada com ela há dias sem comer: 182

A morte do bebê de Carmen e Miguel é entendida como uma segunda vitória dos militares depois da morte de Miguel: Mónica p. 179, Carmen p. 183

Quando Fernando Velasco escreve a carta pública que lhe concede permissão para receber seus filhos por 15 dias, por causa da ameaça de morte que o câncer lhe causa, Mónica chama

Carmen às pressas. Quando Carmen se prepara para ir, tudo o que vem à sua mente são as vozes e as ameaças dos torturadores: não volte nunca mais! E ela tem medo. (p. 258)

Carmen tem medo de ir a favela (p. 260)

*“En este último relato escribí un retrato tuyo, Mónica, que no rechazaste... Mujer de estatura pequeña que se mantiene tan derecha, cabeza erguida, pecho levantado, un pañuelo doblado en el pelo, pantalón de franela, un suéter rojo de cuello subido, un color que le queda bien. Se pasa las mañanas en el teléfono, su cama es el epicentro de todo tipo de noticias y de rumores. A los verdaderos conspiradores les pone los nervios de punta, pero no pueden prescindir de esa red de mujeres eficaces. Lejos de ella, los serios y los dogmáticos: le gustan los jóvenes, la gente con sentido del humor y que aprecian el suyo. No es mi caso, como se ve. Hizo de la resistencia un arte, lleno de gracia, de artimañas y de engaños. Una contadora nata, y qué importa si se aleja un poco de la verdad. Encuentra que lo real no tiene brillo, que para hacerlo más justo no hay más remedio que mezclar semi verdades y mentiras verdaderas.”* (p. 260, 261)

*“Acabó por llevarme a La Victoria, siempre termina por llevarme ahí donde no quiero ir. La prueba, heme aquí clavada frente a las páginas en blanco, plegándome como siempre a su voluntad.”* (p. 261)

## **6. Pacto com o leitor**

*“Yo, Mónica, nací en la ciudad de Santiago, donde todavía vivo, hace cerca de ochenta años.”* (p. 11)

*“En este país, isla de terremotos, inundaciones y volcanes, abro los ojos por primera vez un 2 de setiembre de 1920, yo, Mónica María Angélica Echeverría Yáñez, como me llamaron.”* (p. 13)

*“No supe, Mónica, contestar a tus preguntas.”* (p. 151)

Quando Carmen está descrevendo sobre a relação dela e de sua mãe, do afastamento ao descobrimento de quem sua mãe é. *“Es verdad, embellecías la realidad, pero tu manera de develar las apariencias, de buarlarte de las convenciones me encantaba.”* (p. 152)

*“Mónica, su texto no tiene el color de una autobiografía, sólo la iniciación a una vida en la cual el compromiso contó. Su existencia se amalgama con la lucha, la política una potencia sin garantía, una silueta incierta dibujada en la niebla espesa.”* (p. 293) [...] *“Tu pensamiento, Mónica, se inscribe en ese espacio-tiempo. Construiste un destino de mujer libre,*

*comprometida más allá de los muros de nuestras casas, de la Cordillera y del Pacífico.”* (p. 293)

### **7. Questões sociais**

“Al sur, tierras lluviosas, bosques, lagos y volcanes, que por siglos fueron de los “araucanos”, los mapuches que hoy – pese a las guerras, las persecuciones y aniquilamientos sucesivos – continúan luchando y exigiendo su devolución.” (p. 13)

A relação de aversão e afastamento de Mónica quanto à riqueza que passa pela relação de aversão e afastamento à sua própria mãe, que acabou por representar toda uma casta e encarnar aquela que Mónica não quer ser. “Nace en mis entrañas un pequeño tumor: los mayores y los ricos son unos despiadados que sólo piensan en ellos y consideran a sus sirvientes un objeto desechable. Después de los cuarenta años ese tumor reventó y su pus se extendió hacia todos los ricos a quienes desprecié y combatí para librar al mundo de su perversidad.” (p. 27, 28)

Crise após invenção do salitre artificial. Os parágrafos vão revezando coisas familiares e coisas do país. “Los niños miramos asombrados cómo nuestras y tranquilas calles ahora son ocupadas por andrajosos hombres y mujeres que con sus hijos descalzos piden limosna o víveres para no morir de hambre.” (p. 29)

“Todo ese año 1940 mantengo una doble vida. Entre seis y ocho horas sumergida en el mundo austero universitario. En las tardes y noches, más sábados y domingos completos, en la vida frívola y ostentosa de las jóvenes de clase alta. Ambos mundos no saben de la existencia del otro y yo cambio de imagen y espíritu según las exigencias.” (p. 53)

“Mírenlos con atención – agrega mi padre – muy pronto no quedarán vestigios de ellos. Los blancos los han aniquilados a todos”. (p. 55)

Mónica usa o nome de seu avô para conseguir uma carta de um reitor para conseguir uma vaga de emprego em uma escola. (p. 74)

“El acontecer político, ajeno a nuestra vida, entre nos decenios cuarenta y cincuenta nos permiten vivir como pajaritos volando de uno a otro lado con total indiferencia de pobrezas e injusticias.” (p. 82)

Ainda assim, é importante ter em mente que fazem parte de uma classe abastada, que não via o dinheiro como um problema. Na página 121, quando Carmen vai exilada a França para despistar a polícia por um tempo, em 70, vemos uma exilada em férias. Fumar maconha, ver três ou quatro filmes por dia, passar o dia lendo livros, ficar assistindo debate político, passar o dia de boeira em quarto de hotel.

“Hay que ser valiente para meterse en las poblaciones, pero cuando ya se es conocido y aceptado, uno se convierte en uno más y goza de su protección.” (p. 223)

A situação do carro da jornalista que sofre tentativa de roubo na población: 223

“‘A los amigos se les respeta’, me dice la dirigente que es una mujer brava que tiene a su marido relegado. Blanca Ibarra, militante mirista y Claudina Núñez, comunista, son las responsables de la organización de La Victoria, considerada la población más peligrosa. Formaron una olla común para dar de comer a los cesantes, oficina de empleo, de salud, de emergencia, y de defensa. En esta última se prepara militarmente a las vanguardias que atacarán a las Fuerzas Armadas si pretenden entrar a su barrio, denominado por ellos: ‘TERRITORIO LIBRE DE LA VICTORIA’. Por supuesto que no cuentan con armas de fuego, pero las barricadas o fogatas, las lanzas y las piedras, -- que son la forma en que los mapuches combaten sus enemigos – son tan eficaces que difícilmente se logra dominarlos.” (p. 224)

“A las poblaciones no he vuelto, pero sé que la mayoría de ellas, La Victoria a la cabeza, están en manos de la mafia que maneja la droga, y los compañeros pobladores de antaño, metidos en sus covachas, permanecen mudos, sólo preocupados del pan diario, tratando que sus hijos y nietos sobrevivan.” (p. 226)

## **8. Repressão e política**

Antes de 1930, se militares entravam em um lugar, todos os outros saíam para demonstrar desprezo. (p. 30)

1931: “En un acto de repudio al dictador realizado frente a la Facultad de Medicina de la Universidad de Chile es asesinado por fuerzas policiales el estudiante Jaime Pinto. Posteriormente durante su entierro otro universitario, Alberto Zañartu, es abatido por balas policiales. Ambos asesinatos desencadenan un paro general de tres días generando revueltas callejeras incontrolables.” (p. 30)

Após descrever uma série de protestos em que estudantes de famílias de classe média ou alta são mortos, Mónica registra que na mesma época houve um massacre de trabalhadores das minas de salitre de La Coruña y San Gregorio, mas que “en el inconsciente colectivo – esas víctimas – no son consideradas dignas de tomarse en cuenta.” (p. 41)

Ao flertar com um médico no navio, em retorno da Europa para o Chile, ela pergunta porque perseguem aos judeus. Ele dá uma resposta nazista, de que a conduta comercial dos judeus atrapalha o desenvolvimento da Alemanha, e ela aceita totalmente satisfeita a resposta “mientras su mano acaricia la mía.” (p. 48)



Mónica participa de um protesto contra um professor nas suas primeiras semanas de aula na universidade, “Mucho después supe que el profesor Loyola era un excelente académico que había dedicado veinte años a enseñar Filosofía y que yo, una recién llegada inculta, había humillado y vejado injustamente, sólo por acatar órdenes y formar parte del rebaño de los que parecen líderes.” (p. 52)

Invasão cultural estadunidense: 71

“Pero, quizás, lo más grave para nuestro futuro democrático se produce durante el período de la Guerra Fría. Guerra Fría que decide subordinar a las Fuerzas Armadas de Latinoamérica al Pentágono y educar a sus oficiales en la Escuela de Panamá y de las Américas, inculcándoles la doctrina de Seguridad Nacional que da por resultado militares sostenedores de los posteriores dictadores de nuestro continente.” (p. 72)

“Cuando algún país latinoamericano pretende demostrar alguna independencia el tío Sam no trepida en dar un golpe de Estado e imponer un dictador.” (p. 72) depois disso ela nomeia uma serie de países latinos e seus ditadores, incluindo Brasil e Castelo Branco seguido de um parágrafo sobre os que vão em caminho contrário: Argentina, com Perón se alinhando à URSS, Bolívia com uma insurreição popular que derruba a oligarquia e realiza uma reforma agraria e a revolução cubana.

Mónica fala de como que o Chile esquece de seu potencial opressor e, ao receber os exilados da América Latina se enche de soberba ao se considerar um país imune a esse tipo de golpe. (p. 73)

A população esquece do período ditatorial de Carlos Ibáñez e o elege presidente. Ele usou o jargão “con Ibáñez al poder, con la escoba a barrer”, prometendo acabar com a corrupção. (p. 83)

A ocupação estudantil na universidade e a luta do Fernando na criação de uma universidade diferente: “Dos causas en las que me arrastra Fernando y en las cuales yo no soy protagonista, pero que me permiten politizarme y darle vuelta la espalda para siempre a los intereses de la derecha.” (p. 97)

Mónica vai a uma caminhada de apoio a Allende, antes das eleições, com seus dois filhos menores quando “Vamos marchando por la Alameda con pancartas y gritos cuando de una de las ventanas del Comando Alessandrista me golpea un piedra en plena cara. Sangro abundantemente y siento el ojo y la nariz muy adolorida, los chicos están aterrados. ¿Ese grupo fascista me ha reconocido como la señora del Rector? ¿Es una simple casualidad? No es corriente en esos años que agredan brutalmente a los participantes de una marcha y menos a

una mujer, pero sin duda después conocemos los atentados y crímenes en que se ven envueltos esos sectores, es previsible.” (p. 111)

Em 1978 Mónica vai com os dois filhos menores, que então possuem 16 e 17 anos, a um protesto no día do trabalho. “Al poco rato de arribar al sitio de reunión se hace presente la represión. Carabineros armados arremeten, y bombas lacrimógenas caen a nuestro alrededor. Todos corren tratando de escapar, yo permanezco inmutable y, gracias a esa táctica que los desorienta y que usé numerosas veces, aparento ser una transeúnte cualquiera que nada tiene que ver con la protesta. Pierdo de vista a los hijos. Ellos, paralogizados por el estupor y tratando de esconderse, son presa fácil de los efectivos policiales. Sólo en la noche, Fernando y yo, sabemos de nuestros hijos. Según nos confirman abogados relacionados con los derechos humanos, los detenidos ascienden a más de quinientas personas, entre ellos más de dos centenares de estudiantes. Larga es nuestra peregrinación por comisarías y cuarteles.” (p. 198)

Descoberta de uma mina com quinze ossadas humanas em Loquén em 1973. Muitas pessoas, incluido Mónica, comités de DH, padres, artistas etc. vão até lá. (p. 200)

“Había olvidado – pensé – que la oposición, impedida de pronunciarse, transformó iglesias y cementerios en lugares para volcar su indignación contra la dictadura.” (p. 210)

Formação do grupo “Mujeres por la vida” (p. 229)

“Pero en esa época, la oposición no se queda tranquila. En noviembre de 1983 se constituye otra instancia, “Mujeres por la Vida”, dirigida y formada sólo por mujeres, que jugarán un rol importante en el despertar de conciencias dormidas. Al llamar a una conferencia de prensa, este movimiento entrega una declaración titulada “HOY Y NO MAÑANA”: “Porque Hemos trabajado unidas/ porque amamos la libertad y la vida/ porque hemos luchado codo a codo/ porque somos MUJERES: obreras, dueñas de casa, madres, jubiladas, políticas, feministas, estudiantes, profesionales, PORQUE SOMOS +, nos convocamos a una acción de FUERZA Y ESPERANZA. El resultado: un acto multitudinario en el Teatro Cariola.” (p. 229)

Aumentam-se as organizações com base nos direitos humanos (p. 229, 230)

Assassinato do sacerdote André Jarland: 232

Mónica narra o fim da ditadura: 232 - 237

Tentativa dos frentistas de assassinar Pinochet: 235

“No” vence o plebiscito: 257

Comissão da verdade: 265

Fernando é nomeado por Patricio Aywyn como Intendente de la capital e da região metropolitana e Mónica consegue com isso uma secretaria e algum poder de articulação para a

área cultural e com bairros da periferia. Embora tenha durado pouco, porque ao permitir uma manifestação à memória de Allende solicitada por organizações de Direitos Humanos, o secretário do interior se opõe e Fernando entrega sua carta de renúncia, pensando que o presidente não aceitaria, mas este, aceita. (p. 267, 268)

## 9. Mulheres

Uma das missões de Mónica: 163

Alejandra: amiga do convento que morreu na África trabalhando para a FAO - ONU (64)

*“¿Por dónde empezar el relato de mis primeros compromisos? Quizás a partir de mi encuentro con Beatriz Allende.”* (p. 115)

*“La izquierda socialista, la historia y la filosofía llegaban con ella, Beatriz, la hija de Salvador Allende.”* (p. 115)

*“Belleza de una mujer que rechaza la seducción. Más tarde, dijeron que ella quería ser el hijo de su padre, estar con él el día de su muerte, el día del golpe de Estado. No sé, nunca me confié ningún sentimiento, ningún dolor, era una militante, una guerrillera. Era también mi iniciadora, mi jefe político. Me fascinaban su saber y su rigor, gustaba de obedecerle sin cuestionar, me plegaba a sus órdenes, buena alumna.”* (p. 115)

*“La Tati supo transmitirme la belleza del compromiso. Yo, vigilada por ella, seguía las reglas al pie de la letra. Se trataba de una lucha lejana, quizás en Bolivia, y me habían elegido para ayudar, simple engranaje de una poderosa red que se extendía más allá de las fronteras nacionales. Gracias a ella América Latina se me hizo visible y apasionante, estaba más justo, más bello, más poderoso. Con ella, a su lado, me convertí en militante. Los jóvenes revolucionarios vinieron más tarde. Desde siempre, una mujer da el tono, abre el horizonte y los sentidos, después el hombre puede ser acogido, acompañado.”* (p. 116)

*“Exigente, regida por una gran disciplina, era el ejemplo mismo de la militante clandestina sin falla. Yo no conocía ni el nombre del grupo, ni la guerrilla a la que debíamos ayudar, sólo sabía que era necesario luchar hasta morir, que el peligro era cotidiano y que el enemigo se infiltraba en todas partes.”* [...] *“Me gustaba lo secreto, no me pesaba llevar una doble vida, me excitaba ser y no ser solamente una burguesa, una universitaria, la compañera fiel de Andrés, su primo hermano. Me “convenía”, me estructuraba.”* (p. 116)

*“Beatriz era mi contrario, disciplina y discreción. Mujer de una sola pieza, rostro nítido, franqueza, claridad a pesar del silencio. El secreto no ensombrecía el contorno. Y de repente*

me doy cuenta que ella aprecia mi capacidad esquizoide, mis disfraces y mis flutuaciones, y que los usa para la “causa”.” (p. 116)

*“Un atardecer la Tati me pide que sea “buzón” telefónico, estar del otro lado de la línea dos veces por semana, a horas precisas. Debo encontrar el teléfono seguro, uno que no pueda estar intervenido, y anotar exactamente el contenido del mensaje cifrado.”* (p. 116)

*“Hubo ese viaje a Bolivia, creo que en 1969, en el que ella me pidió ser enlace, llevar un mensaje a La Paz, los 4000 metros de altura, la falta de aire, apunada, el cuarto sórdido de un hotel, el teléfono mudo durante horas y horas, mis ojos bien abiertos fijos en el chaquetón de hombre que ocultaba el barretín, el alivio cuando se hizo el contacto, en el banco de una plaza vacía, a las doce.”* (p. 117)

Miria Contreras: “Una mujer nos hace pasar, es esbelta, pelo oscuro, piel mate, grandes ojos verdes, ternura y malicia, su boca sensual sonrío en permanencia, lleva un vestido de colores pálidos, recto y bajo las rodillas. Maravillados, felices, la seguimos, secubriendo el salón, los dos pisos y la cocina repleta de comida y de buenos vinos. Era la Payita, vivía una historia de amor con Allende, nos prestaba su casa.” (p. 118)

Para poder fazer parte do MIR, Carmen Castillo precisava, em suas palavras, ser discreta. Isso se dava não só na forma como se expunha socialmente, mas também nas roupas. Dentro da proposta de seguir um socialismo livre, precisava cumprir estritamente com as ordens sociais para se fazer invisível como militante para ser apta a estar com Miguel Enríquez, e dizia então a sua amiga Alicia Barrios: *“No más minis, ni vestido gitano, ni sombreros, se acabó la provocación, tengo que lograr convencerlo algún día de que soy capaz de discreción y sencillez”*. [...] *“Destruir la seductora, a la complaciente, recrear la distancia hacia los demás. No obstante, me sentía alegre, descubría el gozo de obedecer a las exigencias del hombre amado”* (p. 120)

Os Castillo circulavam bem entre a elite política chilena. Eram amigos próximos de Tomic, por exemplo, candidato pelos Democratas Cristãos, que ficou em terceiro lugar quando Allende venceu a eleição. Além disso, podemos encontrar situações como quando o vice-reitor de comunicações da Universidad Católica tem que renunciar por causa da pressão de estudantes de ultradireita, assume Jaime Bellalta, de centro, e pede que Monica seja como sua vice. “Fernando se niega a nombrarme, pero ante la insistencia decide que acepta, siempre que mi cargo sea ad honórem.” (p. 125) Ainda sobre isso: “A pesar de la guerra verbal y, a veces más que verbal, entre posiciones que parecían irreconciliables, todos nos consideramos amigos y nuestra casa está abierta para moros y cristianos hasta el día antes del golpe. Fernando – tanto

para la familia universitaria, como para el país – tiene fama de pluralista, pero, justamente eso lo vuelve más peligroso para los decididos a terminar – sea como sea – con esta experiencia. (p. 133)

“Para todos ellos nuestra conducta, tan proclive al “satánico gobierno de Allende” no tiene explicación. “Upelientos traidores, huevones, conchas de su madre...” nos gritan por teléfono voces anónimas, generalmente de mujeres. Yo, fuera de mí, les replico en igual forma.” (p. 136)

“Yo pertenezco a los JAP, una organización creada por el gobierno, con el fin de repartir equitativamente los pocos alimentos con que cuenta el país.” (p. 137)

*“Beatriz Allende, la Tati, me había pedido que trabajara junto a ella.”* (p. 148)

Régis Debray hablando sobre o Chile: *“Ese país magníficamente femenino transmitía ese mensaje libertario, el sufrimiento no redime”* (p. 149)

*“Un día de 1972, Allende me pidió mi renuncia: le habían traído las fotocopias del “Manual de guerrilla urbana” de los Tupamaros que había hecho en la fotocopiadora del ministerio de Relaciones Exteriores y eso ya sobrepasaba la medida. Con humor y ternura, el Presidente me devolvió a la serenidad de los pasillos de la universidad, a la clandestinidad de las reuniones de las células del MIR, y a Miguel...”* (p. 150)

*“Una vez más, la Tati, me libró de todo sentimiento de culpa. No debía sentir vergüenza de dejar La Moneda. Con su bendición, ponía fin a mi actuación de agente secreto, a esos agotadores ejercicios de dominio del doble. Libre, me hice cargo de mi destino de mujer enamorada, “una e indivisible”: no más máscaras, no más extravíos esquizofrénicos, suave descanso de la amante y labor de la militante. Volví a mi trabajo de investigación y de profesora de historia en la universidad, y al compromiso regular en el aparato de información del MIR.”* (p. 151)

*“Los meses que siguieron, el año que pasó, continuamos, la Tati y yo, juntándonos. Nos hablábamos de militante a militante, fuimos durante cierto tiempo, tan corto finalmente, dos mujeres que hablaban de igual a igual. El golpe de Estado nos separó de nuevo.”* (p. 151)

“Reanudo, un mes después del Golpe de Estado mis clases en el colegio Santa Ursula. Estas religiosas, consideradas cultas y pluralistas llaman a todo el profesorado y alumnas a un tedeum para agradecer la intervención armada. Sólo cuatro profesoras, estupefactas y molestas, nos negamos a participar.” (p. 158)

“Terminado el acto, me acerco a la madre Cecilia, inspectora general y gran música. Le cuento brevemente las atrocidades que se han producido, le agrego que el fascismo se ha

apoderado del país y, por último, que es una falta de respeto y cristianismo dar las gracias cuando hay muertos y heridos. Ella me mira de arriba para abajo con cierta impertinencia y me contesta: “Senhora Mónica, ¿no se dio cuenta que estábamos en manos de los comunistas?” Yo quedo perpleja. (p. 158)

“Esas monjas ursulinas que parecían tan preocupadas por la cultura, se han, definitivamente, transformado en grandes admiradoras del dictador y ni siquiera son capaces de darla una mano a una profesora que pide desesperada que oculten por una noche a su novio brasileño, ni recomendar ante la embajada de Alemania a su alumna Verónica Schoeger, detenida y embarazada, para lograr su expatriación. En diciembre del 73, yo renuncio a mi cargo de profesora.” (p. 162)

“Cuántas señoras de mediana edad o ex diplomáticos partieron a Buenos Aires en esas misiones secretas!” (p. 164)

*“Para la Resistencia que se organizaba en urgencia, Mónica se había convertido muy rápido no solo en uno de sus más eficaces enlaces, sino también en el pilar de la red encargada de encontrar refugios para los dirigentes clandestinos, de elegir y preparar a los “correos” hacia el extranjero. Era la mediadora ideal para asegurar las comunicaciones y la circulación de información de acciones con las embajadas, las ONGs, las asociaciones de derechos humanos, la prensa internacional, los abogados, mi tío Jaime el primero, y los curas que nos ayudaban a salvaguardar a los hijos y a los padres de los militantes en lugares seguros, los contactos con el cardenal, con el encargado de negocios de la embajada de Italia... Todos la respetaban. Su presencia, el hecho de que era la esposa del ex rector de la Universidad Católica, le daban legitimidad a nuestra demanda, gracias a ella conseguíamos comunicarnos con las redes de solidaridad de la sociedad civil.”* (p. 173)

Carmen fala uma serie de pessoas, incluso muitas mulheres, que como sociedade civil ajudaram a resistência: 174

Tia Mecha que conseguiu que tirassem Carmen do hospital militar e colocassem no avião para Europa. (p. 174)

Mónica Echeverría encontra com a já idosa Laura Allende, irmã de Salvador Allende, que está debilitada pelo câncer e por isso os médicos dizem que ela não viverá por muito mais tempo. Ela pede à Echeverría que articule com a liderança do MIR para que facilitem a ela uma arma para que ela mate Pinochet em uma de suas aparições durante os desfiles: “Cuando el tirano asista a una manifestación, yo, una mujer de edad, vestida como todas, podré infiltrarme entre la multitud sin llamar la atención. Entonces descargaré el arma, mataré a Pinochet. Sé que

podré hacerlo”. Sus ojos se iluminan, está radiante. “Que me matarán después, que importa, si debo morir de todos modos. Por lo menos así mi vida tendrá un sentido”. (p. 182) Os comunistas e miristas se negam e dizem que eles já possuem muitos jovens preparados para isso, e que não usariam uma mulher para algo tão perigoso e difícil. Um mês depois ela se atira da janela e se mata. Anos mais tarde Mónica pergunta a Andrés porque não atendeu aos últimos pedidos de uma mulher doente, moribunda. E ele responde “¡Que hijo mandaría a su madre a la muerte!” (p. 181, 182)

“Tenemos a cuadros formados por jóvenes preparados para eso, cómo se les ocurre que vamos a utilizar a una mujer para algo tan peligroso y difícil” (p. 182)

*“De estaciones en aeropuertos, nuncaparaba, una ciudad tras otra, mitines, conferencias de prensa, reuniones. Una agenda cargada. El personaje de la viuda heroica era solicitado. Obediente, me presté para jugar ese rol. El asco crecía.”* (p. 185)

Em fevereiro de 1976 Carmen vai para uma reunião do MIR em Berlin, e ao ver todos os rostos apontados para ela, entra em pânico. *“Pánico. Sé que descifran la impostura, de hecho no sé que decirles, cómo encontrar las palabras de la línea política de la resistencia a la dictadura, ya se me olvidó la lección, la consigna de hoy: “una combinación de formas de lucha”, sí, no sólo la lucha armada, descartar el terrorismo, acumulación de fuerzas. Imposible, las palabras se me escapan, no entiendo el sentido que tienen, sigo tropezándome, tartamudeando, confundiendo todo.”* (p. 186)

Beatriz encontra Carmen um pouco antes dela ter o filho e depois. (p. 186, 187), todo diálogo é muito duro e prático. A militante Beatriz parece ver as pessoas como ferramentas, e não como pessoas que tem sentimentos e desejos. *“Cálmate, el niño no vivirá, no así; yo me encargo”* (p. 187), *“No necesitas ni medicamentos ni terapia, estás bien, aquí estamos, anda, llora otra vez, la puerta está cerrada.”* (p. 187) *“No te preocupes, les diremos que estás enferma, no tengas miedo, quédate tranquila, llora otra vez. Complot de mujeres. La dirección del MIR cede: puede irse. La Tati discute en mi lugar, finalmente obtiene el acuerdo para mi partida a París.”* (p. 188)

Carmen não queria ficar em Cuba e nem Beatriz queria que ela ficasse, pois não era possível viver nem sobreviver lá. *“Lo trivial de las mezquindades se filtra en un departamento tras otro, vigilancia, envidia, delación de todo afecto porque equivale a una traición, al muerto o al prisionero. En La Habana, había que aplastar nuestra manera de ser mujer, la libertad que habíamos conquistado en Chile hacía de nosotras esos seres insólitos. Impotente, las palabras para siempre engullidas, los pensamientos, que olían mal, me invadían.”* (p. 188)

Maria, militante brasileira que morava na casa com Carmen no inicio do exilio na França: 190: *“En ese departamento, vivía con María, una joven brasileña, militante del MIR, exilada dos veces, en Chile primero, y luego en Francia, huyendo cada vez de una dictadura. Morena, un cuerpo largo, anteojos redondos y un carácter rudo e independiente. Me empuja, me sacude, sin compasión. María también es una sobreviviente, pelea con sus propios demonios, debe trabajar y militar. Piensa que me complazco en la impotencia, que he dejado de ser una combatiente, que me someto a las órdenes del partido, que soy floja, bulímica, que no me ocupo de mi hija, que ya basta, está cansada de la permanente invasión de la casa: llegan militantes, duermen una noche o dos, se van. El amante, libreta de notas en la mano, viene a hacer preguntas, es mal educado, la agrade con sus malas maneras. María se va.”* (p. 190)

“Dos días después nos enteramos con certeza que Fernando José está arrestado en una unidad militar y que Consuelo está recluida en la Casa Correccional de Mujeres administrada por las monjas del Buen Pastor. Por mucho que alegamos que Consuelo es menor de edad la sanción no es modificada. Cuando Jaime Castillo, mi cuñado, logra visitarla, ella, rodeada de prostitutas, homicidas y ladronas, le cuenta que las religiosas se parecen más a un sargento militar que a una virtuosa monjita, y compungida agrega que ese día por la mañana la superiora les ha impartido una charla sobre los peligros del acto sexual y las diferentes posiciones que éste implica. (p. 199)

A avó conta a Carmen sua versão dos fatos: *“Cristián, tu hermano”, dijo ella, “no se daba cuenta que yo lo veía esconder unas cajas raras en las macetas de la terraza. No le dije nada. Salvo que un mes después del golpe, durante la perquisición en el departamento de Rafa Gumucio, pensé que pronto me tocaría a mí. Entonces, discretamente, saqué algunas de esas cajas en las que encontré unas balas grandes de pistola o de ametralladora, no sé, las dispersé una por una en las jardineras de los corredores en la planta baja. Las cajas más chiquitas las envolví muy bien con papel de regalo, le pedí ayuda al cuidador que me quería mucho. Atravesamos la ancha avenida Costanera, frente al edificio, y tiramos los lindos paquetes al río Mapocho, sin intercambiar palabra”.* (p. 212)

Carmen recebe um amigo, Olivier, que acaba de saber do suicídio de Beatriz Allende. Carmen afirma que com ese amigo pode expresar sua dor, despirse da máscara de militante sem sentimentos e cita: *“La Agencia Prensa Latina no precisa que dejar La Moneda en el 11 de septiembre, implicaba admitir que la mujer debía apartar a la militante. Allende le había rogado que partiera, que dejara el lugar antes de que fuera demasiado tarde. Tenía seis meses*



de embarazo. *'Tienes que irte para que nazca tu hijo. Pero si no puedes ser al mismo tiempo mujer y militante te jodiste'.*" (p. 213, 214)

Sobre os comentarios simplórios do jornal que anuncia a morte de Beatriz: *"Sin embargo su acto implica a todas las mujeres que sobreviven en los límites de la acción y de la muerte, le decía yo a Olivier, empezando por mí." [...]* *"Partidas en dos cuando la distancia se estira demasiado, nos desgarramos. Porque una mujer entre los hombres no puede hablar, porque esa soledad de las mujeres, esa autodestrucción cotidiana también es una forma de suicidio. Para ella la pistola, porque era parte de su vida, para otras los tranquilizantes, los golpes a nuestros cuerpos, el alcohol... Nunca hablamos de ese sufrimiento, culpables de oscilar cada día entre el sobrevivir y el suicidio, al borde del precipicio."* (p. 214)

Sobre Laura Allende, Beatriz Allende escreve em um bilhete para Carmen: *"Está muy bien, escribe Tati, su cáncer parece controlado. Ya puede retomar su trabajo en la solidaridad"*. (p. 215)

*"Una militante se suicida cuando debe enfrentar la ausencia de coherencia política, la ausencia de enemigos identificables. Beatriz muere de no poder luchar. Su personaje político, lo que debía representar, esa mujer dirigente, la fabocitó. La coraza se endureció y la asfixió, la estranguló."* (p. 216)

*"El ejemplo de estas mujeres es seguido en varias otras poblaciones. "Ahora que nuestros hombres están encarcelados, han sido muertos o pasan tirados en la casa medio alcohólicos, nosotras hemos tomado su relevo y la población obedece nuestras órdenes – dicen orgullosas."* (p. 224)

*"Creo, hoy día, meditando sobre ese pasado, que nunca los hombres habrían podido hacer esa labor: demasiadas rencillas políticas, celos y egoísmos. Ellas no pierden tiempo en tonteras, todos son bienvenidos, siempre que estén dispuestos a obedecer y pelear por lo justo."* (p. 224)

*"Ana María Allendes, apolítica, contraria a la Unidad Popular, que está a cargo de los talleres de títeres, es igualmente bien recibida y ella se encanta con esas nuevas amigas. Al marido de Blanca, condenado a quince años en la cárcel, lo va a ver frecuentemente, y se hace cargo de la familia de Claudina cuando ésta es relegada a la isla Chiloé"* (p. 224)

Sobre a atuação da CNI, comparável a DINA: *"Dentro de ese espanto, recuerdo el caso de la estudiante y militante detenida, que dejan libre devolviéndole su mochila con una bomba oculta. Transitando ella en bicicleta, rumbo a su casa, desde la distancia accionan el explosivo donde muere totalmente despedazada. La opinión pública se convence sólo semanas después,*

por investigaciones de los Derechos Humanos, que esto ha sido un burdo montaje de la represión.” (p. 231)

Carmen Gloria Quintana: estudante da população Villa Francia que junto de Rodrigo Rojas (fotógrafo filho de exilados) são queimados vivos pelas forças de repressão e seus corpos são abandonados num campo. Ela sobrevive. (p. 233)

Pinochet consegue se salvar do atentado à sua vida liderado pela Frente Patriótico e diz em cadeia nacional que é a virgen de Carmen que o livrou: “Nos costó convencernos, y varios amigos ateos putearon a la Virgen del Carmen, por entrometida.” (p. 235)

Mujeres por la vida: “Después de su primer acto en El Cariola en el año 1983, el movimiento “mujeres por la Vida” continúa su quehacer contra la dictadura en múltiples actos: ayunos, cartas, pegatinas de afiches, romerías al cementerio, manifestaciones en plazas, frente a los tribunales, a los regimientos, en las cárceles y aún en casas de tortura.” (p. 246). A elas são agregados outros movimentos pelos direitos humanos, fazendo com que tomem mais força.

*“En 1965, la Flaca Alejandra tenía diecisiete años, empezaba a militar en el MIR en Concepción, el lugar fundador del grupo revolucionario. Durante los años de militancia, la Flaca, larga y delgada, aseguraba “como un hombre” la organización del partido en Santiago, parecía impacable.”* (p. 273)

*“Detenida por segunda vez, el 1 de agosto de 1974, tres agentes de la DINA vinieron a buscarla a la cárcel. Traslada a Santiago, atrocemente torturada en una casa del centro de la ciudad, calle Londres, número 38, Marcia se quebró, habló, entregó nombres y direcciones.”* (p. 273)

*“La Flaca fue durante tanto tiempo una ‘cosa’, sin forma, maleable, una zombi activa entre las manos de los militares, para provecho de ellos.”* (p. 273)

*“por largo tiempo no supe más quién era yo, el espejo me mostraba una cara desconocida”* (p. 274)

Tentativas de suicídio de Carmen: 274

Sobre La Flaca que é quebrada na tortura, de militante passa a informante e depois tem um caso com um militar casado, mas depois depõe contra os militares na Comissão da Verdade (p. 272 - 279).

Sobre La Flaca: *“También les tenía miedo, cada noche olvidaba un poco más”* (p. 274)

*“Vivía, amnésica, días miserables, sabía que los activistas de derechos humanos la buscaban, tenía miedo, tenía vergüenza, se escondía.”* (p. 275)

*“En 1992, unas mujeres sobrevivientes lograron, por fin, encontrarla, verla, no para acusarla sino para pedirle su testimonio en los procesos. Frente a la foto del cadáver martirizado de su amiga, la Flaca empezó a recordar poco a poco el pasado. Quizás, en ese reencuentro, volvió al instante del horror y de la fraternidad, los dos instantes, quizás fue el calor de los que todavía veían en ella a la Flaca de antes, a un ser humano, lo que le dio la fuerza para recordar, la valentía para hablar.”* (p. 274, 275)

*“Los recuerdos de la Flaca afloran por fragmentos, resquebrajados, a veces como un torrente que la derriba.”* (p. 276)

*“En París, durante la escritura del libro Un día de octubre en Santiago, en 1979, me había reunido con una sobreviviente de la casa de tortura José Domingo Cañas. Tuve presente su relato cada día durante todos esos años. Sobre el suelo desnudo de la celda, la noche fría, dos mujeres presas, los ojos vendados, acostadas... Un grito terrible brota de una de ellas, pide socorro, llora. La otra mujer la araza, la acaricia, le habla con dulzura: “Sólo es una pesadilla, querida, no tengas miedo, aquí estoy”. Lumi, su cuerpo deshecho, abrazaba, consolaba a la Flaca, la que la había entregado, la que había señalado a los compañeros en las calles, la que temblaba... ¡la colaboradora! Supe que nunca olvidaría esa imagen, que me acompañaría para destruir cualquier tentación de juzgar, o el inútil resentimiento, que quizás algún día me permitiría mirar de frente a la realidad, la cara humana del terror.”* (p. 276)

La Flaca publicamente pedindo perdão: heroína, traidora ou testemunha? (p. 276)

Sobre La Flaca: *“Poco a poco, me permití pensar que podría hacer una película, tomar su palabra, apoderarme de esa memoria que resurgía.”* (p. 277)

Sobre La Flaca: *“Diana, hasta el final sostiene que no sabe nada. Lumi finge colaborar. Otros sueltan trozos de información, preservan lo esencial, algunos hasta logran no ver más el dolor. Casi todos han muerto. La Flaca Alejandra, Luz y Carola traicionaron. Pero Gladys Díaz y Miriam Ortega lograron callar, a pesar de los sufrimientos atroces, las cinco sobrevivieron. No hay lógica en estos lugares.”* (p. 278)

## APÉNDICE 3

TW: EL TROPICAL VUELO  
DEL SOL DE LA MEMORIA  
DA LIBERDADE

TW:

El TROPICAL vuelo  
DEL SOL de la memoria  
DA LIBERDADE



**ANA MARIA  
MACHADO**

Mónica Echeverría  
Carmen Castillo

*Deborah Vieira*

Eu bem queria que tudo fosse  
ficção - gerada por algoritmo  
de computador.

Tudo que se escreve a caneta pode desaparecer com o tempo. Já o grafite não desaparece com o tempo. O lápis fere o papel. O lápis fere o papel. Como o trauma fere o corpo. A pele machucada cicatriza. Ou não. A memória maculada pode ser limpa? O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos. A fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros. Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele. O corpo é temporário, volta ao pó. E quanto à escrita? A escrita é escrita se ninguém lê? Meu corpo é escrito se ninguém vê?



Tudo que se escreve a caneta pode desaparecer com o tempo. Já o grafite não desaparece com o tempo. O lápis fere o papel. O lápis fere o papel. Como o trauma fere o corpo. A pele machucada cicatriza. Ou não. A memória maculada pode ser limpa? O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos. A fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros. Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele. O corpo é temporário, volta ao pó. E quanto à escrita? A escrita é escrita se ninguém lê? Meu corpo é escrito se ninguém vê?

Tudo que se escreve a carvão pode desaparecer com o tempo. Já o grafite não desaparece com o tempo. O lápis fere o papel. O lápis fere o papel. Como o trauma fere o corpo. A pele machucada cicatriza. Ou não. A memória maculada pode ser limpa? O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos. A fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros. Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele. O corpo é temporário, volta ao pó. E quanto à escrita? A escrita é escrita se ninguém lê? Meu corpo é escrito se ninguém vê?

*Ese país magníficamente femenino transmitía ese mensaje libertario, el sufrimiento no redime...*

É claro que o espaço brasileiro também fazia parte de sua existência, a natureza, a língua comum, as festas, os costumes, a cultura compartilhada, as lembranças infantis. Mas não conseguia deixar de sentir que havia uma espécie de maldição que condenava sua vida a se entrelaçar de tal maneira com os acontecimentos políticos de sua época que não podia pensar neles como algo exterior a ela. Tudo vinha de dentro. Como os filhos de seu útero. Maldição ou bênção, sabe-se lá o quê. Mais mátria do que a pátria, afinal, tudo parindo e sendo parido das mesmas entranhas. Como se o Brasil fosse ao mesmo tempo filho e mãe dela, mulher brotada das pernas abertas da história, e por sua vez concebendo o futuro do país dentro do ventre. Sequência fêmea e fértil, de dor, sangue e leite.

Chile, mi nación, una extensión de tierra sud-americana que apenas se divisa en los mapas por lo angosta y larga. Cuatro mil doscientos kilómetros de longitud sin contar la región Antártica y de sólo doscientos kilómetros, término medio, de ancho. Entre la inmensa cordillera de los Andes a un costado y el extenso mar Pacífico sin límites hacia el otro. Con un clima tan variado como su longitud. Somos prisioneros de la naturaleza. ¡Cómo salir, cómo arrancarse hacia otro lugar menos implacable y aterranté! ¿Somos una isla de los confines del mundo? ¿Somos un país inventado, que no tiene existencia real?

Deus do céu, será que o Brasil caminhava para um terror daqueles e só agora ela percebera? Como todos aqueles personagens que ela já tinha visto no cinema e que não desconfiavam dos horrores que se aproximavam? Ainda hoje Amália se dava conta de que foi aí, nesse dia, mais do que em qualquer passeata estudantil ou qualquer pancadaria policial, foi aí que ela percebeu o grau de violência a que sua terra tinha chegado. E, pela primeira vez na vida, chorou pelo Brasil.



*Esse país magnificamente feminino transmite esse mensage libertário, el sufrimiento no redime" ...*

É claro que o espaço brasileiro também fazia parte de sua existência, a natureza, a língua comum, as festas, os costumes, a cultura compartilhada, as lembranças infantis. Mas não conseguia deixar de sentir que havia uma espécie de maldição que condenava sua vida a se entrelaçar de tal maneira com os acontecimentos políticos de sua época que não podia pensar neles como algo exterior a ela. Tudo vinha de dentro. Como os filhos de seu útero. Maldição ou bênção, sabe-se lá o quê. Mais mátria do que a pátria, afinal, tudo parindo e sendo parido das mesmas entranhas. Como se o Brasil fosse ao mesmo tempo filho e mãe dela, mulher brotada das pernas abertas da história, e por sua vez concebendo o futuro do país dentro do ventre. Sequência fêmea e fértil, de dor, sangue e leite.

Chile, mi nación, una extensión de tierra sud-americana que apenas se divisa en los mapas por lo angosta y larga. Cuatro mil doscientos kilómetros de longitud sin contar la región Antártica y de sólo doscientos kilómetros, término medio, de ancho. Entre la inmensa cordillera de los Andes a un costado y el extenso mar Pacífico sin límites hacia el otro. Con un clima tan variado como su longitud. Somos prisioneros de la naturaleza. ¡Cómo salir, cómo arrancarse hacia otro lugar menos implacable y aterrante! ¡Somos una isla de los confines del mundo! ¿Somos un país inventado, que no tiene existencia real?

Deus do céu, será que o Brasil caminhava para um terror daqueles e só agora ela percebera? Como todos aqueles personagens que ela já tinha visto no cinema e que não desconfiavam dos horrores que se aproximavam? Ainda hoje Amália se dava conta de que foi aí, nesse dia, mais do que em qualquer passeata estudantil ou qualquer pancadaria policial, foi aí que ela percebeu o grau de violência a que sua terra tinha chegado. E, pela primeira vez na vida, chorou pelo Brasil.

"Gilda é chilena. Os chilenos foram uma leva diferente. Chegaram depois dos outros. Foram os últimos a se exilar e caíram de mais alto. Tinham visto o sonho bem de perto ou até chegado a viver um pouco dentro da utopia. Com todos os seus problemas, vá lá, mas, enfim, até acreditaram que na América Latina um governo popular e independente poderia chegar ao poder pelo voto e tentar construir uma sociedade ao mesmo tempo mais justa e democrática. Por causa deles, todos nós até acreditamos. Mas, justamente por terem chegado mais perto, se machucaram mais na queda.

"Un socialismo con vino tinto y empanadas" como lo acuñó Allende.

Vivia numa nação tão distorcida, numa sociedade tão doente que, a não ser que se anestesiasse, como tantos faziam, acabava se sentindo mal por coisas tão simples como essa, a de ter uma reação singela diante de uma tempestade, de fruir a água caindo, seu volume, seu peso, seu som. E se sentia atingida. O mesmo sistema injusto, que mantinha tanta gente na miséria, ao mesmo tempo a roubava de um dos seus direitos mais elementares: o de se integrar na natureza sem culpa.

Durante las décadas entre el 40 hasta los inicios de los setenta, Chile será el país del asilo contra la opresión en que aceptamos exiliados, enriqueciéndonos con el aporte de intelectuales, políticos y artistas que nos abren las puertas hacia otras culturas. Esta situación, que nos llena de orgullo, nos hace creer que somos inmunes a la intervención de Estados Unidos y que nuestra democracia es imbatible. La soberbia llega a cegarnos en tal forma que nos proclamamos la Suiza de este continente. Chile es un país democrático, sin censuras ni restricciones, olvidándonos de nuestras dictaduras recientes y del potencial militar que es utilizado en represiones obreras. Nuestra derecha simula su adhesión a ese sistema pero, ¿por qué no, "mientras conservemos nuestros privilegios económicos"? —murmuran en su fuero interno— y la izquierda tan ingenua como siempre no huele el peligro.

Desde que eu era pequena, ouço dizer que ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil. Já vou me convencendo de que elas é que vão ganhar...

En un acto de repudio al dictador realizado frente a la Facultad de Medicina de la Universidad de Chile es asesinado por fuerzas policiales el estudiante Jaime Pinto. Posteriormente durante su entierro otro universitario, Alberto Zañartu, es abatido por balas policiales. Ambos asesinatos desencadenan un paro general de tres días generando revueltas callejeras incontrolables.

— Ah, isso sim, deve ter sido no começo de junho. Mas as manifestações aqui já tinham começado muito antes de maio, antes da França. Desde que a polícia atirou naquele rapaz lá no restaurante universitário.

Isso tinha sido em março, lembrava Lena. Começo do ano letivo. Uma manifestação qualquer, comum, corriqueira, de estudantes contra um aumento de preço da refeição. A polícia chegou atirando e matou um garoto, depois quis carregar o corpo para longe, sumir com ele. Os estudantes não deixaram. Brigaram pelo cadáver e acabaram ganhando.

Pero, sobre todo, lo que nunca olvidaré es la trágica masacre de sesenta y tres estudiantes indefensos atrincherados en el Seguro Obrero. Varios son amigos de mi hermano José y la mayoría son hijos de conocidas familias de la burguesía. El impacto social de tal asesinato definitivamente hundió el prestigio del otrora popular León. Se trataba de jóvenes universitarios y de empleados públicos acomodados, aunque las masacres de obreros salitreros de La Coquina y San Gregorio también ocurren en el mismo período y fueron atroces. Sin embargo, en el inconsciente colectivo —esas víctimas— no son consideradas dignas de tomarse en cuenta.

— Sem dúvida. Esses caras estão boureos para mostrar que quem manda são eles, e até hoje não engoliram aquele monte de gente protestando na rua quando morreu aquele rapaz. Acho que pode ficar muito feio...

[REDACTED], de repente não eram mais palavras vazias, eram um desafio ao governo militar, a um poder usurpador que prendia, torturava e matava. E a multidão seguia o caixão pelas ruas, gritando o Hino Nacional como se fosse uma resposta ao arbítrio: [REDACTED]



**F**ILME TEM CORTE. AFIADO. QUANDO UMA CENA TEM UM impacto muito grande, o diretor ou o montador podem interrompê-la de repente, emendar com outra acontecida em outro tempo e lugar, e pronto. O espectador depois vai entendendo o que aconteceu, ao acompanhar o resto da narrativa. Têtro tem mil recursos — basta apagar uma luz, acender outra, muda tudo. Vida não tem nada disso, nenhuma suspensão comparável. Várias vezes Lena tinha pensado nisso. Vontade de dar um corte na cena. Interromper. Acordar do pesadelo. Levantar os olhos do livro. Mudar de canal. Desligar o aparelho. Só retomar muito depois, em outro momento, depois de respirar, refazer as forças para enfrentar.

Nada disso era possível. Era preciso sempre viver cada hora com todos os seus minutos e segundos, todas as providências miúdas do quotidiano misturadas, sem qualquer possibilidade de selecionar apenas os fatos que quisesse privilegiar. Quando vieram prendê-la, por exemplo, ela estava fritando um bife. Teve que pensar na carne que queimava na cozinha se não apagasse o fogo. E, antes de ser levada, lembrar de desligar a vitrola. Como antes de abrir a porta, não esquecer de enfiar rapidamente debaixo do tapete um bilhete de Alfredo que não queria que ninguém visse.

Lembrança não tem jeito. Teoricamente, a gente pode dar corte, interromper, desviar.

*Imposible reconstruir la trama, te lo dije, te previne, no puedo poner orden. Por trozos entrecortados se dibuja esta línea de vida, en mis recuerdos no se puede confiar.*



— Escute, Lena. O que eu estou dizendo é que alguém tem que contar essa trajetória. E você pode fazer isso bem. Se não quiser apresentar como testemunho, ou depoimento, muito bem, não apresente. Mas não vai se livrar de nada. Vai dar no mesmo. Todos vão ficar achando que qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, não é mera coincidência. Você diz que é ficção e vai ficar todo mundo querendo descobrir a quem se referem os fatos, quem é o equivalente real de cada personagem. No fim, ainda vão te acusar de autobiográfica, confessional, sei lá, esses peccados de romancista. Ainda acho melhor você partir para ser jornalisticamente objetiva e contar o que você viu e viveu.

— Contar a história da periferia?

Honório estranhou:

— Periferia? Não. A tua mesma. Garotinha classe média, universitária, Zona Sul do Rio. Não me venha com essa conversa de trabalho de periferia, alternativas culturais, essas coisas, não agüento essas chavões...

Essa consciência dói mais do que a náusea, a dor de cabeça, ou qualquer coisa física que sentisse. Como é que podiam achar que ela estava melhorando, porra? Melhorar era isso? Ficar dividida entre dois mundos? Parecer bonitinha e boazinha no mundo lá fora que todo mundo está vendo, feito aquelas meninas exemplares dos velhos livros infantis, enquanto num outro mundo lá dentro a cabeça girava em moto contínuo, pensando e lembrando sem parar, e ela não conseguia partilhar a vertigem com ninguém?

Ainda por cima, isso acontecia bem na hora em que ia chegando à conclusão de que ia mesmo fazer o seu trabalho, juntar as entrevistas, analisar as cartas e depoimentos, misturar os fatos dos recortes da imprensa com as lembranças doídas da memória, tentar ordenar os fragmentos, arrumar numa peça, expor o drama, conta no palco a tal trajetória de uma mulher na periferia dos acontecimentos...

Mónica, su texto no tiene el color de una autobiografía, sólo la iniciación a una vida en la cual el compromiso contó. Su existencia se amalgama con la lucha, la política una potencia sin garantía, una silueta incierta dibujada en la niebla espesa. El porvenir de los revolucionarios no tiene nada que ver con el futuro de la Revolución, repites. Tu pensamiento, Mónica, se inscribe en ese espacio-tiempo. Construíste un destino de mujer libre, comprometida más allá de los muros de nuestras casas, de la Cordillera y del Pacífico. Sin promesas de futuro, nada más la lucha para acabar con esas realidades de injusticia y opresión, una resistencia que inventar, cada día, un disco por cumplir, a nuestro propio riesgo. Y recibo en herencia ese mensaje.

Volta e meia Lena pensava nisso, já havia algum tempo. Quanto mais se propunha a mexer com as palavras em um contexto não-jornalístico, mais se afligia com esse problema. A linguagem deixava de servir apenas para se comunicar, informar, dar notícias de maneira impessoal. E passava a expressar, manifestar mundos que pressionam de dentro para fora, enquanto se narra um fato ou conta uma história. E ela ia ficando muito sensível às coisas ditas e ouvidas, dentro do convívio cotidiano, descobrindo significados em tudo, como se padecesse de uma doença sem cura e enxergasse sentidos escondidos onde os outros só viam transparências. Analogamente, ia escolhendo melhor suas palavras nas conversas. Percebia que tinha uma tendência a falar cada vez menos, guardar zonas reservadas. Ou então, em situações emocionais, disparava mais perto do alvo. Com ironia ou sarcasmo, por exemplo. Ou fazendo piada. Como um músico cantarola ou assobia.

piel purulenta, la mía. Pánico. Sé que descifran la impostura, de hecho no sé qué decirles, cómo encontrar las palabras de la línea política de la resistencia a la dictadura, ya se me olvidó la lección, la consigna de hoy: "una combinación de formas de lucha", sí, no sólo la lucha armada, descartar el terrorismo, acumulación de fuerzas. Imposible, las palabras se me escapan, no entiendo el sentido que tienen, sigo tropezándome, tartamudeando, confundiendo todo.



*Imposible atrapar el vuelo del recuerdo, fulgores de la memoria, a veces un gesto los anima, pero la pregunta se mantiene lejana, fuera de lugar.*

tua trajetória. Você devia registrar isso, dar um depoimento...

Ela resolveu implicar com ele para disfarçar um certo constrangimento, tentar fazer piada:

— Esse negócio de depoimento é para preso.

— Estou falando sério. Conte sua história, dê seu testemunho. Você nunca pensou nisso? Afinal, sua profissão é escrever. Há anos...

Lena disse a verdade:

— Não, nunca pensei nisso. Minha profissão é ser jornalista, não é escrever depoimentos pessoais. E não acredito nisso. Acho mais honesto assumir logo que essa história de depoimento pessoal é uma ficção, uma parte do gênero romanesco, se é que isso existe em literatura, assim, com esse nome. Quer dizer, uma maneira inventada de contar as coisas, fazendo de conta que elas aconteceram assim, mas não aconteceram. E você sabe disso melhor do que ninguém.

Dessa vez ele discordou mesmo:

— Deixe de bobagem, Lena. É claro que existem certas convenções. Quando o cara seleciona, deixa de fora algumas coisas... Não dá para contar tudo...

— Mas não é só isso. Tem gente também bancando o herói, contando coisas que não fez, faturando epopéia e charme em cima das ações dos outros, para não falar de coisas mais graves.

— Você está sendo muito rigorosa. Muitas vezes o cara que escreve já está tão queimado que é melhor assumir logo uma coisa que os outros fizeram, porque ele já está fodido mesmo, não adianta prejudicar os companheiros contando a verdade. É também uma questão de segurança. Ou você ia querer que o cara ficasse entregando os outros em nome da fidelidade aos fatos?

A pergunta dela revelava um certo ceticismo, o tom de voz tinha um fundo de irritação:

*A pesar de todo, a pesar de mí, surgen algunos instantes, entre las piedras de París, y toman forma para ti, Mónica, frases sobre las travestidas de antaño, momentos de vida borrada y sin embargo siempre presente. ¿Seré yo quién los borra? En su lugar no hay más que blanco, el brillo lejano de la nieve sobre la Cordillera, una ilusión de transparencia, de pureza antes de que vuelva la opacidad de la bruma espesa.*

— Mais de dez anos depois? Com anistia e tudo pelo caminho? Pra cima de mim com essa conversa, Honório? Nem vem que não gente sabe que o buraco é mais embaixo. Se não puder contar a verdade, não conta. Tudo bem. Mas não conta também a mentira fingindo que é verdade, depoimento pseudofactual para alimentar os historiadores do futuro...

A ironia era crescente, já quase agressiva, ia ficando francamente irritada ao prosseguir:

— É mais honesto reconhecer logo que não se vai contar a verdade e partir para uma narrativa de ficção, misturar personagens, fundir situações, inventar coisas novas, cortar o que não interessa. E aí já é outro caso. É muito capim pra minha égua, como dizia minha avó. Precisava ser artista, deixar a palavra emprenhar mesmo o tal depoimento, virar uma coisa mais fértil do que um testemunho de fatos, tentar um testemunho em outra esfera, sei lá...

A implicância de Honório passou a ser carinhosa, meio paternalista, talvez, mas desistindo do confronto:

*Yo, columna vertebral rota, cuerpo descuartizado, me someto a su deseo. Bajo su imposición, comienzan a surgir imágenes dispersas y algunas obsesiones.*

*Mi madre siempre gana.*

Mais uma vez Lena se debatia de encontro à vidraça que separa a memória e a fantasia, a ficção e a realidade. Voltava ao ponto já tão discutido com Honório, comprovava que evitar o depoimento, o testemunho e a confissão não implica se ausentar de cena. Pelo contrário, acaba forçando uma presença mais intensa, mais exacerbada até, obrigando a condenser traços dispersos de maneira simbólica. Como o trabalho de um sonho. Só que consciente, aí estava todo o problema. Ou, pelo menos, parcialmente consciente.

Era bem assim. Como a água mina da fonte. Para chegar a cumprir seu caminho e se dissolver na imensidão verde do mar, primeiro era preciso que a terra drenasse seu lençol d'água. A memória tinha coisas parecidas. E havia momentos em que era indispensável recordar.



*Habría podido escribir la palabra "Miedo" en el cuaderno de cada uno de esos años 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989... Pero después también. A pesar del retorno a la democracia, 1990, 1991, 1992 fueron años de miedo.*

— Mas, claro que acredito, Lena. É lógico. E você, que é uma moça inteligente, vai acompanhar meu raciocínio. Se, torturando um cara, se consegue que ele desse as informações que iam evitar novos atos de terrorismo, informações essas que não podiam ser obtidas de outra maneira, então torturar era uma forma de salvar vidas.

Ela percebeu que o chefe não estava gozando, fazendo piada, como pensara. Era sério. Sentiu repugnância, crescente indignação, mas tentou ficar fria e argumentar.

— Barros, nada justifica a tortura. Nada mesmo. Nenhum raciocínio, por mais tortuoso que seja.

Dentro de esse espanto, recordo el caso de la estudiante y militante detenida, que dejan libre devolviéndole su mochila con una bomba oculta. Transitando ella en bicicleta rumbo a casa, desde la distancia accionan el explosivo donde muere por despedazada. La opinión pública se conmueve y se comienzan las investigaciones de los Derechos Humanos, que esto la síndica formando montaje de la represión.



o Brasil não estava sendo e se recusava a ver do avião, carregada por um companheiro, por quem se andava. Viu as cicatrizes no corpo de Honório, e nas e os abraços de Rodrigo, atrofiados, subitamente finos, de ficarem pendurados no pau-de-arara. Viu as gengivas de Gabriel em carne viva, uma chaga só, de tanto levar choque elétrico. As lágrimas queriam impedi-la de ver mais. Mas ela tinha que ver tudo, era o mínimo que podia fazer. Ver para contar.

Extienden un lieme: "Aquí e tortura". En Santiago en las calles 'tanto y tanto' existen lugares ocultos en que tus hermanos son maltratados". Cuando se aproximan los guatacos o tanquetas para disolverlos se tienden en el pavimento, estomando un salmo, y reciben palos y chubros de agua con gases, sin moverse, sin gritar. "Esa es la forma de combatir que asumiremos nosotros los cristianos, inspirados en Gaudí y Martí" nos a la teología de la liberación" me explica Mariano Puga, el cura obrero.



Uma amiga participava em el movimento estudantil y un día los militares llegaron a su casa para arrestarla. Ella logró huir saltando el muro y pasó meses escondida en otra ciudad.

Quando era criança, vi uma mulher na delegacia presa com as mãos para cima. O sangue de sua menstruação lhe escorria pelas pernas.

foi velado em casa con dos de mis hijos, la mayor de catorce años y la menor de 6 meses. Cuando dan vuelta a la esquina de mi casa encuentro toda la casa tomada con militares armados en un camión y otros arrojados espontando hacia una casa. A nosotros nos dejaron entrar a la misma

— Mas, claro que acredito, Lena. É lógico. E você, que é uma moça inteligente, vai acompanhar meu raciocínio. Se, forturando um cara, se conseguia que ele desse as informações que iam evitar novos atos de terrorismo, informações essas que não podiam ser obridas de outra maneira, então torturar era uma forma de salvar vidas.

Ela percebeu que o chefe não estava gozando, fazendo piada, como pensara. Era sério. Sentiu repugnância, crescente indignação, mas tentou ficar fria e argumentar.

— Barros, nada justifica a tortura. Nada mesmo. Nenhum raciocínio, por mais tortuoso que seja.

Dentro de ese espanto, recuerdo el caso de la estudiante y militante detenida, que dejan libre devolviéndole su mochila con una bomba oculta. Transiendo ella en bicicleta, rumbo a su casa, desde la distancia accionan el explosivo donde muere totalmente despedazada. La opinión pública se convence sólo semanas después, por investigaciones de los Derechos Humanos, que esto ha sido un burdo montaje de la represión.

O Brasil não estava vendo e se recusava a ver. Viu a moça descer do avião carregada por um companheiro, porque não podia mais andar. Viu as cicatrizes no corpo de Honório, em close. Viu as pernas e os antebraços de Rodrigo, atrofiados, subitamente finos, de ficarem pendurados no pau-de-arara. Viu as gengivas de Gabriel em carne viva, uma chaga só, de tanto levar choque elétrico. As lágrimas queriam impedi-la de ver mais. Mas ela tinha que ver tudo, era o mínimo que podia fazer. Ver para contar.

Extienden un lienzo: "Aquí se tortura." En Santiago en las calles tanto y tanto existen lugares ocultos en que tus hermanos son maltratados". Cuando se aproximan los guanacos o tanquetas para disolverlos se tinden en el pavimento, entonando un salmo, y reciben palos y chorros de agua con gases, sin moverse, sin gritar. "Esa es la forma de combatir que asumiremos nosotros los cristianos, inspirados en Gandhi y próximos a la teología de la liberación" —me explica Mariano Puga, el cura obrero.

Uma amiga participava em el movimiento estudiantil y un día los militares llegaron a su casa para arrestarla. Ella logró huir saltando el muro y pasó meses escondida en otra ciudad.

Quando era criança, vi uma mulher no delegacia presa com os braços para cima. O sangue de sua menstruação lhe escorria pelas pernas.

Elo volvia a mi casa con dos de mis hijos, la mayor de cuatro años y la menor de 6 meses. Cuando doi vuelta a la esquina de mi casa encuentro toda la casa tomada con militares armados en un camión y otros arrojados esportando hacia una casa. A nosotros nos dejaron entrar a la nuestra



VERA — Ele não tem medo de que a gente seja torturado, para contar coisas? Ou para chantagear meu irmão e ver se ele se entrega?

RICARDO — Não, Vera, já te expliquei isso uma porção de vezes. Ele não acha. Ele não acredita que existe tortura. Ele acha que quem não deve não teme.

VERA — Então o Brasil devia temer muito, porque está cada vez devendo mais. Do jeito que esses caras estão pegando dinheiro aqui fora para financiar isso, vão acabar ganhando a copa do mundo da dívida também...

RICARDO — Claro, você tem razão. Mas papai não sabe disso, não vê isso, não tem onde ler isso ou ouvir isso.

sem torturados. Lembrava principalmente de uma moça numa adeira de rodas, inválida por tudo o que tinha passado.

VERA — O que foi? Ela viu mais alguma coisa?

RICARDO — Não. Foi um comentário que ele fez sobre a tortura. Ele disse que a tortura pode criar uma relação entre torturador e torturado que até parece uma possessão demoníaca. Como se

o torturador ficasse morando para sempre dentro do torturado, uma coisa de nunca mais a vítima conseguir se livrar. E que é disso que ele tem mais medo, porque a vítima começa a achar que não tem exorcismo para esse demônio.

VERA — Puxa, que angústia deve dar...

RICARDO — Ele falou em angústia, dor, desespero, essas coisas. E disse que tem medo de que a vítima ache que a única saída é a morte.

VERA — Que horror! Ele acha que Diana está pensando em se suicidar?

RICARDO — Não, Vera, as coisas não ficaram explícitas assim... Ele estava conversando em termos mais abstratos, genéricos, estava falando em geral, das vítimas da tortura, não estava falando de Diana em particular. Mas é evidente que isso passa também pela cabeça dele. E machuca muito, ele está sofrendo muito... Não é só ela.

Eu morei na mesma rua que a Dilma, e estudava na mesma escola. Me prenderam para que eu falasse onde ela estava. Arrancaram as unhas dos meus pés e mãos. Fui exilada e só voltei em 1990. Até hoje tenho problemas psicológicos.

Foram os melhores anos que vivi.

Lembro de acudir pessoas feridas na rua com minha mãe, sem nem saber o que havia acontecido.

Sempre tive medo de falar sobre isso. Sempre fico desconfortável. Quando tocam no assunto acho que percebem que fico triste e temulo respondendo logo que foi a melhor época, um ótimo governo.



**RICARDO** — Ela jura que viu Fleury numa estação do metrô.  
**VERA** — Que absurdo! Contar como isso fica fundo, né?, ela não se livra nunca dessas coisas... Até quando será que vai ficar imaginando coisas?  
**RICARDO** — Certo, mas ela foi uma imagem muito viva. Ela conta que ele estava em pé em uma estação do metrô, e viu que ele estava em pé em uma estação do metrô. Disse que cobriu o rosto com as mãos, depois só os olhos de fora e ficou olhando pela janela. Depois de alguns minutos, e tem certeza de que era ele, ele saiu e ela não reconheceu, aí já entra em pânico.



Meu marido me contou que ele viu Fleury numa estação do metrô. Disse que cobriu o rosto com as mãos, depois só os olhos de fora e ficou olhando pela janela. Depois de alguns minutos, e tem certeza de que era ele, ele saiu e ela não reconheceu, aí já entra em pânico.

O suicídio de Frei Tito, por exemplo; afinal não conta um fato tão real quanto o surto de Diana que Vera/Lena tinha testemunhado. Um padre dominicano que se matou, mesmo delegado Fleury que, mais tarde, acabou se matando, apesar da absoluta certeza de que ele havia sido torturado. Por que o torturador não se matou?



Quando contei para o delegado Fleury que ele havia sido torturado, ele me contou que ele havia sido torturado. Disse que cobriu o rosto com as mãos, depois só os olhos de fora e ficou olhando pela janela. Depois de alguns minutos, e tem certeza de que era ele, ele saiu e ela não reconheceu, aí já entra em pânico.

Otro impacto de ese año, aunque de menor categoría, fue a la opinión pública nacional e internacional. Los quejas y el desafío a la capital, son descubiertos quince o veinte años después en una antigua mina abandonada, cuyos cadáveres corresponden a cam- pesinos de Isla de Maipo que presentaban signos de autopsia— miembros destrozados y huellas de orificios de balas. La dictadura, que al co- mienzo niega haber estado involucrada con el hecho admite, poco después, la probable implicación del personal policial bajo su mando, alegando que el acto fue el resultado de una guerra interna imperante en ese entonces. A los tres días, se sensibilizada la opinión pública del tremendo hecho contra el gobierno chileno indefenso— se realiza un peregrina- je a Lonquén, lugar del suceso. Más de mil personas, entre las cuales se encuentran y organizados al llamado. Bajo un sol abrasa- dor, intelectuales, artistas, escritores, sindicalistas, miembros de las agrupaciones de Derechos Humanos y algunos políticos, caminamos por un tortuoso sendero hasta la cima de un cerro. Las fuerzas milita- res agazapadas en los vuelos misiles de helicópteros acompañan a los asistentes indicándonos que ellos continúan siendo los dueños del país. Sin embargo, ese doloroso hecho demuestra a los escépticos y al mun- do entero que es verdad que en Chile se han cometido crímenes.



Quando contei para o delegado Fleury que ele havia sido torturado, ele me contou que ele havia sido torturado. Disse que cobriu o rosto com as mãos, depois só os olhos de fora e ficou olhando pela janela. Depois de alguns minutos, e tem certeza de que era ele, ele saiu e ela não reconheceu, aí já entra em pânico.



Quando contei para o delegado Fleury que ele havia sido torturado, ele me contou que ele havia sido torturado. Disse que cobriu o rosto com as mãos, depois só os olhos de fora e ficou olhando pela janela. Depois de alguns minutos, e tem certeza de que era ele, ele saiu e ela não reconheceu, aí já entra em pânico.

RICARDO — Ela jura que viu o Fleury numa estação do metrô.  
 VERA — Que absurdo! Cotidiano. Como isso fica fundo, né?, ela não se livra nunca desse papado... Até quando será que vai ficar imaginando essas coisas?  
 RICARDO — Como imaginação, foi uma imagem muito viva. Ela conta que estava dentro do trem, parado numa estação, e viu que ele estava em pé na plataforma do outro lado. Disse que cobriu o rosto com o cachecol, deixou só os olhos de fora e ficou olhando pela janela. Durou alguns minutos, e tem certeza de que era ele, mas não sabe se ele a viu nem reconheceu, aí já entra em pânico total e não consegue falar.

...O suicídio de frei Tito, por exemplo; afinal de contas um fato tão real quanto o surto de Diana que Vera/Lena tinha testemunhado. Um padre dominicano tão torturado pelo mesmo delegado Fleury que, mais tarde, já em liberdade, no exílio, acaba se matando, apesar da absoluta condenação da Igreja ao suicídio. Porque o torturador não abandonara a vítima.

Otro impacto de ese año, aunque de otra categoría, conmueve a la opinión pública nacional e internacional. En Lonquén, lugar aledaño a la capital, son descubiertos quince osamentas humanas ocultas en una antigua mina abandonada, cuyos cadáveres datan de fines de 1973. Pocos días después se da a conocer la identidad. Corresponden a campesinos de Isla de Maipo que presentan —según la autopsia— miembros destrozados y huellas de orificios de balas. La dictadura, que al comienzo niega toda conexión con el hecho admite, poco después, la probable implicancia de personal policial bajo su mando, alegando que el acto criminal se debe al estado de guerra interna imperante en ese entonces. A los tres meses —sensibilizada la opinión pública del tremendo crimen contra campesinos indefensos— se realiza un peregrinaje a Lonquén, lugar del descubrimiento. Más de mil personas, entre las cuales me encuentro yo, acudimos al llamado. Bajo un sol abrasador, intelectuales, artistas, sacerdotes, sindicalistas, miembros de las agrupaciones de Derechos Humanos y algunos políticos, caminamos por un tortuoso sendero hasta la cima de un cerro. Las fuerzas militares agzapadas y los vuelos rasantes de helicópteros acompañan a los asistentes indicándonos que ellos continúan siendo los dueños del país. Sin embargo, ese doloroso hecho demuestra a los escépticos y al mundo entero que es verdad que en Chile se han cometido crímenes.

Meu marido morreu em 1966. Supostamente ele se jogou no trilho do trem para se matar, mas ele era militante do Partido Comunista e foi impedido de investigar o morte dele. Quase toda a família acha que ele foi assassinado pelos militares. Até hoje, aos 87 anos, tremo de medo quando contestam a versão oficial na minha frente.

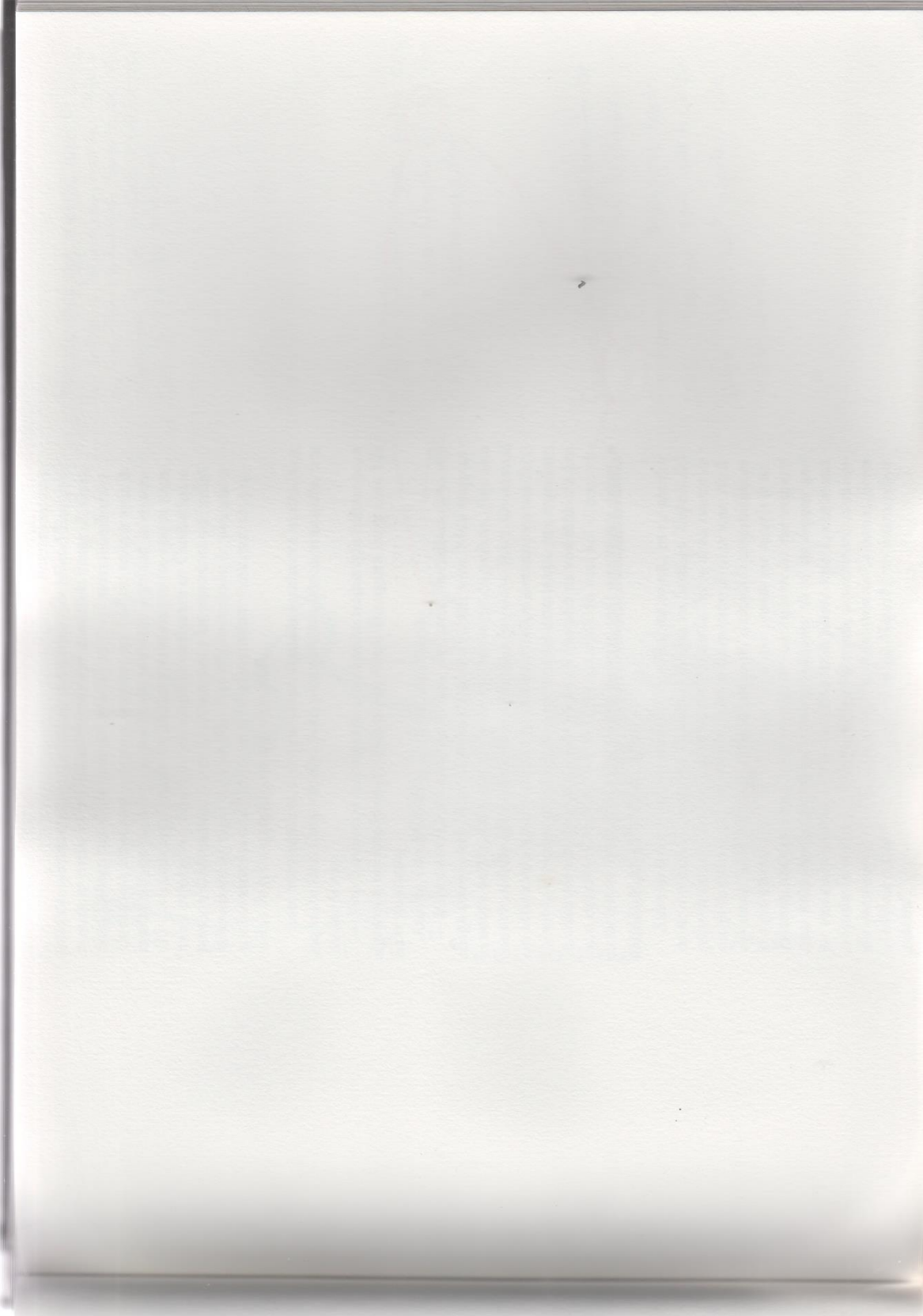
Cerraron el cajón con mis dedos en el varias veces. Hasta que me rompieron todos los huesos.

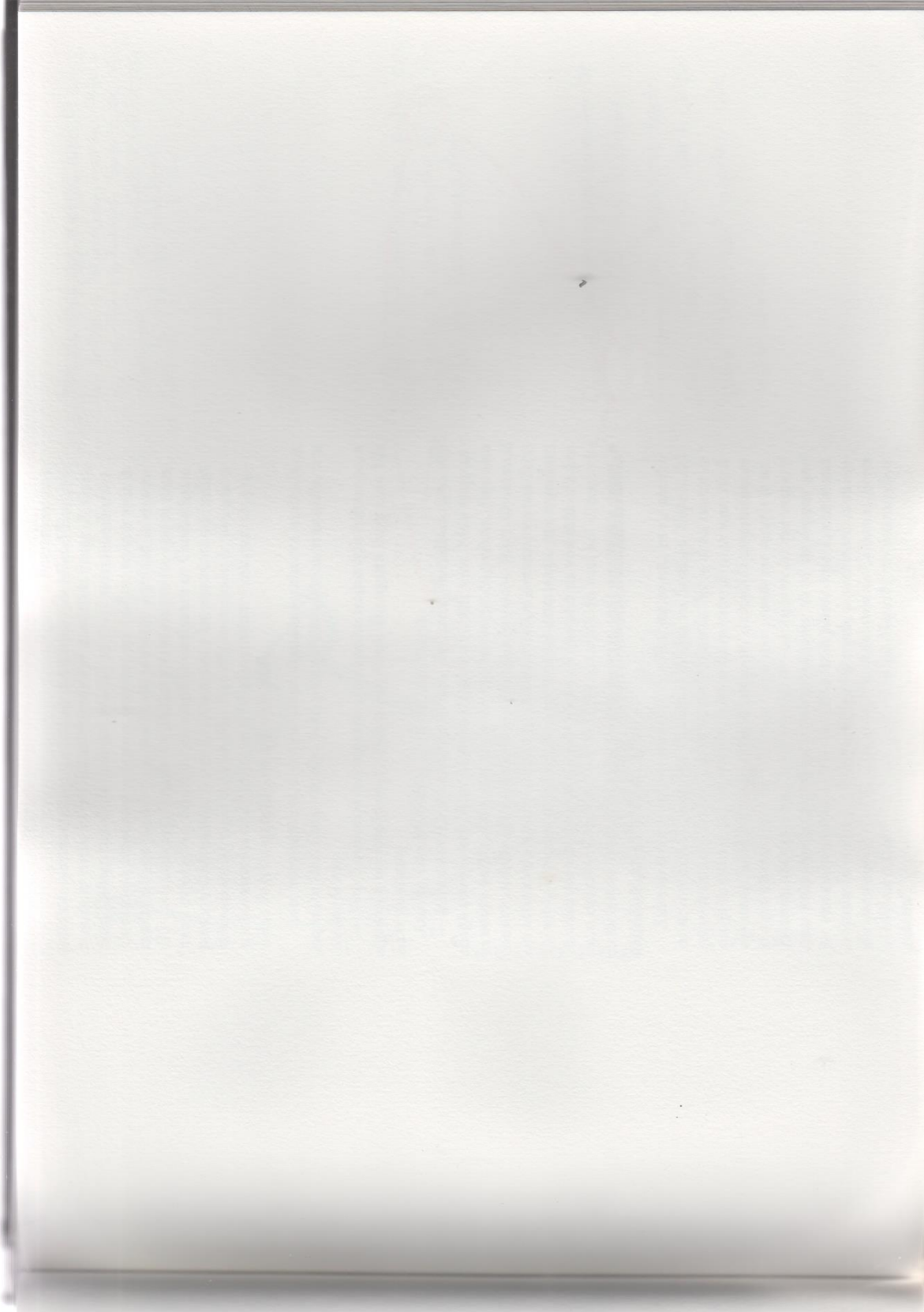
Mi madre vivió cosas feas, pero no las cuenta.



E por Julinho, irmão de Rodrigo, tão menino ainda em seus treze ou quatorze anos e já preso também, na solitária, e passando por todos os horrores que causavam os resultados que ela agora via, através das lágrimas, na tela da televisão francesa. E pela mãe deles. E dos outros. E por todas as mães e irmãs, e pais, e irmãos, e filhos, e amigos, e conhecidos, e desconhecidos, por todos os que tinham tido a desgraça de nascer no Brasil nessa geração tão abandonada por Deus e esmagada por um punhado de homens a serviço de interesses estratégicos de outro país.

Uma vez, na faculdade,  
de, um policial me deu  
uma dura e perguntou  
se eu conhecia Karl  
Marx. Respondi:  
"Não! Não estudo na  
minha turma não!"







Rememoro una anécdota que me contó poco después del asesinato de Miguel Enríquez cuando en todos los periódicos de esos días aparecía la fotografía de su nieta Carmen tratada de puta extremista y otros epítetos innombrables. Una señora empingorotada en el ascensor del edificio en que vivía la insultó por ese motivo y como ella, sin perder su dignidad, le respondió que estaba orgullosa de los ideales y valentía por los que su nietra había expuesto su vida. Cuando nosotros estábamos en Cambridge se produjo el allanamiento a su departamento y las vejaciones que sufrió detenida en un lugar desconocido. Pero ella continuaba de pie, pese a que los mormos decidieron que el tal allanamiento y maltrato era producto de la imaginación de una vieja senil.

mas ninguém sabia o que fazer. Amália lembrava muito bem daqueles dias. Uma vizinha dela, uma velhinha doce, tranqüila, um dia lhe disse:

— Vou lhe contar um segredo, porque eu tenho que contar para alguém e sei que posso confiar em você. Eu agora faço uma fila atrás da outra.

Amália não entendeu, mas ela continuou:

— Entro em fila de tudo, de banco, de carne, de ônibus. Quando chega minha vez, dou uma desculpa e vou embora. Mas enquanto estou na fila, falo mal do governo, reclamo da polícia, faço um comício minha filha... É a única coisa que eu posso fazer. O pessoal me acha meio maluca, mas com esses cabelos brancos eu me faço de boba. E acaba sempre começando uma discussão, uns mandam eu calar a boca, outros me dão razão, e quando eu vou embora fica todo mundo discutindo. Acho que amanhã eu vou até o convento de Santo Antônio, aproveitar a novena, que tem muita gente, e fazer uma agitaçãozinha por lá.

Salon de té Angelina, rue de Rivoli. La Nini me cuenta, en ese atardecer de invierno, lo que había ocurrido en su casa, en Santiago, después del golpe de Estado. "Cristián, tu hermano", dijo ella, "no se daba cuenta de que yo lo veía esconder unas cajas raras en las macetas de la terraza. No le dije nada. Salvo que un mes después del golpe, durante la perquisición en el departamento de Rafael Gumucio, pensé que pronto me tocaría a mí. Entonces, discretamente, saqué algunas de esas cajas en las que encontré unas balas grandes de pistola o de ametralladora, no sé, las dispé una por una en las jardineras de los corredores en la planta baja. Las cajas más chiquitas las envolví muy bien con papel de regalo, le pedí ayuda al cuidador que me quería mucho. Atravesamos la ancha avenida Costanera, frente al edificio, y tiramos los lindos paquetes al río Mapocho, sin intercambiar palabras".

Sei de uma que morreu com 17 anos. Foi presa e torturada, morreu depois de sair do cativoiro. Sua mãe não aguentou e se matou enfocada com o fio do telefone.

A única lembrança que tenho dessa época é da fila do carne. Por causa do racionamento

Quando houve racionamento de carne e leite os militares ficavam no supermercado para chamar em partcular para "conversar" aqueles que reclamavam.

una mujer brava que tiene a su marido relegado. Blanca Ibarra, militante marxista y Claudina Núñez, comunista, son las responsables de la organización de La Victoria, considerada la población más peligrosa. Formaron una olla común para dar de comer a los cesantes, oficina de empleo, de salud, de emergencia, y de defensa. En esta última se preparan para militarmente a las vanguardias que atacarán a las Fuerzas Armadas si pretenden entrar a su barrio, denominado por ellos: "TERRITORIO LIBRE DE LA VICTORIA". Por supuesto que no cuentan con armas de fuego, pero las barricadas o fogatas, las lanzas y las piedras, — que son la forma en que los mapuches combaten a sus enemigos— son tan eficaces que difícilmente se logra dominarlos. El ejemplo de estas mujeres es seguido en varias otras poblaciones. "Ahora que nuestros hombres están encarcelados, han sido muertos o pasan tirados en la casa medio alcohólicos, nosotros hemos tomado su relevo y la población obedece nuestras órdenes —dicen orgullosas.

Creo, hoy día, meditando sobre ese pasado, que nunca los hombres habrían podido hacer esa labor: demasiadas rencillas políticas, celos y egosmos. Ellas no pierden el tiempo en tonterías, todos son bienvenidos, siempre que estén dispuestos a obedecer y pelear por lo justo. Ana María Allendes, apolítica, contraria a la Unidad Popular, que está a cargo de los talleres de títeres, es igualmente bien recibida y ella se encanta con esas nuevas amigas. Al marido de Blanca, condenado a quince años en la cárcel, lo va a ver frecuentemente, y se hace cargo de la familia de Claudina cuando ésta es relegada a la isla de Chiloé.

Los militares no lograron abatirla ni disminuirla, sin temor y con inteligencia la tía Meche se movía en la ciudad, penetraba los cuarteles, las oficinas del gobierno, empujaba las puertas de las embajadas, ayudando. Más tarde, cuando la represión nos golpeó directamente, su manera de ser aristocrática, imponente, desconcertó a oficiales y a agentes de la policía política. Abónitos la dejaban exigir las cosas más absurdas, desde una escobilla de dientes, hasta una autorización de salida. Es así como logró extraerme del Hospital Militar y subirme a un avión de Air France, la tía Meche y su amor absoluto. Otra vez voy demasiado rápido.

Minha professora foi torturada com choque na vagina. Depois os pais queimaram os livros dela... pra proteger ela.

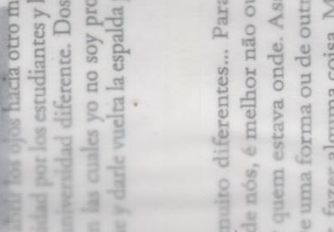
Minha mãe foi da luta armada e viveu clandestinamente com meu pai, eu e minha irmã. Com medo de ser presa, ela nos deixou com nossa tia. Ela foi morta pela polícia em casa, tentando fugir pelo muro dos fundos. Eu e minha irmã tínhamos 3 e 4 anos.



Mas se sente muito insegura assim, sen- do arrastada para os lados para podiam ir. Tem uma sensação de alheio, como se fosse um bicho da mata, sem ninguém ao longo do caminho. Quería ficar de orelha em pé, tentando decifrar os sinais de perigo para não se perder. Não estava pre- parada para isso. E não tinha a quem recorrer, a não ser gente tão despreparada quanto ela.

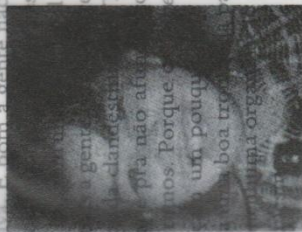


Lo que nós permitiu, também, abrir los ojos hacia otro mundo des- conocido, es la toma de la Universidad por los estudiantes y la lucha de Fernando en la creación de una universidad diferente. Dos causas en las que me arrastra Fernando y en las cuales yo no soy protagonista, pero que me permiten politizarme y darle vuelta la espalda para siera- pre a los intereses de la derecha.



Tuve que e... todos Unidos po... en do algu... mi casa, y después que algu- desaparecieron tuve miedo atrapado. Las cartas abia siempre estaban

— Jorge, os tempos estão muito diferentes... Para o pro- bem e a segurança de cada um de nós, é melhor não ouvir co- sas, não ver pessoas, não saber quem estava onde. Assim, o fica menor para todo mundo. De uma forma ou de outra, está o mundo tentando resistir, ajudar, fazer alguma coisa. Mas a são é muito dura, ninguém sabe nem o que-pode fazer, por onde começar. Tem gente que vive escondida, com nome falso, não vai mais aos lugares que frequentava. E bom a gente não se arriscar a saber... claudes... pessoas (muitas um empr... e navegand... Tem que ter... todo mundo... às vezes... segun... para in... que a... o tran... Tem que ter cuidado



... minha mãe tinha 5 ... entraram na casa dela ... quebraram tudo. Diziam ... procurando alguém.





Mas se sentia muito insegura assim, sendo arrastada aos poucos para coisas que ela não sabia até onde podiam ir. Tinha uma sensação de alarme, como se fosse um bicho da mata sentindo muito ao longe um cheiro de incêndio. Queria ficar de orelha em pé, narinas abertas, tentando decifrar os sinais de perigo para poder se proteger. E não conseguia. Não estava preparada para isso. E não tinha a quem recorrer, a não ser gente tão despreparada quanto ela.

Lo que nos permite, también, abrir los ojos hacia otro mundo desconocido, es la toma de la Universidad por los estudiantes y la lucha de Fernando en la creación de una universidad diferente. Dos causas en las que me arrastra Fernando y en las cuales yo no soy protagonista, pero que me permiten politizarme y darle vuelta la espalda para siempre a los intereses de la derecha.

— Jorge, os tempos estão muito diferentes... Para o próprio bem e a segurança de cada um de nós, é melhor não ouvir conversas, não ver pessoas, não saber quem estava onde. Assim, o risco fica menor para todo mundo. De uma forma ou de outra, está todo mundo tentando resistir, ajudar, fazer alguma coisa. Mas a representação é muito dura, ninguém sabe nem o que pode fazer, por onde começar. Tem gente que vive escondida, com nome falso, não vai mais aos lugares que frequentava. É bom a gente não se arriscar a saber nada desses clandestinos, isso só expõe as pessoas inutilmente... E tem gente como nós, que tem uma vida legal, um emprego certo, endereço conhecido, mas a gente está sempre navegando em águas cheias desses *icebergs* da clandestinidade. Tem que ter cuidado para não esbarrar, que é pra não afundar todo mundo. Principalmente nós, que esbarramos. Porque os *icebergs* às vezes são tão grandes que só balançam um pouquinho e seguem em frente... Mas a gente não. Basta uma boa trombada para ir para o fundo. A gente não pertence a nenhuma organização que agüente o tranco. Tem que ter cuidado mesmo.

Tuve que exilarme en Estados Unidos porque había escandido algunos compañeros en mi casa, y después que algunos desaparecieron tuve miedo de ser atrapada. Las cartas que recibía siempre estaban abiertas.

Quando minha mãe tinha 5 anos entraram na casa dela e quebraram tudo. Diziam estar procurando algoém.

— Exatamente. Tudo era perigoso, sempre. E nem sempre era divino-maravilhoso. Porque eu não tinha escolhido aquilo. E cada vez mais descobria que não tinha escolha, tinha que continuar, seguir em frente, porque também tinha certeza de não ter escolhido a neutralidade, de jeito nenhum, eu estava o tempo todo super-solidária com vocês. Mas era mesmo a única coisa que me restava, a solidariedade... Porque eu não queria andar pelo caminho de vocês. Só que não havia outro. E era impossível parar. Na velocidade alucinada em que tudo vinha, era capotagem na certa...

En octubre de ese mismo año, Carmen nos avisa que definitivamente formará pareja con Miguel Enríquez, su gran amor. Y Cristián vive en casa de la Hormiga, la mujer de Pablo Neruda, que después del abandono, se dedica a pintar sus grandes cuadros de caballos.

*La noche de la victoria de Allende, el 4 de septiembre de 1970, nos reunimos para festejar la noticia, primero entre nosotros: algunos miristas de la tribu, alrededor de Mabel y Sempat, en la vieja Quinta de la Hormiga, la pintora, la excéntrica esposa abandonada de Neruda. Jubilación.*

estaban todos estos hijos en la revolución? Fue en esa misma época que Cristián buscó refugio en casa de la Hormiga, Delia del Carril, la esposa abandonada, que vive rodeada de estudiantes y algunos profesores que le alquilan cuartos en su gran quinta de la calle Lynch, en la cual ha vivido con Pablo Neruda durante largos años.



La Flaca era una de las tres mujeres militantes de la izquierda que después se convirtieron en traidoras, en "colaboradoras" de la DINA, el organismo de represión bajo Pinochet, una máquina secreta y todopoderosa.

Detenida por segunda vez, el 1 de agosto de 1974, tres agentes de la DINA fueron a buscarla a la cárcel. trasladada a Santiago, atrocemente torturada en una casa del centro de la ciudad, calle Londres, número 38, Marcell se quebró, habló, entregó nombres y direcciones.

En aquel preciso momento cayó al abismo. El tiempo se distorsionó, el espíritu se hundió, traicionó a sus amigos pero sigue siendo una detenida más. Transferida de una casa de tortura a otra, la Flaca ya no es la Flaca, se convierte en leyenda, el símbolo de la traición. La DINA la pone en primer plano para encubrir otras delaciones y la eficacia de su máquina de matar.

¿Cómo llegó hasta ahí? ¿Cuál andar del destino cruzó un día el suyo con el del capitán Krasnoff Martichensko, jefe de los grupos Halcón 1 y Halcón 2 de la DINA? En 1965, la Flaca Alejandra tenía diecisiete años, empezaba a militar en el MIR en Concepción, el lugar fundador del grupo revolucionario. Durante los años de militancia, la Flaca, larga y delgada, aseguraba "como un hombre" la organización del partido en Santiago, parecía implacable. Trabajaba en contacto directo con el buró político en el momento del golpe de Estado, el 11 de septiembre de 1973.

En Chile, el choque fue enorme. La Flaca pedía públicamente perdón. Un debate desgarraba al campo de las víctimas. Para algunos, sólo su muerte podía reparar el daño. Para otros, no se trataba de perdonarla o excusarla, sino de tomar en serio su papel de testigo. El perdón es asunto privado, personal, no concierne a la sociedad. Que cada quién decida en conciencia.

¿Dónde, cómo, en aquel entonces conocí a la que llamaban "la Tati"?  
Ningún recuerdo exacto, pero sí que su presencia ya estaba en los pasillos  
de El Pedagógico, la facultad de letras. Ya tenía diecisiete años. La requier-  
da socialista, la historia y la filosofía de la familia de su hijo de  
Salvador Allende.

Belleza de una mujer que rechazaba la  
Beatrix era mi contrario, dignidad, seriedad. Me  
pieza, rostro nítido, franquicia, derrochaba por el silencio. Me  
ensombrecía el contorno. Y de repente me doy cuenta que el  
capacidad esquizoide, más duros y más fluctuaciones, y  
la "causa". Un atardecer la Tati me pidió que se "bueno"  
del otro lado de la línea dos veces por semana. A horas precisas. Debo en-  
contrar el teléfono seguro, uno que no parecía estar interceptado, y anotarlo  
exactamente el contenido del mensaje cifrado.

La Tati me dio valor, me enseñó a ser valiente, a no tener  
mantenencia propia. Mal o bien, no importa  
en Camibambú, Mónica y yo quedamos a  
La Tati me dejó, por lo que yo me  
re. Ser fiel y no voluntarioso: "me decía  
abrazo desde el pie de la escalera", "me  
encontré con el camino de fuego", "me  
dad estará en el camino", "me decía  
rodea no se puede", "¡ésta es la vida!",  
tampoco me dio de los grupos políticos  
después de tantas pruebas dadas de su compromiso con las tuchas.

La Tati supo transmitirme la belleza de la vida  
ella, seguía las reglas al pie de la letra. Se  
quizás en Bolivia, y me habían elegido por  
una poderosa red que se extendía más allá  
Gracias a ella, América Latina se me hizo  
orgullosa de ser una de tantas militantes en  
más justo, más bello, más profundo. Con  
militante. Los jóvenes revolucionarios  
Los meces que siguieron, el año que pasó  
juntándonos. Nos habíamos de volar a mi  
cierto tiempo, tan corto finalmente, dos países que habían de igual a  
igual. El golpe de Estado me separó de nuevo. Una vez más, voy demasia-  
do rápido.





¿Dónde, cómo, en aquel entonces conocí a la que llamaban "La Tati"? Ningún recuerdo exacto, pero sé que su presencia ya estaba en los pasillos de El Pedagógico, la facultad de letras. Yo tenía diecisiete años. La izquierda socialista, la historia y la filosofía llegaban con ella, Beatriz, la hija de Salvador Allende.

Belleza de una mujer que rechaza la seducción.

Beatriz era mi contrario, disciplina y discreción. Mujer de una sola pieza, rostro nítido, franquesa, claridad a pesar del silencio. El secreto no zombrecía el contorno. Y de repente me doy cuenta que ella aprecia mi capacidad esquizoide, mis disfraces y mis fluctuaciones, y que los usa para la "causa". Un atardecer la Tati me pide que sea "buzón" telefónico, estar del otro lado de la línea dos veces por semana, a horas precisas. Debo entrar el teléfono seguro, uno que no pueda estar intervenido, y anotar exactamente el contenido del mensaje cifrado.

La Tati me dio valor, me hizo ese regalo increíble que me permitió mantenerme viva. Mal o bien, no importa, viva. Ustedes todavía estaban en Cambridge, Mónica, y me ayudaron a volver a empezar. El recuerdo de la Tati me lleva lejos, por los hilos cortados de una vida de mujer militante. Ser fiel y no voluntariosa, me decía Beatriz durante nuestro último abrazo al pie de la escalera del avión, en La Habana. Traté siempre de encontrar el punto de fuga en busca de una coherencia posible. ¿La felicidad estará en el compromiso, esa manera de ser en la que todo lo que nos rodea nos concierne? Tú eres esa mujer, Mónica, y nunca has aceptado tampoco los dogmas de los grupos políticos, todavía te tienen sin cuidado, después de tantas pruebas dadas de tu compromiso con las luchas.

La Tati supo transmitirme la belleza del compromiso. Yo, vigilada por ella, seguía las reglas al pie de la letra. Se trataba de una lucha lejana, quizás en Bolivia, y me habían elegido para ayudar, simple engranaje de una poderosa red que se extendía más allá de las fronteras nacionales. Gracias a ella América Latina se me hizo visible y apasionante, estaba orgullosa de ser una de tantos anónimos en lucha para hacer al continente más justo, más bello, más poderoso. Con ella, a su lado, me convertí en militante. Los jóvenes revolucionarios vinieron más tarde.

Los meses que siguieron, el año que pasó, continuamos, la Tati y yo, juntándonos. Nos hablabamos de militante a militante, fuimos durante cierto tiempo, tan corto finalmente, dos mujeres que hablaban de igual a igual. El golpe de Estado nos separó de nuevo. Una vez más, voy demasado rápido.

Libro, me hice cargo de mi destino de mujer enamorada, "una e indivisible": no más mscaras, no más extraviados esquizofrénicos, suave descenso de la amante y labor de la militante. Volví a mi trabajo de investigación y de profesora de historia en la universidad, y al compromiso regular en el aparato de información del MIR.

Desceu, entrou no carro de Roberta. No banco de trás, um rapaz tapava o rosto com as mãos.

— Parece que eu fiz uma coisa que não devia, Lena — disse Roberta. — Quando você saiu do edifício e ele te reconheceu, levou um susto. Eu não tinha dito nada e ele não sabia que a amiga que eu vinha procurar era você...

— Desculpe. E daí?

— Daí que ele não quer que você o esconda nem que saiba onde ele está. Não quer que você se vire para trás para olhar para ele. Nem vai falar nada, para você não reconhecer a voz. Disse que você é rabo de foguete e corre mais risco do que ele.

Ela levou um susto. Não podia perguntar nada. Só repetiu:

— Eu?

Roberta confirmou.

— É...

— Só pode ser por causa do meu irmão.

— Claro. E nesse caso, eu também corro risco, porque meu irmão vive junto do seu.

Tribunales llevando bolsas de pescados podridos que a la hora de más afluencia y desde el segundo piso que daba a la gran sala tiraríamos al piso de mármol, extendiendo simultáneamente, un lienzo que decía: "El Poder Judicial está podrido". El día anterior juntamos pescades y conchas de mariscos y una treintena de nosotras vestidas con nuestras mejores ropas entramos, de a una, a los Tribunales. Yo me coloqué un abrigo de visón de mi madre y, con mis tacos altos, parecía una dama adinerada. Entramos al Palacio, subimos por la escata y a la hora convenida extendimos el lienzo y dejamos caer pescados y conchas de mariscos que al resonar en el piso causaron gran estrépito. Se armó un escándalo y los guardias del Tribunal arrancaron el lienzo y se tiraron contra nosotras. Muy pocas lograron deslizarse por las escalas. Yo fui llevada en vilo por dos fornidos guardias que me entregaron a los carabinieri.

Me chamo Jana por causa de uma tia que era estudante e engrajada na filha do Azevedo que desapaçou.

A escola era um lugar árido. Sofriamos punições severas com palmatórias. Até as perguntas eram reprimidas.

Uma vizinha da casa da frente dos meus pais, da idade dele, é desaparecida.



E pelo pânico do outro rapaz, o tal que preferia sair correndo do carro e tentar se esconder sozinho, não se ficou em companhia delas, dava para ver que podia ter sido o mesmo. Mas o que é que ela podia fazer? Não tinha a opção de passar à clandestinidade, viver outra vida, ou seja, fugir de outra história, outra profissão, outros amigos, não pretendia sair do jornal nem parar de trabalhar. Arnaldo tinha um emprego no hospital, dava umas horas no centro de saúde, fazia a obtenção de uma bolsa de estudos para fazer uma especialização na Europa, não tinha o menor sentido jogarem tudo isso fora só para se protegerem. Ou tinha? Que tipo de tamanho do perigo real? Em que medida estavam realmente ameaçadas as pessoas que não faziam nada, que apenas davam um trabalho aqui ou ali?

¿Cómo demostrarle este ciudadano, ciego al fraude al que es sometido, la realidad del ciudadano-militar? Pienso, entonces, una acción, que, al ser vista, podrá en realidad, irrotundo tirano. Me pongo en contra de los que son más intolerantes al régimen: los socialistas, pero ninguno considera factible la propuesta. Decido, pese a eso, llevarla a cabo con mi propia mano. El peligro que me rodea es que el veterinario compramos el coche y ante este inconveniente, de trapear los que lo convirtieron a nuestros bolsillos. El cerdo llega a nuestro domicilio. Pero, se demuestran furioso, gruñe y corre de un lado para otro. Ante esto, el veterinario que lo sume en un profundo sueño. Los chicos del Bellas Artes comienzan a pintar y atravesamos su vientre con un alfiler y con grandes letras escribimos "Vigilante". Se despierta, pero antes de que recorra una caja de madera con una sola salita de "frágil" con grandes letras por si el alfiler se cae. Se explicaría -ante esta emergencia- que podían quebrar y que eran llevados a un primer error. En vez de meter al animal con la cabeza hacia la puerta lo ponemos al revés. Pero, no había tiempo que perder, así que éste, arriba de una citroneta, parte rumbo al centro de la capital.



Recordo estar en  
quando era  
paró frenar  
policías com  
y una mujer



processo de história contava  
era professora durante este  
que sempre tinha um mili-  
as aulas. Uma vez ela  
que não ajudou a um  
um elo para um lugar  
perguntaram o que  
a para lesionar. Ela  
minha voz e meus  
e se meus eles disseram





E pelo pânico do outro rapaz, o tal que prefer a sair correndo do carro e tentar se esconder sozinho para não ficar em companhia delas, dava para ver que podia haver perigo mesmo. Mas o que é que ela podia fazer? Não tinha nenhuma intenção de passar à clandestinidade, viver outra vida, com outra identidade, outra história, outra profissão, outros amigos. Não pretendia sair do jornal nem parar de trabalhar. Arnaldo também tinha seu emprego no hospital, dava umas horas no consultório de um colega, pletava a obtenção de uma bolsa de estudos para fazer uma especialização na Europa, não tinha o menor sentido jogarem tudo isso fora só para se protegerem. Ou tinha? Qual era o tamanho do perigo real? Em que medida estavam realmente ameaçadas as pessoas que não faziam nada, que apenas davam um apoio aqui ou ali?

¿Cómo demostrar ante esta ciudadanía, ciega al fraude al que es sometido, lo que significa el candidato-militar? Pienso, entonces, una acción, que sin ser violenta, pondrá en ridículo al intocable tirano. Me pongo en contacto con los partidos más intolerantes al régimen: los socialistas, comunistas y miristas, pero ninguno considera factible mi proposición y se niegan a cooperar. Decido, pese a eso, llevarla a cabo con mis hijos y sus amigos. Por supuesto, no le cuento nada a Fernando que me tiene prohibido mezclar a los hijos menores en nada peligroso.

Gracias a la complicidad de un joven veterinario compramos un chanchito. El animal cuesta mucha plata y, ante este inconveniente, decidimos comprar uno enfermo de triquinosis que lo convertía en inaceptable y lo hace accesible a nuestros bolsillos. El cerdo llega a nuestro domicilio. Pero, se demuestra furioso, gruñe y corre de un lado para otro del living y no lo gramos dominarlo. Ante esto, el veterinario, le pone una inyección calmante que lo sume en un profundo sueño. Rápidamente las estudiantes del Bellas Artes comienzan a pintarlo, le colocamos un gorro militar y atravesamos su vientre con la banda tricolor, símbolo del poder y con grandes letras escribimos "Vote por mí". El chanchito comienza a despertarse, pero antes de que recobre conciencia lo encerramos en una caja de madera con una sola salida. La caja lleva una inscripción de "frágil" con grandes letras por si el auto es detenido por los carabineros. Se explicaría —ante esta emergencia— que se trataba de objetos que se podían quebrar y que eran llevados a una tienda. Allí cometemos el primer error. En vez de meter al animal con la cabeza hacia la puerta lo ponemos al revés. Pero, no había tiempo que perder, así que éste, arriba de una citroneta, parte rumbo al centro de la capital.

Reverdo estar en un autobús quando era niña, y ese autobús paró frente a un cuartel. Dos policías con sus botas entaron y uno de ellos empezó a paktar una mujer con toda su fuerza.

Uma professora de história contava que sua mãe era professora durante esse período e que sempre tinha um militar vigiando as aulas. Uma vez ela disse algo que não agradeu a um deles, levaram ela para um lugar afastado e perguntaram o que ela precisava para lecionar. Ela respondeu "minha voz e meus dedos para escrever", eles disseram "a partir de agora você vai ter só a voz..."

La idea es que un grupo de jóvenes, en los que están mis dos hijos, abran la puerta de la caja y el furioso chanchito salga corriendo por la congestionada calle a la una, hora de colación de empleados y patrones. Asombrados, los tranquilos transeúntes, se darán cuenta en esa forma que el temible dictador-candidato no es más que un ridículo chanchito gruñente.

La citronera llega a su destino sin ser detenida. Los muchachos bajan la caja y los que deben liberar al animal se acercan para alzar la tapa. Pero, en ese instante un pelotón de carabineros, que circula en abundancia en esos días, corre hacia ellos. y éstos asustados se esconden

En esos instantes el chanchito recobra su vigor, esquivando a los uniformados y como un bólido se pone a correr atropellando todo lo que se le pone por delante. Allí se arma el gran escándalo y la operación comienza a tener éxito. ¡Viva Pinochet! gritan algunos. Esto es una vergüenza! exclaman otros furiosos, y prosiguen las risotadas y aplausos del público al paso del chanchito-candidato-Pinochet.

Los gráficos de la prensa y un camarógrafo de la televisión extranjera fotografían y filman el acontecimiento. Por fin, el cerdo es aprehendido e introducido dentro de un furgón de la policía y también —por añadidura— varios inocentes peatones, demasiado eufóricos con el suceso. Todos son llevados detenidos a la comisaría.

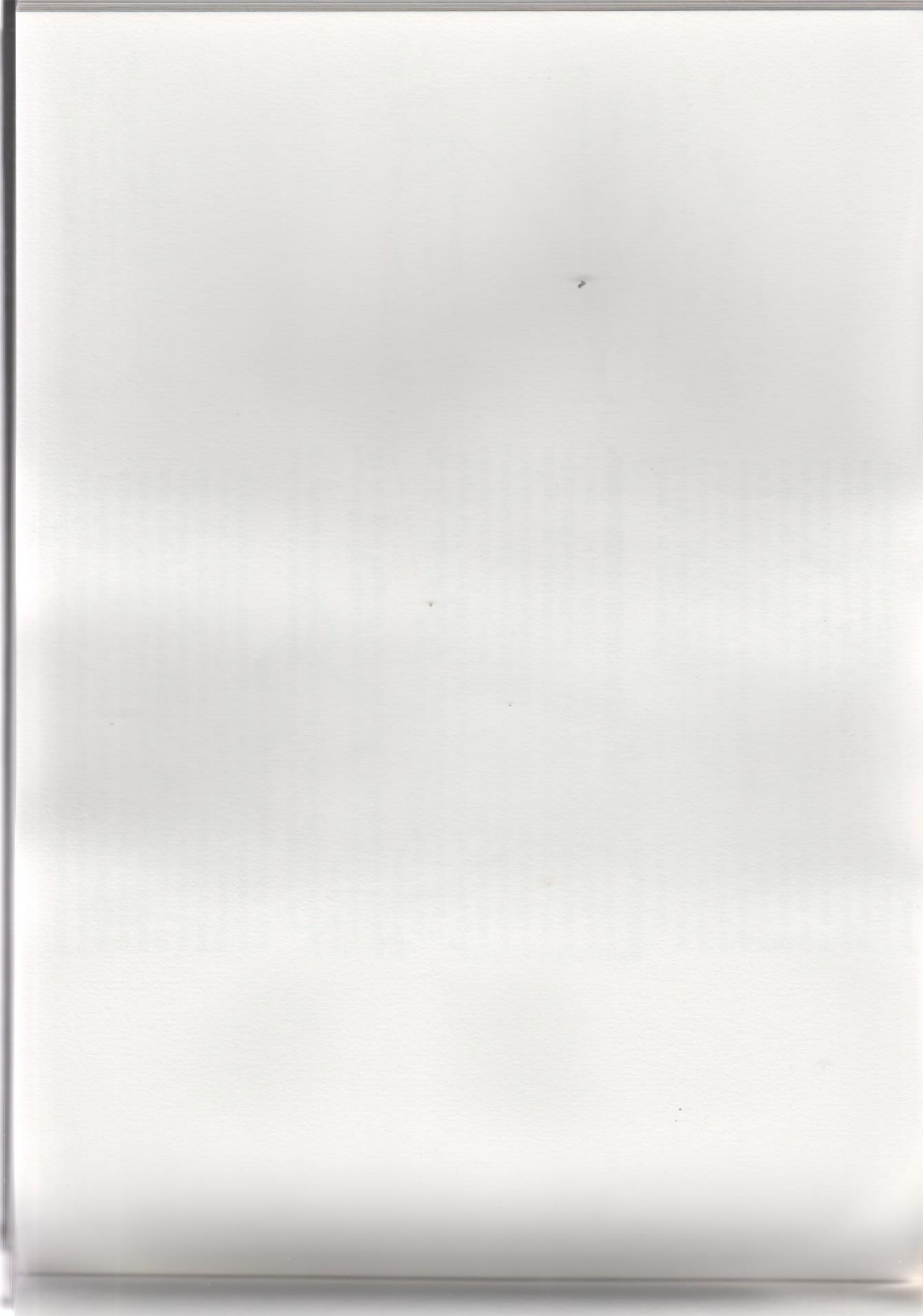
Días después algunos de estos detenidos, amigos míos, me cuentan el epiflogo. El chanchito es bajado al patio de la comisaría y amarrado a un pilar frente a ellos, que en silencio y en fila, esperan su sentencia. Entonces los carabineros —desde el capitán al cabo— llegan a contemplar al original prisionero y su vestimenta que, aunque un poco a mal traer, representa al todopoderoso. Sin duda el asombro debe haber sido total. ¿Qué castigo debe ser impuesto a un animal sujeto a la acusación de haber obstruido el orden público e injuriado el prestigio del salvador de la patria, Augusto Pinochet? Ante ese desconcierto, piden instrucciones a sus jefes. Una hora después el chanchito es despojado de su banda, gorra militar, condecoraciones y sometido a un baño con jabón para borrar los escritos, y según le sopla un subalterno a mi amigo, la orden final es que lo maten y se lo coman allí mismo en el cuartel. ¡Santo Dios —exclamo—

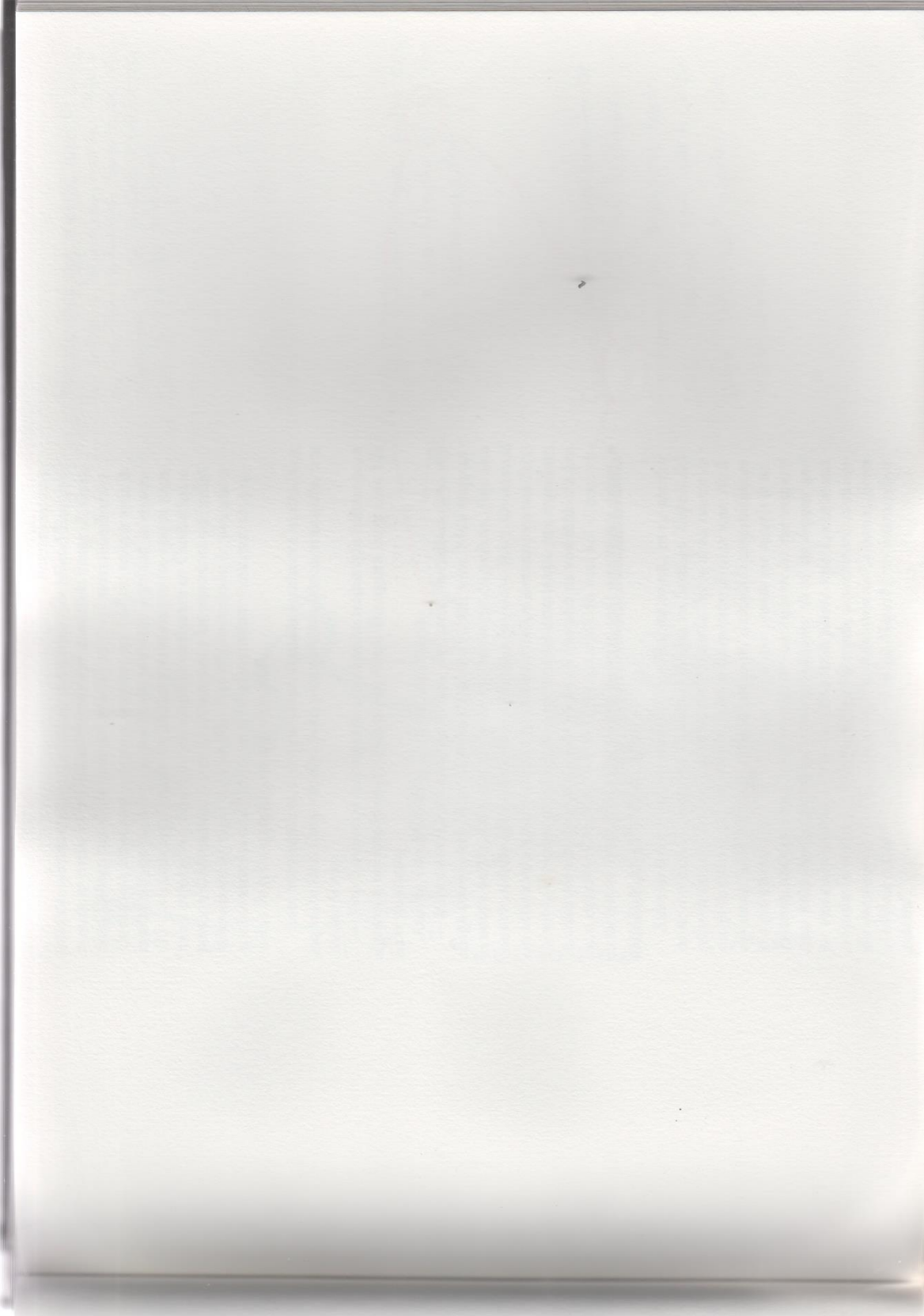
si el chanchito tiene triquinosis, una enfermedad grave! "Mientras más de estos uniformados desaparezcan, tanto mejor" —me contesta.

Eu trabalhava no IJSS. Era sindicalista e grevista. Quando tinha greve e eu queria participar, a agência inteira assinava a greve junto, porque todo mundo tinha medo de que se fossem poucos, eles podiam sumir com as pessoas. E isso acontecia com frequência.

A bibliotecária da minha escola se escapou de uma batida que prendeu estudantes na universidade dela porque a carona dela precisou sair um pouco mais cedo.







Naquela noite, dormiu mal, um sono leve e agitado, entrecor-  
ado por pesadelos e medo. No dia seguinte, enquanto fritava um  
ife para o almoço, foi presa.

Teve a sorte de não ser torturada, apesar das constantes ameaças  
que tentavam intimidá-la. Para não dispersar as idéias nem deixá-  
a imaginação trabalhar em possíveis cenas de horror, ficava me-  
talmente repetindo textos que sabia de cor. Como palavras má-  
cas. Principalmente, orações e poemas. Um deles, particularmen-  
te, lhe deu uma força inesperada. No momento em que acabava  
de ser levada para a viatura policial, em frente de casa, viu que um  
homem vinha caminhando pela calçada. Seu mais amado passava  
cujas palavras tantas vezes a tinham socorrido e alimentado.  
cena de fora, como espectadora: ela presa, ele caminhando ao  
do carro sem saber de nada. Lembrou de um trecho dele:

*Preso à minha classe e a algumas roupas,  
vou de branca pela rua cinzenta.*



*Quando eu sair até o enjôo?  
Lavo a minha classe e a algumas roupas.*

ela até teve medo do anticlímax que  
concluía: "Está estacionado em frente à minha  
casa quando foram me apanhar?" Quando um  
deles viu que a outra turma, ela se deu conta da invernal  
linguagem para o interrogatório dela. Mas acabou de fazer uma  
pergunta e os interrogadores responderam. A confusão era total.  
Deram ordens para que alguém fosse verificar se era verdade. Ela  
se preparou para esperar algumas horas que alguém fosse até lá



*Quando eu sair até o enjôo?  
Lavo a minha classe e a algumas roupas.*



*Quando eu sair até o enjôo?  
Lavo a minha classe e a algumas roupas.*



*Quando eu sair até o enjôo?  
Lavo a minha classe e a algumas roupas.*

*Apanhei na frente dos meus filhos  
e tentei impedir que militares  
me levassem em meu marido que era*



*Apanhei na frente dos meus filhos  
e tentei impedir que militares  
me levassem em meu marido que era*



*70  
foi a tortura  
anos de edo*

*Eu estava com minha namora-  
da nos ombros uns policiais*



*70  
foi a tortura  
anos de edo*



*70  
foi a tortura  
anos de edo*



*70  
foi a tortura  
anos de edo*



*70  
foi a tortura  
anos de edo*



*70  
foi a tortura  
anos de edo*



*70  
foi a tortura  
anos de edo*



*70  
foi a tortura  
anos de edo*

prec  
hora  
min  
do la  
sua casa  
sar explic  
pergunt  
para ab  
horas  
pedir  
para casa  
miu exa  
no inter

era até bom, já  
quarenta e  
Em pos  
sem em fr  
sabendo que  
para a pro  
parar e mas  
ninguém  
de novo  
is algumas  
poimento,  
mandaram que voltasse  
tomou um comprimido e dor-  
miu esperando que, ao dia seguinte, percebessem a falha  
no interrogatório e viessem buscá-la novamente.



Naquela noite, dormiu mal, um sono leve e agitado, entrecorrido por pesadelos e medo. No dia seguinte, enquanto fritava um rife para o almoço, foi presa.

Teve a sorte de não ser torturada, apesar das constantes ameaças que tentavam intimidá-la. Para não dispersar as idéias nem deixar a imaginação trabalhar em possíveis cenas de horror, ficava mentalmente repetindo textos que sabia de cor. Como palavras mágicas. Principalmente, orações e poemas. Um deles, particularmente, lhe deu uma força inesperada. No momento em que acabava de ser levada para a viatura policial, em frente de casa, viu que um homem vinha caminhando pela calçada. Seu mais amado poeta, cujas palavras tantas vezes a tinham socorrido e alimentado. Viu a cena de fora, como espectadora: ela presa, ele caminhando ao lado do carro sem saber de nada. Lembrou de um trecho dele:

*Preso à minha classe e a algumas roupas,  
vou de branco pela rua cinzenta.*

*Melancolias, mercadorias, espreitam-me.*

*Devo seguir até o enjoo?*

*Posso, sem armas, revoltar-me?*

ela até teve medo do anticlímax que sua resposta configurava: "Está estacionado em frente à minha casa. Vocês não viram quando foram me apanhar?" Quando um deles explicou que era outra turma, ela se deu conta da inversão lingüística. Era o interrogatório dela. Mas acabara de fazer uma pergunta e os interrogadores responderam. A confusão era total. Deram ordens para que alguém fosse verificar se era verdade. Ela se preparou para esperar algumas horas que alguém fosse até lá

Achou que era até bom, já que precisava ganhar tempo para dar a Marcelo as tais quarenta e oito horas de que ele precisava. Mas não demorou nada. Em poucos minutos veio a resposta: o carro estava mesmo lá, bem em frente, do lado direito da rua. Com essa rapidez, Lena ficou sabendo que sua casa estava vigiada. E se preparou para o pior: agora ia precisar explicar como o fusquinha tinha ido parar lá. Mas ninguém perguntou. Interromperam o interrogatório e a levaram de novo para a outra sala, agora inteiramente vazia. Esperou mais algumas horas. Voltaram a buscá-la. Fizeram a leitura de seu depoimento, pediram que assinasse. E, tarde da noite, mandaram que voltasse para casa. Voltou, ligou para a mãe, tomou um comprimido e dormiu exausta, esperando que, no dia seguinte, percebessem a falha no interrogatório e viessem buscá-la novamente.

Apanhei na frente dos meus filhos  
porque tentei impedir que militares  
levassem meu marido que era  
operário.

Ho fue torturada con 70  
años de edad.

Eu estava com minha namorada  
da no ônibus. Uns policiais  
entraram e a levaram. Até  
hoje não sabemos dela.

Las víctimas que carecen de familiares son llevados por mujeres voluntarias. Yo fui una de ellas. A los pocos minutos, el centro está lleno de extraños paseantes y la gente estupefacta miraba cómo ejecutados, desaparecidos, presos o exiliados deambulaban entre ellos, mientras la canción "No me Olvides" acompaña la lenta marcha. La orden es dejar las figuras apoyadas en las paredes o árboles si aparece la represión. Esta tarde en hacerse presente, posiblemente ante la extrañeza que les produce este acto inusual que no va acompañado de los típicos gritos ni desórdenes. Cuando comienzan a caer las bombas lacrimógenas y los guanacos lanzan sus chorros de agua, todas nosotras hemos buscado refugio en otra parte y sólo las imágenes permanecen visibles. La furia de los carabineros es incontrolable: entierran sus metralletas en las imágenes, las patean en el suelo, se las llevan a sus furgones. Pese a todo, varias de ellas destrozadas, permanecen como símbolo de la barbarie, tiradas en el suelo, y la catedral, hasta el día siguiente, estuvo rodeada de imágenes de muertos y víctimas. En varias ocasiones más utilizamos las imágenes comprobando, que pese a los años de silencio, las víctimas de la tiranía son parte de nuestra memoria.

gritar desconsolada: "No tengo el dinero suficiente". "Mi marido está cesante". "Yo necesito alimentar a mis hijos". "En este país no hay trabajo y nos morimos de hambre". Ante su desesperación la gente comienza a agruparse alrededor de ella y varias voces se alzan apoyándola. Yo, mientras tanto, la increpo desde la otra fila: "Cállate upelienta rotosa". "No ves que ahora tenemos de todo y que ha vuelto la tranquilidad al país". Se arma un escándalo garratán, pues ahora todo el público se involucra en la pelea. Acude el administrador. Le da de beber un vaso de agua a la pobre sin plata, mientras la trasladan hacia la calle. A mí me rodean varios guardias para protegerme, pues los improperios en mi contra suben de tono: "Mujer de milico debe ser". "¿Quién de nosotros tiene dinero para comprar esas cosas?" El administrador me pasa un vaso, pero el mío contiene whisky. Cuando me entregan la cuenta, la suma de las extravagancias que he acumulado suman una cifra estratosférica fuera de todo mi presupuesto mensual. Saco elegantemente mi chequera y me desmayo. Es la única manera de no pagar. Mientras me trasladan fuera del supermercado entretiro los ojos y señalo mi auto. Allí me doy cuenta que mi humilde Fiat no corresponde al de la burguesía rica que he representado. Completamente recobrada, doy las gracias

Minha bisá tinha uma foto do Brizola.  
Ela falou que incendiou, porque se os  
militares vissem podiam bater ou  
prender ela.

Fui presa por falar alemão na rua.

Minha mãe quase foi presa na Uni-  
versidade. Só conseguiu fugir porque  
era pequena e o zelador estava  
deixando umas mulheres escaparem  
por uma passagem pequena e  
ela foi.

A copeira de onde trabalho conta que  
era bem pobre e sempre trabalhava  
desde bem nova. E que sempre voltava  
pra casa correndo com medo, por  
causa do toque de recolher.



Lena pensou um pouco. Podia tentar esconder a pessoa em casa de um colega, Ivan, professor de uma faculdade, que morava sozinho e talvez estivesse em casa a essa hora, porque só dava aulas de manhã e à noite. Disse:

— Tem um lugar que talvez funcione para a pessoa... Mas estou sem carro. E qual é o objeto?

— Eu estou de carro, não faz mal. A gente esconde o jornalista logo. A outra coisa que tem que dar fim é uma máquina de escrever.

— Larga em algum lugar. Joga no mar lá do alto das pedras.

Roberta estava nervosa, quase gritou:

— Não pode! Alguém pode ver!

— Talvez de noite...

A garota interrompeu:

— Lena, não dá tempo para esperar de noite... A gente tem que fazer tudo bem rápido e ficar quietinho esperando o que vai acontecer. Será que você não entende? Ou não está sabendo?

Llegamos a Julio de 1988. A fines de ese año se llevará a cabo el plebiscito al que Pinochet —obligado por su propia Constitución y la presión extranjera— ha convocado. La dictadura está convencida que lo ganará fácilmente. Para la oposición, hacer frente al aparato publicitario del Estado, es difícil. Mujeres por la Vida decide ayudar en la difícil tarea. Sabemos, para ese entonces, que contamos con miles de mujeres que se movilizarán. Decidimos, entonces, fabricar, bajo el diseño de Lotty Rosenfeld, unas miles de figuras de plumavit de un metro ochenta de alto con la forma humana. Las pintaremos de negro con el nombre de un desaparecido, de un ejecutado o torturado y el lema “¿Me Olvidaste?” y la alternativa del voto del plebiscito: “SI” y “NO”. Probaríamos nuestro proyecto en la inauguración del congreso “Chile Crece”. Unas sesenta mujeres, entre los discursos y canciones, entrarían al proscenio interrumpiendo el acto oficial, ocultas tras las figuras y al compás del conocido bolero “Para que no me olvides”. La sorpresa y el aplauso cerrado final nos indicaron que íbamos por buen camino...

Ante esto decidimos realizar la segunda etapa, que ahora se llevará a efecto en la calle y con miles de mujeres. Cientos de nombres más se incorporaron a los primeros.

As pessoas tinham medo de serem caquetadas por qualquer motivo.

Fiz o curso Normal para ser professora. Havia vários militares infiltrados que não podiam ver um grupo de estudantes reunidos que vinham se chegando para escutar a conversa.

A irmã do meu chefe desapareceu no Paró. Depois de meses descobri-ram que ela estava sendo torturada no sul do Brasil. Deram choque até na vagina dela.

Uma professora foi torturada com rapos e baratas. Mas ela sempre evita esse assunto.



Minha mãe teve uma prima que dese-  
pareceu depois que os militares  
procuraram o nomeado dela. Ele  
era médico e roubava remédios do  
posto pra levar pra quem estava  
machucado.

Os funcionários da minha empresa  
echam que sou dura demais, brava  
e melancólica. E estavam o  
fato de eu não conseguir nem ir  
até a esquina sozinha. Também  
a pé. Até descobrir que eu  
havia sido torturada. Eles então  
passaram a me compreender  
melhor.

Minha mãe ensaiando teatro le-  
ve que se esconder com o gru-  
po em um beiro.

El año 1986, todo el país vivía pendiente del mundial de fútbol. Decidimos, entonces comprar alrededor de dos mil pelotas que pintamos con el lema: "Patee a Pinochet", y una de mayor tamaño de goma dura, muy de moda en ese tiempo, que los niños utilizaban sujetándose en dos orejas para saltar, con: "Patee las bolas de Pinochet". En bolsas de basura las trasladamos a una oficina de la Democracia Cristiana, en el piso catorce de un edificio en pleno centro. Desde unas de sus ventanas de los pisos altos las largáramos hacia la calle a la hora de más público. Llegamos a la oficina de la Democracia Cristiana, pero allí, la hija del presidente del partido, Gracia Valdés, compungida y ante nuestro estupor, nos negó la entrada, argumentado que les clausurarían la oficina. "Les recomiendo que suban al otro piso, el de los sindicatos, allí quizás tengan más suerte" -nos indicó. Subimos con rapidez al piso superior, donde un mozo desconcertado nos dejó entrar. Desde allí lanzamos las pelotas. Los transeúntes creyeron al principio que se trataba de una propaganda y comenzó una pelea por apoderarse de ellas, pero cuando leyeron la misiva se armó una gran fiesta alborozada y las pelotas eran pateadas como en un partido de fútbol. Sólo faltaba largar la gigantesca y pesada pelota. Allí el mozo reaccionó: "Por favor esa no, si cae encima de alguien es capaz de matarlo, pero yo no le hice caso y partió ésta volando por el aire. Felizmente no tuvimos que lamentar ningún accidente, y ese último regalo causó todavía más impacto. Varios estudiantes saltaban con ella de un extremo al otro de la calle. Ante el éxito, las causantes del desorden, desaparecimos rápidamente. Había que mezclarse con la gente antes que la represión descubriera la vejación que sufría el omnipotente. Ninguna de nosotras fue arrestada y las fuerzas del orden se demoraron horas en tratar de sacar de circulación estos originales y escandalosos panfletos. Por lo demás la enorme pelota de goma, empujada por un carabinero que saltaba junto a ella, fue objeto de carcajadas cuando la encerró dentro del furgón. Semanas después todavía las mentadas circulaban en diferentes barrios de Santiago.

Assim que acordou, antes do que gostaria, entrou no meio de uma conversa entre Arnaldo e o advogado, na sala. Faziam um balanço da situação. A casa dos pais também tinha sido invadida na véspera. Tudo fora vasculhado e o pai fora preso, mas não fizeram nada com Amália nem os irmãos menores. Fernando também tinha sido detido e interrogado na cidade onde morava, mas já fora liberado. Teresa tinha sido procurada em casa, mas não estava. Avisada, dormira fora. Alberto fora solto de noite, bem tarde. Mas já tinha sido preso de novo de manhã, bem cedo. Outra turma. O prédio onde Lena morava estava ostensivamente vigiado. Tudo indicava que ela seria presa novamente. A não ser...

— A não ser o quê? — quis saber ela.

— A não ser que você tenha sido solta de propósito, para servir de isca...

*El 5 de octubre de 1974, un comando de la DINA, la Gestapo chilena, dirigida por el oficial Krasnoff Martchenko, tomó por asalto la casa de Santa Fe. Frente a los numerosos militares, Miguel Enríquez, jefe de la Resistencia y del MIR combatió solo, más de dos horas, hasta el instante en que una ráfaga de ametralladora lo derribó.*

*Yo estaba ahí, a su lado, herida... Me detuvieron, después me expulsaron del país. Una sobreviviente.*



Agora, queria esquecer tudo. Estava frágil de novo e nunca mais estaria grávida outra vez. Aquele bebé que nunca chegara a viver, gestado sem recursos, perdido depois de meses em que cada dia ela tentou prolongar sua vida mais um pouquinho dentro de si, aquele filho sonhado e desaparecido, aquele vazio, nada mais disso ia ser preenchido um dia por uma criança que saísse de seu ventre, se aninhasse morninha e suave em seu colo, mamasse em seu seio, aquecesse seu coração...

.. Al día siguiente con un joven amigo de paso bautizamos a la guagua. Le ponemos Miguel Ángel y mientras él lo sostiene en brazos no deja de murmurar: "¡Qué niño tan lindo!". Dos días después deja de respirar. Por primera vez yo he practicado, indirectamente, la eutanasia y no siento ningún arrepentimiento. Lo enterramos en el cementerio de Cambridge. Nos acompañan, a Fernando y a mí, un grupo de exiliados. Le avisamos a Carmen, nuestra voz debe haber sonado triste. "¿Cayó Cristián?" —contesta alarmada. "No, no" —respondimos. Un suspiro de alivio. Nada más. Ella está preocupada por su hermano Cristián, clandestino en Chile. Cada día cae en manos de la dictadura otro mirista. El hijo tan deseado ha muerto cuando ella lo sostuvo en brazos y se dio cuenta que nunca sería un ser normal.

Eu, grávida, fui a uma manifestação e só não aparei porque a dona de uma loja deu abrigo nos fundos da loja para mim e minhas amigas.

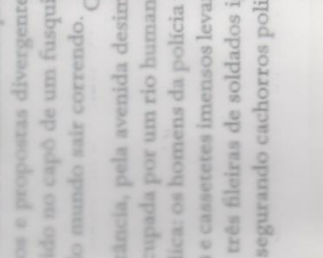
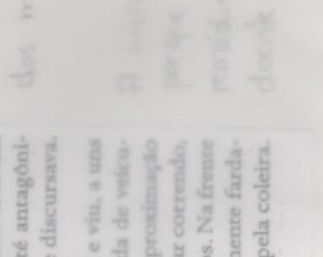
A diretora da minha escola foi torturada. Ela dizia que puxaram os mamilos de sua amiga com um alicate.

Não dava para esquecer nem confundir caras, Mais que qual-  
 quer outro, esse tempo passou deixando marcas na carne viva de  
 a passeio eu também estava assustada, mor-  
 com pânico de que de repente alguém desse um  
 uito, falando tão bem, no alto daquela sacada ou  
 Morria de medo. Por ele, por vocês. Por mim.  
 Eu sentia que o meu lugar era ali; que, se todas  
 fossem junto dos filhos, a polícia não ia poder  
 pegar na gente. E, se resolvessem atirar, era  
 melhor eu estar perto. Quem sabe se não podia ajudar?

Lena entendia Sabia Lembrava  
 sair, o p  
 estudo  
 a pais  
 ob a  
 bia. E  
 mo. P  
 dele.  
 e ano  
 ofício  
 da  
 de cada um daqueles jovens  
 e propostas divergentes e até antagôni-  
 abido no capô de um fusquinha e discursava.  
 do mundo sair correndo. Olhou e viu, a uns  
 stância, pela avenida desimpedida de veicu-  
 ocupada por um rio humano, a aproximação  
 rállica: os homens da polícia militar correndo,  
 res e cassetetes imensos levantados. Na frente  
 ou três fileiras de soldados igualmente farda-  
 em escudo, mas segurando cachorros policiais pela coleira.  
 tido tão rápido

Minha mãe sempre conta de  
 quando a cidade se juntou  
 para buscar uma desapare-  
 cida.

Mãe pa era o Arena, e  
 de enrijada na militância  
 e regime.



A minha mãe  
 porque não  
 morria para  
 doente.

Não dava para esquecer nem confundir datas. Mais que qualquer outro, esse tempo passou deixando marcas na **carne viva** de cada mãe.

— Mas no dia da passeata eu também estava assustada, morrendo de medo, com pânico de que de repente alguém desse um tiro nele, tão bonito, falando tão bem, no alto daquela sacada ou escadaria, sei lá... Morria de medo. Por ele, por vocês. Por mim, não, engraçado. Eu sentia que o meu lugar era ali; que, se todas as mães fossem, e ficassem junto dos filhos, a polícia não ia poder atirar neles para não pegar na gente. E, se resolvessem atirar, era melhor eu estar perto. Quem sabe se não podia ajudar?

Lena entendia. Sabia que era assim. Lembrava que alguns meses depois, no início de agosto, quando Valdir, o presidente da entidade local, foi preso e os outros dirigentes estudantis tiveram que dividir a tarefa de substituí-lo, houve uma passeata superproibida em Copacabana, no início da noite, sob a liderança de Marcelo. Ia ser barra pesada, e todo mundo sabia. E ela foi, não como jornalista, mas como irmã mais velha mesmo. Para junto do seu menino, como diria Amália. Ficou em volta dele, no meio da segurança — um bando de rapazes de uns vinte anos, lutadores de judô, dispostos a brigar no braço contra as sofisticadas armas da repressão policial, lembrança que até hoje lhe dava um aperto no coração e a enchia de carinho por cada um daqueles jovens anjos da guarda que a vida e a redemocratização recente estavam espalhando por partidos e propostas divergentes e até antagonistas. Marcelo tinha subido no capô de um fusquinha e discursava. De repente, ela viu todo mundo sair correndo.

Olhou e viu, a uns três quarteirões de distância, pela avenida desimpedida de veículos e até pouco antes ocupada por um rio humano, a aproximação de uma onda azul metálica: os homens da polícia militar correndo, com escudos, capacetes e cassetetes imensos levantados. Na frente deles, corriam duas ou três fileiras de soldados igualmente fardados, sem escudos, mas segurando cachorros policiais pela coleira. Foi tudo tão rápido!

Minha mãe sempre conta de quando a cidade se juntou para buscar uma desaparecida.

Meu pai era o Arena, e eu engajada na militância contra o regime.

Eu era assistente social. Em um dia, quando os militares estavam subindo na favela, corri para tirar as crianças da rua e acabei apanhando dos militares ali mesmo.

A viúva do meu avô foi presa porque saiu a noite pra pegar remédio para o filho que estava doente.



Pero en esa época, la oposición no se queda tranquila. En noviembre de 1983 se constituye otra instancia, "Mujeres por la Vida", dirigida y formada sólo por mujeres, que jugarán un rol importante en el despertar de conciencias dormidas. Al llamar a una conferencia de prensa, este movimiento entrega una declaración titulada "HOY Y NO MAÑANA": "Porque hemos trabajado unidas/ porque hemos luchado codo a codo/ porque amamos la libertad y la vida/ -porque creemos en el futuro/ porque somos MUJERES: obreras, dueñas de casa, madres jubiladas, políticas, feministas, estudiantes, profesionales, PORQUE SOMOS +, nos convocamos a una acción de FUERZA Y ESPERANZA. El resultado: un acto multitudinario en el Teatro Carióla.

No meio de tudo, polícia invadindo casa, filho sendo procurado, marido sendo preso, sei lá, tinha coisas que não podiam ficar para depois. O banho das crianças, a feira, o cardápio do jantar. Na hora da fome, por mais que estejam todos preocupados, ninguém quer saber de nada, todo mundo senta na mesa e come, sem nem se perguntar como é que aquela comida chegou ali. Mulher aprende que a vida exige paradas, ocupa antes de preocupar. Índio diz que não dá para apressar um rio. Mulher sabe disso dentro dela. Não dá para apressar um filho a sair da barriga, não adianta correr, há um tempo para tudo. Para a gestação e para o queijo. A cesariana e o coelho químico só podem apressar um pouco, interferir superficialmente. Mas o tempo é senhor. Do bebê e da coalhada. Do coelho e do coágulo, que é tudo a mesma coisa, mesma palavra em histórias diferentes. Também na memória tem um coelho que estanca o fluxo. E Lena sabia que, se conseguisse trabalhar e temperar bem essa coalhada de lembranças trazidas de novo ao coração, recordadas, se pudesse peneirar direito, separar o soro da massa, e esperar a fermentação e a maturação, talvez conseguisse um bom queijo.

Seguí militando desde lá rue du Jour. Armar una red de apoyo. Necesitábamos niñeros para experimentar los circuitos de regreso, enlaces diversos y refugios seguros para los combatientes de paso en las grandes ciudades de Francia, dinero, ropa, apoyo para el proyecto Hogares, familias militantes donde acoger a los hijos desde Ten primavera, y después los otros, así también las madres podrían integrarse a la lucha clandestina.

Uma vez meu marido me deixou sozinho no centro da cidade por um tempo. Uns militares me perguntaram o que eu era. Respondei que era mineira, e ele me deu um tapa na cara. Eu não havia entendido, mas eles queriam saber se eu era comunista. A gente nem sabia de nada disso. Eu era da roça, sem educação escolar.

Sei de uma professora que enfrentou militares dentro de casa dela pelo direito de produzir revista sobre literatura.





— Claro... — riu Lena.  
 o discurso do Marcelo. E que  
 chegando para a frente até  
 irmão. E, de repente, lá  
 olhando para ele, e  
 com o ar mais assustado  
 — É que quando  
 com Rosa. Depois  
 trás com minhas  
 no panfleto. Grupo  
 bolsa, e comprimido  
 bomba de gás...

— Isso eu nunca  
 — Eu não disse que  
 muita coisa que  
 de que me acontecesse  
 te fez finanças, por  
 Belas surpresas a  
 — Finanças? A  
 — É... Eu e minhas  
 croché, tricô, sapatinho  
 bordada, essas coisas.  
 umas coisas assim.  
 — E a quem vocês  
 — A um padre, que  
 — E suas amigas  
 — Como não desca  
 enganávamos ningu  
 política, o que é que  
 e não sabia como. Se  
 panfleto, não ia dar  
 filias, como já te cont  
 vocês ficam sempre

eríamos ouvir de peto  
 ou a falar, nós fomos  
 inho, para p  
 até toda or  
 ando para c  
 mais para a fren  
 e ela ficou p  
 inho como  
 dentro de  
 para o caso de  
 se preocupar comigo? F  
 iam ficar com medo  
 não saber. A g  
 Só repetiu:  
 gelada  
 pagat  
 cadarnid  
 dinheiro?  
 abam, é  
 por  
 gente quer  
 muro ocid  
 fazia isso. E  
 que não  
 nada que sempre



— Claro... — riu Lena. — Todos nós queríamos ouvir de perto o discurso do Marcelo. E quando ele começou a falar, nós fomos chegando para a frente aos poucos, devagarzinho, para perto do irmão. E, de repente, lá estavam vocês duas, você toda orgulhosa olhando para ele, e tia Rosa toda encolhida, olhando para os lados, com o ar mais assustado deste mundo...

— É que quando Marcelo falou, eu cheguei mais para a frente com Rosa. Depois vocês foram ficando em volta e ela ficou pra trás com minhas amigas. Mas nós fomos direitinho como dizia no panfleto. Grupo de cinco. E levamos lenço molhado dentro da bolsa, e comprimido de vitamina C efervescente, para o caso de bomba de gás...

— Isso eu nunca soube, mãe.

— Eu não disse que não precisavam se preocupar comigo? Fiz muita coisa que nunca disse a ninguém, vocês iam ficar com medo de que me acontecesse alguma coisa, era melhor não saber. A gente fez finanças, por exemplo.

Belas surpresas a esta altura, pensava Lena. Só repetiu:

— Finanças? A gente?

— É... Eu e minhas amigas. A gente fazia conservas, geléia, crochê, tricô, sapatinho de bebê, casquinho, camisinha de pagão bordada, essas coisas. E artesanato, cobrir cabide com cadarcinbô, umas coisas assim. Depois fazia bazar e vendia.

— E a quem vocês entregavam o dinheiro?

— A um padre, que dava para o pessoal.

— E suas amigas nem desconfiavam?

— Como não desconfiavam? Todas elas sabiam, é claro. Não enganávamos ninguém. Nós fazíamos por convicção, por escolha política, o que é que você está pensando? A gente queria ajudar e não sabia como. Se saíssemos para pichar muro ou distribuir panfleto, não ia dar certo. Então a gente fazia isso. E comício nas filas, como já te contei. Mas as famílias da gente é que não sabiam, vocês ficam sempre achando que mãe não tem nada que se meter

Por toda a vida lutei para que a igreja se envolvesse nos problemas da sociedade. Foi excluída do rol de membros da Igreja Presbiteriana do Brasil. Morri vítima de atropelamento em condições duvidosas. Eu ajudava estudantes militantes e mesmo os estudantes da Aliança Bíblica Universitária me afastaram de seu meio por isso.

Minha mãe foi presa política

Durante ese período llega a ver a su nieta Laurita Allende. El cáncer se ha agravado. Está delgada. Acaban de darle el diagnóstico final en Berlín. Le quedan pocos meses de vida. Una tarde me ruega que la ayude antes de morir a cumplir una misión: "Por favor, Mónica, tú tienes contacto con los dirigentes de la resistencia. Deben facilitarme la entrada clandestina y un arma. Cuando el tirano asista a una manifestación, yo, una mujer de edad, vestida como todas, podré infiltrarme entre la multitud sin llamar la atención. Entonces descargaré el arma, mataré a Pinochet. Sé que podré hacerlo". Sus ojos se iluminan, está radiante. "Que me matarán después, qué importa, si debo morir de todos modos. Por lo menos así mi vida tendrá un sentido". La abrazo. Mando los recados. Tardan las respuestas. Los comunistas se niegan, los miristas también. Vuelvo a insistir. "Tenemos a cuadros formados por jóvenes preparados para eso, cómo se les ocurre que vamos a utilizar a una mujer para algo tan peligroso y difícil" —contestan. La negativa es contundente. Laurita deja de conversar, sus ojos han perdido todo brillo, su mirada ausente, lejana. Regresa a Cuba. Un mes después, desde uno de los últimos pisos del hotel Habana Libre, se tira al vacío. Su trágica muerte apenas es mencionada en los periódicos. Muchos años más tarde le pregunto a Andrés Pascal en ese tiempo el dirigente del MIR, por qué se negó a cumplir la última voluntad de una moribunda. Me responde: ¡Qué hijo mandaría a su madre a la muerte!

— Não traga mais essas coisas para casa, ou acaba me matando do coração.

— Mas cadê os panfletos, mãe? Que fim você deu neles? Morri de medo quando os caras olharam debaixo da cama, achei que des- ta vez eu caía, e parecia um milagre.

— É... Milagre da mamãe na Singer — disse ela. — Descubra. Reparou que as camas, com colchas impecavelmente esticadas, estavam todas com dois travesseiros. E que o grande armário do corredor, onde normalmente se empilhavam os travesseiros a serem usados de noite pela família, e que não eram mantidos de dia nas camas, também estava cheio. Dois terços de todo aquele volume eram fronhas com panfletos costurados dentro, enrolados em lençóis para ficarem arredondados e macios. Mas bastaria que alguém pegasse uma daquelas almofadas falsas para sentir o peso e descobrir tudo.

— Puxa, mãe! Que presença de espírito! E que calma para fazer isso com os homens lá embaixo! Como é que você teve essa ideia?

— Mas eu fiz isso minha vida toda, meu filho. — explicou ela. — Fez isso, como?

— Calma, a tomar conta da você



Nunca tinha sido presa. Mas tinha perdido a conta do número de vezes em que o marido tinha sido preso, tanto na ditadura de Vargas como nessa dos militares. E os filhos também, cada um por sua vez, Marcelo, Helena, Maria, Fernando. Tiveram muita sorte. Tantas prisões políticas e nenhuma tortura, Deus protegeu. Mas foi sempre uma angústia, sem notícias, sem saber o que os filhos estariam passando. Os dois mais velhos ficaram pouco tempo. Marcelo é que ficou mais, dois meses. Mas ainda bem que só foi apanhado daquela vez, antes que as coisas piorassem, quando só era acusado de agitador e líder estudantil. Porque se fosse depois... na certa o teriam matado de tanta tortura, ela não podia nem pensar nisso, no medo quotidiano com que viveu durante tantos anos.

E Teresa? Meu Deus, onde estaria Teresa? Que direito aqueles brutamontes tinham de empurrar e ameaçar todas aquelas moças e rapazes, prometendo surras e espancamentos? Então, a gente carrega um filho durante nove meses, põe no mundo, amamenta, alimenta, ajuda a crescer, prepara para a vida e então vem um oficial prepotente e dá ordem para uns facinoras e eles começam a surrar essas crianças que a gente adora e que não fizeram mal a ninguém? Amália descobria que seria capaz até de matar, la ter que fazer alguma coisa, não sabia o quê, ela que sempre fora tão mansa e tranqüila... Engoliu em seco, pediu a Deus que lhe desse forças e calma.

O episódio agora era até uma lembrança pitoresca, tinha ficado tão ultrapassado pela violência geral... Quando a polícia veio à casa de Amália procurar Marcelo, por exemplo, não respeitou nem o repolho na geladeira, seguidamente espetado por baionetas, como se pudesse esconder uma arma dentro. E não sobrou uma almofada ou estofado de sofá ou poltrona sem ser rasgado e dilacerado. Em outras casas foi pior. As telas nas paredes de muita gente tinham sido rasgadas, os objetos de arte foram roubados, bem como qualquer eletrodoméstico que tivesse valor. As buscas viraram pilhagem, simplesmente. E quando as pessoas não eram atingidas, as mães davam graças a Deus. É só pensar na romaria das que foram apanhadas no olho do furacão, indo do Exército à polícia atrás de notícias de filhos e maridos, tantas vezes sem conseguir nada.

Sei de uma mulher que ainda tem o quarto do filho arrumado esperando ele voltar.

Minha avó ficava sozinha com os filhos à noite porque meu avô trabalhava numa fábrica. Os militares batiam o pé na porta querendo saber se faltava um membro na família e ela tinha que ir provar que ele trabalhava.

Metáfora incorporada ao quotidiano. Uma mulher forte — como as mulheres bíblicas do Velho Testamento.



Marcelo ia desenvolvendo essa teoria. Amália notava que ele ia vendo sempre isso nas biografias que lia. Primeiro, teve uma fase de ler vida de santo, tinha a coleção completa da "Série Sagrada", em quadrinhos, sabia de cor e salteado. São Domingos Sávio, tão jovem e decidido. Santo Agostinho, capaz de mudar sua própria vida. São Francisco, dando para os pobres tudo o que tinha. São Lourenço, enfrentando o martírio sem ceder. Gente que não tinha medo de rei nem de nenhum poderoso da terra.

As vezes, Marcelo pensava em seguir os passos deles, dedicar a vida a Deus e ao próximo, achava que queria estudar para ser padre. Depois, crescendo um pouco mais, foi vendo que não ia dar certo na vida de padre. Como é que alguém podia deixar de namorar? Não casar nunca? Resolver não ter filhos nunca? Não, isso não era mesmo para ele...

Nuestros profetas son el Che, Martín Luther King, Ho Chi Min, Mao. Para los cristianos de Latinoamérica con su "Teología de la Liberación": el Papa Juan XXIII, Helder Cámara, Camilo Torres. Y Regis Debray pasa a ser el escritor más popular con su "Revolución en la Revolución".

Mas foi uma afição só. Onde estará minha filha, meu Deus do céu? O que fizeram com ela? Não deixe que nada lhe aconteça, eu imploro... Olhe, a gente faz uma troca, o Senhor salva minha menina e então faz acontecer alguma coisa ruim comigo, para compensar, ninguém precisa saber... Por favor, tome conta dela, meu Deus.

Poco después la muerte toca nuestro hogar. Yo no era precisamente lo que se llama una católica practicante, pero una costumbre me había quedado de mi época de las monjas, rezar una corta oración todas las noches antes de dormirme. En ella me dirigía directamente a Dios y le pedía por mis cinco hijos: que se conservaran sanos y se desarrollaran bien y que nunca me los quitara. En seguida me dormía profundamente, con la seguridad que mi ruego sería escuchado. No quería riqueza ni poder ni realizarme en mis anhelos. Era sólo eso y estaba segura que Dios me escucharía.

Eu estava em um encontro de jovens na igreja, quando a polícia entrou no local e me levou para outro estado para ficar presa por dias.

— Não tem mesmo muita coisa que a gente possa fazer, a não ser esperar, e tentar não ficar pensando nisso a toda hora.

— E rezar — completou Amália.

— Rezar muito — concordou Alberto.

· Começou a rezar pela filha caçula, talvez estivesse precisando de alguma proteção especial.

Mas no fundo mesmo, Amália achava, Marcelo continuava sempre seu menino com sede de Deus que, à medida que foi crescendo, tirou de dentro de si o Deus que ela lhe apresentara e o levou para a rua, a seu lado. E que precisava do espaço em seu coração para lá caber outro deus, desta vez coletivo. Marcelo continuava sempre sendo o único de seus filhos com sede de santidade. Mesmo quando o nome dele andou em listas de procurados e seu retrato em cartazes por toda parte, os olhos da mãe o viam com clareza, transparente — um bem-aventurado, com sede de justiça. Desde o Sermão da Montanha, Cristo já dissera que de homens como ele seria o Reino dos Céus.

He tenido demasiada mala suerte! Y me mostraba una larga lista de sus amigas afortunadas, sin hijos muertos. Dios no es justo, cómo pretende que yo crea en él."

Recordé entonces su actitud ante una amiga que le daba el pésame por la muerte de Alfonso. "¡Florita debes resignarte, es la voluntad de Dios! Y ella que le espetó: "Ese señor no existe y si existe, es un malvado".

E desesperada, quando o noticiário da televisão acabou, Lena resolvera que nunca mais ia comungar nem ir à missa. Mas procurou o salmo 90 na Bíblia e releu entre soluços, lembrando aquela primeira vez em que tinha lido, com os pais e o marido, no velho apartamento onde fora criada:

*Tu que habitas sob a proteção do Altíssimo,*

*que moras à sombra do Omnipotente;*

*dize ao Senhor: "Sois meu refúgio e minha cidadela,*

*meu Deus, em quem eu confio."*

*É ele que te livrará do laço do caçador,*



Aprendera tanta coisa nessa época... O valor do silêncio foi uma delas. Acostumara-se à ideia de que a falta de notícias de Marcelo era um bom sinal. Mesmo assim, não falar nele fora do círculo familiar mais íntimo. E pensar no filho o tempo todo, habituar-se a realizar as tarefas domésticas fazendo por ele, entregando a Deus o tempo todo a segurança e a vida de seu menino crescido e afastado.

E não podia esquecer como se sentiu revoltada e traída por aquela reação ingênua, depois de ter feito promessas para que todos escapassem, conungando secretamente com o chefe da prisão nos prisioneiros e nos fugitivos. A televisão não foi rapidamente

Pouco depois, Amália trouxe uma notícia que mudou tudo. — Sei que cada um de nós vai receber um pacote de sempre-próximo, a toda hora. Por ele e por todos nós, preciso saber o que acho que para, neste momento, poderia ser bom se rezássemos juntos. Ao menos, ler um salmo ou dois.

E começou:

*O Senhor é minha luz e minha salvação, a quem temerei?*

*O Senhor é o protetor de minha vida, de quem terei medo?*

*Quando os malvados me atacarem para me devorar vivo,*

*São eles, meus adversários e inimigos, que resvalam e caem.*

*Se todo um exército se armar contra mim,*

*meu coração não temerá.*

*Se se travar contra mim uma batalha,*

*mesmo assim terei confiança.*

Minha filha descobriu levou ela para ser exorcizada.

... Aprendera tanta coisa nessa época... O valor do silêncio foi uma delas. Acostumar-se à idéia de que a falta de notícias de Marcelo era um bom sinal. Mesmo assim, não falar nele fora do círculo familiar mais íntimo. E pensar no filho o tempo todo, habituar-se a realizar as tarefas domésticas rezando por ele, entregando a Deus o tempo todo a segurança e a vida de seu menino crescido e afastado.

E não podia esquecer como se sentiu revoltada e traída por Deus, numa reação ingênua, depois de ter feito promessas para que todos escapassem, comungando semanalmente com o pensamento nos prisioneiros e nos fugitivos. A televisão mostrou, rapidamente,

Pouco depois, Amália trouxe uma Bíblia.  
— Sei que cada um de nós vai rezar por ele sempre, sozinho, a toda hora. Por ele e por todos nós. Mas acho que agora, neste momento, podia ser bom se rezássemos juntos. Ao menos, ler um salmo ou dois.

E começou:

*O Senhor é minha luz e minha salvação, a quem temerei?  
O Senhor é o protetor de minha vida, de quem terei medo?  
Quando os malvados me atacam para me devorar vivo,  
São eles, meus adversários e inimigos, que resvalam e caem.  
Se todo um exército se armar contra mim,  
meu coração não temerá.  
Se se travar contra mim uma batalha,  
mesmo assim terei confiança.*

Minha igreja escondia pessoas que fugiam dos militares.

Minha mãe era do MR-8. Quando minha avó descobriu levou ela para ser exorcizada.



Mientras los partidos de centro continúan las negociaciones, los izquierdistas aglutinados en el Movimiento Democrático Popular convocan a una protesta para el 4 de septiembre de 1984. La adhesión se manifiesta especialmente en las poblaciones. La de La Victoria es la que sufre la mayor represión. Una bala loca destinada a aplacar la revuelta, mata al sacerdote francés André Jarland, cuando lee la Biblia en su cuarto de la parroquia. Este asesinato causa gran conmoción, siendo su entierro apoteósico. Junto a Fernando y mis dos hijos menores asistimos al sepelio. El ataúd, llevado en hombros, cruza la ciudad acompañado por una muchedumbre que entona canciones y enarbola pancartas. En plena Plaza de Armas, la catedral recibe el cuerpo del sacerdote. La misa, a cargo del Cardenal, indica que la oposición también cuenta con la Iglesia Católica y que el repudio aumenta.

(Cenário: um apartamento mínimo em Paris, sala que é ao mesmo tempo quarto, com pia e fogão ao fundo. Cortina plástica esconde um chuveiro ao lado da pia da cozinha. Do outro lado, duas portas. Uma dá para outro quarto. Outra parece de armário embutido, mas revela

Yo y mi marido huimos del país solo con la ropa que teníamos puesta.

"No hay un exilio que describir, hay tantos exilios como exiliados y en el exilio de cada uno también hay varios. Se vive un espacio informe, borronado. Cada imagen, olor, ruido, cadencia —si uno consigue percibirlos y escucharlos— nos remite a otras, antiguas, cada emoción nos regresa a los ausentes, cada lucha a aquellas que se quebraron. En verdad, se trata de un efecto de achicamiento del espacio, del tiempo, del cuerpo... Un lugar preciso (las olas contra las rocas en el Finistère) es a la vez el y cinco más (la desembocadura del Bio-Bio en Concepción). Uno ya no sabe dónde se encuentra. Una persona amada es a la vez ella y otra, es decir inexistente, y al cabo ya no puede haber más encuentros.

"Uno aprende la lengua de ustedes y, un día, las palabras ya no vienen más ni en español, ni en francés. Desplazarse de "palabra-que-cuenta", ya no se sabe qué decir, nada que decir, nada que hacer.

"Uno niega el devenir haciendo del pasado un monstruo-obsesión, y del futuro un imposible: si mañana regreso para allá, ¿para qué abrimos a las realidades de ustedes que no me atañen? Al diablo vuestros días futuros, los míos acontecerán lejos, allá."



uma chuva de papel picado. Amália achava que o fim da ditadura ia ser algo assim como o 14 de Julho na França ou o 25 de Abril em Portugal, a instituição de um feriado novo para marcar um tempo novo. Mesmo que não tivesse um evento tão nítido quanto a queda da Bastilha ou o levante que assinalou a Revolução dos Cravos. Mas, não. Foi tão lento, gradual e gradativo que não acabava nunca e, se no seu calendário particular ela podia assinalar em vermelho o dia da volta do filho, finalmente anistiado, não conseguia esquecer que ainda havia gente que não tivera uma anistia plena. Ou que o governo ainda estava cheio de gente, em postos de mando, que servira com o mesmo empenho ao regime anterior. Ou que ainda não se sabia a data das próximas eleições para presidente, coisa que não acontecia há cerca de trinta anos. E, principalmente, não dava para esquecer que todos aqueles que reprimiram, bateram, prenderam, torturaram, soltaram bombas e mataram durante os anos de terror continuavam soltos e dispersos pelo meio da população, sem nunca terem sido punidos de uma forma qualquer e, muitas vezes, sem nunca ao menos terem sido identificados e expostos à opinião pública.

Afinal, a passagem para a democracia se fazia em obediência a certas condições tácitas. Nenhum torturador foi punido. Nenhum atentado de direita foi publicamente apurado. Nenhum louco plano terrorista dos porões da ditadura jamais levou algum de seus autores para a cadeia — nem mesmo a fracassada tentativa de explodir o palácio onde se apresentavam os artistas num *show* de 1º de Maio, em recinto fechado, com milhares de pessoas. Ou o alucinado projeto de explodir o gasômetro da cidade e jogar a culpa nos comunistas. Os responsáveis continuavam impunes. Até hoje.

Desde o tempo da resisténcia à ditadura tinha sido assim, como se a gente estivesse eternamente condenada a oscilar nesse pêndulo entre o heroísmo e o desânimo, a bravata e o desbunde...

No sirve de nada repetirse, creer que uno está aquí, si el otro lugar siempre se mete.

"Uno se niega a la vez el placer y el sufrimiento, y cómo existir sin risa y sin lágrimas? Uno se vuelve ciego, sordo, mudo. Uno espera. Uno se para. Uno hace de la nostalgia un sistema, de la memoria una carencia, del partido una secta, de la lucha un activismo-en-círculo-cerrado, del documen- to un catecismo, de la crítica una desviación, de las fallas y torpezas "la culpa de alguien...", de los dolores la complacencia, de las discusiones habladurías, de "allá" el cielo, de "aquí" el infierno. Uno se quiebra, un domingo.

"Uno despierta, un lunes, ustedes están conmigo".

"¿Ir hacia adelante o hacia atrás?"

"¿Avanzar o retroceder?"

"¿A qué llamas avanzar?"

Ir, de todas maneras"

— Vocês ouviram? Atenção, todo mundo! Estou indo pra casa.  
PRA CASA, GENTE!



— Voltei pra casa, voltei pra casa, voltei pra casa...

Percebeu que nesses poucos segundos em que tinha durado a passagem dele, ela pensara em alguma coisa exterior a seu medo, e que isso lhe fizera bem, momentaneamente. Viu que o poeta se afastava, já tinha passado. Novos versos lhe vieram à mente.

*O primeiro amor passou,  
o segundo amor passou,  
o terceiro amor passou.*

*Mas o coração continua.*

Tão simples, tão fácil, **o**  
oração contínua, **cutum-cutum-cutum-cutum**, é só a gente ver onde  
pisa, **cutum-cutum-cutum-cutum**, e saber aonde quer chegar.



E ficou repetindo: "Mas o coração continua, mas o coração continua, mas o coração continua." Coração, coragem.